



REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CUIABÁ

20

2000

40

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 2000 - Nº 2

DIRETORIA

Presidente: João Alberto Novis Gomes Monteiro

1º Vice-Presidente: Satyro Benedicto de Oliveira

2º Vice-Presidente: João Antônio Neto

Secretário Geral: Ubiratã Nascentes Alves

1º Secretário: Ronaldo de Arruda Castro

Tesoureiro Geral: Nilza Queiroz Freire

1º Tesoureiro: Moisés Mendes Martins Júnior

Conselho Fiscal: Lenine de Campos Póvoas, Natalino Ferreira Mendes e Pe. Firmo Pinto Duarte

Comissão Editorial: Ronaldo de Arruda Castro, Adauto Dias de Alencar e Elizabeth Madureira Siqueira

Comissão de Eventos: Tertuliano Amarilha, Moisés Mendes Martins Júnior, Odoni Gröhs

RELAÇÃO DAS CADEIRAS ACADÊMICAS

Cadeira 1	José Barbosa de Sá	Manuel Paes de Oliveira Leônidas Antero de Matos Benjamin Duarte Monteiro Ubiratã Nascentes Alves
Cadeira 2	Joaquim da Costa Siqueira	Gervásio Leite Satyro Benedicto de Oliveira
Cadeira 3	Ricardo Franco de Almeida Serra	Miguel Carmo de Oliveira Melo Lécio Gomes de Souza Rubens Mendes de Castro Vaga
Cadeira 4	Padre José Manuel de Siqueira	D. Francisco de Aquino Corrêa Padre. Raimundo C. Pombo Moreira da Cruz Pe. Firmo Pinto Duarte
Cadeira 5	Antônio Pires da Silva Pontes	Arlindo de Andrade Francisco Ayres Clóvis Pitaluga de Moura
Cadeira 6	Francisco José de Lacerda de Almeida	Cecílio Rocha Ernesto Pereira Borges Roberto de Oliveira Campos
Cadeira 7	Padre José da Silva Guimarães	Manuel X. P. Barreto Maria de Arruda Müller
Cadeira 8	Luiz D'Alincourt	Antônio Fernandes de Souza Luís Filipe Saboia Ribeiro Antônio Lopes Lins Moisés Mendes Martins Júnior
Cadeira 9	D. José Antônio dos Reis	Rubens de Mendonça Octayde Jorge da Silva Leopoldino Marques do Amaral Vaga
Cadeira 10	Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral	Palmiro Pimenta Corsíndio Monteiro da Silva
Cadeira 11	Barão de Melgaço	Estêvão de Mendonça Antônio de Arruda
Cadeira 12	Antônio Cláudio Soído	Gabriel Vandoni de Barros Ronaldo de Castro
Cadeira 13	Antônio Corrêa do Couto	Archimedes Pereira Lima Eduardo do Espírito Santo Vaga
Cadeira 14	Padre Ernesto Camilo Barreto	Leovigildo Martins de Melo Ovídio de Paula Corrêa Nilo Póvoas Hélio Jacob Nilza Queiroz Freire
Cadeira 15	Joaquim Mendes Malheiros	Augusto Cavalcanti de Melo Francisco Alexandre Ferreira Mendes Natalino Ferreira Mendes

Cadeira 16	Antônio Augusto Ramiro de Carvalho	Franklin Cassiano da Silva Padre Wanir Delfino César Joaquim Augusto Alves Bastos Valdon Varjão
Cadeira 17	João Severiano da Fonseca	Carlos Gomes Borralho Humberto Marcílio Reinaldo Frederico Augustó Rondon Padre Pedro Cometti Avelino Tavares
Cadeira 18	Francisco Antônio Pimenta Bueno	José Magno da Silva Pereira Alfrio de Figueiredo Francisco do Amaral Militão Hélio Serejo
Cadeira 19	José Vieira Couto Magalhães	José de Mesquita Vera Randazzo
Cadeira 20	José Estêvão Corrêa	Philogônio de Paula Corrêa José Adolfo de Paula Avelino Domingos Sávio Brandão de Lima Benedito Pereira do Nascimento
Cadeira 21	Manuel Peixoto Corsino do Amarante	Luis-Philippe Pereira Leite Luiz Orion Neto
Cadeira 22	Visconde de Taunay	João Barbosa de Faria Carlos de Castro Brasil Pedro Rocha Jucá
Cadeira 23	Antônio Gonçalves de Carvalho	Raimundo Maranhão Aires Agenor Ferreira Leão Tertuliano Amarilha
Cadeira 24	Aquilino Leite do Amaral Coutinho	Ovídio de Paula Corrêa Francisco Bianco Filho Jary Gomes Odoni Gröhs
Cadeira 25	Amâncio Pulchério de França	José Raul Vilá João Antônio Neto
Cadeira 26	Joaquim Duarte Murtinho	Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa Oscarino Ramos Benedito Pedro Dorileo
Cadeira 27	José Barnabé de Mesquita (senior)	Ana Luiza Prado Bastos Ubaldo Monteiro da Silva
Cadeira 28	Caetano Manuel de Faria Albuquerque	Severino Ramos de Queiroz Ulisses Serra Demósthene Martins Gilmar Ferreira Mendes
Cadeira 29	Antônio Corrêa da Costa	Virgílio Alves Corrêa Filho Virgílio Alves Corrêa Neto Elizabeth Madureira Siqueira
Cadeira 30	Manuel Esperidião da Costa Marques	Otávio Cunha Cavalcanti Francisco Leal de Queiroz
Cadeira 31	José Delfino da Silva	Lamartine Ferreira Mendes Adaauto Dias de Alencar

Cadeira 32	Francisco Catarino Teixeira de Brito	Isác Póvoas José Ferreira de Freitas
Cadeira 33	Mariano Ramos	Nicolau Fragellis Lenine de Campos Póvoas
Cadeira 34	José Tomás de Almeida Serra	Ulisses Cuyabano Antônio Cesário de Figueiredo Olegário Moreira de Barros João Moreira de Barros João Alberto Novis Gomes Monteiro
Cadeira 35	Joaquim Pereira Ferreira Mendes	José Jaime Ferreira de Vasconcelos João Vilasboas Newton Alfredo de Aguiar Clóvis de Mello
Cadeira 36	Pedro Trouy	Luís Feitosa Rodrigues José Couto Vieira Pontes
Cadeira 37	Antônio Vieira de Almeida	Cesário da Silva Prado Bernardo Elias Lahdo
Cadeira 38	Frederico Augusto Prado de Oliveira	João Cunha Amarílio Novis Ciro Furtado Sodré Benedito Sant'Ana da Silva Freire Yasmin Jamil Nadaf
Cadeira 39	Antônio Tolentino de Almeida	Antônio Cesário de Figueiredo Neto Maria Benedita Deschamps Rodrigues
Cadeira 40	Padre Armindo Maria de Oliveira	Rosário Congro Hugo Pereira do Vale Sebastião Carlos Gomes de Carvalho

SUMÁRIO DOS DISCURSOS ACADÊMICOS

A Palavra do Presidente.....	6
À Guisa de Apresentação	7
Cadeira nº 5 – Francisco Ayres	
– Recepção e Posse – 1951	11
Cadeira 3 – Lécio Gomes de Souza	
– Posse – 1968	24
Cadeira 18 – Francisco do A. Militão	
– Abertura, Recepção e Posse - 1968	72
Cadeira 18 – Hélio Serejo	
– Abertura, Recepção e Posse -1973	96
Cadeira 28 – Demóstenes Martins	
– Abertura, Recepção e Posse - 1974	113
Cadeira 32 – José F. de Freitas	
– Abertura, Recepção e Posse – 1975	128
Cadeira 17 – Frederico Rondon	
– Posse – 1981	145
Cadeira 22 – Pedro R. Jucá	
– Abertura, Recepção e Posse – 1981	173
Cadeira 34 – João Moreira de Barros	
– Posse – 1981	193
Cadeira 40 – Sebastião Carlos	
– Abertura, Recepção e Posse – 1985	201
Cadeira 23 – Tertuliano Amarilha	
– Recepção e Posse – 1986	235
Cadeira 35 – Newton Alfredo	
– Recepção e Posse – 1986	259

A PALAVRA DO PRESIDENTE

A Academia Mato-grossense de Letras começa a trilhar sua oitava década de existência, que se completará a 7 de setembro de 2.001.

O lançamento desta **Revista - ano 2.000** é um dos acontecimentos marcantes, como parte das comemorações pelo grato evento.

Esta edição é fruto, principalmente, do trabalho da tão atarefada quanto dedicada Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira que, além da Presidência do venerando Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - nosso condômino e co-irmão -, é Curadora do Arquivo e do acervo bibliográfico da Casa Barão de Melgaço. Destaco, ainda, a competente e implacável revisão feita pelo Acadêmico Ronaldo de Arruda Castro.

Neste dia, também, elencamos outros acontecimentos que merecem, aqui, ficar registrados:

- a inauguração das instalações de nossa **Biblioteca**, em espaço reconquistado graças à compreensão do Governo de Mato Grosso, que tem à frente o Engenheiro Dante Martins de Oliveira;

- a adoção de nova modalidade na admissão de **Sócio-correspondente**, vinculando-o cada qual a uma determinada Cadeira;

- a honrosa recepção, por este Presidente, da **Medalha João Ribeiro**, entregue pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, representante da Academia Brasileira de Letras, outorgante da importante comenda.

Tais ocorrências bem evidenciam a vitalidade da nossa Academia.

Que Deus, assim, a conserve.

Cuiabá, 7 de setembro de 2.000.

João Alberto Novis Gomes Monteiro
Presidente

APRESENTAÇÃO

Este número da revista da Academia Mato-Grossense de Letras objetiva em específico dar a lume parte dos discursos de posse na entidade ainda não publicados, garantindo-se a fixação historiográfica de precioso acervo literário e/ou científico, ao lado dos pronunciamentos de abertura oficial das respectivas sessões solenes e de saudação aos empossados, quando possível o levantamento textual, nos casos necessários, de todas as fases da mais importante cerimônia da Casa “Barão de Melgaço” – a de empossamento dos sócios efetivos eleitos.

Através dessas peças os futuros Acadêmicos, por exemplo, poderão ter acesso menos problemático à história da Cadeira a ocupar, dada a abordagem da vida e obra do Patrono e dos ocupantes anteriores. Esse, um dos pilares em que se assenta a tradição acadêmica *ad immortalitatem*, consubstanciada no culto aos Patronos e na reverência constante aos Acadêmicos de ontem.

A solenidade de posse, convém observar, é ritual que emblematiza as Academias de Letras, desdobrada a tradicional cerimônia em três momentos distintos: a abertura da sessão, o discurso de recepção ou saudação e o de posse. Até meados da década de oitenta, os discursos de posse, sem razão plausível ou explicação lógica, antecediam ao de recepção, prática corretamente invertida a partir de 1990.

O trabalho de editoração deste número da revista, evidente, coube à Comissão Editorial da atual diretoria da instituição, cuja primeira tarefa foi a de relacionar os discursos já editados nas publicações anteriores do Centro Mato-Grossense de Letras e da Academia Mato-Grossense de Letras. Constatou-se o seguinte quadro:

Cadeira	Acadêmico	Revista
Cadeira 1	Leônidas Antero de Matos	Revista 1932(21/22)
Cadeira 2	Gervásio Leite	Revista 1944-1945(23/26)
	Satyro Benedicto de Oliveira	Revista 1991-1992(1)
Cadeira 4	Pe. Raimundo C. Pombo M. da Cruz	Revista 1962(55)
Cadeira 6	Ernesto Pereira Borges	Revista 1948-1949(31-34)
Cadeira 7	Maria de Arruda Müller	Revista 1931(19)
Cadeira 8	Luís Felipe Sabóia Ribeiro	Revista 1962(55)
	Moisés Mendes Martins Júnior	Revista 1991-1992(1)
Cadeira 9	Rubens de Mendonça	Revista 1944-1945(23/26)
Cadeira 11	Antônio de Arruda	Revista 1952-1953(39/42)
Cadeira 12	Gabriel Vandoni de Barros	Revista 1950-1951(35-38)
	Ronaldo de Arruda Castro	Revista 1991-1992(1)
Cadeira 13	Archimedes Pereira Lima	Revista 1947(29/30)
Cadeira 14	Ovídio de Paula Corrêa	Revista 1923(4)
	Nilo Póvoas	Revista 1931(19/20)
Cadeira 15	Francisco Alexandre Ferreira Mendes	Revista 1931(19/20)
Cadeira 16	Ulysses Cuiabano	Revista 1941-1942(17/20)
Cadeira 17	Humberto Marcílio Reinaldo	Revista 1963(56)
Cadeira 18	José Magno da Silva Pereira	Revista 1927(12)
	Alírio de Figueiredo	Revista 1928(13)

Cadeira 19	Vera Randazzo	Revista 1985
Cadeira 20	José Adolfo de Paula Avelino	Revista 1954-1955(43/46)
Cadeira 21	Luis-Philippe Pereira Leite	Revista 1946(27/28)
Cadeira 23	Raimundo Maranhão Aires	Revista 1947(29-30)
Cadeira 24	Francisco Bianco Filho	Revista 1947(29/30)
	Jary Gomes	Revista 1948-1949(31-34)
Cadeira 25	José Raul Vilá	Revista 1924(5)
	João Antônio Neto	Revista 1963(56)
Cadeira 26	Oscarino Ramos	Revista 1924(5)
Cadeira 27	Ubaldo Monteiro da Silva	Revista 1991-1992(1)
Cadeira 28	Ulisses Azulil de Almeida Serra	Revista 1963(56)
Cadeira 32	Isác Póvoas	Revista 1925(8)
Cadeira 33	Nicolau Fragelli	Revista 1948-1949(31-34)
	Lenine de Campos Póvoas	Revista 1952-1953(39-42)
Cadeira 34	Olegário Moreira de Barros	Revista 1931(13)
Cadeira 35	José Jaime Ferreira de Vasconcelos	Revista 1944-1945(23/26)
	Clóvis de Mello	Revista 1991-1992(1)
Cadeira 38	Amarílio Novis	Revista 1934(3/4)
	Benedito Sant'Ana da Silva Freire	Revista 1985
Cadeira 39	Antônio Cesário de Figueiredo Neto	Revista 1925(8)
	Maria Benedita Deschamps Rodrigues	Revista 1985
Cadeira 40	Rosário Congro	Revista 1948-1949(31-34)

O passo seguinte, elencar os discursos não publicados, se possível com a reunião ideal dos pronunciamentos nas três fases da cerimônia: o de abertura da sessão, em geral proferido pelo Presidente ou pelo Vice-Presidente da Academia, seguido do discurso de recepção e de posse, ou vice-versa.

A consulta inicial foi realizada no Arquivo da Casa "Barão de Melgaço", especialmente na série Cadeiras Acadêmicas, onde estão preservadas as pastas de dados e informações correspondentes a cada Cadeira, incluindo a produção literária e/ou científica de seus ocupantes. Redundou esse trabalho na constatação de que muitos pronunciamentos não integravam esse escrínio documental, o que levou a Comissão Editorial à busca junto a acervos particulares. A pesquisa acusou este resultado:

Abertura/Recepção/Posse

Cadeira	Acadêmico	Posse
18	Francisco do Amaral Militão	Set. 1968
18	Hélio Serejo	Out. 1973
22	Pedro Rocha Jucá	Set. 1981
40	Sebastião Carlos Gomes de Carvalho	Jun. 1985
15	Natalino Ferreira Mendes	Mar. 1987
26	Benedito Pedro Dorileo	Dez. 1987
6	Roberto de Oliveira Campos	Set. 1995
38	Yasmin Jamil Nadaf	Out. 1995
29	Elizabeth Madureira Siqueira	Nov. 1995
20	Benedito Pereira do Nascimento	Dez. 1995
1	Ubiratã Nascentes Alves	Nov. 1998

24	Odoni Gröhs	Jul. 1999
17	Avelino Tavares	Dez. 1999
21	Luiz Orioni Neto	2.000

Recepção e Posse

Cadeira	Acadêmico	Posse
5	Francisco Ayres	Set. 1951
35	Newton Alfredo	Abr. 1986
23	Tertuliano Amarilha	Abr. 1986
14	Nilza Queiroz Freire	Nov. 1993
3	Rubens Mendes de Castro	Jun. 1997

Posse

Cadeira	Academico	Posse
17	Frederico Rondon	Mai 1975
34	João Moreira de Barros	Out. 1981
5	Clóvis Pitaluga de Moura	Jun. 1989
13	José Eduardo do Espírito Santo	Jun. 1996
4	Pe. Firmo Pinto Duarte	Dez. 1997

Os discursos foram reunidos, digitados e editorados como conteúdo único da REVISTA 2.000. No entanto, pela sua extensão, com especialidade os de posse (chegam alguns a mais de quarenta páginas), a Comissão Editorial – até por questão de justiça – decidiu pela publicação em ordem cronológica, priorizando os mais recuados no tempo, ao tempo em que reservou os mais recentes à próxima edição. Assim ficou o escalonamento:

Revista 2000

Ordem Publ.	Cadeira	Acadêmico	Ano
1	5	Francisco Ayres	1951
2	3	Lécio Gomes de Souza	1968
3	18	Francisco do A. Militão	1968
4	18	Hélio Serejo	1973
5	28	Demósthene Martins	1974
6	32	José F. de Freitas	1975
7	17	Frederico Rondon	1981
8	22	Pedro R. Jucá	1981
9	34	João Moreira de Barros	1981
10	40	Sebastião Carlos	1985
11	23	Tertuliano Amarilha	1986
12	35	Newton Alfredo	1986

Revista 2001

13	15	Natalino Ferreira Mendes	1987
14	26	Benedito Pedro Dorileo	1987
15	5	Clóvis Pitaluga	1989
16	6	Roberto Campos	1995

17	38	Yasmin Jamil Nadaf	1995
18	29	Elizabeth M. Siqueira	1995
19	20	Benedito Pereira do Nascimento	1995
20	9	José Eduardo do Espírito Santo	1996
21	3	Rubens Mendes de Castro	1997
22	4	Pe. Firmo Pinto Duarte	1997
23	28	Gilmar Ferreira Mendes	1998
24	1	Ubiratã Nascentes Alves	1999
25	24	Odoni Gröhs	1999
26	17	Avelino Tavares	1999
27	21	Luiz Orioni Neto	2000

Cadeiras há de que só foi encontrado o discurso de posse; em outras, este e o de recepção e na maioria das Poltronas acadêmicas teve-se a felicidade de reunir os pronunciamentos nas três etapas da sessão solene: abertura, recepção e posse. Os primeiros ocupantes das doze Cadeiras iniciais, mais tarde ampliadas para 24, não proferiram discurso de posse, prática adotada só a partir da transformação do Centro Mato-Grossense de Letras (1.921-1.931) em Academia Mato-Grossense de Letras (1.932). Nesta revista estão inseridos os discursos no período de 1.951 a 1.986.

A Comissão Editorial não terminou seu trabalho de pesquisa – esclareça-se –, prosseguindo na busca de todos os discursos ainda não publicados, seja através de solicitação às famílias dos Acadêmicos anteriores, ou junto ao acervo dos Acadêmicos atuais. O que for resgatável terá proveito.

Com este número, o da REVISTA 2.000, a Academia Mato-Grossense de Letras proporciona à *intelligentsia* ponderável fonte de pesquisa com os discursos de membros da instituição, que, ao longo de 79 anos, produz, reproduz, reúne, resguarda e divulga, ciosamente, as florações da realidade histórico-cultural mato-grossense.

A Comissão Editorial
 Ronaldo de Arruda Castro
 Aauto Dias de Alencar
 Elizabeth Madureira Siqueira

Cadeira 5
DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO FRANCISCO AYRES,
POR ROSÁRIO CONGRO
7 de setembro de 1951

Designado para receber-vos neste pórtico da imortalidade, é cheio de contentamento que vos digo: – Entrai, sentai-vos à nossa mesa, tomai a ânfora e bebei do nosso vinho.

Delicioso falerno, ele nos transporta, em seus eflúvios, a países de supremo encantamento, como a maravilhosa Hélade, onde, dos cimos do Pindo, avistamos a doce paisagem das ilhas jônicas, rendilhadas de nitente espuma, o Peloponeso e mais longe, o Helesponto, de cujas águas sobem cintilações solares.

Ali nasceram filósofos e poetas, cheios de saber e de glória, e viveram, antes, os deuses.

Júpiter, destronado, sem mais o poder de seus raios, talvez ande ainda, errante, pelas verdes encostas da Tessália.

Galgamos a colina de Atenas e no Areópago, ouvimos a teoria das idéias.

Os sábios se chocam, desde Demócrito, a emaranhar-se no movimento eterno dos átomos.

Sócrates, porém, se preocupa com a consciência humana. Conhece-te a ti mesmo, é a sua divisa.

E conclui que o mundo sai de Deus e para ele torna.

Nesse regresso voluntário e consciente está a virtude, ou seja, a ciência da moral.

Platão, seu discípulo amado, confirma-o na sua profunda metafísica: *A verdade é o objeto da ciência.*

A nossa imortalidade, é a desses quadros de mortos que falam. Que falam pelas suas obras.

Um dia, seremos também dependurados às paredes deste Silogeo, e o Guia, a percorrer suas galerias, informará: – este, foi um sexagenário pretensioso. Nem sei o que fez para estar aqui.

Este outro, sim, moço ainda, trazia já o espírito chamejante de cultura. Escreveu belos livros, e cientista, curava os olhos enfermos, tornando-os mais abertos e mais inteligentes...

Do vosso convívio muito nos orgulharemos.

Novo paladino, de nobilíssimos braços, Mato Grosso terá nos vossos talentos, na cruzada das letras, um dos mais eficientes propugnadores do

seu progresso cultural.

No meu Discurso de Posse, entendi oportuno transcrever palavras de Fábio Luz, rematando seu Parecer sobre a tese de José de Mesquita no Congresso das Academias de Letras do Brasil: - *Do exposto, fica bem clara a utilidade de centros de cultura, não só nas capitais como nas principais cidades do Estado, ligadas solidariamente, sem atender-se a orientação de escolas ou seitas literárias, mas tendo-se em vista a intensificação da cultura, como educação estética, mais do que como erudição.*

É lamentável que até o presente, não tenha chegado às mais ricas e importantes cidades do nosso interior, Campo Grande e Corumbá, a influência literária desta Meca sem peregrinos, desta admirável Cuiabá, cérebro e coração do Estado.

Aqui estão as instituições culturais, e são várias, que bem alto erguem o nome de nossa terra na tradicional inteligência de seus filhos.

Vexilários da idéia, cabe-vos e a Jaime de Vasconcelos, também domiciliado em Campo Grande, a fundação do núcleo de cultura de cuja falta ressoa a metrópole serrana do sul.

Esta é, sem dúvida, uma das finalidades da Academia Mato-Grossense de Letras.

Doirada como um trigal maduro, se estende a vossa seara, a prometer-nos, farto e puro, o pão da vossa espiritualidade.

Além da vossa tese de doutoramento, aprovada com Distinção, mais quinze trabalhos científicos vos são devidos.

Em todos eles, como que a minorar a dor, o sofrimento físico, o estílo, no seu aprimoramento, se eleva ao belo, que só os idealistas compreendem.

Em *Psiquismo e Glaucoma Primitivo*, encontramos interessantes referências a acessos de cólera, que matam, como a certas emoções que fulminam, como aconteceu a uma sobrinha de Leibnitz.

E ainda quanto ao encanecimento dos cabelos numa só noite, caso que foi constado com uma enfermeira belga condenada pelos alemães, na horrível vigília que precedeu a execução.

Carrel afirma que o pensamento, somente ele, pode produzir lesões, cabendo ao médico não só o conhecimento do corpo, como o da alma.

Sei que na minha idade a higiene mental é uma necessidade. Pensamentos há que por si sós produzem certos desgastes no organismo. E' muito delicado o motor humano...

Pior do que Saturno devorando os próprios filhos, declarais com louvável fraqueza, a civilização moderna, a despeito de seu progresso

científico, tem um notório desprezo pelo indivíduo e por isso ela o devora ou o enlouquece para sustentar os seus artifícios.

E passais a mencionar a instabilidade da vida, a insegurança econômica, a agitação incessante, que todas provocam estados mentais que se traduzem por perturbações nervosas e de estrutura.

Nos manicômios e sanatórios do mundo ocidental uma humanidade desequilibrada se vê, dia a dia crescente, porque não pode acompanhar o ritmo artificial da vida moderna.

São palavras vossas, como estas outras de que na China, segundo Lin Yutang, os loucos são tão raros, que são adorados.

É melhor evitar a doença a curá-la, aconselhais.

E transcrevendo Alberto Seabra, meu amigo e vosso, vos escudais na sua filosofia de que a alegria é um tônico sem igual não havendo preparado farmacêutico que o valha.

Porque sofro desta moléstia que entendo chamar o doloroso prestígio dos anos procuro a alegria da alma, que não é mais a de viver, segundo a doutrina hedonista.

Em assim não fazendo, mais depressa caminharia para meu engavetamento no granito róseo em que me aguarda a doce companheira que tive na vida.

Não vejo razões para apressar-me, pois só a senilidade me adiantaria os passos.

O dia há de vir, natural e certo, em que eu, batendo à porta do seu túmulo, direi: - Venho em busca do teu leito, para que de novo, juntos como na vida, possamos dormir a noite eterna.

Afugentemos, pois, com a alegria do espírito, a doença, que nem sempre os esculápios domam.

Na literatura, é também notável a vossa obra.

Portugal das Descobertas é uma conferência monumental, que Herculano ou Latino subscreveriam.

Bases para a construção de um novo mundo, são 235 páginas nas quais se revela o vosso idealismo, que não desesperou ainda de assistir a conversão da humanidade àqueles velhos princípios que orientaram os filósofos.

Assim se externou um dos vossos maiores críticos.

O Catolicismo perante a Ciência e a Razão, é uma obra de mais de 600 páginas onde se pode apreciar a sólida cultura do autor e aprimorado estilo em que vazou suas idéias, disse Afonso Schmid.

Em *Krihsnamurti*, desenrolais a vida e a obra do filósofo hindu que

somente agora atinge à maturidade e é considerado um dos luminares do pensamento contemporâneo.

Concordo plenamente quando afirmais que o ensino de *Krishnamurti* é profundamente difícil. *Krishnamurti* não pode ser entendido por mentes estáticas, incapazes de uma crítica profunda aos sistemas em que vivem, dizeis.

A libertação individual não é a negação da ordem, asseverais porque ele mesmo, o incompreendido pensador, é o exemplo vivo da harmonia e o emancipado espiritual de todas as tutelas! Dando-nos a frase de Goethe, *devemos temer tudo que liberta o espírito, sem nos tornarmos senhores de nós próprios*, mostrais-nos a incompreensão, o conflito que se criou entre os prosélitos de *Krishnamurti*, pois para uns era Buda e para outros, o incomparável Cristo.

Acabou o filósofo se rebelando contra todas as manifestações, mesmo contra aqueles que o tomavam para Mestre, afirmando que a verdade é um país sem caminhos.

Tudo tão fora da nossa época, pondo o mundo já tão conturbado, num confucionismo ainda maior, que o visionário de Madras, não passa de uma grande voz que fala no deserto, como reconheceis!

Os franciscanos, não mais são os de Gregório IX quando diziam que não eram donos dos próprios breviários, que só em usufruto os possuíam.

Mas é inquestionável que o vosso livro é transcendente, deleita, e desperta a controvérsia.

Chego, finalmente, ao vosso belo romance de sentido social, *Terra Vermelha*.

A paisagem, de cafezais, em que viveram os vossos personagens, nos é familiar e isto me prendeu desde o início.

Acompanhei no vosso livro o evoluir estupendo da própria região.

A começar do intróito, tive os olhos em Luiz Fernando, pensativo, isolado e triste, na plataforma da estação de Bauru, que àquele tempo não era o monumento arquitetônico atual.

Médico, recentemente formado, deixara o Rio de Janeiro para além das serras, e os açoites da ventania e da chuva que caia, davam-lhe a impressão, textual, de uma consciência em revolta.

Entende-se que não irei prender-vos à narrativa de 319 páginas. Adianto-vos no entretanto, que o Dr. Ayres, ou por outra, o Dr. Luiz Fernando, partindo de Campo Grande, regressou ao Rio num dos aviões da Condor e, com seu poder descritivo, nos dá conta da viagem.

Três Lagoas, pequena mas movimentada; logo, o rio Paraná com

sua ponte metálica de 1250 metros, ligando, como um hemistíquio, Mato Grosso a S. Paulo...

As cidades pequenas e grandes se sucedem, mas o seu pensamento se povoa de *Katucha*. Na metrópole maravilhosa, ao descer, só vê *Katucha* entre a multidão.

E ela aparece tal qual a sonhara sempre, muito meiga, muito clara, tendo um riso amável e lindo como as espumas das ondas e uns cabelos louros como o ouro quente do nosso sol.

Luiz Fernando vencera.

Mas devo contar aos que me ouvem, como a crítica recebeu o vosso belo romance.

Monteiro Lobato assim se expressou: *Recebi Terra Vermelha. Estou a lê-lo com grande interesse e maior agrado. É a confissão sincera dum médico filósofo e também sociólogo e escrita de modo tão atraente que pegar no livro e começar a lê-lo é ir até o fim.*

Meus votos para que seja feliz, para que veja realizada a .alta socialização da medicina e nos dê ainda muitos romances sociais como esse. O campo é vastíssimo e está virgem. Com o seu .talento e a sua bela e rara honestidade mental, muito há a extrair dele.

Não podia ter a Cadeira nº 5, como fundador, mais digno ocupante; nem Silva Pontes, que perlustrou o caminho dos astros como os rios e florestas de nossa terra, mais brilhante patrocinado.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FRANCISCO AYRES

Devo à generosidade dos amigos, que prestigiaram o meu nome, o prazer de poder compartilhar do vosso honroso convívio, como primeiro ocupante da cadeira número cinco, à qual concorri.

Aqui estou para vos agradecer a magnanimidade do julgamento, chamando-me para ser um dos vossos, distinção que me toca a sensibilidade e o espírito, dada a natureza peregrina dos valores da cultura mato-grossense, que, de há muito, me habituei a admirar, e compõem este augusto sodalício.

Cuiabá, a cidade bi-secular, da qual sou enamorado, e que, pela sua cultura, bem merece o título de Atenas Mato-Grossense, tem, para mim, atrativos que vão, desde o que resta da sua grandeza colonial à moderna cidade dos nossos dias, ligada por boas rodovias e pelo ar, ao resto do Brasil, sem esquecer a gloriosa via fluvial por onde chegaram os primeiros bandeirantes. Insulada no centro geométrico da América do Sul, a cidade do ouro, de Pascoal Moreira Cabral, afirmou-se e floresceu como princesa da selva verde, cercada de fatores adversos, piores do que a própria distância. Mais de dois séculos de história correm nas veias dos cuiabanos de hoje e eu admiro, comovido, a sua obra, erguendo no sertão bravio a invicta Capital do Estado, a Cidade Verde, cidade da realidade e da esperança.

Hoje, como outrora, novos bandeirantes, vindos de Piratininga, do Paraná, de todo o Brasil gigante, estão semeando cidades nas terras fertilíssimas do Sul, do Norte, Leste e Oeste do Estado.

Cuiabá, surgindo, em pleno sertão, a quinhentas léguas do Atlântico, trás, à minha lembrança, a idéia daquelas Cidades Estados, que floresceram no período da civilização mediterrânea e cujos centros de ação foram Cartago, Roma e Atenas. A civilização do Egito só entrou na Península Ibérica indiretamente, através dos fenícios e cartagineses e a civilização helênica através da dominação romana. Estes, conquistando o norte da África, dominando a Grécia, e ocupando, sucessivamente, as Gálias e a Espanha aí depositaram a civilização greco-romana que os descobrimentos marítimos iriam espalhar por todo o globo. A civilização mediterrânea deslocou-se para o Atlântico.

Um povo, ao qual pertencemos, em larga proporção, pelo espírito e pelo sangue, debruçado sobre a orla lusitana do Atlântico, estava fadado geograficamente, depois de constituída a nacionalidade dentro dos seus limites atuais, a se atirar mar em fora, semeando na África, na Índia, na Oceania, e no Brasil, aquela civilização greco-romana, melhorada pela contribuição de todos os povos, e que, a disciplina militar dos romanos;

deixara na península apesar do ciclo ininterrupto das derrotas sofridas nos encontros com os guerrilheiros viriatinos.

Na Grécia, o ramo jônico, fizera, também, uma alta civilização, graças à sua situação na orla marítima e ao seu cosmopolitismo étnico, enquanto os dórios, aferrados à tradição interiorana, deram à posteridade apenas os nomes memoráveis dos bravos das Termópilas de Leônidas.

Os homens de Plutarco não excederam em valor os navegadores e os guerreiros lusitanos, nem os seus gloriosos descendentes - os bandeirantes - que alargaram o território e com as suas incursões semearam cidades, e Cidades-Estados como Cuiabá, de onde irradiou durante o século da mineração, o ouro inesgotável, arrancado apenas da superfície da terra, e a bravura indispensável ao esforço epopéico da colonização.

Cuiabá, foi, a seu modo, uma Cidade-Estado como centro irradiador de civilização. O ciclo do ouro iria trazer o povoamento, a agricultura e a pecuária, resumindo-se tudo a Cuiabá, cujo ritmo de vida - na expressão exata de Virgílio Corrêa Filho - compassou o desenvolvimento das localidades distantes.

Hoje, passados mais de dois séculos, eu recorro com emoção aquelas palavras de Saint Hilaire ao dizer, referindo-se, aos bandeirantes: *depois de se conhecerem os pormenores das jornadas intermináveis fica-se estupefato e levado a crer que estes homens pertenciam a uma raça de gigantes.*

Foram eles que alargaram os limites territoriais, dilatando a fronteira Oeste do Paraná para o Paraguai com a tomada de Guaíra, e com a destruição da povoação de Santiago de Xerez sobre o rio Miranda. E as sentinelas ficaram vigilantes no Paraguai e no Guaporé, no Apa e por toda a parte onde se escreveram as páginas epopéicas imortalizadas por Taunay, não esquecendo de Ricardo Franco aquela resposta à insolência do invasor na defesa do inexpugnável Forte de Coimbra.

Mas que raça é essa de gigantes, no dizer de Augusto Saint Hilaire?

Permita-se-me recordar que o tronco racial luso-brasileiro formou-se com os esponsais de Bartira, Paraguaçu e Maria do Espírito Santo, filhas de morubixabas valentes com portugueses radicados no Sul, no Meio Dia e no Norte do Brasil. No recesso da mata frondosa surgiram os primeiros tálamos nupciais sob os ósculos quentes dos lusos João Ramalho, Diogo Alves (o Caramuru) e Jerônimo de Albuquerque. E sem preconceitos étnicos foi surgindo nas veias dos bandeirantes de Piratininga, de Itu, Porto Feliz e Sorocaba, aquele mesmo sentido expansionista e audaz dos lusos da navegação e da conquista, alargando a pátria muito além do que preceituava

o meridiano de Tordesilhas, sendo Mato Grosso o baluarte da defesa das fronteiras, e Cuiabá o berço da civilização que iria mais tarde irradiar por toda a capitania. Diga-se, de passagem, que o sentido expansionista dos novos brasileiros não lhes embarçou o sentimento artístico e especulativo, reproduzindo-se aqui o que se dera na metrópole, que, em pleno período da conquista e da navegação, em que Lisboa se tornou o maior centro comercial do mundo, os portugueses Humanistas lecionavam nas famosas Universidades de Paris, Bolonha, Salamanca e Louvain.

Sempre reputarei a civilização selvagem enquanto as guerras não forem considerados como crimes hediondos de lesa-Humanidade. Sempre reputarei o arco e a flecha envenenada dos primitivos donos da Pátria como menos perigosos do que a agressividade brutal do homem do nosso século. E para provar que o cruzamento das raças é benéfico e não degrada vou declinar o nome de um cuiabano, glória desta terra e do Brasil, descendente de Bororos valentes. Ele mostrou a nossa falsa civilização, pela dignidade do seu exemplo, que, na pacificação dos povos, é a paz a arma que vence e não a guerra o meio de solução.

Rondon, nome do nosso general, que declino com respeito e enlevo, foi o herói das selvas mato-grossenses, e seu exemplo devia frutificar no mundo inteiro, entre as modernas clãs de guerreiros, que conturbam o nosso tempo. Foi seu glorioso lema - *Morrer se preciso for, matar nunca!* E os índios vieram para a comunhão dos civilizados. Rondon é a expressão nacional do cruzamento do branco com o indígena. Rondon é a expressão de uma civilização ainda distante, onde deve predominar a razão, o sentimento de humanidade, e não e nunca a força bruta do mais forte.

Glória à terra bendita que nos deu um construtor da nacionalidade como Rondon, cujo exemplo deve ser apontado, pois ele prova que a fraternidade das nações pode ser obtida pela força do espírito e nunca pela força das armas! Glória ao gênio da pacificação!

Nas selvas mato-grossenses um descendente de índios bororos provou que é possível obter a paz entre brancos e silvícolas sem ser preciso passar sobre o cadáver dos nossos irmãos.

Construamos um mundo só, um mundo onde todas as raças se sintam irmãs, um mundo espiritualizado e são, onde os seus habitantes sejam realmente verdadeiros cidadãos do mundo, libertos dos errôneos preconceitos da superioridade racial e redimidos também daquele nacionalismo doentio que visa sobrepor um povo a outro povo, e, por isso, torna os seus limites geográficos em trincheiras abertas, quando o mundo a construir deve abolir todos os modos de separação, a não ser que queiramos,

de modo próprio, cavar eternamente a destruição das gerações moças nas grandes batalhas campais, que assolam o planeta, acirrando ódios, complicando problemas, quando todos nós, queiram ou não, somos realmente iguais.

Agindo dessa forma estaremos unindo raças e povos; serviremos à Humanidade e, acima de tudo, honraremos o Meigo Nazareno, aquele que, na sua mensagem divina, recomendou aos povos amarem-se uns aos outros e, por isso, não foi ainda ouvido, e em vez de ser na terra coroado de glória, foi, pelos homens, coroado de espinhos!

O estudo das populações do mundo demonstra não haver raças puras e, no Brasil, o cruzamento das raças, foi o fator predominante que contribuiu para a absorção da população indígena e da raça negra, trazida de domínios africanos para o trabalho escravo.

E foi com esse material humano que os colonizadores e os seus descendentes construíram a nacionalidade, sempre acrescida da contribuição européia e depois asiática, que, no Brasil, vem encontrando um mundo para muitos desconhecido, dada a sua liberalidade, e, sobretudo, o respeito por todas as raças, não havendo aqui preconceitos pejorativos como ainda hoje pesam em países adiantados.

A legislação Pombalina, pelo alvará de 14 de Abril de 1755 e a lei de Junho do mesmo ano, decreta a liberdade absoluta do índio além de fomentar os casamentos mistos, equiparando os índios aos demais colonos, proibindo-se sejam tratados pejorativamente.

Têm muitos, ao fazerem o paralelo das colonizações, inglesa, espanhola e portuguesa, no Continente Americano, esquecido que os portugueses ao chegarem ao Brasil encontraram um clima adverso e uma população silvícola com uma civilização primária, ainda na idade da pedra, o que não ocorreu aos espanhóis, que puderam beneficiar-se de uma civilização azteca e incáica adiantada e primorosa.

O caso norte-americano há de dividir-se, na apreciação do aspecto colonizador, em duas partes: o norte sempre mais democrata e o sul sempre feudal e escravizador. Contudo na sua formação colonial temos que apreciar a situação política da Europa e por isso ondas humanas se transplantaram para o clima temperado do norte, aproximado da pátria de origem, onde erguerem seu novo lar, contando obter um abrigo seguro, pacífico e cheio de liberdade, sem a intranqüilidade que agitava o cenário europeu. Deve ser assinalado que o êxodo das populações do interior da Inglaterra, transformado em pastarias para carneiros, cuja lã alimentaria os teares da nascente indústria inglesa, teria que transbordar para fora da pátria e o fez caminhando

para o norte do continente americano. Tratava-se, pois, de Puritanos, Quakers, Huguenotes, Morávios, Schwenkfelders e Menonitas que vinham com suas famílias da Inglaterra, da França, da Alemanha Meridional e da Suíça, fugindo ao desequilíbrio econômico europeu, pelo início da era industrial, e também devido às lutas político-religiosas. Seu objetivo foi construir na América uma sociedade livre e nova que ofereça segurança e garantia, coisas que o continente europeu, pelas constantes agitações, ameaçara. Fundaram uma sociedade que, em muitos aspectos, nada mais é que o prolongamento daquela que abandonaram. Por isso seu afastamento dos aborígenes foi absoluto e quando importaram o negro, como escravo, não o absorveram, mantendo-o à distância, coisa que até hoje se observa. No norte surgiu um tipo característico de pioneiro - o Yankee - dotado de maior capacidade e que marchou à frente das levas humanas que afluíam da Europa. E assim se criaram na América três modos diversos de colonização, sendo justo assinalar que a nossa foi a mais penosa, mais dura, e dolorosa, porque enquanto o norte se colonizava com os excessos demográficos que transbordavam da Europa, transplantando-se uma sociedade já formada para um clima temperado, na zona tropical e subtropical vai formar-se uma sociedade realmente nova, onde o colonizador se funde com as raças indígena e africana. Saiu, pois, das florestas brasileiras, tão vastas e frondosas, que amesquinham o homem, uma sociedade - como escreve Gilberto Freire - com características nacionais e qualidades de permanência que foi além de um simples contato fortuito do europeu com o meio. E assim se plasmou a unidade nacional e territorial, defendida, apesar das contínuas invasões, pelos Governadores e nativos e seus descendentes, de modo a oferecerem, à posteridade, uma pátria unida e grande e maior do que todas pela aspecto original e próprio de não ter em sua civilização característica o preconceito de cor tão incompatível, embora ainda existente, com a espiritualidade humana.

Ligando todos os obreiros da nacionalidade aí está a língua Portuguesa - na feliz expressão de Gustavo Barroso - a grande pátria espiritual que reúne os homens que o mar separou. Língua admirável que falou Camões, João de Deus, Herculano, Garret, Junqueiro, Bilac, Machado de Assis, Castro Alves, Eça de Queiroz, Santos Dumont e Osvaldo Cruz! Língua falada hoje por mais de sessenta milhões em todos os continentes onde andaram os homens que apressaram a Renascença e fizeram do Brasil gigante o mais belo capítulo dos Lusíadas. Os três continentes do globo ouvem as carícias da nossa língua, falada na Europa, na Ásia, na América, na África e na Oceania!

Língua portuguesa que Martins Fontes, em versos imortais, comparou

à exuberância da floresta tropical:

A que hei de exatamente igualar-te, ó floresta? Só posso comparar-te à língua portuguesa: porque ela é que possui os tesouros da tua basta, e brava, e brutal, e bárbara beleza, que a Língua mãe, na terra virgem, perpetua!

Consagrando a beleza, eternizando a graça, ela reflorirá como um verde renovo!

*- E os poetas cantarão, para glória da raça,
na língua de ouro velho, a terra de ouro novo!*

Primeiro ocupante da cadeira número cinco, cabe-me, como preceitua o regulamento acadêmico, o estudo da vida e obra de Antônio Pires da Silva Pontes Lemes - membro da Real Academia das Ciências de Lisboa - que destaco da galeria ilustre dos nossos patronos.

Nascido na Freguesia de N. S. do Rosário, na Comarca de Mariana (Minas Gerais), doutorou-se na Universidade de Coimbra, em Dezembro de 1777, sendo um do componentes da Comissão de Limites, nomeada em virtude do Tratado de Sto. Ildefonso.

Partindo de Lisboa em Janeiro de 1780 chegou a Vila Bela a 22 de Fevereiro de 1782, tendo prestado a Mato Grosso e ao Brasil valiosos serviços, regressando a Lisboa em 1790, sendo em 13 de Abril de 1791 nomeado lente da Academia de Marinha, com o posto de Capitão de Fragata, cargo que exerceu até 1898.

Foi Governador da Capitania do Espírito Santo, tendo, durante a sua administração melhorado a situação dos índios do Rio Doce. Sua vida, como veremos, foi uma perene dedicação à terra brasileira, que serviu com denodo, vindo a falecer em 21 de Abril de 1805 na cidade do Rio de Janeiro.

Assinado o Tratado de Sto. Ildefonso em 1º de Outubro de 1777, demarcando os limites coloniais de Portugal e Espanha, ambos os países organizaram comissões mistas, com técnicos de ambos os lados, para fazerem, no terreno, a demarcação da fronteira, segmentada em quatro setores e a cada um dos quais correspondia a respectiva Divisão. Integravam a 3ª Divisão, Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira, capitães do real corpo de engenheiros; drs. Francisco José de Lacerda e Almeida e Antônio Pires da Silva Pontes Lemes, astrónomos; e como capelão o padre Álvaro da Fonseca Zuzarte. Além destes vinham dois desenhistas e três oficiais inferiores. Partindo de Lisboa em Janeiro de 1780 chegaram ao Pará a 26 de Fevereiro, em cuja capitania do Grão Pará se detiveram em explorações até 1º de Setembro do ano seguinte, daí prosseguindo viagem para Vila Bela, ficando para trás Lacerda e Almeida, que só alcançou o ponto de destino a 28 de Fevereiro de 1782.

Os expedicionários de 1780 iriam primeiro explorar o Amazonas, do Grão Pará a Barcelos, em conjunto, separando-se em duas turmas em Janeiro de 1781, cabendo a Silva Pontes e Ricardo Franco o levantamento do Rio Branco. Novamente se reúnem a 1º de Setembro de 1781 ao empreenderem a viagem para Vila Bela, entrando pelo Guaporé a dentro a 3 de Janeiro de 1782, sofrendo além da maleita que contrairam, a falta de viveres e os males decorrentes do naufrágio, peripécias que não impediram que seus nomes entrassem na galeria dos grandes servidores que a História de Mato Grosso registra pelo valor dos seus trabalhos.

Silva Pontes, mais forte e rijo que seu colega Lacerda e Almeida, que a maleita derreara, manteve-se mais firme na terra mato-grossense, fazendo levantamentos durante quase dez anos *em um sertão cheio de matas altíssimas e de algum campo pela maior parte inundado e pestífero*, como narra Lacerda e Almeida, contando-nos que com Silva Pontes e Ricardo Franco, passaram uma vez *sete dias com uma pouca de farinha de milho e marmelada já ardida na travessia do Lago Xaraiés ao S. e O. da Nova Coimbra por não haver terra aonde se fizesse comida, até que ao fim de sete dias acharam lugar seco que pareceu a terra da promessa...*

Silva Pontes, conquanto seja Mineiro, tem a fibra do bandeirante e a súpula dos seus trabalhos bem revela a sua resistência física e dedicação, até que, ao raiar o ano de 1790, é dissolvida a sua Comissão, porém tal medida chega ao seu conhecimento muitos dias depois, porquanto nesse tempo se acha palmilhando os sertões dos Parecis e no dia cinco de Janeiro ele escreve:

Chego muito molhado a este Quartel General de Vila Bela onde achei a novidade de ter partido no dia quatro a Monção e se ter cassado toda a despesa que se fazia com a Demarcação e por conseguinte aqui está o meu individuo largado neste fim de mundo em que S. M. me fez vir para seu serviço e nomeado pela Universidade, de cuja sombra fui tirado, para passar dez anos pelos sertões do Pará e Brasil.

De volta a Portugal seu amigo e colega Lacerda e Almeida é designado para varar o continente Africano de Angola a Moçambique, não chegando a ultimar a façanha, pois sucumbe a 18 de Outubro de 1798 em Caazembe sobre o Lago Moero. Silva Pontes deixa de ser lente da Academia de Marinha para vir governar o Espírito Santo desde 29 de Março de 1800 até pouco antes de falecer .

Sua dedicação à ciência e à missão que trazia ele a revela enfrentando todos os obstáculos com a sua resistência física privilegiada e, mais tarde, como Governador, mostrou-se compassivo e humano como o

prova o zelo com que se dedicou à civilização dos indígenas do Rio Doce.

Vejamos os seus trabalhos:

- *Mapa ilustrado com várias notas, descobrimentos de rios não conhecidos e outros nunca sulcados que apresenta às vésperas de deixar Vila Bela ao Capitão General.*

- *Carta Geográfica do Brasil - feita em Lisboa, conforme dá conta Varnhagem.*

- *Diário das explorações que fez desde o rio Branco e suas cabeceiras, na capitania do Pará, até às cabeceiras do Sararé, Juruena, Guaporé e Jauru.*

- *Diário da diligência e reconhecimento das cabeceiras dos rios Sararé, Guaporé, Tapajoz e Jauru.*

- *Memória física-geográfica, acompanhada de um plano das lagoas Gaiva, Uberaba e Mandioré.*

- *Diário da viagem do reconhecimento da cabeceira principal do rio Barbados.*

- *Diário da diligência e reconhecimento do rio Pangau e Rio Verde por ordem do Sr. e Exmo. Sr. Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.*

- *Relatório de uma parte do rio Paraguai e das lagoas de Uberaba e Gaiva.*

- *Notícias do lago Xaraiés.*

Silva Pontes, foi, como bem diz Virgílio Corrêa Filho, um predecessor de Rondon, inscrevendo o seu nome na galeria dos homens que, em Mato Grosso, se dedicaram à tarefa de demarcar as fronteiras, aqui ficando, a despeito de D. Rozendo Negron, 1º Comissário da 3ª Divisão, que devia chefiar os técnicos espanhóis, haver desaparecido na selva, sem dele haver vestígios. Mato Grosso deve a Silva Pontes quase uma década de trabalhos no sertão, e, por isso, a Academia Mato-Grossense de Letras o escolheu para figurar na galeria ilustre dos seus patronos.

Cadeira 3
DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO LÉCIO GOMES DE
SOUZA
1968

AS IDADES DO HOMEM

Proclamava velho mestre nosso, das longínquas fainas escolares, que o homem, no curto giro de sua existência, passa por três fases distintas: do amor, da glória e da terra.

A primeira abrange a quadra irrequieta da mocidade, em que o indivíduo, no campo afetivo, busca ansiosamente a companheira, complemento do seu destino, para o ato supremo que o biologista friamente define como o grito do instinto a reclamar a perpetuação da espécie. Período frenético do entusiasmo e das paixões, dos idílios e dos meigos colóquios, quando a primavera exuberante espalha rosas e lírios pelas câmaras nupciais. No apogeu da felicidade plena, ele se esvai rápida e tumultuosamente, deixando atrás de si um rastro de saudade e ternura.

A segunda é apanágio da maturidade e do equilíbrio. Desapareceram as apreensões do celibato e da solidão. A família está constituída e a certeza da segurança e do autodomínio permite digressões e devaneios por outros setores da atividade humana, que não sejam as lides rotineiras e a responsabilidade patriarcal.

O sol brilha intensamente no zênite outonal; é a última oportunidade de ação, antes que se desencadeiem os sintomas da arteriosclerose, da amnésia e da invalidez. Como são belos os crepúsculos, suaves as noites de luar e estrelas, estonteantes as miríficas manifestações da Natureza! Agora sobra ensejo para as especulações contemplativas. O silêncio dos gabinetes é também permanente convite à meditação. Que não haja perda de um só minuto: o tempo urge, a vida é breve e célere a corrida das horas na gigantesca ampulheta universal. Do contrário será a estagnação, a improdutividade, resultado da inércia e da preguiça intelectual. Para os que se abrigam à sombra do comodismo de uma apática ociosidade não soará a trombeta da vitória e o sono eterno os mergulhará no mais funesto esquecimento.

E a fase telúrica? Ah! esta é o inverno tenebroso da senectude amarga, a transformar-se em criaturas inservíveis, de faces encarquilhadas, membros emperrados e movimentos tardos, incapazes de raciocínio claro e idéias fulgurantes. A ironia da sorte nos faz voltar ao lazer do amanhã do solo,

como derivativo de nossa própria inaptidão física e mental, entregues ao cultivo das flores e hortaliças, curvados sobre a superfície áspera que haverá de cobrir os nossos restos nos sete palmos dos jazigos perpétuos. Dentro da justeza do aforismo de Francisco de Castro de que a vida é um cabedal eterno em que os seres vivos não são mais que efêmeros depositários e da assertiva popular de que ela é tão curta que não vale a pena ser vivida, não há alternativa para o êxito final e, em face desta fatalidade, devemos nos preparar convenientemente para o desenlace que cada vez mais de nós se avizinha. O que importa, de qualquer modo, é saber viver com dignidade, usufruindo, com proveito, o que de bom se nos oferece e, com senso estético, o que de belo se nos apresenta, convictos de que é muito mais sublime morrer subindo ao céu, que viver rastejando ao pó.

O PRÊMIO DA GLÓRIA

No que especialmente nos diz respeito, temos a declarar que a primeira das fases já se apagou de há muito na voragem dos tempos e o que hoje resta é sentido de maneira diversa, transformado no culto da amizade e da compreensão mútua, de liames fortes, indissolúveis. A mulher a colocamos no pedestal da virtude e do altruísmo, fonte perene de inspiração, alvo de admiração e reverência.

A Glória – meta da segunda idade – vivemos a persegui-la insistentemente e ela sempre a fugir como pluma ao vento, fora dos limites da mediocridade que nos assoberba, do obscurantismo que nos amesquinha. Ela só é concreta e fiel aos eleitos do saber, do gênio e da fortuna, intangível e abstrata aos menos esclarecidos e aguçados de espírito.

Esta gratidão vos é devida, senhores membros da Casa de Leverger, de no-la haverdes posto ao alcance das mãos, como oferenda rara e fruto, sem dúvida, de vossa generosidade.

Hoje, nesta noite para nós inesquecível, podemos acariciá-la afetuosamente, receber de perto os eflúvios que irradia qual manancial inexaurível e, sobretudo, perceber que ela nos distingue com a sua mirada altiva e soberana, cheia de complacência para o neófito embargado e tímido.

Recebemos as palmas acadêmicas com toda humildade de nossa formação cristã, olhos baixos, semicerrados, pensamento erguido a Deus, a quem suplicamos nos assista nesta hora de irremediável emoção.

Transpondo os pórticos da Imortalidade, conduzidos pelo condão mágico de vossa bondade e benevolência, aqui nos achamos perante o altar da Glória. no dia mais feliz da vida que perlustramos. Este é um legado que lícito nos será transmitir, com ufania, aos nossos descendentes, que terão

um motivo de orgulho para com o nome que os antecedeu, aureolado pela fama de figurar entre os das personalidades ilustres que compõem a galeria imortal deste douto Sodalício.

E agora podemos acrescentar: a idade da terra nós a esperaremos resignadamente, serenos e confiantes, convencidos de haveremos conquistado, antes dela, o mais reconfortante dos benefícios, dádiva gentilíssima conferida por este egrégio Cenáculo de cultura e saber.

PRURIDOS DE POETA

Preclaros confrades:

Repetimos que o momento, para nós, é de intensa vibração.

Humílimo escriba, sem veleidades de talento, jamais ser-nos-ia dado supor, há algum tempo atrás, viéssemos algum dia a partilhar deste erudito convívio. Não nos recomendavam os méritos intelectuais, nem nos animava a desejar tanto a exígua bagagem literária.

Decerto na inflamada juventude andáramos a fazer versos, quando o amor se impunha como indefectível tema. Lamúrias nevróticas de uma alma insatisfeita, arroubos exaltados de um dom-joão de fancaria, o vernáculo sempre conspurcado em sua pureza, profanado sempre em seu casticismo! Como incorrigíveis remendões, continuamos malhando-os, refundindo-os, esmerilando-os, sem que de balde encontremos a forma límpida, definitiva.

Permiti-nos, contudo, relatar-vos como despontou em nós o interesse pela poesia. Éramos, então, uma criança apenas, a usufruir os deleites da infância descuidosa, em um dos mais soberbos rincões do meio-dia espírito-santense. O cenário exhibia-se majestoso e envolvente. Sobre o cômodo relvoso, circundado por esguias palmeiras e frondosos arvoredos, aprumava-se o sobrado avoengo, de sóbrias linhas coloniais. Limitando a vista, por três pontos cardeais, elevavam-se abruptos penhascos, como colossais muralhas, a comprimir em arco descomunal o primoroso sítio que, aberto para o nascente, se prolongava em direção ao mar, em uma sucessão interminável de graciosos outeiros. No centro a extensa várzea, de campinas verdejantes, a engastar-se em suaves declives no sopé da serra, à maneira de rutilante esmeralda. Do norte despenhava-se, acachoadante, escarpas abaixo, o rumoroso rio para, em um repente, desaparecer por completo nos vórtices de medonho sumidouro. Além ressurgia, águas plácidas, translúcidas, a colear pela planície em caprichosas curvas, através da verdura luxuriante dos bosques, das pastagens e dos canaviais. Arrematando o quadro, a portentosa policromia de uma perene floração, O alegre chilrear

dos passarinhos, os dias deslumbrantes de luz e as deliciosas noites de luar ou a chuvarada grossa empapando a terra, transbordando os caudais.

MARIA ANTONIETA

Em tal ambiente não poderia faltar a Musa inspiradora e ela fez a aparição sob a forma de mulher – bela, culta, inteligente. Foi a prima Filhinha, apelido carinhoso de sua graça Maria Antonieta. Dedicava-nos a mais pura das amizades, a que retribuímos com maior calor e um misto de admiração e respeito. Afável e compreensiva, em nós depositava a máxima confiança. Desincumbíamo-nos, com satisfação, dos misteres de menino-de-recado e cumpríamos, a contento, outras ordens dela emanadas. Mas a nossa função precípua era subir a um alto espécime de *Magnolia grandiflora* e colher, nas grimpas, as flores mais formosas para, alegres e triunfantes, lhas entregarmos. (Então, nas pétalas brancas, perfumosas, ela gravava a estilete, em caligrafia impecável, quadras e tercetos, enquanto, absorta, com os dedos tamborilava sobre a mesa, em cadência viva, ritmada. Depois prensava-as entre as folhas de grossos volumes, onde amareleciam as peças da corola, conservando-se nítidos os caracteres inscritos. Eram os versos que ela compunha, os quais guardava, com profundo zelo, em catalogadas caixas de madeira.

Mais tarde viria a consorciar-se, ajuntando ao seu, o nome de Tatajiba, que também trazia o destino de ser poeta.

Passaram-se os tempos e quando, quase médico, a revimos pela última vez, mãe de três filhos, o último dos quais finara-se inocente ainda, consumia-se rapidamente na evolução inexorável da enfermidade dos líricos. Disfônica, repetia-nos um pensamento, de Byron, se não nos enganamos: *Os benquistos dos deuses morrem cedo*, cônica do epílogo que a espreitava e que na verdade chegou na flor dos seus trinta e poucos anos.

Aqueles excertos florais, derramados com tanta alma e candura, bem como outras produções mais tarde conhecidas, foram condensados em uma coletânea que se chamou *Frauta Agreste*. Obra de valor inestimável, ainda hoje, ao relermos as suas páginas, sentimo-nos tomados de gratas reminiscências e insensivelmente deixamos nos transportar a um passado remoto que, na verdade, não se apagará jamais.

Tal enlevo nos transmitem, por exemplo, os inspirados alexandrinos em que ela exalta o ambiente bucólico que a nós ambos tanto encantava:

*Este sítio risonho entre montes aberto
É a seara de Booz, onde a miséria humana
Não entristece o olhar que vê o céu de perto*

*Lindo e azul qual preciosa e antiga porcelana
Quando raia a manhã cheirosa, pura e fria
E áureo guerreiro, o sol, do seu carro espadana*

*Setas de ouro e de luz por sobre a ramaria,
Sobre as casas se abrindo através dos pomares,
Num bulício de vida e de sã alegria...*

Maria Antonieta Tatajiba é patrona da cadeira nº 32 da Academia Espírito-Santense de Letras, honraria a que se alçou mercê de seus dotes humanísticos e intelectuais. Lá está, na galeria, ao lado de Antônio Cláudio Soído, patrono da cadeira nº 37 e que, na Mato-Grossense, o é da de nº 12, presentemente guardada pelo brilhante confrade Gabriel Vandoni de Barros, nosso mestre e mentor.

TATAJIBA

A nossa convivência com o marido, e depois viúvo de Filhinha, foi das mais proveitosas. José Vieira Tatajiba era homem simples, modesto, mas abastado em sapiência. Juiz de Direito de comarcas do interior, nunca aceitou investidas na Capital, receoso que se lhe tolhessem a liberdade e o cômodo viver que tanto amava. Correram fama os seus despachos e pareceres, pela destreza com que esgrimia os conceitos jurídicos e pela ironia mordaz de que constantemente se valia, com manifesto senso de humor e jocosidade. Ledor inveterado, aprofundou-se bastante na cultura portuguesa e francesa e conhecia muito bem o latim. Desleixado e distraído, constituía um tipo a que meu pai pejorativamente chamava *filósofo*, mas ele mesmo admirador de suas inegáveis qualidades. Versejava com segurança e escrevia escorreitamente e tinha a nos unir o fato de que o pseudônimo que às vezes usava, formado das primeiras sílabas dos seus nomes, reproduzia justamente o de minha mãe.

Dono de memória prodigiosa, recitava de enfiada estrofes de vários cantos dos *Lusíadas*, declamava Virgílio e sabia de cor poesias inteiras de vates da língua materna. Gostava de galantear a esposa com o famoso soneto *Os Cisnes*, de Júlio Salusse, de propósito dando ênfase ao inspirado fecho:

*Um dia um cisne morrerá por certo.
Quando chegar este momento incerto,
No lago, onde talvez a água se tisne,*

*Que o cisne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante nem sozinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cisne...*

Mas o cisne sobrevivente, quarentão, não se manteve solitário e, mal passados alguns meses, contraía novas núpcias.

Foi durante a etapa, que sucedeu à segunda lua-de-mel, que nos topamos para nunca mais nos revermos, em uma viagem marítima do Rio a Vitória. Tatajiba ia com a malícia nata à flor da pele. Conversava animadamente, satirizava os passageiros, fazia trocadilhos. Não tardou que a palestra descambasse para assuntos literários e ele, amável, acabou por nos ofertar, com dedicatória cordial, um livro de sua lavra – *Os Torturados* – cujo frontispício trazia, por trás de grades, a figura de um homem e que, não sabemos se por coincidência, reproduzia, com extraordinária semelhança, os traços fisionômicos do autor.

Veio-nos à mente, então, submeter-lhe a conceito algo a que chamávamos versos. Fomos ao camarote e trouxemo-lhe um álbum de capa de veludo e enquanto, em postura de réu, permanecíamos a seu lado, ele atentamente entretinha-se na leitura. Mascando grosso charuto, folheava o exemplar, contraindo e descontraindo o sobrolho, consoante arraigado sestro. Subitamente explodiu estrídula e sonora gargalhada, que nos assustou, e a crítica rompeu de chofre, incisiva: *Não prestam. Joga os teus versos no fogo!* Depois, pacientemente, doutrinou-nos a respeito de rimas, métrica, ritmo e cesura e principalmente sobre o sentimento que deve reger a alma do poeta.

Confessamos que nos não amofinou a severidade do juízo expendido, que foi benéfico e oportuno. Não procedemos exatamente como o aconselhado, porém à noite, rondando o convés, furtivamente lançávamos ao mar os detestáveis, versos, que desapareceram para sempre nos abismos do oceano insondável e frio.

O FASCÍNIO DA HISTÓRIA

Malgrado versejador, não pudemos nos furtar a outros derivativos do pensamento e a História, em primeira instância, nos atraía irresistivelmente. Uma série de artigos e ensaios despreziosos saiu, então, a lume em jornais e revistas.

Com relação a Mato Grosso a matéria era realmente sedutora, uma vez que aqui se plasmara boa parte de nossa formação pretérita, com a tenacidade e o arrojo da raça lusitana, com o patriotismo e a têmpera do elemento nativo. Ademais as fontes de consulta eram fartas e minuciosas, através das obras clássicas de José Barbosa de Sá, Ricardo Franco de Almeida Serra, Alexandre Rodrigues Ferreira, Filipe José Nogueira Coelho, Joaquim da Costa Siqueira, Augusto Leverger, João Severiano da Fonseca, Cândido Mariano da Silva Rondon, Estêvão de Mendonça, José de Mesquita,

Rubens de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho, Raul Silveira de Melo e muitos outros, o último citado em franco labor produtivo, o penúltimo e o antepenúltimo ocupando galhardamente assentos da Academia, alguns excelsos patronos de várias cadeiras e os demais a se distinguirem por notáveis contribuições aos fastos mato-grossenses.

Somos sinceros quando submetemos à autocrítica a análise dos nossos trabalhos. Nunca se revestiram eles do cunho de originalidade, mesmo porque a História está gravada no decurso do Tempo e não se pode invocar pretexto para que seja alterada. Se, na definição dos Estatutos da Universidade de Coimbra, segundo nos refere Filipe José Nogueira Coelho, em *Memórias da Capitania de Mato Grosso*, ela é a mestra da vida e a luz da verdade, devemos manter um critério eclético na apreciação dos acontecimentos. Por isto o historiador e o cronista têm de ser visceralmente honestos e imparciais, colocando a realidade dos fatos acima de conclusões apriorísticas e convicções premeditadas. O rebuscador de arquivos há de ser paciente, minucioso e positivo, para poder argumentar e refutar.

Se alguma valia queremos se credite aos nossos escritos, é que sempre se louvaram nos melhores autores, isentos de qualquer suspeita ou más intenções.

Valha, outrossim, o esforço empregado para sermos úteis e, quando ferindo assuntos do passado mato-grossense, o fizemos com o exclusivo escopo de colaboração e esclarecimentos.

Reconhecemos que os nossos amigos de Corumbá, representados por eméritos membros da Academia – Carlos de Castro Brasil, eloqüente e ardoroso, Gabriel Vandoni de Barros, culto mas indulgente, Olegário Moreira de Barros, benévolo e incentivador, superestimaram o nosso merecimento. Espicaçando-nos a vaidade, convenceram-nos a pleitear o ingresso nesta vetusta Casa. Tivemos a ventura de contar com o vosso beneplácito e, concretizados os nossos desejos, aqui nos encontramos, com a alta responsabilidade de preencher a poltrona nº 3, evocativa de um dos mais conspícuos vultos do ciclo colonial e vaga com a pranteada perda de Miguel Carmo de Oliveira Melo, seu primeiro ocupante.

RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA – O HOMEM

Falar de Ricardo Franco, patrono da cadeira, conforme preceituam as praxes acadêmicas, poderia parecer-nos tarefa relativamente fácil, de tal modo acha-se entranhado em nosso espírito o fulgor desta personalidade ímpar, sobre a qual tantas vezes temos nos manifestado, embora descoloridamente, com palavras incapazes de traduzir os predicados que

lhe ornaram o caráter puro, irreprochável.

A 21 de janeiro de 1959, ao ser inaugurado, no interior do velho Forte de Coimbra, um monumento comemorativo do sesquicentenário de sua morte, coubera-nos o privilégio de orador oficial da parte do Ministério do Exército. Lançáramos mão de todos os recursos para mostrar-nos dignos da empresa que nos fora confiada. Entretanto, hoje relendo os alfarrábios, convencemo-nos quão parcimoniosos fomos no panegírico à eminente figura. Não cremos sejamos mais felizes na contingência atual, porque o esplendor de uma estrela de primeira grandeza volta a empanar o brilho das melhores expressões ao nosso alcance.

No dizer de Carpeaux não são os homens que se tornam imortais e sim suas atitudes humanas. Se analisarmos, em Ricardo Franco, essas atitudes, havemos de convir que elas foram de tal monta que fatalmente lhe projetarão a fama, sem deslustres, através dos séculos.

Reto e austero, possuidor de uma energia inquebrantável, de nenhum modo afastou-se das normas rígidas do cumprimento do dever, mesmo quando adversas as condições do meio, negativos os fatores psicológicos, precárias as condições físicas.

Adaptando-se com pasmosa facilidade ao desconforto e ao sofrimento, mutação violenta para quem vinha dos regais da Corte para as labutas árduas do sertão, satisfazia-o qualquer enxerga para o descanso do corpo alquebrado e não o mortificavam as privações do passado frugal. Intempéries, charravascais, pântanos, corredeiras não lhe detinham o passo e nem lhe arrefecia o ânimo a sanha infernal dos insetos sugadores. Talvez o amargurassem a nostalgia, o vazio da solidão e a falta do aconchego do lar, mas a individualidade bem formada sobrepunha-se a esses transes fugazes, a sublimar-se em paroxismos de sacrifício e renúncia.

Assim, ia sondando e explorando rios, abrindo picadas e investindo florestas, subindo e descendo cordilheiras, procedendo a levantamentos e cartografando regiões, medindo altitudes e determinando coordenadas, em mourejar metódico e exaustivo. De volta a Vila Bela, ao invés do repouso merecido que as fadigas recomendavam, afundava-se no trabalho extenuante de redigir relatórios e compor cartas geográficas, no correr dos dias e nas caladas da noite. Anotamos, a propósito, o encômio de Virgílio Corrêa Filho:

Entre dois acessos de sezão, ora tratava de suas aulas práticas, ora prosseguia na ordenação dos mapas, que lhe foram apresentados pelo Capitão-General. Assim que se julgou restabelecido, arrosta o sertão, onde esteve a pique de perder a vida. A 2 de novembro de 1783, atravessava o ribeirão das Cinzas, quando o arrebatava a correnteza, ingurgitada pelas chuvas

recentes, que o tragara, se o braço amigo não o salvasse. Acostuma-se nesse lance a ver a morte ao pé de si e despreza-lhe as ameaças. Entrega-se de corpo e alma ao serviço da Capitania, cuja benemerência granjeou.

Se esses atributos férreos marcavam-lhe o aspecto profissional, tornando-o duro no trato, pontual nos compromissos, intransigente na execução das ordens, de outro lado havia, a exornar-lhe o caráter, predicados infinitamente humanos: bonomia, justiça, caridade e franqueza. A todos dispensava igual e fraterna amizade, com o coração aberto e os sentimentos à mostra; equânime e correto, não abusava do cargo nem oprimia, mas sabia julgar e punir, se necessário fosse; religioso convicto, submetia-se ardorosamente ao culto da Fé e praticava, com natural pendor, os preceitos da beneficência; Franco de nome, o era também de atitudes e gostava de externar, com sinceridade, as opiniões e pontos de vista, agradassem ou desagradassem. Tão peregrinas qualidades faziam-no benquisto dos subalternos, admirado pelos seus pares e conceituado entre os superiores.

Acometido de graves enfermidades, contraídas em serviço e que paulatinamente lhe minavam a saúde, nunca pretextou indisposições ou achaques para fugir às injunções do ofício. Não vacilava entre o bem-estar próprio e os interesses da causa pública. Por 27 anos a fio prestou à Capitania os mais relevantes serviços nas variegadas facetas de sua competência, com afinco, honestidade e critério. Excedeu-se a si mesmo e a tudo que de humano se pode produzir no tempo e no espaço. Foi um repositório de sabedoria e virtude, um exemplo dignificante de pundonor moral.

Quando todos os seus companheiros já haviam se recolhido ao Reino, aqui permanecia ele no posto de sacrifício, ora no Guaporé, ora no Paraguai, lesto e destemido, compenetrado em seu papel de leal vassalo e fiel servidor.

Em 1795, após 13 anos de exílio nos confins da Colônia, acha por bem suplicar à rainha de Portugal o regresso à Pátria. O seu requerimento chega a comover pela singeleza de argumentos e excessos de razões e *nele se nota a pontinha de mágoa de quem ficou esquecido*, como argutamente observa Silveira de Melo. Tão ponderosos eram os motivos invocados, que a petição teve pronto deferimento, a 19 de setembro de 1795, assinado pelo ministro de D. Maria I, Luís Pinto de Sousa Coutinho, Visconde de Balsemão, que fora o 3º capitão-general de Mato Grosso, conhecedor, portanto, das péssimas condições de vida na Capitania. Remetido o expediente para Vila Bela, somente chegaria a destino depois do falecimento do 5º governador, João de Albuquerque. Em consequência do infausto acontecimento, Ricardo Franco, oficial mais graduado, assumia a junta governativa com o ouvidor da

capital. Ciente da transferência, mas premido pelas circunstâncias, ficava impossibilitado de entrar em gozo da concessão. Oito meses depois extinguiu-se a interinidade, com a chegada, a 6 de novembro de 1796, do 6º capitão-general, Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Nessas alturas toldavam-se os horizontes da paz e da concórdia. Nuvens negras pairavam sobre a Europa. Portugal aliara-se à Inglaterra, Espanha à França. Os dois irrequietos vizinhos peninsulares alinhavam-se em campos opostos. Tal situação refletir-se-ia forçosamente em terras americanas, onde as respectivas possessões se contrapunham face a face.

O governador empossado retém o prestimoso auxiliar, porque ameaças indissimuláveis surgiam das bandas meridionais. Confia-lhe o comando daquele setor, cômico de pô-lo sob experta autoridade. Militar compenetrado, segue de imediato no desempenho da missão, esquecido já dos planos de retorno ao Reino, prêmio a que tanto fizera jus. Ei-lo, dias mais tarde, em Coimbra, cuja desfalcada guarnição passa a sentir o peso de sua capacidade e a contaminar-se do entusiasmo que lhe escandescia o gênio. Entrega-se, com acendrado ânimo, à ereção do novo forte, em substituição às frágeis e primitivas paliçadas, ele mesmo servindo de arquiteto, mestre-de-obras e pedreiro, em lufa-lufa de sol a sol, secundado, no esforço hercúleo, pelos devotados comparsas. Embora tudo falte – material, ferramentas, roupa, alimentos e dinheiro – o poder da vontade a tudo supre e a tudo vence. Pouco a pouco ia tomando formas, nas fraldas da áspera, colina a construção arrojada – sólida e maciça – e que viria a se tornar um dos mais famosos baluartes da história militar do Brasil.

Não obstante a trama do destino, prendendo-o à terra exótica, conspirando contra o seu regresso, ali, naquele forte, que também lhe seria a tumba, iria o ínclito soldado, alguns anos depois, ser protagonista de uma das mais vívidas epopéias, escrita com abnegação, coragem e valor.

Seria, porém, na esfera afetiva que, com maior veemência, manifestar-se-iam os sentimentos humanos do probo varão, quando ficaram a descoberto as características de sua masculinidade, com enternecedoras provas de carinho e desvelo para com aquela que lhe fora companheira e para com a prole que deixava, na hora precisa em que o não desalentava a certeza da morte próxima.

Sabe-se que os naturais da Metrópole, quando mandados em comissão para o ultramar, ou vinham em estado de solteiros ou, no mais das vezes, recomendavam à proteção dos tetos pátrios os seus familiares, temerosos da agressividade do meio que tinham de enfrentar. Ricardo Franco aqui chegara celibatário, em pleno viço de sua virilidade, roçando os 34 anos,

quicá amorosamente bem vividos no Portugal romanesco daqueles tempos. Justificava-se cabalmente que cedesse aos clamores da carne, alvoroçados pelo incitamento do clima tropical e pelas circunstâncias especiais de um ambiente licencioso, em que as índias avidamente disputavam a atenção dos brancos. A posse pura e simples da fêmea aborígine deve ter sido fato corriqueiro na vida do emérito varador de sertões, mormente levando-se em conta a sua hierarquia, o prestígio que desfrutava entre os morubixabas e o estranho hábito de muitas das tribos na generosa oferta de mulheres aos hospedes ilustres. Conhecida a tendência lusa para a miscigenação, pode-se afirmar que muitas foram as ligações entre europeus e nativas, denunciadas pelos traços étnicos da procriação mestiça que nos ficou legada.

Em Coimbra mais angustiante tornava-se para ele a sensação de isolamento e mais imperiosa a necessidade do afeto feminino, sem embargo dos cinquenta e tantos janeiros, estágio transitório da existência, bem expresso nos versos de Raimundo Correia, como sendo a luz do crepúsculo indeciso, entre os clarões de um sol que já vai longe e as sombras de uma noite que vem perto, quando o homem se lança à conquista dos amores crepusculares, nos últimos impulsos dos anos climatéricos.

A oportunidade lhe surgiria na pessoa da jovem Mariana *Guaná*, cuja nação se celebrizava pela fartura das mais formosas donzelas. A união se estabeleceu, íntima e duradoura, entre individualidades diametralmente opostas: o latino, de temperamento vibrátil, intelectualmente superior e a ameríndia passional dócil e submissa, mas de comum existindo entre ambos o entendimento recíproco e a afinidade espiritual.

Do feliz convívio nasceram dois filhos: Ricarda Manuela, em 1806, e Augusto Martiniano, em 1808, este precocemente falecido, enquanto que aquela, consorciando-se aos 19 anos, tornar-se-ia tronco de vasta descendência, assaz honrosa à ancestralidade.

Ricardo Franco, pouco sobreviveu a esses afortunados eventos, visto que a 21 de janeiro de 1809, consumido pelas doenças crônicas que lhe solapavam a robusta compleição, extinguiu-se no epílogo de seu calvário. Em prol dos menores, que o desamparo rondava e da solícita Guaná, que a saudade envolvia, partiu o seu derradeiro apelo, quando nas vascas da agonia, transvazando compaixão e ternura, para eles implorava proteção. Os seus rogos foram transmitidos ao capitão-general Oyenhausen de Gravenburgo pelo Major Antônio José Rodrigues, subcomandante do Forte, em carta datada de 25 de janeiro de 1809, de tocante relato e despretensiosa redação. O governador da Capitania, atendendo o pedido, como preito de gratidão ao ilustre morto, em Portaria de 19 de março daquele ano, não só nomeou

curador para os órfãos, na pessoa do Padre Antônio Tavares da Silva, como também estabeleceu uma cota mensal para sustento e educação dos mesmos.

Se pretendermos analisar as normas de prudência que nortearam a conduta de Ricardo Franco, primeiro reconhecendo em testamento, pouco antes de seu óbito, a paternidade dos filhos de Mariana *Guaná* e depois se empenhando para a preservação de sua progênie, mais ainda cresce em nosso conceito o prestígio de sua personalidade. Aqueles que o sucederam não lhe desvirtuaram o nome e vieram a se notabilizar, em gerações sucessivas, nos mais diversos pendores vocacionais. No campo das letras, como representante da terceira linhagem, salientou-se José Tomaz de Almeida Serra, poeta primoroso, falecido aos 23 anos, de cujas obras literárias sobressaiu-se a composição *Deus*. É patrono da cadeira nº 34, desta Augusta Casa, preenchida pelo nosso amigo e paraninfo Olegário Moreira de Barros, que a dignifica com todo o vigor de sua luz e cultura. Da quarta geração citamos Arnaldo Olavo, que foi sócio correspondente da Academia, o suave poeta de *Aromita*, como elegantemente o chama o próprio filho, Ulisses Azulil, da quinta geração, atual detentor da cadeira nº 28, patrocinada por Caetano Manuel de Faria Albuquerque. Ainda, neste plano genealógico, Itúrbides Bolívar, advogado de renome, também filho de Arnaldo Olavo e, como ele, sócio correspondente da Academia; e, primogênito de Mário Olinto de Almeida Serra, João Alípio, desaparecido aos 18 anos, ex-aluno do Colégio Militar, autor do apreciado soneto *O Corneteiro*.

A vários ramos profissionais inclinaram-se outros descendentes: à Medicina o nosso caro colega Lourival de Almeida Serra, residente em Campo Grande, correto e competente, com quem clinicamos em Miranda; Ênio Franco, radicado na Guanabara e Máurio Natel, em S. Paulo. Ao Tabelionato, o preclaro vizinho Jair Serra. Ao Direito, Heliofar, juiz togado em Aquidauana; Oriovaldo, delegado de polícia no Estado do Rio; José de Oliveira Belo Serra, da sexta geração. A ocupação bancária, como Leári de Almeida Serra. Enfim, ao funcionalismo público, ao comércio e à indústria, a constituírem, em conjunto, uma seleta estirpe difundida por diferentes pontos do País.

ORIGEM E NASCIMENTO – PRIMEIRAS ATIVIDADES

Ricardo Franco teve origem humilde, filho que era de simples criado palaciano das câmaras de D. João V e D. José I. Não lhe impregnara o sangue o caráter de nobreza, mas iria impregnar-lhe a vida a nobreza de caráter. Se de um lado, porventura o tenha recalçado, na infância e na juventude, o complexo de pertencer a uma classe subserviente, espezinhada

pelo orgulho da aristocracia dominante, de outro, sem dúvida, na maturidade, iria exaltá-lo a consciência plena de sua natureza intrínseca, depositária das mais puras virtudes, aprimoradas pelo pendor pessoal do culto ao belo e ao perfeito. Pouco importa se nasceu plebeu; as suas ações o nobilitaram ao juízo dos coevos e se nenhum título de fidalguia lhe borda o nome, ele mantém, contudo, a majestade honorífica, a aureolar-lhe a fronte a régia coroa cingida pela gratidão dos pósteros.

Em data não consignada, nasceu Ricardo Franco em 1748, ano que, como lembra Silveira de Melo, assinala coincidentemente o da criação da capitania de Mato Grosso, a que consagraria o mais fecundo período de sua existência.

Porto e Lisboa disputam a primazia de lhe terem dado berço. Estêvão de Mendonça aponta a primeira das cidades, enquanto Joaquim da Costa Siqueira, seu contemporâneo, com mais razão, corroborado pelo esclarecido autor de *História do Forte de Coimbra*, opina pela segunda, por ter sido moradia permanente do pai, no desempenho do emprego de que era detentor.

Tudo nos leva a supor haver sido tranqüila – não diremos risonha – a meninice de Ricardo Franco, inteiramente absorvida pelos estudos e por somenos quefazeres. Desde cedo ficaram patenteados os seus dotes de inteligência e a justa noção de suas responsabilidades. Tanto é que precocemente concluía o curso preparatório e, no limiar da adolescência, ingressava na Academia Militar de onde saía a 9 de setembro de 1766, aos 18 anos, confirmado no primeiro posto do oficialato. Incluído no Real Corpo de Engenheiros, teve posteriormente funções cumulativas de ajudante de infantaria.

Por uma década a fio, a partir de 1767, serviu sob as ordens do Coronel Guilherme Elsdén, a demonstrar inteira competência nos misteres geográficos e extremo capricho na preparação dos mapas. Ao ser desligado, não lhe poupou louvores o comandante, enumerando circunstanciadamente os trabalhos executados. Tampouco lho regatearia o Reitor da Universidade de Coimbra, Bispo D. Francisco de Lemos de Garia Pereira Coutinho que, em quase metade daquele decênio, contou com o seu inestimável concurso.

Em 1778 era promovido a capitão para, nos dois anos seguintes, arregimentar-se em funções estritamente de comando. Assim, ia gradativamente moldando a personalidade no duplo aspecto de sua carreira, técnico e militar – a adquirir sólido cabedal, que tanto lhe valeria nos tempos futuros.

A 19 de outubro de 1777 fora assinado, entre Portugal e Espanha, o Tratado de Santo Ildefonso. Pelos termos do convênio, as partes ajustantes

deviam nomear as respectivas comissões para fixação dos limites, desde a bacia amazônica à platina. Não contemporizou o gabinete de D. Maria I e os seus representantes foram escolhidos a dedo, entre os melhores do Reino: capitães de engenharia Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira, portugueses; astrônomos Francisco José de Lacerda e Almeida e Antônio Pires da Silva Pontes, brasileiros, o primeiro natural de S. Paulo, o segundo de Minas Gerais; Padre Álvaro de Loureiro da Fonseca Zuzarte, capelão, e mais dois desenhistas e três oficiais inferiores.

A 8 de janeiro de 1780 zarpava do Tejo o transporte *Coração de Jesus* e *Águia Real*, trazendo a bordo a expedição que, a 26 de fevereiro, após 49 dias de travessia oceânica, aportava a Belém do Pará. Ia começar o primeiro ato da série de feitos que marcaram a carreira do ilustre soldado. Diante de seus olhos atônitos abria-se o cenário do Novo Mundo, exatamente sobre o palco de maior colorido e exuberância: a Amazônia selvagem e misteriosa.

O GEÓGRAFO, O EXPLORADOR E O ENGENHEIRO

No Pará puseram-se os recém-chegados à disposição do governador da Capitania e chefe da Comissão de Limites no setor Norte, João Pereira Caldas. Ali deviam receber aviso da congênere castelhana para, conjugadas, encetarem as duas partidas o pesado encargo das demarcações. Em vão aguardaram-na pelo espaço de cinco meses corridos, sem que dessem sinal de vida os agentes espanhóis. A inatividade exasperava os comissários lusos, ansiosos de se lançarem ao acometimento da empresa. Mas havia da outra parte o secreto interesse de postergação e do não cumprimento das cláusulas contratuais; na verdade jamais chegariam a se defrontar as duas delegações.

Nesse ínterim entregou-se Ricardo Franco, auxiliado por seu colega Joaquim José Ferreira, ao levantamento cartográfico das capitanias setentrionais, abrangendo os territórios do Piauí, Maranhão, Pará e S. José do Rio Negro, contribuição realmente valiosa e de inegável primor. Entrementes ocupava-se Lacerda e Almeida de astronomia e Silva Pontes enveredava-se pelos meandros das ciências naturais, enlevado pela farta messe de espécimes botânicos e zoológicos.

Iria quebrar a monotonia da espera a oportuna resolução do Governador, convocando os conceituados peritos para a exploração dos rios Negro e Branco, na remota capitania de S. José do Rio Negro, então afeta ao Grão-Pará, atualmente parte integrante do Estado do Amazonas e do Território de Roraima. A Joaquim José Ferreira e Lacerda e Almeida competiria o primeiro dos cursos de água, a Ricardo Franco e Silva Pontes o segundo.

A 2 de agosto de 1780 largaram de Belém, embarcados em canoas e batelões para, a 17 de outubro, entrarem em Barcelos, sede do governo daquela jurisdição, ainda hoje solitária localidade à margem direita do rio Negro, distante de Manaus muitos sóis de viagem fluvial, Durante a permanência de mais de dois meses naquela vila, foi levantado pelo operoso grupo a secção do Japurá até a segunda cachoeira grande, com base nos apontamentos anteriores de Pedro Alexandrino Pinto de Sousa e João Simões de Carvalho.

A 1º de janeiro de 1781, com sua pequena comitiva, partia Ricardo Franco a desobrigar-se das atribuições de que estava investido. Entrou pelo rio Branco, cruzou a linha equinocial, continuou pelo acidentado álveo até onde era possível navegar e reconheceu muitos dos afluentes de uma e outra margem. Transpôs, nessa investigação, cachões e correntadas traiçoeiras, a pique mesmo de perecer em desastrado naufrágio; ele que não sabia nadar, salvar-se-ia afortunadamente agarrado a um galho pendente da barranca. Em diversas outras circunstâncias lhe periclitaria a vida, sem esmorecer, porém, diante de ameaças e dificuldades. A pé, teve de atravessar campos e florestas para, finalmente, atingir as cabeceiras do rio. Depois, as jornadas de volta, a confirmar as anotações tomadas, e a chegada a Barcelos a 17 de maio, vencidos 137 dias de ausência. Com os dados coligidos e os esboços traçados, tratou de dar corpo aos Diários e Memórias da Primeira Expedição, tendo em anexo o Plano Geográfico do Rio Branco, atualmente peça de arquivo da Casa de Ínsua.

Desde algum tempo eram aguardadas as condições que deveriam transportar a Vila Bela os componentes da turma portuguesa. Desvanecera-se de vez toda esperança de encontro com os demarcadores espanhóis. Assim, a Comissão de Limites ia passar a exercer secundário papel de explorações geográficas. Todavia, esse desvirtuamento do primordial objetivo traria imensas vantagens para os destinos da colônia, uma vez que, com os estudos efetuados, ficaram conhecidos muitos aspectos de sua hidrografia e definitivamente desvendadas à navegação as rotas fluviais.

O dia 1º de setembro de 1781 assinalou a partida de Barcelos. Descendo o rio Negro e um trecho do Amazonas, a 9 chegavam os itinerantes à confluência do Madeira. Ia começar a cata de dados para o relatório da segunda expedição (*Diário do Rio Madeira*), com observações astronômicas e registro de coordenadas terrestres. Vagarosamente foram subindo o caudaloso tributário da margem direita do grande rio, embevecidos na contemplação das maravilhosas paisagens.

Mas a penetração não se fazia sem imprevistos e percalços e a 23

eram hostilizados por chusmas de aborígenes, os quais tiveram de ser afugentados por descargas de mosquetes.

A 15 de outubro esbarravam no salto Santo Antônio, o primeiro, ao arrepio, da seqüência de 17 obstáculos, inclusive rápidos vorticosos que, em um segmento de cerca de 400 quilômetros, na escalada dos últimos contrafortes ocidentais do planalto brasileiro, estorvam os cursos do Madeira e Mamoré. 73 dias foram despendidos na transposição dessa colossal barreira, em que freqüentemente as embarcações tinham de ser conduzidas por terra, com enormes dificuldades.

A 14 de dezembro ganhavam o Mamoré e a 27 ultrapassavam Guajará-Mirim, derradeiro degrau da aventureira subida, quando a navegação se torna novamente franca. A expedição, que trazia mais 18 praças de pré e 100 índios, acusava, nesse ínterim, um desfalque de 30 baixas por doenças e se debatia nas agruras da escassez de gêneros. A 7 de janeiro de 1782 principiam a sulcar águas do Guaporé. A 11 arribam ao Forte da Conceição onde, por 6 dias, abandonam-se a um descanso reparador. A 17 pernoitam no Forte Príncipe da Beira, magnífica obra de engenharia perdida na ínvia selva e que ainda se achava em vias de acabamento.

Continuando a 18, vão deixando para trás, na progressão cotidiana, os sítios ribeirinhos e acidentes topográficos, sistematicamente arrolados nas cadernetas de apontamentos. A 15 de fevereiro cruzavam a foz do rio Verde. Desse ponto já se delineia a perspectiva da serra das Torres que, passado quase um século, viria a se denominar *Ricardo Franco* e cuja imponência tanto havia impressionado Rolim de Moura, levando-o a localizar, em suas cercanias, a capital de Mato Grosso.

Finalmente, a 28 de fevereiro desembarcam em Vila Bela, após 171 dias de viagem, completado um percurso de 2.720 quilômetros, a contar da barra do Madeira. *O Diário do Rio Madeira*, entretanto, só teria redação definitiva 8 anos mais tarde, terminadas as explorações do alto Guaporé e seus afluentes. Seria um alentado tomo, no qual eram abordadas não só questões de ordem geográfica, como também econômica e política, comprovando integralmente a sutileza e o preparo dos autores. O encerramento consigna a data de 20 de agosto de 1790 e dele consta apenas a assinatura de Ricardo Franco, já no posto de sargento-mor.

Em Vila Bela, o Governador perscrutava atentamente, por intermédio de olheiros volantes, a aproximação das canoas e grande lhe foi o júbilo ao saber que afinal se acercavam do termo da viagem. Mas que decepção ao ver saltarem no cais aqueles homens esqueléticos e maltrapilhos, a exteriorizarem nos semblantes a marca do sofrimento! Como diz Virgílio Corrêa Filho: *A ta/*

ponto os consumiram as maleitas que, decorridos quatro meses, ainda lastimava L. de Albuquerque o nenhum serviço prestado pelos engenheiros, cuja convalescença continuava. Mal se poderia então agourar da operosidade dos expedicionários, predestinados entretanto a avultar na história de Mato Grosso por feitos assinalados.

Embora serôdia, a recuperação se fez e ei-los todos, dentro de algum tempo mais, de volta às atividades, a formarem, com o atilado capitão-general, o que o festejado autor de *Raias*, com muita propriedade, chamou a *colmeia laboriosa*.

A Capitania atravessava, então, um surto de invulgar desenvolvimento, impulsionado pela energia do maior de seus administradores. Muito ainda, porém, estava por ser realizado, pela carência de pessoal habilitado, mormente no que dizia respeito à corografia do imenso território, sem cartas exatas, apenas em reduzida área empiricamente conhecida. O pugilo de tão primorosos técnicos lhe vinha como a cair do céu e o malogro do pacto de S. Ildefonso ia permitir aqui, como alhures, a diversão de suas aptidões para outras incumbências, ensejando-os a voltarem ao país, aonde tinham chegado, a mais desprendida afeição .

Logo o permitiram as condições de saúde, iniciou Ricardo Franco, por ordem do Governador, o levantamento da faixa limítrofe que se dilata das nascentes do rio Verde aos morros por ele designados Quatro Irmãos e Boa Vista, pontos de origem das linhas geodésicas que balizam a divisória entre o Brasil e a Bolívia. Por causa das chuvas torrenciais que desabavam, tiveram as diligências de se desenrolar descontinuamente: de 29 de outubro a 30 de novembro de 1783 e de 29 de julho a 8 de outubro de 1784. Foi no dia de Finados da primeira excursão, consoante ficou referido páginas atrás, que esteve na iminência de se afogar no ribeirão das Cinzas, avolumado pelas enchentes, não fosse socorrido oportunamente. O relatório dos trabalhos executados foi condensado na memória intitulada *Diário do Levantamento da Zona Fronteira a Oeste dos rios Jauru e Barbados, compreendendo as vertentes ali existentes, a Serra das Salinas, a Tromba ocidental da Serra do Aguapei, e os morros da Boa Vista e dos Quatro Irmãos, inclusive as serras interiores entre o Aguapei e o Alegre e as vertentes destes*.

O ano de 1786 assinalaria um dos maiores esforços no terreno das explorações geográficas quando, em companhia de Lacerda e Almeida e Silva Pontes, levou a cabo o reconhecimento do Paraguai, da boca do Jauru à Baía Negra, completado pelo das lagoas Uberaba, Gaíva, Mandioré e Tamengo, do Paraguai-Mirim, S. Lourenço e Cuiabá.

Deu-se a partida a 30 de abril, de Vila Bela, coberto o percurso inicial

a pé, em 11 dias, sob pesados aguaceiros, até o Registro. Aí prostrá-lo-ia mais um dos acessos da febre que já o vinha molestando desde o Amazonas. Depois de 5 dias de parada naquele porto, gastos na recuperação física e no apresto dos batelões, desceu o Jauru, alcançando, a 19 de maio, a sua barra, em cuja margem meridional erguia-se o marco do Tratado de Madri. Então investiu o Paraguai abaixo, determinando coordenadas, procedendo a observações rigorosas, a giros do horizonte tomados do cimo das elevações marginais e a devassa das baías e sangradouros. Visitaram, uma a uma, as grandes lagoas, das quais traçaram os contornos, esboçaram as morrarias circunjacentes e, sempre fustigados por um tempo severo, de friagem insuportável, a 26 de junho escalavam em Albuquerque, hoje Corumbá. Navegaram pelo canal e pela baía do Tamengo, até as posses castelhanas e a 4 de julho prosseguiram na descida para, a 9, fundearem em Coimbra, Dali lançaram-se às investigações da Baía Negra, tida como rio. Foram até o fundo dessa formação lacustre, pesquisando a propalada comunicação com a Mandioré, que se dizia correr pela vertente ocidental da morraria de Albuquerque e, não sendo confirmada a sua existência, desfizeram a falsa versão do Paraguai-guaçu, crença aferrada entre os pilotos da época, De regresso insinuaram-se pelo Paraguai-mirim, sondando-lhe a permeabilidade. Retomaram o talvegue do rio principal e entraram pelo S. Lourenço e Cuiabá, perquirindo as características desses dois braços orientais, A 1^o de setembro eram recebidos em Cuiabá, de onde saíram a 29, em demanda a Vila Bela por via terrestre, passando por S. Pedro d'El Rei (Poconé) e Vila Maria (Cáceres). A 2 de novembro fechavam, na capital, o memorável circuito, decorridos mais de seis meses desde a data da partida,

Da excursão efetuada ia resultar o famoso *Diário da Diligência do Reconhecimento do Paraguai*, com o respectivo mapa, firmado por Ricardo Franco, do trio seleta o mais graduado. Obra escrupulosa, preñe de concisas informações, requintadamente elucidativa dos aspectos geográficos da Capitania, é uma das mais completas até hoje escritas sobre Mato Grosso, Ulteriormente foi acrescida de mais duas publicações: *Idéia do Grande Rio Paraguai e Informações sobre ele*, encaminhada, em oferenda, a D. Maria, por ofício de 9 de agosto de 1787, do capitão-general, e *Combinação ou Apologia das Informações e Notícias sobre o Rio Paraguai*, este assinado pelo chefe da expedição e pelos astrônomos que o acompanharam.

Chegadas a termo as explorações, a elas não se seguiu nenhum lapso de lazer; pelo contrário, Vila Bela transformou-se, de imediato, em forja ativíssima e centro irradiante de ensino e cultura. Ali, instalados os escritórios de montagem e desenho, junto aos órgãos administrativos, o próprio

governador gerindo-os e estimulando-os, tiveram início as ordenações cartográficas e os trabalhos de redação. Uns após outros iam sendo aviados os mapas das regiões percorridas, a constituírem, dentro de prazo relativamente curto (1787-1792), respeitável acervo nos arquivos coloniais. Destarte, o *Mapa do Rio Madeira*, a *Carta Geográfica do Rio Guaporé*, o *Mapa dos Terrenos compreendidos entre a Ponta da Serra dos Limites, Rio Paraguai, Vila Bela e Marco do Jauru*, a *Carta Limítrofe do País de Mato Grosso e Cuiabá*, o *Mapa do Distrito de Mato Grosso*, a *Nova Carta Geográfica de parte do Rio Paraguai*, alguns do punho de Ricardo Franco, outros de parceria com o seu colega Joaquim José Ferreira.

Os fragmentos dos múltiplos mosaicos cartografados, desde o extremo norte ao sul do território, foram reunidos em um modelo de grande formato, a englobarem o *Mapa Geográfico da Capitania de Mato Grosso*, terminado em 1797, com uma abundância de minúcias como nunca houvera sido feito.

Pari passu os manuscritos iam adquirindo vulto, com a seriação dos textos, o expurgo de falhas descobertas e o aprimoramento do estilo, até a forma definitiva. As anotações passavam por um crivo rigoroso e, em caso de enganos ou divergências, a volta ao terreno para dirimir as dúvidas. Nem sempre, porém, podiam as revisões ser completas em virtude do acúmulo de serviço e as redações muitas vezes tiveram de ser entregues quase na forma rascunhada.

Prontos os relatórios das expedições realizadas, outras memórias de sumo interesse vieram à luz, apoiadas nas experiências anteriores e no descortino que propiciaram iterativas entradas pelo sertão. Assim foram redigidas:

– *Reflexões sobre o estado da Capitania de Mato Grosso, combinado com os domínios espanhóis que lhe são confinantes*, em regime de colaboração entre Ricardo Franco e Joaquim José Ferreira, então tenentes-coronéis, concluídas provavelmente em 1792 e divulgadas pela *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* em 1874.

– *Descrição Geográfica da Capitania de Mato Grosso*, esta, como as demais de autoria do biografado, oferecida ao 5º governador, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, em 1797, e impressa no periódico acima referido em 1857.

– *Discurso sobre a urgente necessidade de uma povoação na cachoeira do Salto do Rio Madeira*, idéia concebida desde a sua passagem pelo sítio em 1781 e lançada em 1797 e que todavia não encontrou eco, mas que viria a se tornar realidade mais de cem anos depois, transformado o

lugar no ponto inicial da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e sede da atual cidade de Porto Velho.

– *Parecer sobre os estabelecimentos que S. Majestade manda fundar nas cachoeiras do Rio Madeira, e sobre a navegação da cidade do Pará até Vila Bela*, feito em 1797 por encomenda do capitão-general Francisco Pereira Coutinho. Monografia de fôlego, com 65 páginas, trata pormenorizadamente das condições da rota fluvial que liga Mato Grosso ao norte do País, facultando o acesso ao mar, com especial referência ao trecho encachoeirado do Madeira e Mamoré.

Memória Geográfica do Rio Tapajós, terminada em 1799 no Forte de Coimbra e de lá remetida ao governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro em carta de 30 de junho daquele ano. O volumoso afluente do Amazonas é apresentado como secundária via de penetração para a Capitania, através de seus formadores Juruena e Arinos e dele é feita detalhada descrição. Foi publicada na *Revista do Instituto Histórico* em 1847.

– *Memória sobre a Capitania de Mato Grosso*. Traz a data de 31 de janeiro de 1800, quando Ricardo Franco exercia o comando da fronteira sul. Aqui a matéria é exposta com perfeito conhecimento de causa, como ele mesmo deixa transparecer, à guisa de intróito: *E valendo-me das noções adquiridas pelo largo espaço de 19 anos de residência nesta Capital, empregando muitos deles no reconhecimento e configuração dos rios da Madeira, Guaporé, Alegre, Barbados, Jauru, Paraguai e Cuiabá, assim como na dos terrenos confinantes com as possessões espanholas; fazendo de tudo os respectivos e diversos Mapas geográficos, Diários, e Partes, como comandante que fui de todas estas diligências; eu passo, Ilmo. e Exmo. Sr., segundo os meus limitados talentos, a encher da possível forma os essenciais e expostos objetos.*

Dissertação prestantíssima, de alto discernimento, nela são localizados os multifários aspectos da região, desde a contextura do sistema potamográfico e um meticuloso levantamento censitário, até informes de natureza política e militar, oportunos e conscienciosos, que muito iriam servir aos planos de segurança e defesa da Capitania.

– *Tabuada de Longitudes e Latitudes de grande parte do Brasil*, compilação paciente, baseada nas determinações astronômicas dos padres Soares e Compassi (1730-1737), de Simões de Carvalho, de Silva Pontes e Lacerda e Almeida (1781-1790), oferecida ao 8º governador, Oyenhausen de Gravenburgo, existente o original no Instituto Histórico Brasileiro.

Decididamente, não conhecia ócio esse temperamento incansável e batalhador!

A Ricardo Franco, prova de sua espantosa versatilidade, competiram ademais encargos de agrimensura, planejamentos e construções de obras, bem como elaboração de plantas topográficas. A ele estiveram afetas as medições das fazendas Casalvasco e Caiçara, pertencentes à Coroa, de perímetros escomunais, que lhe impuseram muitas andanças e fadigas. Foi seu o projeto do quartel de dragões de Vila Bela, levantado sob as suas vistas, cujas ruínas, desmanteladas pelas raízes tentaculares de colossais figueiras, ainda denunciavam, quando lá estivemos, há coisa de 20 anos, a pujança da arquitetura. Muitas iniciativas, nesse particular, couberam outrossim ao seu tirocínio, quer na capital, quer em outros pontos, comprovando-lhe a aptidão e o senso estético. Onde, porém, a arte, aliada ao engenho militar, refulgiu com maior realce, foi no empreendimento de Coimbra, admirável sob todos os pontos de vista, apenas superado, na Capitania, pelo do Forte Príncipe da Beira. A ele prenderia indelevelmente o nome, em vida, na morte e na posteridade.

De autoria do conceituado engenheiro foram também os planos da fortificação do morro da Marinha, fronteiro a Coimbra, e da praça de Miranda, que não chegaram, entretanto, a se concretizar. Dos levantamentos topográficos executados, com habilidade e paciência, figuram no Arquivo Histórico do Itamarati os da região de Coimbra, do povoado de Albuquerque e do arraial de Casalvasco, tendo provavelmente outras plantas se perdido na voragem dos tempos, pela incúria, pela ação das traças e dos bolores.

O SOLDADO

Quem quer que sindicando a vida de Ricardo Franco, há de se persuadir que a sua carreira, de trajetória intensamente luminosa, foi marcada por fatos às vezes contraditórios, que a fizeram diversa de outras igualmente notáveis. As façanhas heróicas, por exemplo, são uma constante estável da juventude e da maturidade, quando o vigor enrijece o físico, o ardor inflama a alma e a esperança alimenta a ambição. Os entrechoques renhidos, a exigirem uma resistência férrea, os golpes de audácia, emulados por uma coragem irrefletida e os anseios de êxito, como culto da personalidade, sempre se produziram ou se desencadearam sob os impulsos viris de homens feitos, ávidos de fama e de glória. Tais atributos teriam permanecido em estado de latência na vocação ricardiana, para apenas se manifestarem na idade provecta, ao despontar da grande oportunidade. Mas então o corpo se combalira ao peso dos anos e das enfermidades, o espírito se cristalizara em formas límpidas, definitivas e a folha pregressa de serviços assegurava-lhe um passado impoluto e respeitável. Não mais o incendiam aspirações

desmedidas e ele parecia se acomodar sobre os louros obtidos. Mas era justamente quando mais iam exigir de si os fados e os acontecimentos.

Até os 53 anos Ricardo Franco aplicara-se inteiramente aos misteres de geógrafo e engenheiro, desde os primórdios reveladores em Portugal, à maior parte de sua permanência no Brasil. Somente após 17 anos de sua chegada à colônia, ser-lhe-iam adjudicadas as prerrogativas de chefe militar, na acepção lata do termo, quando tenente-coronel, com um lustro de antigüidade no posto. Isso aconteceu em 1797, ano em que foi designado pelo 6º capitão-general para assumir o comando da Fronteira Sul, em estado de alarma pelas contínuas ameaças espanholas.

Desembarcando em Coimbra a 11 de agosto, instalou-se precariamente no velho sustentáculo, apreensivo com a fragilidade dos parapeitos e com a ineficácia dos meios defensivos. Os quatro primeiros anos administrativos esgotaram-se por completo na arte em que tanto se sobressaía precedentemente, como arquiteto e construtor. O esforço principal concentrou-se, antes de tudo, na edificação da nova fortaleza, se não inexpugnável, capaz pelo menos de conter os ataques por terra e por água. O altaneiro reduto foi como que o cartão de visita de Ricardo Franco, feito soldado, trazendo impresso o seu clarividente espírito de previsão e pondo a descoberto os seus dotes de estrategista, qualidades que os fatos ulteriores viriam sobejamente comprovar. É verdade que teoricamente já se evidenciara sagaz conhecedor da ciência militar, pelos magistras conceitos emitidos nos planos de defesa da Capitania. Mas ainda faltava a consagração da prática, para que ficasse atestada a sua competência como tático e combatente. O evoluer dos sucessos iria proporcionar-lhe, dentro em breve, esse ensejo.

As relações diplomáticas hispano-portuguesas, sobremaneira tensas no final do século XVIII e traduzidas no Velho Mundo por consecutivas crises de rompimento, repercutiam vivamente nas colônias americanas. A par disso não foram poucos os atritos de âmbito regional, alguns dos quais andaram perto de redundar em desforço armado. Desde tempos sabia-se de fonte segura, em Vila Bela, que o preposto de Assunção aparelhava uma ofensiva de magna envergadura contra a Capitania.

Ricardo Franco, em suas memórias, não se cansara de apregoar os perigo desse jaez, que tanto poderiam surgir do sul como do ocidente. E por haverem se confirmado os seus prognósticos, é que ali se achava, à testa daquele comando, para aparar o golpe que parecia iminente, com as parcas forças de que dispunha. Mas isso não seria motivo para esmorecimentos e urgia que medidas sensatas fossem progressivamente postas em execução.

Logo no início, ainda misto de engenheiro e soldado, tratou de proteger o seu flanco esquerdo, mandando erguer um estabelecimento militar nas margens do Mondego pelo seu imediato Francisco Rodrigues do Prado, outro vulto insigne da era colonial. E enquanto, a 3 de novembro de 1797, batia-se a primeira estaca do presídio de Miranda, topônimo em homenagem ao 6º capitão-general, que naquela data comemorava o primeiro aniversário de sua chegada a Vila Bela, também em Coimbra lançava-se a pedra fundamental de uma fortaleza mais consistente e menos vulnerável, duas importantes iniciativas que tanta influência exerceriam no desfecho dos episódios que se seguiram.

Bem ou mal, tenaz ou débil, ia se constituindo a linha de defesa, apoiada nos dois extremos, de um lado as amuradas da cidadela a barrarem a subida pelo rio, de outro o fortim de Miranda a vigiar as incursões através da campanha que se estende em direção ao Apa e, por conseguinte, cobrindo a retaguarda. A cartada decisiva ia ser jogada contra o fator tempo, de modo que pudessem ser levadas a termo, ou pelo menos se consolidassem as obras de fortificação, que excluíssem das responsabilidades de resistência *a fraquíssima, arruinada, indefensa e antiga estacada*, conforme definida no fac-símile da planta apresentada. Nesse ponto conjurou a sorte a favor dos defensores e as operações de guerra apenas adviriam quatro anos mais tarde. quando empinados se exibiam os paredões do novo Forte de Coimbra.

Em Assunção D. Lázaro de Ribera y Espinosa maquinava, à sorrelfa, a investida há anos premeditada. Era ele um inconformado, pelos insucessos colhidos na frente guaporeana, nas disputas epistolares com os dois Albuquerque. De certa feita (4 de dezembro de 1786) protestava, da província de Moxos, contra pretensas violações da fronteira cometidas por Francisco Rodrigues do Prado e bandos armados portugueses; de outra (29 de maio de 1788), reclamava contra imposições à navegação fluvial para o Amazonas, chegando a exigir a demolição do Forte Príncipe da Beira! O seu descrédito fora, então, absoluto.

Talvez que essas querelas fossem engendradas com o propósito inconfessável de tumultuar as relações, para que de um sério desentendimento resultasse pretexto para ações punitivas. Se procediam tais suspeitas, a ocasião azada lhe fugira naquela eventualidade. Restava-lhe, a contragosto, permanecer na expectativa de outra emergência. Essa lhe aparecia acinte quando, alçado a funções de maior categoria, pensava tornar viável o dourado sonho de Azara, o de fazer espanhol o território ao sul de Mato Grosso e recuperar, outrossim, a margem ocidental do Paraguai, ocupada pelos portugueses. Em 1797, desavindas temporariamente as duas coroas,

esteve próximo de cumprir os seus desígnios, mas o presto restabelecimento da paz fez com que se lhe desvanecessem as esperanças. Em maio de 1801 mais uma vez desentendiam-se as duas nações ibéricas, como peças movimentadas no tabuleiro da política internacional pelas mãos hábeis do curso genial. O turbulento governador não podia deixar escapar esse lance para dar largas aos seus impulsos belicosos, tanto mais que as rixas metropolitanas ainda eram ignoradas em Coimbra e na Capital e a tal ponto pareciam afastadas as ameaças, que Miranda Montenegro dispensara, naquele mês de maio, os reforços enviados de São Paulo, por intermédio do Tenente-Coronel Cândido Xavier de Almeida e Sousa. Quando recebeu este a contra-ordem a fim de socorrer a guarnição do presídio, ao alcançar Albuquerque tornara-se desnecessária a sua interferência.

Se bem o pacto de Badajoz, assaz vexatório para Portugal, houvesse sido imposto desde 6 de junho, Lázaro de Ribera não abriu mão de seus planos e bastante adiantados iam os preparativos da expedição. Nem sequer faltara o serviço de espionagem, executado pelo comandante do Forte Bourbon, Pedro Antônio Miers, na hipócrita visita de cortesia efetuada em princípios de 1798 e pelo frade Espinosa que, alegando precisão de receber os santos sacramentos do capelão de Coimbra, lá estivera em julho de 1801. Um e outro fizeram-se portadores das informações que puderam reunir.

Em meados de agosto partia da capital paraguaia a pomposa frota castelhana: 4 goletas somando 12 bocas de fogo de variado calibre e cerca de 600 a 800 homens, com outras tantas armas individuais. Após uma lenta progressão através do eixo fluvial, com escalas nos portos intermediários, a 16 de setembro apresentava-se a esquadra abaixo do Forte de Coimbra. A surpresa teria sido completa, não fosse a denúncia da aproximação da coluna pelo índio Nixinica, da nação guaicuru, que a 29 de agosto chegava com a nova de sua presença em Concepción, de onde largaria para continuar o avanço. Esse aviso providencial permitiu que o expedito comandante acelerasse as medidas premonitórias e se transferisse às pressas, com a reduzida guarnição e a minguada artilharia, para o reduto inacabado, a ostentar aberta a gola posterior e vazio de acomodações desdobrava-se o amplo recinto pelas encostas do morro. Mesmo assim era mais segura a posição, sob a guarida dos altos muros levantados nas faces restantes, dificultado o acesso pelas escarpas naturais do terreno.

De posse do relato de Nixinica, despachou Ricardo Franco, no mesmo dia 29, um grupo de reconhecimento composto de nove guaicurus que, em Bourbon, caíram prisioneiros dos espanhóis. Em vista de não terem volvido os aliados indígenas, a 12 de setembro foi expedida, em duas canoas,

uma patrulha com dragões e pedestres, dirigida por um cabo de nome Batista, que aliás, ulteriormente, daria provas da mais abominável covardia. Nas alturas da Baía Negra, pela madrugada de 13, toparam os do reconhecimento com a formação inimiga. De chofre foram acometidos pelas igaras de vigilância, em número de umas vinte, tripuladas por paiaguás que, em insólita gritaria, intimavam-nos à rendição. O recontro foi rápido e confuso e, após alguns disparos a esmo, conseguiram se retirar protegidos pela escuridão para, a vigorosas remadas, alcançarem no mesmo dia a base de partida. Tornara-se claríssimo o intuito da invasão e consubstanciara-se, sem dúvida, a certeza do ataque.

Os recursos com que contava a praça, para a sua sustentação, eram irrisoriamente diminutos em confronto com a esmagadora superioridade dos agressores. Nada mais que 110 pessoas e dentre elas apenas 49 militares de profissão. As restantes alinhavam um contingente heterogêneo de civis e agregados, completamente leigos das lides guerreiras. Mas o moral transparecia elevado e frenética antecipava-se a disposição para a luta.

As baterias providas de engenhos antiquados e de curto alcance, não podiam, de nenhum modo, se opor ao poderio das de bordo. Espingardas, com a necessária munição, existiam em quantidade suficiente, obviamente a serem manejadas por destros mãos. Acima de tudo pairava a ascendência do chefe. A sua conduta, impecável e desassombrada, inspirava respeito; a sua serenidade, sem desânimo e sem medo, impunha confiança. Nos limites das possibilidades estavam concluídos os preparativos para o combate. No mais era esperar e esperar designadamente. Na tarde do mesmo dia 16, em cuja manhã tinha sido assinalada a jusante de Coimbra, prosseguiu a esquadra adversária a marcha de aproximação. Vinha de velas pandas, favorecida pelo vento sul. O aspecto era imponente, no garbo das escunas ligeiras e no perfeito dispositivo do conjunto. Destemerosa, certa da inocuidade das armas da fortaleza, dela se acercou uns mil metros, ao soar das quatro horas.

Súbito rompe o primeiro tiro, intimando-a a parar. Um segundo parte logo depois, por não ter sido obedecida a advertência. Ambos traduziam a obstinação de se sustentar a praça a todo o transe. Tais disparos, desferidos do novo forte, perturbaram o Comandante espanhol, que contava encontrar a guarnição ainda alojada no velho bastião, de acordo com os informes que lhe levara, dois meses antes, o frade Espinosa. Depressa se convenceu que muito mais difícil seria a empreitada.

Não tardou a resposta dos navios atacantes, a trovejarem nutrido canhoneio até o cair da noite. Detendo-se a cautelosa distância, fora do

enquadramento das tábias peças contrárias, alvejaram incessantemente as espessas alvenarias, sem resultado algum. As descargas de intramuros eram raras e intervaladas, com o fito calculado de evitar o desperdício, uma vez que os projéteis caíam a meio caminho.

Com o cessar do fogo e enquanto os defensores se entregavam às azáfamas para o dia seguinte, redigia Ricardo Franco, a desoras, a parte do combate, com urgência remetida ao Governador e na qual descrevia a situação em que se encontrava e a conjectura que fazia de estar Miranda também sendo atacada e de enfrentar apenas a vanguarda de uma força naval, da qual o grosso ainda estava por chegar. O que, entretanto, parece ter ficado comprovado foi a existência de um troço de 300 infantes que marchava por terra e que, retardado pelas más condições dos caminhos, tornados intransitáveis pelas chuvas caídas, não pôde entrar em ação, retido que ficou umas 11 léguas abaixo de Coimbra, pelas alturas da Baía Negra.

O dia 17 ia se iniciar com um prelúdio de parlamentação. Ao amanhecer a capitânia arvorava bandeira branca. Às oito horas largava do seu costado a embarcação medianeira, conduzindo o emissário castelhano, ao encontro de quem rumou a canoa portuguesa. Recebida a mensagem, foi ela incontente levada ao comandante do Forte. Tratara-se de um ultimato, arrogante e autoritário exigindo a capitulação incondicional dentro do prazo de uma hora, pois do contrário a sorte de Coimbra seria decidida a canhão e a espada, sofrendo sua desgraçada guarnição todos os ultrajes da guerra. Bombástico e quixotesco, não demonstrava a mínima contemplação para com os opositores, considerando-os incapazes de resistência, irremediavelmente perdidos.

A réplica voltou clara, cheia de brio e altivez, a denunciar o caráter firme e resoluto do soldado que se não intimida, do soldado que se não dobra. A desigualdade de forças, como retrucava, era um estímulo que animava os portugueses a não desampararem os seus postos e a defendê-los até os dois extremos: ou repelirem o inimigo ou sepultarem-se debaixo das ruínas do forte que se lhes confiaram.

Se em outras circunstâncias recomendara-se Ricardo Franco à nossa admiração, pelas suas atuações em tempo de paz e nos apercebimentos defensivos aos indícios da borrasca, nessa ocorrência de guerra mais ainda se lhe exaltou a individualidade perseverante e dominadora. Sob o assédio de luzida armada, inferiorizado em meios e petrechos, o seu contra-repto foi como o rugir de leão acossado em covil. E o prometido se cumpriria à risca, não se restringindo a mero jogo de palavras, como anos mais tarde soeria acontecer.

Positivamente não fora essa a previsão otimista de Lázaro de Ribera. Ele alimentava a utopia de uma proeza fácil, a converter o custoso empreendimento em um cruzeiro recreativo, de cujo êxito pudesse blasonar vitória e que lhe valesse palmas e hosanas em um triunfal regresso. A teimosa relutância lhe transtornara os planos. Mal refreando o amargor da desilusão e em represália à ousadia da recusa, contra os sustentáculos da cidadela ia explodir o furor de sua cólera nos dias subseqüentes, até 24 de setembro.

Conhecido o teor da negativa, ato continuo reiniciou-se o escarmento, ímpio e tremendo, apenas interrompido pela escuridão noturna. A apoucada artilharia lusa só se manifestava de espaço a espaço, visando a manter ao longe as belonaves inimigas.

A 18, em face da ineficácia dos tiros da fortaleza, as goletas espanholas tomaram-se de propositado, ousadia e, impunes, cruzavam o estirão fronteiro, vaiando estrondosamente os defensores. A manobra não surgiu o desejado efeito psicológico, porque não se deixaram enervar os sitiados, magnetizados pela energia irradiante de seu condutor. Após intensa preparação, alinhadas as sumacas no meio do rio, a descarregarem ininterruptamente as bocas de fogo, por três horas consecutivas, desde meio-dia, efetuaram-se dois ensaios de desembarque: um a montante e outro abaixo do porto. Mas os barcos de transporte foram duramente castigados por certa fuzilaria, que causou diversas baixas entre os atacantes, fazendo com que prontamente retrocedessem.

Nos dias 19, 20 e 21 baldaram-se outras arremetidas, posto que as patrulhas, adrede emboscadas ou avançando através do mato denso, repeliam vantajosamente os intrusos. Por isso a tática adotada limitou-se a descontínuos canhoneios, ora mais brandos, ora mais severos, assestadas as miras principalmente contra o portão da entrada. A pontaria, porém, primava-se pela falta de precisão e o alvo não foi danificado.

A 22 os navios de guerra novamente martelaram as defesas e quando um deles mais se adiantava, acertou-o em cheio uma granada calibre 1, pondo-o fora de ação, a fazer água. À tarde sobreveio repentino temporal, que persistiu até o dia imediato, provocando o colapso da contenda por mais de 48 horas. Da forçada trégua prevaleceu-se Ricardo Franco para escrever a segunda parte de combate, enquanto os comandados cuidavam de recarregar cartuchos e remunciar de balas os canhões. Nas hostes contrárias ocupou-se do reparo das avarias recebidas e de outras fainas de bordo.

Nesse comenos tornara-se calamitosa a situação no interior do Forte, motivada pela falta de gêneros. Por sorte chegava de Miranda oportuno socorro, remetido por providente iniciativa de Francisco Rodrigues do Prado.

Sacrificaram-se as doze últimas reses e, assim, conseguiu-se afastar o espectro da fome. Não menor gravame devia afligir também a esquadra, sem apoio logístico adequado, muito distante das bases de suprimento.

A 24 haviam melhorado as condições atmosféricas. Disso tiraram partido os sitiantes para romperem terrível fogo, desde as três da tarde até noite fechada, não contestado pelas tímidas peças de terra, que a insignificância de seu poder ofensivo reduzia a compulsório silêncio. Todavia os franco-atiradores permaneciam a postos nas ameias ou de tocaia nas moitas aferrados aos bacamartes, à espreita de qualquer tentativa de assalto, que não veio a se consumir. As funestas conseqüências das surtidas anteriores faziam temerosos os castelhanos, que não mais se atreveram às perigosas escaramuças.

A calma noturnal quebrou-se de inopino por harmoniosos acordes, entrecortados pelo surdo rufar dos tambores; era a música de bordo em mostras de provocação e, ao que parecia, em prenúncio de vultoso ataque a ser desferido na data de 25. Rebateu, como pôde, o despretensioso conjunto do Forte, inclusive, nesse aspecto, em flagrante inferioridade. As suspeitas, entretanto, não se confirmaram e, ao cabo de alguns instantes, via a guarnição retirar-se em definitivo a vistosa frota. Na manhã seguinte os velames enfunados ainda branquejavam no horizonte.

Findava-se melancolicamente a aventura do governador de Assunção, da qual saía vencido e humilhado. Sob o ponto de vista militar a expedição resultara em irreparável revés, sumamente comprometedor do tino generalício de seu mentor. Se a estratégia posta em prática teve um sentido coerente, em que pesem os pecados de ausência de cobertura e da morosidade de progressão, a tática empregada revestiu-se de verdadeiro descalabro, quando não soube o dirigente se aproveitar dos imensos recursos de que dispunha e da superlativa preeminência no campo da luta. A insensata ostentação de poderio, com um dispêndio excessivo de munição, sem que nem de leve aluísse os alicerces e sem causar uma só baixa entre os assediados, a inépcia das ações, desordenadas e sem critério, e a falta de assaltos maciços e em profundidade, com o emprego de tropas especiais, puseram-no em desgraça.

De outro lado, ao analisarmos a resistência de Ricardo Franco, ela ressumbra com as características de comovente epopéia. As circunstâncias lhe foram inteiramente adversas: o reduzido efetivo engajado na peleja; a relativa fragilidade da praça, manifestamente vulnerável pela parte posterior; a total carência de abrigos, a guarnição ao relento por dias e noites a fio; a lamentável insuficiência da artilharia, sem alcance e capacidade ofensiva;

tudo, enfim, parecia conspirar contra um feliz coroamento de êxito. Todavia uma condição ressaltava eminentemente sobranceira: a genuína qualidade do chefe, resoluto e intemorato, que jamais se amedrontou, que jamais se submeteu. Quanto pode a força moral e de que é suscetível o arbítrio da vontade!

É preciso que se diga que o impertérrito soldado não se houve apenas contra o inimigo externo, que os brios patrióticos estimulam a combater com valimento e decoro. Mais conturbador foi o que perfidamente se insinuou aquém das próprias barreiras defensivas, em torpe conluio de fracos e covardes. Assustados com a violência dos bombardeios, temerosos da sorte, sem princípios e ideais, reclamaram insistentemente a rendição e tentaram às ocultas desertar, esquecidos por completo das normas da honra e dignidade. Entre os pusilânimes estava o Cabo Antônio Batista da Silva, cavaleiro de triste figura desde o reconhecimento por ele realizado e em que se portara de modo bem pouco recomendável.

Aliciados outros elementos, entre os quais, por incrível que pareça, figuravam até oficiais, fomentou-se subversiva campanha derrotista com a finalidade de convencer os sitiados do inútil sacrifício a que se expunham.

Mais uma vez iam se sobreexceder a fibra e a inabalável determinação que norteavam a conduta do irrepreensível guerreiro, fazendo abortar o motim ameaçador, com o exemplo e a imposição das rígidas regras disciplinares. Mantiveram-se-lhe intransigentemente fiéis apenas 42 dos 110 do contingente, dos quais Estêvão de Mendonça faz conhecidos 36 nomes, especialmente encarecidos ao juízo do Governador. A esse pugilo de bravos se deve a inexpugnabilidade de Coimbra, uma vez que os demais componentes do efetivo, poltrões e frouxos, denunciaram-se como fatores negativos na inolvidável façanha. No entanto, consumada a espetacular vitória, para o que de forma alguma concorreram, descontentes com a não inclusão dos respectivos nomes na lista enviada, trataram de pleitear a concessão das mesmas regalias concedidas aos verdadeiros heróis. A informação de Ricardo Franco, estigmatizando a conduta dos que fraquejaram, é um documento edificante que disseca, em minúcias, os sentimentos de justiça e equidade do insigne cabo-de-guerra.

O sucesso das armas portuguesas foi jubilosamente comemorado na Capitania e teve altíssima ressonância na corte lusitana. Em recompensa à atuação de Ricardo Franco, concedeu-se-lhe, além da promoção a coronel e o hábito de S. Bento de Avis, mais a tença anual de 300 mil réis, prêmio mais que merecido para quem havia salvo da hegemonia espanhola todo território ao sul de Mato Grosso.

Terminada a refrega de 1801, voltou a tranquilidade a reinar no setor meridional. O comando da fronteira e do baixo Paraguai não sofreu solução de continuidade e à sua frente continuou o famoso militar, que ali permaneceria por mais cinco anos consecutivos. Nesse ínterim tratou de concluir as obras do Forte, sempre com insuperáveis tropeços, pela carência de meios e artifícios. De qualquer modo, em princípios de 1806 estava levantada a gola posterior e fechado, portanto, o perímetro poligonal, com abrigos provisórios erguidos no interior do recinto.

Em novembro recolhia-se a Vila Bela, a fim de completar a Junta Governativa, pela morte de um dos seus componentes, o Coronel Antônio Filipe da Cunha Ponte, que a vinha integrando desde o falecimento do 7º capitão-general, Manuel Carlos de Abreu e Menezes, a 8 de novembro de 1805. Tornara-se, então, a mais alta patente de Mato Grosso, razão por que lhe competia aquele exercício, juntamente com o mais velho vereador. A 12 de dezembro assumia as funções, nas quais permaneceu até 18 de novembro de 1807, data da posse do 8º governador, João Carlos Augusto Ulrico Oeynhausen de Gravenburgo.

Não era a primeira vez que lhe competia essa interferência na alta administração, sabido que, com o passamento de João de Albuquerque, a 29 de fevereiro de 1796, participara, como tenente-coronel, de igual comissão pelo espaço de oito meses. Em ambas as oportunidades, desobrigara-se com o máximo discernimento e, terminadas as desincumbências, continuara como assessor dos governadores empossados, a se apoiarem em sua larga experiência sobre os problemas da terra.

O competente engenheiro e emérito soldado prestou seus inestimáveis serviços a cinco dos nove capitães-generais: Luís de Albuquerque, de 28 de fevereiro de 1782 a 20 de novembro de 1789; João de Albuquerque, de 21 de novembro de 1789 a 29 de fevereiro de 1796; Miranda Montenegro, de 6 de novembro de 1796 a 22 de agosto de 1803; Abreu e Menezes, de 28 de julho de 1804 a 8 de novembro de 1805; Oeynhausen Gravenburgo, de 18 de novembro de 1807 a 21 de janeiro de 1809. Jamais se verificou tamanha dedicação ao Rei e à causa pública como executor ou dirigente, em um mesmo vassalo!

A 28 de março de 1808 é novamente designado para o comando da fronteira sul, dada a grave situação política européia, que teve como consequência a fuga da família real para o Brasil, com a invasão de Portugal pelo exército napoleônico. As ordens expedidas pelo Gabinete, a 7 de outubro de 1807 e recebidas pelo Governador em fevereiro de 1808, eram taxativas: *...tomasse todas as medidas necessárias para que no caso de um ataque*

hostil possa não só repeli-lo com sucesso, mas investir com glória o território inimigo. Por isso outra alternativa não lhe restou que enviar para o ermo reduto o celebrado oficial, que nele se cobrira de tantos louros.

A 5 de abril punha-se em movimento, conduzindo as instruções do Governador. A 10 de maio chegava a Coimbra e, assumindo as funções, tratou de executar as providências cabíveis. Entrementes desafogava-se a tensão, ficando sustado o perigo do ataque. Não mais, porém, afastar-se-ia do posto, onde o viria surpreender a morte menos de três anos mais tarde, contingência fatal que saberia suportar com estoicismo igual ao que o exaltara frente ao mais ferrenho inimigo .

O LITERATO

Muito difícil é analisar-se a faceta literária do biografado, pelo que deixou escrito. As suas produções consistiram principalmente em uma série de memórias, de cunho profissional, lançadas no perpassar dos tempos, em uma vida tumultuosa, cheia de peripécias.

As redações eram preparadas no intervalo dos reconhecimentos, com a preocupação dominante de terminá-las antes da volta aos trabalhos de campo. Muitas vezes escapavam mesmo os cuidados de revisão, subscritas, por bem dizer, na forma rascunhada, ao correr da pena.

Ricardo Franco não foi positivamente um purista e nem poderia alçar-se a essa perfeição, pelas condições do meio e do viver atribulado. Deve-se admitir *a priori* ter sido esmerada a sua formação intelectual, nos cursos a que se submeteu para se habilitar ao oficialato e ao grau de engenheiro. O ensino ministrado nas escolas metropolitanas primava-se pelo rigorismo no que dizia respeito ao idioma pátrio, definitivamente consolidado a partir da era quinhentista, com o imortal poema de Camões e outras composições de vates e escritores da Renascença. Ter-lhe-iam sido familiares os clássicos portugueses e latinos, de conhecimento obrigatório nos currículos universitários.

Ultrapassada a fase do Gongorismo, de feitio empolado e artificioso, importado da Espanha pela Escola Seiscentista, Portugal abraçara entusiasticamente o Arcadismo, movimento literário iniciado na França no esplendor do reinado de Luís XIV, e que trazia por escopo o banimento do vernáculo dos abusos e da retórica excessiva. O Marquês de Pombal fundara em Lisboa, por volta de 1761, o Real Colégio dos Nobres, visando ao estudo das línguas clássicas e modernas, da Filosofia e da História. O exemplo frutificou, com o aparecimento de outras instituições particulares, que muito contribuíram para o ressurgimento, em bases seguras, do idioma português.

Era precisamente a época da formação intelectual de Ricardo Franco, que muito deve se ter beneficiado com a oportuna medida. Anos mais tarde entrava em reforma a Universidade de Coimbra, da qual ele participaria como eficiente colaborador (1773 a 1777).

Ao embarcar para o Novo Mundo seria detentor de abalizada erudição, considerando-se que os comissários lusos haviam sido rigorosamente selecionados pelo gabinete de D. Maria I e não se ignora que tanto o seu colega de farda, Capitão Joaquim José Ferreira, como os astrónomos Lacerda e Almeida e Silva Pontes, estes diplomados em Coimbra, eram depositários de invulgar saber. Ricardo Franco permaneceu sempre como chefe da Comissão de Limites, não só pela hierarquia mas também pelas imposições de preparo, competência e aptidões .

A bagagem que acompanhava os expedicionários teve naturalmente de ser sacrificada em benefício dos instrumentos e compêndios técnicos, de importância primordial no desempenho da missão de que vinham investidos. Para o supérfluo não havia lugar e supérfluo, no caso, devia ser tudo aquilo que não importasse diretamente na desincumbência da empresa. Por isso as obras clássicas das normas do bem escrever teriam ficado nas estantes familiares, ociosas e empoeiradas.

Sem fontes de consulta, não era admissível pretenderem a autoria de lavras puras, impecáveis. É notório que mesmo os mais versados em filologia têm mister constante de peregrinações pelos meandros gramaticais, para a correção léxica e sintática.

Pelos motivos alegados, temos de ser condescendentes na crítica aos seus méritos literários. Os excertos constantes de trabalhos de fôlego, abrangendo uma gama imensa de assuntos, idéias e conceitos, metódicos na exposição, apresentam contudo farta messe de erros ortográficos e de concordância que, de modo algum, empanam o brilho de sua obra monumental. Atenuam essas falhas ao se constatar que as regras, nesse particular, não estavam devidamente unificadas na língua, havendo elástica liberdade no modo de gravar as palavras, o que se deduz pelo confronto dos documentos contemporâneos .

Por vezes assomam as dissertações com vislumbres de genialidade, em estilo claro e fluente, o que prova a indiscutível competência do escritor. Chega a esbanjar, em determinados passos de suas memórias, elegância e categoria, quando a linguagem poderia ser menos florida, pela natureza de sua finalidade.

A resposta a Lázaro de Ribera é uma peça edificante, de construção castiça, não obstante redigida em cima do joelho, como diríamos hoje em

dia, não lhe tendo faltado a calma naqueles instantes decisivos. Ela permite fazer-se, de passagem, uma análise de sua personalidade, que revela absoluto domínio sobre si mesmo, capacidade volitiva admirável, sangue frio a toda prova, coragem inquebrantável e rígida noção do cumprimento do dever. Tais predicados, raro encontrados em um indivíduo, dele nos deixa a certeza de um ser psicologicamente forte, superiormente privilegiado. E Ricardo Franco assim o foi.

Em *Parecer sobre os índios Uaicurus*, datado de 2 de fevereiro de 1803, elaborado por ordem de Caetano Pinto, no qual envereda por estranhos caminhos a seus habituais pendores, demonstra pasmosa capacidade de observação, ao estudar os costumes e outras particularidades tribais do temido gentio cavaleiro. Nutrindo especial aversão por esses indígenas, contra os quais sempre guardou indissimulável rancor e não menor desprezo, o seu ensaio é um terrível libelo contra a discutida nação. Levando-se em conta haver sido preparado após o ataque espanhol de 1801, quando os Guaicurus já harmonizados com os portugueses, prestaram-lhes relevantes serviços, desde a denúncia de Nixinica sobre a esquadra inimiga, até a defesa do Forte, era de se esperar que se modificasse o juízo do austero militar a respeito daqueles selvagens, o que todavia não aconteceu. Talvez lhe influíssem no ânimo as amargas lembranças das passadas atrocidades cometidas por aqueles índios contra o presídio de Coimbra, culminadas com a execrável traição de 6 de janeiro de 1778, em que perderam a vida 54 soldados. Desse acontecimento Francisco Rodrigues do Prado nos deixou patético relato.

Composto em moldes correntes, a importância do trabalho avulta-se sobretudo pela originalidade dos conceitos emitidos, com agudo senso de julgamento. Embora discordante em pontos fundamentais da *História dos índios Guaicurus*, de Francisco Rodrigues do Prado, este mais complacente com o debatido povo, merecem acatamento ambas as opiniões, contraditórias, por certo, no modo pelo qual foram encarados os fatos, um cheio de prevenção e animosidade, outro movido pela cordura e compreensão. Aliás, posteriormente, uma vez que o seu estudo antecipou-se ao de Ricardo Franco, o bravo comandante de Miranda viria a modificar as suas impressões no relatório sobre a tomada no fortim de S. José do Apa, verificado a 1^o de janeiro de 1802, em que acusa os guaicurus de *extremo covardes*, a chegarem ao campo da luta somente após terminado o combate, como lobos famintos a saciarem nos prisioneiros a sede sanguínea.

No terreno da epistolografia não foi pequena a contribuição de Ricardo Franco para o enriquecimento dos arquivos, pelo acervo de correspondências

de caráter oficial e particular, mantidas no decurso de sua existência. O estilo manifesta-se livre e despreocupado, como sói acontecer nestas circunstâncias. Foram inúmeras as cartas por ele escritas, muitas das quais se perderam. As que nos sobraram tiveram por destinatários os capitães-generais e contemporâneos seus da fase colonial. Naquelas deixa transparecer lealdade e submissão, nestas afabilidade e cortesia. O seu feitio pessoal, reto e sincero, comedido e bondoso, manifestava-se mesmo nesta forma de relações humanas.

O critério da Academia, escolhendo Ricardo Franco para patrono da terceira poltrona, como terceiro também na ordem cronológica dos vultos literários de Mato Grosso, foi justo e correto. Para o julgamento prevaleceram, por força, o peso das obras publicadas e o padrão da matéria desenvolvida. Neste particular, o lastro de suas produções alcançou elevado nível, tanto em quantidade como em qualidade. Na seleta galeria está muito bem precedido por José Barbosa de Sá, o primeiro cronista do arraial e da vila de Bom Jesus e por Joaquim da Costa Siqueira, o renomado autor do *Compêndio Histórico das Notícias de Cuiabá*. Seguem-se-lhe outras personalidades ilustres do ciclo colonial, como o Padre José Manuel de Siqueira, cuiabano de nascimento, consagrado botânico, único natural da terra a desfrutar as prerrogativas de sócio da Real Academia de Ciências de Lisboa; os astrônomos Antônio Pires da Silva Pontes e Francisco José de Lacerda e Almeida, também membros da Comissão de Limites, que assim consta quase integralmente da honrosa relação, excetuado apenas Joaquim José Ferreira, de brilho ofuscado no conjunto da luminosa constelação; depois, a partir da sétima, em ordem, continua a sucessão, até o número 40, de representativas figuras do Império e da República, à sombra das quais abrigam-se e abrigaram-se nomes dignos e ilustres, aos quais manifestamos os nossos respeitos.

EPÍLOGO – DOENÇAS E MORTE

Vimos, nas exposições anteriores, que Ricardo Franco era homem física e mentalmente rígido. Entretanto nunca soube se poupar aos esforços intelectuais e às fadigas que lhe impunham os trabalhos corpóreos. O temperamento vibrátil e a rígida noção do cumprimento do dever não lhe permitiam parcimônia no exercício de suas atividades. Por isso o desgaste orgânico tinha de se processar inevitavelmente, causado pelas excessivas labutas e pela falta de recuperação das energias perdidas. Não conheceu repouso nos 27 anos de permanência na Capitania. Era forçoso que lhe baqueasse a robustez, insidiosamente solapada pelas enfermidades que

de longa data o vinham acometendo.

Em seus assentamentos aparecem referências a indisposições e doenças, desde o início de sua carreira. Assim, no elogio subscrito pelo Coronel Guilherme Elsdén, datado de 25 de outubro de 1777, quando contava 29 anos de idade, em que o seu ex-comandante alude a *moléstias que padeceu pelos maus sítios em que trabalhou*.

Na América as condições de salubridade patenteavam-se muito mais precárias que na Metrópole e impossível tornava-se ao reinol manter-se indene às variedades clínicas da patologia tropical. Grassavam as maleitas assustadoramente e, com elas, todas as modalidades de morbos transmissíveis que, na época, a ciência acreditava produzidos por miasmas dos pântanos e emanações atmosféricas. Corriqueiras eram as afecções pulmonares, das mais benignas às mais graves, tendo como fatores predisponentes a umidade e a instabilidade climática. Lugar preponderante ocupavam as avitaminoses, condicionadas pela alimentação escassa e inadequada. Na região de Vila Bela temia-se, de modo particular, um síndrome ou entidade nosológica de alta malignidade – a *corrução* – à qual pagavam os habitantes elevado tributo e de que não escaparam mesmo alguns dos capitães-generais.

Os que percorriam o imenso território colonial, desde o Equador até abaixo do paralelo 200, compreendido na zona tórrida, como sucedeu com os membros da Comissão de Limites, expunham-se infalivelmente a esses perigos. Nenhum deles se livrou do contágio e das injúrias das endemias, marcados que ficaram com o ferrete da invalidez ou por seqüelas mioprágicas. Aos mesmos insultos ficavam sujeitos os que permaneciam destacados no desempenho de funções oficiais ou no perambular aventuroso pelos sertões inóspitos.

Durante o reconhecimento do Rio Branco, em 1781, é o próprio biografado que nos dá notícia – *esteve bem molesto de um grande resfriado*. Tais queixas eram freqüentes em suas missivas. Quando se dirigia a Coimbra, em 1797, a fim de assumir o comando da fronteira, refere-se, em ofício de 6 de setembro, a *um grande catarrão com ardente febre e maior dor de cabeça*, acompanhados de incômoda ciática, que o prostraram *dois dias delirante*. A 1º de janeiro do ano seguinte adoecia novamente, para só se restabelecer em fins de fevereiro. Em ofício de 8 de abril de 1800 volta a tratar de seus padecimentos, que haviam recrudescido alarmantemente.

Ao subir o Madeira e o Guaporé, pelos fins de 1781 e começos de 1782, fora vitimado, juntamente com os companheiros e a maioria da tripulação, pela malária e por desordens carenciais, com vômitos, diarréia e

quadros denunciadores de beribéri, em virtude de alimentos deteriorados e nutrição deficiente. Ao atingir Vila Bela, apresentava-se em lastimável estado e a custo se restaurou. Os surtos febris, daí por diante, repetiam-se insistentemente, abalando-lhe cada vez mais a resistência.

No requerimento de 1795, solicitando a volta ao Reino, já invocava moléstias incuráveis como justificativa de sua súplica. Pode-se facilmente avaliar quão extenuado deveria sentir-se naquela conjuntura para uma resolução dessa natureza, ele que fora sumamente apegado às normas das obrigações e às injunções do ofício. A urdidura do destino, cortando-lhe o ensejo do retorno, forçando-o a permanecer nos mesmos sítios pestilenciais, sem ensanchas de restabelecimento, contribuiu de maneira decisiva para o exacerbamento de seus males.

Em abril de 1808, ao se deslocar para Coimbra, onde assumiria, pela segunda vez, o comando daquela praça de guerra, viajando sob chuvas torrenciais, em meio do percurso, no Registro do Jauru, apanhou-o, de imprevisto, um dos costumeiros ataques de maleita. Mal refeito, reenceta as jornadas que ainda tinha pela frente, para chegar ao Forte a 10 de maio. Empenhando as últimas reservas dinâmicas, entrega-se de imediato a febris atividades, com vistas ao reaparelhamento da cidadela e à defesa da fronteira meridional, ameaçada em consequência dos acontecimentos do Velho Mundo, culminados com a transmigração da família real para o Brasil.

Ao fim desse mesmo ano agravara-se-lhe de tal modo a saúde, que o governador Oyenhausen, não obstante enfermo, envia-lhe o médico assistente, a fim de lhe prestar socorro. Era uma consideração mui especial para quem dela tanto se fizera credor em prova de reconhecimento pela suprema autoridade da Capitania. Em carta de 23 de dezembro, derradeiro documento redigido pelo ínclito soldado, agradece, comovido, a deferência do capitão-general. Nessa contingência dolorosa, não mais se ergue da cama e a marcha inexorável da moléstia o conduzia rapidamente ao desfecho fatal.

Ao se iniciar o ano de 1809 é o seu imediato, Major Antônio José Rodrigues, quem efetivamente exerce o comando, ou com iniciativas próprias ou em cumprimento a ordens dele partidas, do leito de agonia. Mas a voz se lhe ia embargando aos poucos, a consciência se obnubilando, a fraqueza a esmagar-lhe os restos de energia.

No correr do mês de janeiro, dia a dia, mais e mais, as forças se esgotavam e o licenciado Pimentel, que o assistia, não dissimula o temor de um desenlace próximo, *máxime* depois de haver o paciente expelido abundante vômito. Também o moribundo tem perfeita noção do fim que o

aguarda. Não se atemoriza nesse transe crucial, como jamais se acovardara diante do mais fero inimigo. Sereno, dita as últimas vontades, não esquecendo a família e recomendando providências acerca de somenos pormenores. Reconforta-se na fé cristã e roga que lhe seja ministrada a extrema-unção. Munido de todos os sacramentos, cerra os olhos às duas e meia da tarde, a 21 de janeiro de 1809, envolto pela misericórdia dos circunstantes. As sete da noite foi sepultado na capela do Forte *com aquela pompa fúnebre que pedia a sua pessoa e o lugar o permitia*, consoante comunicava o Major Rodrigues ao Governador, em ofício de 25 de janeiro.

Este, por seu turno, transmitiu a notícia à Corte, então sediada na capital do Brasil, com manifestações de profundo pesar. Aliás, tal sentimento foi partilhado por todos aqueles que conviveram com o intrépido militar, pelos meios oficiais e pela população, de um modo geral, que viam nele um repositório de excelsas virtudes e o protótipo de autêntico herói.

POSTUMÁRIA

A deferência de Oyenhausen para com o ilustre morto não se limitou à exteriorização de suas condolências. Foi mais longe e, amigo e admirador que dele havia sido, quis testemunhar o apreço em que era tido tão acérrimo defensor da pátria. Além do louvável ato humanitário, mandando amparar os herdeiros de Ricardo Franco pela Portaria de 1º de março de 1809, determinou a transladação dos seus restos mortais, decorrido ano e meio do óbito, da capela de Coimbra para a igreja de Santo Antônio dos Militares, em Vila Bela.

Era uma homenagem excepcional, apenas dispensada a vultos eminentes. A ordem se fez acompanhar de minuciosas instruções, a serem cumpridas rigorosamente. Segundo informava ao capitão-general o então comandante do Forte, Major Jerônimo Martins Nunes, a 8 de junho de 1810, a comitiva, composta de um cabo e quatro soldados, partira em canoa do presídio, no princípio do mês, levando os preciosos despojos. Do Registro do Jauru prosseguiu o transporte por terra, através das 40 léguas de péssimos caminhos, até o local denominado Buriti, onde passou o encargo ao Capitão Francisco Sales Brito.

Finalmente, a 28 de julho, era alcançada a capital. O esquife permaneceu exposto à visita pública até o dia 24 de agosto, quando foi baixado à sepultura, precedido o ato de honras militares, missa de *requiem* e outras solenidades.

Sobre a tábua que cobriu o túmulo, cavado à direita do altar-mor, gravou-se, em letras singelas, o seguinte epitáfio:

R. F. A. S.
Cel. do R.C. de E.
Que gloriosamente defendeu Coimbra
Em 1801
& no mesmo lugar faleceu
Em 21 de janeiro de 1809
Aqui jaz sepultado.

Oyenhansen de Gravenburgo, depois Marquês de Acarati, fora o oitavo e penúltimo governador, com uma das mais longas e fecundas gestões, apenas suplantada em duração e eficiência pelas de Luís de Albuquerque e Rolim de Moura Tavares. Tendo assumido o cargo a 18 de novembro de 1807, exerceu-o por mais de onze anos e, como sustenta Baurepaire Rohan, sobressaiu-se como *um dos capitães-generais que melhor memória deixou na capitania de Mato Grosso e dele se falava com veneração e saudade*. Substituiu-o Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, mais tarde Barão de Vila Bela, empossado a 6 de janeiro de 1819. No entanto, cumpridos 2 anos, 7 meses e 14 dias de governo, a 20 de agosto de 1821 era deposto por um movimento popular.

Extinguia-se, com esse golpe, a dinastia dos capitães-generais, inaugurada a 14 de janeiro de 1751 com o Conde de Azambuja. Em conseqüência daquele pronunciamento, organizaram-se duas juntas governativas, uma com sede em Cuiabá e outra em Vila Bela, cada qual disputando sobre a outra direitos de prioridade. No ano seguinte dava-se a emancipação política do Brasil. Por alguns anos ainda se digladiaram as fações espúrias, até que a sorte se decidiu definitivamente a favor da primeira, com a instalação, em Cuiabá, do primeiro presidente da província, José Saturnino da Costa Pereira, a 10 de setembro de 1825.

O declínio da velha capital delineou-se irremediavelmente, com todas as características das infaustas tragédias. Estiolaram-se as esperanças de um porvir risonho e a magnificência de um passado ufanoso mergulhava-se nas mais profundas trevas. Fecharam-se as repartições públicas, sem mais razão de existência. Retiraram-se ou demitiram-se os funcionários, na maioria naturais da antiga Metrópole, considerados indesejáveis ante os sentimentos nacionalistas que se alastravam. Minguaram-se as rendas tributárias e diminuiu sensivelmente o poder aquisitivo da população. Estagnara-se a navegação fluvial e o comércio sofrera tremendo baque. Os lares, dantes acolhedores e bem tratados, repletos de crianças buliçosas, sob maternais cuidados, cerravam as portas por falta de moradores. Nasciam nas ruas e

nas praças as ervas daninhas. Os sacerdotes raramente oficiavam, por absoluta carência de fiéis e os templos, outrora apinhados, mantinham-se vazios, como sombras do passado. Em suma, o aspecto da cidade dos capitães-generais tornara-se lugubrememente triste .

Com o passar dos anos ia se pronunciando a consternadora decadência. O mato bravo invadia as residências, as igrejas, os quartéis, os edifícios nobres. Árvores parasitas, de raízes demolidoras, cresciam nos telhados e alicerces, destruindo-os, abalando-os. Profanavam-se os interiores sagrados, com roubos impunes de jóias e alfaías. Mutilavam-se móveis valiosos pela vetustez, na presunção tola de esconderem riquezas e roteiros de tesouros. Remexiam-se e queimavam-se arquivos, sob o pretexto de obsoletos. Nada escapou à sanha vandálica de larápios e pseudocolecionadores de antigüidades.

Depois começaram a ruir as paredes, vergastadas pela ação contínua das intempéries. Os adobes maciços, tombados sobre o solo, formando camadas de metros de espessura, cobriram os altares e as naves dos santuários, os compartimentos e as dependências dos palácios e casarões.

As taipas desmoronadas, umedecidas pelas águas dos enxurros, transformavam-se em terreno ubertoso à medra do matagal que, em constrictivo amplexo, acabou por derrocar as remanescentes estruturas.

A igreja de Santo Antônio não poderia escapar a esse descalabro. Como as demais, desmoronadas e dela pouco ficou restando. Tinha sido edificada em assento alto, junto ao cais, trabalhado, este em pedra canga, a formar como que um molhe contra as enchentes. As suas origens datavam, segundo informa Severiano da Fonseca, dos primórdios do povoado, tosca inicialmente e coberta de palha. Em 1755, durante o governo de Rolim, tinha sido reconstruída pelo magistrado Dr. Teotônio da Silva Gusmão, que lhe conferiu maior solidez. A 1º de junho de 1779 lançou-se a pedra fundamental, no mesmo lugar, do novo templo, que resistiu pelos tempos afora. Benzida em 1756, manteve as prerrogativas de matriz até 1798, quando as perdeu para a catedral inacabada, na qual fora dada sepultura ao 5º governador João de Albuquerque, a 29 de fevereiro de 1796 e ao 7º, Manuel Carlos de Abreu e Menezes, a 8 de novembro de 1805.

Quando a visitou, em 1876, o celebrado autor de *Viagem ao Redor do Brasil*, ainda a encontrou de pé, conquanto bastante danificada. Anotou a existência do túmulo de Ricardo Franco, junto ao de Amadeu Adriano de Taunay, o jovem desenhista da Comissão Langsdorff, tragado pelas águas revoltas do Guaporé a 5 de janeiro de 1826, a primeira à direita, a segunda à

esquerda do altar-mor.

Rondon, em *Relatório das Linhas Telegráficas*, de 1907, dá-nos depoimento do mesmo achado, em idênticas condições. É forçoso, portanto, supor-se haver desaparecido, depois disso, a tampa do sepulcro, soterrado ulteriormente pela queda das paredes e formação de grosso entulho que tudo envolveu. Sob esse monturo permaneceram esquecidos, por longo lapso, os restos mortais do vulto inolvidável, sem que qualquer providência se tomasse para que se lhes desse panteão condigno. Em 1921, sendo presidente do Estado D. Aquino Correia e detentor de uma das secretarias o Dr. Virgílio Corrêa Filho, ambos representantes exponenciais da cultura mato-grossense e impertérritos defensores de nossas tradições históricas, considerou-se devidamente o caso e medidas concretas foram ordenadas para uma pretendida recuperação. A Lei nº 847 de 3 de novembro de 1921 determinou a transferência dos despojos para Cuiabá, a ficarem sob a guarda do Instituto Histórico.

Os trabalhos para a exumação efetuaram-se em 1925, com resultado negativo, por não ter sido localizada a cripta. Naquela oportunidade, a comissão nomeada encontrou duas das tábuas que fechavam o jazigo, contendo algumas das letras da inscrição gravada em 1810. Como se veio a saber que no mesmo local havia sido sepultado, em 1895, o tenente Laurindo Jorge Mineiro, concluiu a mesa diretora que as peças descobertas pertenciam àquele militar. Em conseqüência lavrou-se a ata e deram-se por terminadas as pesquisas.

Em 1945 era o Forte de Coimbra que reclamava sobre os espólios as regalias de custódia. Nova tentativa foi levada a cabo, igualmente malograda por falta de orientação nas averiguações procedidas. De uma e outra feita julgou-se erroneamente o lado direito da capela, como sendo em relação a quem entra no templo e não como quem sai, o que seria obviamente certo.

Finalmente, em 1950, as diligências cobriram-se de franco sucesso, graças aos esforços e à persistência do General Raul Silveira de Melo que, inspirado pela Santa do Forte – é ele que nos confessa – ia certo ao local da catacumba, conduzindo-se corretamente. Em seu livro – *Coronel Ricardo Franco, Descobrimto de seus restos mortais* – conta-nos as peripécias desenroladas até o desvendamento do mistério. A 18 de julho eram recolhidos os objetos desenterrados, botões metálicos, restos de uniforme, fragmentos de ossos, dentes, etc., em quantidade suficiente para comprovar que ali tivera sepultura o insigne morto. Depois de lavrada a competente ata, os resquícios arrecadados foram levados à Base Aérea de Campo Grande. Colocados em artística urna de anjelim, permaneceram no depósito,

aguardando condução para o Forte de Coimbra.

A ocasião azada surgiu em 1954, quando se promoveu a transladação para o local previsto, cercada de comoventes solenidades. A 7 de dezembro, às duas e meia da tarde, hora que relembra aquela em que morrera o mártir do dever, embarcou-se a urna em avião militar, velada pelo comandante da Região e seu estado-maior, com destino a Corumbá.

Na catedral diocesana permaneceu em vigília de armas até o dia seguinte, data do encerramento do Congresso Mariano que então se realizava na Cidade Branca. À noite, não só a imagem da Padroeira do Forte, presente aos festejos em seu louvor encomendados, como também o relicário, foram conduzidos, em solene procissão, para bordo da corveta Paraíba, embandeirada em arco, que, às 21 horas, levantava ferros. No dia 9 atracava em Coimbra. Às duas e meia da tarde, ainda rememorada a hora do falecimento do insigne cabo-de-guerra, dava-se início ao préstito.

Com a palavra o General Silveira de Melo, que fidedignamente descreve o acontecimento: *Ao chegar o navio a este velho baluarte, no dia 9, a imagem da Virgem e a urna do herói foram levados em triunfo, nos respectivos andores, para a capelinha histórica, recém-construída, que se achava engalanada de flores para recebê-las. A guarnição deu, então, a salva de Comandante da Região, salva essa que o General Távora declarou era dirigida nesse momento, não a ele, mas ao Coronel Ricardo Franco.*

Apenas introduzidas na capelinha a imagem da padroeira e a urna de relíquias, o General Távora, à frente dos oficiais de Marinha do Distrito Naval, ali presentes, do comandante e oficiais do Forte, das famílias e do povo de Coimbra, mandou ler o Boletim Especial n.º 8, do Comando da 9ª RM, por ele próprio redigido.

Voltavam, assim, a jazer à sombra das muralhas seculares os restos mortais do impávido lutador, abrigo que, por justiça, lhes competia, provindos que eram do arquiteto da robusta fortaleza e dela glorioso defensor, dentro da qual escrevera as mais rutilantes páginas de sua história e onde morrera após cruéis padecimentos, ali mesmo tendo sido sepultado.

A presença de suas relíquias no famoso baluarte é um convite permanente à reflexão, ao exame das qualidades cristalinas daquele que se constituiu em uma das maiores figuras do período colonial de Mato Grosso. O nome de Ricardo Franco de Almeida Serra permanecerá sempre vivo em nossa memória, como exemplo de virtude e dignidade, modelo perfeito de varão, soldado e patriota.

MIGUEL CARMO DE OLIVEIRA MELO

É um acaso feliz, este que se nos apresenta, termos de abordar, em nosso discurso de posse, duas distintas personalidades, ambas de modo indelével ligadas ao Forte de Coimbra: uma o patrono da cadeira, direta e efetivamente, como augusto defensor de sua inexpugnabilidade; outra, o primeiro ocupante, sentimentalmente, como filho de João de Oliveira Melo, cognominado *Melo, o Bravo*, lídima expressão heróica do Brasil Império e que de tanta fama se cobriu no mesmo propugnáculo.

Acontece que o recipiendário também não é estranho à atual vida pacata da célebre fortaleza, agora sob o presságio da concórdia americana. Por diversas vezes lá esteve no desempenho de seus deveres profissionais, ou então como romeiro das festas de N. S. do Carmo e até de uma feita – desculpai-nos o sacrilégio – no mister abominável de campanha eleitoral. Em suas longas estadas, quando o despertava o cantar dos galos, saía ao sopro das brisas matinais, em visita ao decrépito sustentáculo. Em solitário recolhimento, percorria os lanços desnivelados do recinto poligonal. Procurava localizar a banquetta de pedra sobre a qual, em noites de vigília, espírito apreensivo, Ricardo Franco, tendo-a como catre e telheiro o céu, à luz das estrelas ou encharcado por bátegas imprevistas, descansava o corpo alquebrado. Insinuava-se pela capela tristemente vazia, cujo interior o olhar perscrutador da Virgem dominava sobranceiro. Entretinha-se, respeitoso, na contemplação das relíquias do soldado invicto, conservadas em escaninho hermético. Observava as espessas muralhas, invulneráveis aos impactos das metralhas espanholas e contra as quais vieram se quebrar o ímpeto das cargas paraguaias, contidas pela coragem indômita do Tenente Melo e seus comandados. Apalpava os velhos canhões, mudos, silenciosos, carcomidos pela ferrugem, ciosos do segredo das passadas lutas. Enquanto isso, deslizava em frente, a um tiro de mosquete, o caudaloso rio, tranqüilo, preguiçoso, indiferente aos fatos e à História, de que foi às vezes palco, às vezes testemunha. E do céu, *o sol, áureo guerreiro, do seu carro espadanava setas de ouro e de luz por sobre a ramaria ...*

No que concernia a João de Oliveira Melo, era fascinante a meditação sobre a existência que o destino lhe dera, cheia de atitudes viris e patrióticas, mescladas de abnegação e sacrifício. Natural de Maceió, capital da então província das Alagoas, onde nascera a 5 de fevereiro de 1836, logo após ter alcançado o posto de 2º Tenente, era transferido para o corpo de artilharia de Mato Grosso, destacado em Coimbra, no decorrer de 1861. Naquela remota guarnição surpreendê-lo-ia, em fins de 1864, a Guerra do Paraguai. É de todos sabida a conduta que o notabilizou na defesa das amuradas da cidadela,

rechaçando com firmeza as sucessivas ondas de assalto das hordas atacantes. Mas as suas ações não ficariam limitadas a esse episódio de bravura. Consumado o vergonhoso abandono de Corumbá, a 2 de janeiro de 1865, revelar-se-ia um dos poucos oficiais de brio, não se atemorizando ante a aproximação do inimigo. Recusando o transporte a que fazia jus, como oficial, preferiu, em manifestação de solidariedade para com os fugitivos e a tropa desamparada, internar-se pelos pantanais, colocando-se à frente de 400 pessoas, dentre as quais 230 praças, conduzindo-as sãs e salvas a Cuiabá. A 30 de abril, decorridos quase quatro meses de penosa odisséia, entrava na capital, apoteoticamente recebido pelo povo e por autoridades. Em 1867 sobressaía-se de novo na Retomada de Corumbá, como comandante da 5ª companhia do batalhão de Antônio Maria Coelho. De outras missões ainda esteve incumbido no decurso da campanha, a todas dando cabal desempenho.

Somente depois de amainada a tormenta da guerra, pôde pensar em constituir família, absorvido que permaneceu pelas imposições do conflito. Em Cuiabá consorciou-se com D. Maria José Vila Forte Melo e do matrimônio houve cinco filhos, todos nascidos nesta mesma cidade. O último seria Miguel Carmo de Oliveira Melo, vindo à luz a 8 de maio de 1877 e que viria a ser um dos fundadores da Academia Mato-Grossense de Letras e o primeiro detentor da cadeira nº 3.

Adivinha-se *ab initio*, a devoção do pai pela Padroeira de Coimbra, a transparecer nos sobrenomes dos filhos varões o culto dessa religiosidade. Aliás, tal sentimento era partilhado por todos os combatentes que pelejaram dentro e fora dos muros do Forte, defensores ou atacantes. *Nossa Senhora do Carmo* era o nome do navio capitânia da esquadra de Lázaro de Ribera e, quando no acesso do combate, durante a invasão de Barrios, vivavam os brasileiros, em brados de fé, a Virgem do Forte, correspondiam os paraguaios com igual entusiasmo.

Miguel Carmo de Oliveira Melo tornou-se figura de relevo em Mato Grosso, tanto no campo ocupacional, como no político e literário. Teve educação esmerada e, graças à sua cultura e habilidade, granjeou elevados postos e indiscutível prestígio.

A infância passou-a em Cuiabá e não é difícil imaginar-se a vida sem preocupações que, em companhia de crianças contemporâneas, desfrutava naqueles velhos e calmosos tempos: a cata de pepitas no córrego da Prainha, quando as enchentes as desenterravam das aluviões; a escalada, em correria, das íngremes colinas; os gostosos banhos nos remansos do rio; as excitantes pescas de *bater* ou de linhada; a descida ao Porto para ver

a atracação dos vapores e o desembarque dos viajantes. Enfim, inúmeros outros folguedos que a cidade modernizada não oferece mais e que às gentes de antanho deixam um laivo de saudade e inconformismo.

Paralelamente ia fazendo os estudos primários, para depois enfrentar os secundários, nos quais se destacou como bom discípulo. Em 1897 partia para o Rio de Janeiro, via estuário do Prata, a fim de matricular-se na Escola Militar, talvez influenciado pelo incentivo paterno. Mas sente, logo de início, que a carreira das armas, que tanto celebrizara o progenitor, não se coaduna com a sua vocação. No ano seguinte desliga-se do antigo estabelecimento da Praia Vermelha e começa a se preparar para o ingresso na Escola Politécnica. Em 1899 consegue o seu intento e, assim, naquele ano enceta o curso de engenharia, considerado o mais árduo entre todas as faculdades então em funcionamento na capital da República. Por infausta coincidência, poucos meses depois, a 17 de abril, vinha a morrer afogado, no rio Cuiabá, na usina da Conceição, aos 63 anos, no posto de general-de-divisão reformado, o seu pai e legendário herói, João de Oliveira Melo.

Em 1904 diplomava-se em engenharia civil, com aproveitamento excepcional, classificado como primeiro aluno da turma. De tal maneira sobressaiu-se, que nos anos de 1903 e 1904, ainda freqüentando as duas últimas séries do currículo universitário, tinha sido nomeado assistente da cátedra de Astronomia e Geodesia e, no impedimento do respectivo titular, durante quase todo aquele período, coube-lhe substituí-lo, o que fez com invulgar brilhantismo.

Em seguida à formatura teve, como recompensa, um prêmio de viagem aos Estados Unidos, com longo estágio de aperfeiçoamento naquele país. Regressando ao Brasil, permaneceu no Rio de Janeiro até 1913, dedicando-se ao magistério e ao exercício da profissão. O seu conceito entre colegas e na opinião geral era dos mais lisonjeiros, em uma quadra que reunia os nomes mais ilustres da engenharia nacional, como Paulo de Frontin, catedrático de Máquinas Motrizes, tornado famoso por haver resolvido, em poucos dias, o problema de fornecimento de água potável ao ex-Distrito Federal; Francisco Passos, um dos remodeladores do Rio de Janeiro em 1904 e que abriu a avenida Central, hoje Rio Branco; Teixeira Soares, construtor da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba; Sampaio Correia, professor de Estradas de Ferro e senador da República e muitos outros.

A saudade, porém, o atraía ao torrão natal como a luz à mariposa.

Assim, ei-lo de volta naquele ano de 1913. Em Cuiabá associa-se ao seu colega Alfredo Magalhães e, juntos, organizam a firma Magalhães & Melo, destinada a construções civis. Inauguram, então, uma fase de variados

empreendimentos no setor das atividades que haviam proposto desenvolver. Do governo estadual empreitam a construção do Palácio da Instrução, do Grupo Escolar Senador Azeredo e da ponte metálica sobre o Coxipó-açu. Em Corumbá executam o plano de abastecimento de água à cidade.

A demanda, para execução de obras públicas e privadas, incrementara-se notavelmente em Mato Grosso, com especialidade em Campo Grande, que prosperava a olhos vistos. Os serviços da sociedade, gozando justificado crédito, eram com freqüência solicitados.

Por isso, em 1916, Miguel Carmo vê-se compelido a transferir residência para aquela cidade sulina, a fim de poder se desobrigar dos compromissos assumidos. Mas ele não era apenas um técnico; abrigava outras qualidades que urgiam ser aproveitadas. Percebendo-as, chama-o o presidente General Caetano Manuel de Faria Albuquerque, para exercer as funções de chefe de polícia. Pondo acima dos seus os interesses da comunidade, corre a atender a convocação. Desempenha, com proficuidade, o espinhoso cargo e assume, a seguir, a Secretaria de Agricultura. Em 1917, com a intervenção federal em Mato Grosso e impedimento do General Caetano Albuquerque, regressa a Campo Grande, onde se põe à testa novamente da empresa que dirigia.

Em 1918, sendo presidente do Estado D. Aquino Correia, este eminente prelado nomeou-o fiscal das minas do Urucum e, cumulativamente, das obras do Grupo Escolar Luís de Albuquerque, concluídas na gestão de Pedro Celestino. No ano seguinte participou da comissão encarregada de medir e demarcar os ervais da fronteira sul. Em 1920 estava outra vez em Campo Grande, exercendo concomitantemente atribuições funcionais e de engenheiro da Prefeitura Municipal.

Em 1925 e 1926, durante o governo de Estêvão Alves Corrêa que, como vice-presidente, substituíra Pedro Celestino, e no período seguinte de Mário Correia da Costa, o movimento sedicioso de Isidoro Dias Lopes, irrompido em São Paulo, tivera ampla repercussão em Mato Grosso, com a invasão de seu território pela Coluna Prestes, o General Malan D' Angrogne, comandante da Circunscrição Militar, nomeou Miguel Carmo para organizar e comandar as forças patrióticas, com o fim de combater os revoltosos. Não teve êxito favorável na empresa a que se aventurou. As qualidades militares não são hereditárias, como quaisquer outras. Os seus pendores bélicos não corresponderam à expectativa. Faliram, por completo, as suas capacidades táticas e apodos irreverentes lhe foram lançados. Tal fato não chegou a constituir surpresa, uma vez que ele mesmo, ao interromper a carreira das armas, apenas iniciada, tinha tacitamente reconhecido a sua falta de aptidão

para as lidas marciais. De outro lado, nada teve de deprimente a experiência para o guerreiro improvisado, civil que era, desajustado às contingências das campanhas, tendo, de outro lado, comprovada competência no exercício da profissão que abraçara.

Não obstante a amarga decepção, em 1932 voltava a participar do movimento constitucionalista, ramificado em Mato Grosso com a adesão das guarnições da 9ª Região Militar, sob a liderança do General Bertoldo Klinger. Dessa feita, contudo, levava-o a tomar partido uma questão de consciência e ideal, no desejo incontido de ver o país retomar ao caminho do regime da legalidade.

No terreno político teve Miguel Carmo de Oliveira Melo atuação destacada. Alçou-se a vereador pelo município de Cuiabá e depois pelo de Campo Grande, nas duas oportunidades ocupando a presidência da Câmara. Exerceu também, com probidade e eficiência, o cargo de intendente da última das municipalidades. Deputado estadual em várias legislaturas, revelou-se parlamentar combativo e autor de bons projetos. Quando achava-se em vigor a lei da representação classista no Congresso Federal, arcou com as responsabilidades de deputado eleito pela Associação de Imprensa de Mato Grosso.

Em 1936 desempenhou o cargo de secretário de Agricultura, indicado pelo presidente Mário Correia da Costa e, em 1947, no governo de Arnaldo Estêvão de Figueiredo, foi nomeado diretor da Comissão de Estradas de Rodagem, posto em que se manteve até 1951.

Homem de letras, salientou-se como jornalista sagaz, polemista versátil e sutil argumentador. Colaborou em diversos periódicos do Estado e tornou-se redator do *Correio Mato-Grossense*.

Os seus artigos eram lidos com inusitada avidéz, dadas a excelência da matéria explanada e justeza dos conceitos emitidos.

Havia começado a escrever a biografia do pai, obra em que pusera especial interesse e que não chegou a terminar por o terem impedido os desígnios da Providência.

O seu nome consta da relação dos fundadores da Associação Mato-Grossense de Imprensa e, na qualidade de membro da agremiação, é que se elegeu deputado classista em 1936.

Era membro do Instituto Histórico de Mato Grosso, prestigiosa entidade, guardiã de nossas caras tradições. Na fundação da Academia Mato-Grossense de Letras, a 7 de setembro de 1932, se bem possa tal acontecimento ser recuado para dez anos atrás, ao surgir o Centro Mato-Grossense de Letras, de que é real continuadora, lá estava Miguel Carmo

entre o seletto grupo de intelectuais. Foi-lhe dada a preencher a cadeira nº 3, com um glorioso patrono, que é Ricardo Franco. Conservou-a dignamente até setembro de 1961, quando o arrebatou a morte. Cerca de sete anos permaneceu vazia, envolto o espaldar pelo crepe da saudade.

Hoje cabe-nos a responsabilidade da substituição e sentimos que ela nos pesa desmesuradamente. Envaidece-nos deveras o manto da Imortalidade com que nos revestistes. Assumimos o solene compromisso de honrá-lo e não conspurcar-lhe a pureza.

Sem embargo da transcendência do simbolismo, sabemos que um dia teremos também o nosso sucessor. Não podemos fugir à imutabilidade das leis biológicas e à suprema vontade do Criador. Antes, porém, suplicamos seja-nos dado o ensejo de cumprir o nosso dever e corresponder à vossa confiança.

Senhores Acadêmicos!

Não poderíamos finalizar este discurso sem que, de leve pelo menos, aludíssemos à data que hoje se comemora: a do aniversário da fundação de Cuiabá. Faz 249 anos que Pascoal Moreira Cabral, transmutando-se de preador de índio em bateador e de bateador em guarda-mor das minas, lançava os alicerces do arraial de Bom Jesus.

Cuiabá nascia sob o signo do ouro. Cresceu, viveu e sofreu. O fulvo metal ser-lhe-ia a própria ruína. Para felicidade geral, por um toque de magia, a metamorfose se processou, mas em sentido inverso do que tentavam os alquimistas da Idade Média e vimos o ouro transubstanciar-se em virtude. Admirável mutação! Esta virtude a vamos encontrar encarnada na hospitalidade e na lhaneza de trato do cuiabano, sempre nobre e generoso. Ela se espelha significativamente no *Virtute Plus Quam Auro* do escudo matogrossense, não a representar apenas uma divisa sugestiva, mas também o apanágio das sãs qualidades de um grande povo.

É para nós privilégio especial empossarmo-nos na Academia Mato-Grossense de Letras justamente na data magna desta heróica cidade, à qual erguemos os mais efusivos votos de paz e progresso.

A ocasião é propícia para que ofertemos à Casa de Leverger o retrato de Ricardo Franco, a figurar na galeria dos seus excelsos patronos. Devemos esclarecer não se tratar de peça autêntica. Vem inserida no livro do General Silveira de Melo, a quem tantas vezes temos nos referido no decorrer de nossa oração. Foi obtido de apuradas informações, entre os descendentes do ilustre soldado, sobre os seus traços fisionômicos e de um estudo psicognômico baseado nos característicos morais e psicológicos do retratado.

Os técnicos consultados e os artistas empenhados no trabalho de reconstituição opinam pelo reconhecimento do modelo apresentado, como reproduzindo, com muita verossimilhança, o que foi em vida o eminente varão.

Passamo-lo às mãos do Sr. Presidente desta Casa, para dar-lhe o destino que julgar merecer.

Cadeira nº 18

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO
FRANCISCO DO AMARAL MILITÃO, PELO PRESIDENTE DA
ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, Pe. WANIR DELFINO
CÉSAR**

7 de setembro de 1968

Neste dia de intensa vibração cívica, em que em todos os quadrantes da grande pátria comum os corações palpitam, no ritmo empolgante dos mais nobres sentimentos de brasilidade, é com o mais acendrado júbilo que a Casa Barão de Melgaço se engalana toda, para marcar *albo lapillo* esta data, com a posse de um novo sócio, na pessoa ilustre do Dr. Francisco do Amaral Militão, que ocupará a cadeira nº 18, patrocinada por Francisco Antônio Pimenta Bueno, figura luminar da nossa história cultural e política. Nesta cadeira vem o novel acadêmico suceder a um dos mais insignes filhos de Mato Grosso, o saudoso desembargador Alírio de Figueiredo, cujos dotes de caráter e de cultura constituem, sem dúvida alguma, um título glorioso da Academia Mato-Grossense de Letras.

E é para nós, na dignificante investidura da presidência deste sodalício, honroso e consolador verificar a presença das autoridades mais representativas da nossa terra. Numa época de controvérsias e de reformulações, quando as mais díspares aferições de valores se erigem em postulados, impondo-se às determinações marcantes e de conseqüências imprevisíveis, nós damos graças a Deus por iluminar os nossos homens públicos, fazendo-os compreender a importância de uma Instituição como esta, que há quase meio século vem patenteando o valor cultural de Mato Grosso, a despeito de todos os percalços, que podem envolver as atividades literárias, em meio a uma sociedade cada vez mais utilitarista e preocupada com os problemas econômicos, que constituem a nota dominante dos nossos dias.

Estamos certos de que o ilustre Governador Pedro Pedrossian aqui representado na pessoa do nosso eminente conterrâneo Coronel Olavo Duarte Mendes, está capacitado de que a cultura é aspecto imprescindível no complexo do desenvolvimento e do verdadeiro progresso a que todos aspiramos. E neste sentido, dentro do espírito progressista com que imprimiu uma nova cadência aos gloriosos destinos da nossa estremeçada terra, saberá proporcionar às nossas Instituições culturais as atenções e o eficiente amparo de que elas necessitam para a concretização dos seus elevados

objetivos, a fim de que possam, na plenitude das suas atividades, realizar o insigne papel que lhes compete no processo do desenvolvimento a que todos fomos conclamados pela palavra paternal do sábio Pontífice Paulo VI.

Em nome desta Casa falará o nosso douto confrade Dr. José Jayme Ferreira de Vasconcellos, que com sua palavra fluente e a lucidez da sua inteligência receberá o novo confrade. Está aberta a sessão.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FRANCISCO DO AMARAL MILITÃO

Senhores Acadêmicos.

O destino tem às vezes estranhos caprichos: ora precipita na obscuridade, sem transição, aqueles que na véspera brilhavam no palco do mundo, ora inopinadamente chama para o primeiro plano, a fim de os cobrir de glória imortal, aqueles que a princípio, conforme tudo indicava, deviam desempenhar na história tão somente um papel apagado ou secundário.

Quis iniciar o meu discurso com estas palavras de Henri Robert sobre Catarina, a Grande, por sabê-las ajustarem-se a mim.

Quando conheci a fachada deste Templo, lá fora, disseram-me ser a “Casa Barão de Melgaço”, sede da Academia Mato-Grossense de Letras. Lembro-me que parei por instantes e por momento alimentei a idéia de vir a ser um dos eleitos desta casa; mas, logo soltei o pensamento, ante meus apoucados méritos, por ser o meu labor intelectual mais técnico que literário e pelo fato de que o meu nascimento não se dera nesta fabulosa terra que o meu coração adotou.

Vem-me, agora, à lembrança, fato da minha meninice: vários intelectuais – entre eles o Professor Martinz de Aguiar, sumo pontífice da língua portuguesa, aqui e no além mar, o Capitão Walter Pompeo e outros - reunidos na sala de meu pai, falaram, trocaram idéias, discutiram, mas os meus dois lustros, não me permitiram entender o de que cuidavam. Apenas maliciei tratar-se de política, tal o calor na defesa dos pontos de vista. Fiquei sabendo, logo depois, ser o assunto a reorganização da Academia Cearense de Letras e, informado do seu significado, pensei de mim para mim: hei de ser acadêmico, um dia serei imortal...

O tempo foi passando, tomei o rumo das ciências exatas e depois entrei no campo do Direito, e insensivelmente, quase que por um imperativo, não pensei mais na idéia até que num destes belos dias mato-grossenses, chegaram-me a casa o Historiador e Poeta Rubens de Mendonça – para mim o Rubinho – e o Professor Emérito Doutor José Jayme Ferreira de Vasconcellos, para mim o Doutor Jayme – e, sem mais preâmbulos, disseram: você vai entrar para a Academia; aqui está a relação de todos os acadêmicos; mande-lhes os seus livros e peça-lhes os votos pessoalmente, quando possível, ou por carta.

Confesso: naquele momento fui sacudido por um estremeção, como que atravessado por uma descarga elétrica; ainda, e por falsa modéstia, balbuciei uns mas para em seguida aceitar aquilo que há muito desejara.

Dizem que existe uma mosca azul que quando pica alguém deixa o fulano fatalmente ligado à política; deve haver uma mosca doirada que, picando um intelectual, o torna candidato à imortalidade. Na palestra referida, senti, fui picado doiradamente.

Mas, por pudor, pudor de não ter produzido obra de cunho literário, pudor de ser *pau rodado*, apenas remeti os meus livros aos Senhores Acadêmicos, não tive a coragem de pedir-lhes os votos.

Na mocidade andei delinqüindo contra a arte, escrevi uns versos que logo os destruí e hoje não me envergonha a juvenília; talvez, presentes aqueles arroubos da juventude, dificultassem o meu ingresso na vossa Arcádia.

O único contato que tive a respeito foi com essa figura brilhante de intelectual e político que é o Doutor Lenine de Campos Póvoas; encontrei o Lenine no jardim, recebendo dele o seguinte boa tarde: *Recebi seus livros, já os li, gostei e vou votar em você*; mas veja meus sapatos como estão surrados! Qual é o seu número? – Responde ele: 41; na mesma tarde comprei na Loja Ayoub um bom par de sapatos e encarreguei o Dr. Ênio Póvoas – meu amigo e primo dele – de fazer a entrega de apenas um pé, deixando o outro para depois da eleição. Sim, não o sou eu, porém, é ele político e dos melhores desta terra.

Apurado o pleito, qual não foi a minha alegria, surpresa mesmo: fora eleito por unanimidade de votos.

E aqui estou, Senhores Acadêmicos, com a alma prosternada e o coração exultante; a alma se, confrange porque não me reconheço méritos para tão ilustre convívio, regozija-se o coração porque é enorme a mercê.

Feito o intróito, que as palavras seguintes sejam de agradecimento por me terdes aceito, honra altíssima, por me terdes tornado em um dos vossos: Ah! se eu fosse aquele melro de Guerra Junqueira para, numa linguagem vossa própria dar *verdadeiras risadas de cristal*, dizer em prosa e verso, dizer completamente o meu sentir; Ah! se eu fosse aquele *assombroso ourives literário* de quem nos fala Humberto de Campos para, com filigranas de linguagem, engastar numa peça literária o meu coração rubro de alegria. Senhores, perdão para o artífice, que ele não tem culpa de não ser artista.

FRANCISCO ANTONIO PIMENTA BUENO O PATRONO

José Antônio Pimenta Bueno, o Marquês de São Vicente, brasileiro de São Paulo, doutor em Direito e político, juriconsulto e autor de várias obras foi vulto distinto, que ocupou vários cargos e funções de importância.

Administrava a Província de Mato Grosso quando, no dia 10 de novembro de 1.836, nasce-lhe um filho que recebe o nome de Francisco Antônio Pimenta Bueno, o patrono da cadeira n.º 18 da Academia Mato-Grossense de Letras que venho ocupar.

Aluno da antiga Academia Militar, Francisco Antônio Pimenta Bueno bacharelou-se em Matemáticas e Ciências Físicas, chegando, mais tarde, ao posto de coronel.

Pimenta Bueno foi mato-grossense dos mais ilustres e, como o pai, exerceu inúmeros cargos e funções de realce.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, oficial da Ordem da Rosa, cavaleiro das ordens de Aviz e do Cruzeiro foi ainda agraciado com a medalha de guerra do Paraguai.

Pimenta Bueno era um estudioso apaixonado dos problemas brasileiros da sua época, dirigindo a sua inteligência e o seu patriotismo para as boas soluções; cuidou da implantação de ferrovias, elaborou trabalhos sobre a navegação fluvial e tornou-se técnico em assuntos de portos. Autodidata no setor, pela sua obra, vê-se que foi eminente economista.

Escreveu memórias e pareceres sobre os mais variados assuntos e deixou inédita uma História da Província de Mato Grosso, que consta ser obra de alta valia.

Ligou-se ao meu Estado escrevendo uma *Memória sobre o Porto do Ceará*, ou estudo para a construção de uma doca de embarque e desembarque na Província do Ceará.

Cartógrafo, elaborou uma carta da Província de Mato Grosso e, em colaboração com o Barão Homem de Melo, realizou um Atlas do Império do Brasil com vinte e três mapas.

É pena, ingratidão mesmo, que o seu nome seja pouco lembrado entre nós.

Acabava de administrar a Província do Amazonas quando a morte o colheu, aos cinquenta e dois anos, no dia 7 de dezembro de 1.888. Perdia assim a pátria um filho dedicado e valoroso, desfalcando-se Mato Grosso de um de seus varões mais ilustres.

O seu nome é legenda, o seu exemplo é fanal; Francisco Antônio Pimenta Bueno pode e deve ser apresentado às novas gerações como paradigma.

ALÍRIO DE FIGUEIREDO O ANTECESSOR

Aos 25 dias do mês de abril de 1893, nascia em Cuiabá Alírio de Figueiredo; filho do casal Coronel Antônio Cesário de Figueiredo e de Dona Luisa de Matos Figueiredo.

Fez os primeiros estudos na sua querida Cuiabá, de onde seguiu para o Rio de Janeiro, em cuja Faculdade de Direito recebeu o diploma de bacharel.

Retornando aos pagos, foi quase tudo, de delegado da capital a Secretário Geral, passando pela Procuradoria Fiscal; de promotor público a desembargador e presidente do Tribunal de Justiça, passando pela Procuradoria Geral; foi ainda consultor jurídico do Estado além de professor de português da Escola Normal e de sociologia do Colégio Estadual. Onde emprestou o brilho da sua inteligência deixou as marcas do seu talento e do seu caráter. Homem sério e digno, mereceu a admiração, o acato e o respeito dos seus concidadãos.

Foi membro do Instituto Histórico de Mato Grosso e ocupava a cadeira n.º 18 da Academia Mato-Grossense de Letras, vaga pela sua morte em 25 de abril de 1965.

Escreveu: Poemas, Rio 1920; Poemas e Poeira, Cuiabá 1930; Brasília, Cuiabá 1960 e Sonetos e Epigramas, inédito.

O Poeta

Pensamento claro e dirigido a uma idéia sempre bem expressa no título do poema ou soneto, a fidelidade ao tema dá a sua obra um sabor clássico, arcaizante mesmo. Daí porque é simples o seu canto sem a preocupação do hermetismo, do *bruiller le message*

O extravasamento da sua emoção estética é simples e desintencionada, a linguagem é sóbria e escorreita, decorrência do filólogo era.

Fiel ao modelo antigo, não sofreu a sua produção artística, em nenhum passo, influência das transformações formalistas da sua época. Toda a sua poesia está impregnada da paisagem local, do ambiente a que estava circunscrito.

Teria sido um poeta atrasado por essa característica que ressalta da sua obra? Não creio, mesmo porque a poesia, por mais subjetiva que seja, por mais individualista que se presente, por mais apego que tenha a uma escola ou a um estilo, é sempre um forma de comunicação, pressupõe necessariamente um destinatário, importando apenas que seja bem lavrada.

E poetar é dizer, não é apenas sentir. E Alírio sentiu e disse, e disse brilhantemente, por isso foi poeta, e bom poeta; embora apegado á época e ao meio, sabia usar a palavra com bonito colorido musical e o melhor sabor semântico.

E necessário situar o poeta no tempo e no espaço, saber o de que dispunha ele, onde e quando.

O Tempo e o Espaço de Alírio:

Esta venusta e vetusta Cuiabá:

Cuiabá de há meio século, suave e quente, quente também, e ainda, de calor humano,

Cuiabá, do Tempo da Cadeirinha, das serenatas de amor;

Cuiabá das festas juninas, do jardim agradilado;

Cuiabá das festas do Divino, de São Benedito, da Senhora do Rosário;

Cuiabá da Lenda do ouro, aos pés de São Benedito, escorrendo nas enxurradas pelo córrego da prainha;

Cuiabá em que todos se conheciam e o forasteiro era pau rodado;

Cuiabá do lendário Coxipó, manso e coleante;

Cuiabá das pingas do Aricá, do gostoso bolo de arroz;

Cuiabá de alma ingênua, do bonito Dom Por do Sol;

Cuiabá pacata, isolada, que dava ao poeta ensejo de ouvir o canto da cigarra;

Cuiabá do Senhor Bom Jesus, a quem peço a benção.

Foi nessa Cuiabá – como eu te quero cidade Verde!

Foi nessa Cuiabá – como me sinto bem impregnado da tua terra, da tua gente, do teu passado!

Foi nessa Cuiabá – e como estou feliz por ver-me acolhido no teu alto Templo de Cultura!

Foi nessa Cuiabá que nasceu e faleceu, viveu e poetou Alírio de Figueiredo.

Adolfo Casais Monteiro não aceita a crítica que Antonio Saraiva e Oscar Lopes fizeram da obra de Camilo Castelo Branco da História da Literatura Portuguesa; aqueles autores concluíram que o criador de Amor de Perdição foi um atrasado e Casais Monteiro vai ao âmago do caso para dizer, com a sua autoridade de grande analista, que atrasado não foi Camilo mas o norte de Portugal dos meados do século XIX, tempo e espaço do gênio.

Com a palavra Casais Monteiro:

Na realidade, onde a análise da A.J. Saraiva e O. Lopes falha é precisamente ao considerar Camilo em atraso (o que “está certo” do ponto de vista da história da cultura e da sociedade) relativamente á literatura européia

sua contemporânea, e ao registrar como contradição de Camilo a persistência de formas arcaicas de vida social e econômica no Portugal dos meados do século XIX. Ora, aquele atraso e esta contradição não definem Camilo, mas Portugal. Por que haveria a sua obra de "representar", de corresponder a uma situação européia de fato inexistente no mundo em que o seu espírito se formou, pois foi preciosamente esse referido Norte de Portugal? Porque haveria ele de ser "fiel" a uma Europa a cuja evolução, senão Portugal, pelo menos vida portuguesa nortenha era ainda total ou quase totalmente alheia pelo menos nos anos de formação do romancista?

Com abono de tal quilate, pergunto: como seria possível essa Cuiabá – centro oeste brasileiro do princípio deste século – inspirar outra obra poética que não aquela produzida por Alírio? Mas, entenda-se, toda a sua poesia é digna de figurar nas antologias, peças que são primores de arte, tornando-se quase impossível dizer-se de alguma delas que sobreexceda às demais.

Quantas vezes o progresso assombrou até a espíritos lúcidos! A locomotiva perturbou gerações de trabalhadores; o gramofone – a máquina falante de Edison – era coisa de bruxos; o automóvel foi temido sobretudo pela poluição do ar. A cada nova invenção ou descoberta, contrapunha-se uma legião de assombrados (e ainda!).

Alírio não fugiu à regra; mesmo as raras investidas que o progresso fazia à sua cidade o violentavam. Em *Canto Eterno* sai o desabafo, o protesto:

*Velhos já, nos irrita o que é moderno;
Rádio, cinema, avião, estranhas gentes,
Produtos certamente lá do inferno.*

Parece que o poeta se feriu na vida. E quem não teve os seus dias fastos e nefastos? Mas, foi feliz, era poeta, sabia extravasar as máguas assim:

*Não me feriu a vida; a vida é boa!
Ah! a maldade dos homens, a maldade...
Bem os deixei, por isso, e fui, à toa
Longe deles viver na soledade.*

E noutra lugar, atordoado pela relatividade do tempo:

*Uma existência – setenta anos
Ah! bem valera não viver
Que prazo longo para enganar!
Que dois minutos para ler.*

Alírio foi cristão que sabia distinguir os valores efêmeros dos eternos, qualidade que é galardão, que avulta nestes tempos de materialismo. É dele o pensamento:

E só na fé se encontra a alta verdade.

Não foi descrente nem pessimista, o que o distancia, de muito, do velho e querido Machado de Assis. Quando se entristecia por ser o sonho um sonho, ainda assim acalentava-o o fato de poder sonhar .

Embora estese, ressumbra da sua obra o anseio da alma que vê a vida fluir sem conseguir eternizar os bons momentos; parar o tempo...o *grande sonho dos românticos !*

As alternâncias, os altos e baixos, são freqüentes; em *A Confissão da Cigana*, declara:

Fui hino, fui canção, nunca elegia.

Verdade é que, aqui e ali, o ânimo decai, perplexo ante os paradoxos da vida, dando a impressão de que aplaude de Castro Alves *..neste arquejar de vida, que me pesa*, e que aprova de Casimiro de Abreu que *A vida é um deserto aborrecido*; que aceita de Alvares de Azevedo que *A vida é uma comédia sem sentido.*

Entanto, num levantamento da sua obra, numa visão de conjunto, encontra-se a fé como característica: fé em Deus, fé nos valores morais, fé na família, fé em tudo que é bom. Conclui um soneto, retratando-se:

Doutor em lei, e mais doutor em fé.

Não foi um eremita; o seu *refúgio* era simbólico, era a revolta de um espírito bom e sensível às formas várias da *maldade dos homens.*

Se não, como explicar:

E habitei nova vida, sem saudades.

Mais:

E agora de tal forma-hábito ou gosto

Desta nova existência que me encerra

Que por outra nenhuma viro o rosto.

E ainda:

... e fui, à toa

Longe deles viver na soledade.

Símbolo, alegoria; o poeta foi homem integrado na sociedade, cultivava amizades e foi querido.

E foi feliz porque, poeta, sabia curar-se dos arranhões da vida fazendo versos.

A seguir, vou brindar o auditório com esta jóia cinzelada por Alípio:

A OPOSTA MARGEM

*Deste rio que corre assim tão doce,
Contemplo a oposta margem, tão florida,
Que a vejo, linda assim, como se fosse
De outro rio, outras plagas, outra vida;*

*Pois, do lado em que estou, cheio de abrolhos,
De abelhas venenosas e de espinhos,
Não tem a luz o brilho de teus olhos,
Nem têm os ramos pássaros nem ninhos.*

*Perdão, se às vezes te comparo, em sonho,
ao rio, de outro tão risonho,
E do lado em que estou, triste e bravo.*

*Mas deixa-me ficar nesta miragem,
Que será sempre, longe ou perto, a margem,
Bem como a oposta margem deste rio.*

Dos poucos sonetos introspectivos do poeta; a paisagem é visionária, confunde-se com a ideal – o rio não é simplesmente o *que corre assim tão doce* nem a distância física das duas margens é real. Imagens que se enriquecem semanticamente de conotações metafísicas. Os contrastes dão ao soneto uma expressão de claro-escuro, uma luz-e-sombra que avulta pelas alternâncias de vogais abertas e fechadas. As imagens são dinâmicas, percorrendo em todo o soneto um frêmito de vida alegre e triste, florido e lamentoso.

Como é sublime ser poeta! Sentir e dizer num soneto o dualismo da vida!

A fundação de Brasília deslumbrou o nosso poeta, que sentiu ser a nossa Capital o início da interiorização, que a nação começava a integrar-se, a apossar-se do seu território; que a civilização antes periférica, ia abranger o todo. Criou o poema *Brasília*, em que canta bem alto o arrojo de pioneiros e se espanta ao ver ser feito no nada o tudo; avulta no poema a figura singular do candango simbolizada em Joaquim Sutil, emblema do *heroísmo da raça*.

Fidelino de Figueiredo, na História Literária de Portugal, ensina:

O poeta épico não é o criador da matéria épica, não tem sequer o poder de colorir de tom épico a matéria comum ou já de si heróica; a matéria épica é-lhe anterior e é de criação coletiva, está cristalizada na mente da coletividade, quando o poeta, com o seu gênio da expressão, a chama à perpétua presença.

Brasília é um poema épico! O fato histórico consumara-se, a cidade monumento estava pronta para receber os aplausos do mundo inteiro e Alírio traduziu em versos primorosos o feito grandioso onde o heroísmo se confunde com o patriotismo, onde o trágico marca a sua presença. E não faltou ao poema o protagonista exigido pelas epopéias: o Aquiles, ou o Êneas, ou o Ulisses, ou o Vasco da Gama de *Brasília*, é Joaquim Sutil.

Bastaria *Brasília* para consagrar o poeta à imortalidade, se já não o

fora.

Hélio Serejo considera Alírio *um tanto parnasiano!* Como? Pela sua composição em forma de soneto? O poeta, parece, compôs versos alexandrinos por pudor de se derramar em lamentações sentimentais. Nas principais características ensinadas pelos mestres não vejo como enquadrar perfeitamente o nosso poeta no parnasianismo; creio, não habitou ele o monte Liacura.

Alírio foi clássico nas idéias e no temperamento, tradicional e despreocupado na forma e a par de numerosas rimas há versos brancos. Prefiro não definir o seu estilo e dizer apenas que ele foi um vate de imensos recursos e grande sensibilidade.

Alírio: não fora a tua modéstia de Homem de Bem, não fora o recato do teu espírito – ornamentos da tua personalidade – por certo dirias, repetindo de Aristófanos o que disse um dos seus personagens: *Morto, mas sobrevivivo pela obra poética.*

Senhores Acadêmicos.

Sinto que já devo pingar o último ponto final mas ainda vos peço alguns instantes para que vos diga, de mistura com tanta alegria, das minhas apreensões com o quadro da atual humanidade.

A insatisfação existe, aqui e ali, acolá e além, por toda a parte, em todas as classes, nos Estados Unidos democrático e na Rússia comunista. A atitude é a mesma, sempre o desejo de mudança do que é arcaico, desumano, anticristão. O mal estar é geral, e inquietante, vê-se divulgado na imprensa mundial, indicando que algo ou muito está errado na atual filosofia de vida dos povos. E essa ânsia não é mais latente, embrionária, já é explosiva; o movimento espontâneo não é mais um esboço, um projeto, já está na rua.

E qual a causa ou complexo de motivos de tudo isso? Seria que os homens não estavam preparados moral, social e psiquicamente para o formidável avanço da técnica e da ciência, para o usufruto da desintegração do átomo, dos meios eletrônicos de comunicação, da cibernética? Ou o que nos falta é o Amor na sua expressão mais pura, aquele que está nos evangelhos e condensado nas encíclicas dos grandes Papas ?

O protesto está nas ruas do mundo, indicando talvez não ser mais possível segurar a onda indefinida e que marcha sem que saibamos para onde.

Os jovens, que já são 70% do todo, estão nas ruas pedindo mais e melhores escolas;

Os trabalhadores de todas as categorias, estão nas ruas pedindo salário condigno, compatível com a criatura humana;

O Clero também está nas ruas, apoiando as teses cristãs e rompendo com o insustentável.

Não é possível que essa maioria absoluta esteja laborando em erro, não creio, mesmo porque *Quando tout le monde a tort, tout le monde a raison* dizia La Chaussé.

Vivemos no século XX e, vergonha nossa, o trinômio maldito peste-fome-e-guerra impera em todos os quadrantes da terra, continua uma constante nas aflições da humanidade: Guerras são feitas *por qualquer motivo e até mesmo sem motivo*; as endemias e epidemias grassam por toda a parte, dizimando vidas preciosas; a fome é imposta à metade da população da terra.

Embora realista, não sou desiludido, creio no futuro do Brasil, creio no futuro da humanidade, coerente com Goethe que sabia ser a esperança o último bem que o homem perde.

Mas por que este quadro horrendo se é ele incompatível – e inexplicável – com o estágio atual do desenvolvimento?! Há de dizer-se que a fome de que padece parcela ponderável não é coisa só atual, que vem do passado; aceito a contradita porque verdadeira, porque o *dolce far niente* de nossos avós não lhes permitiu planejar e executar administrações eficientes, Não aceito, porém, que se deixe projetar para o futuro toda essa gama de incongruências, fruto de inércia, do despreparo, da falta de altruísmo, da ausência do Amor .

A fome vigente, face aos velocíssimos meios de divulgação, frente às ideologias atéias e ateisantes, é uma ameaça permanente à Democracia. Quantas vezes já se levantaram à procura do despertar das consciências! Quantos pensadores têm procurado alertar sobre o perigo da subversão total da ordem! Tudo sem ressonâncias! Ainda assim, não é demais repetirmos aquelas palavras proféticas deste vulto excepcional que foi o Presidente Kennedy: *Se a sociedade livre não ajudar os muitos que são pobres, não poderá salvar os poucos que são ricos.*

Verdade é que a fome existe, não há negar , mais da falta de produção e abastecimento que da distribuição da riqueza, é a lição que se aprende dos bons mestres da ciência econômica.

A história registra apelos dramáticos à boa vontade, ao Amor. Faz pouco mais de vinte anos, as Nações Unidas fizeram editar a Declaração Universal dos Direitos do Homem, peça da mais alta significação mas que não tem tido decorrências práticas apreciáveis.

JUVENTUDE

Se os pais, os mestres e as autoridades quiserem conduzir a juventude a bom destino, rumo à verdadeira Democracia, se a intenção é esta, só há um caminho: armar-se poderosamente, armar-se até os dentes, sem o que nada será conseguido de positivo. Mas, senhores, armados e municiados com aquela única arma usada por Dom Bosco: o Amor. Eles, os jovens, só entendem esta linguagem, são refratários a outro tipo de falar .

Interrompe-me a voz rouquenha de senhor balofo que, esquecido de que não veio ao mundo já em idade madura e ostentando porte supostamente grave como para esconder vícios irreprimidos, contesta:

Eles são baderneiros e estão infiltrados de comunistas ...

É pena, é lastimável, que se denomine de baderna a Alegria, o Entusiasmo, a Pureza da Juventude; Jorge Amado – o adulto jovem – disse que *Se há alguma coisa no mundo, bela e grande, além do amor, é a juventude.*

Infiltração comunista? Se sim, ainda aí a culpa é nossa que propiciamos a medração do mal, que faltamos com a nossa vigilância, que não cimentamos em bases sólidas o regime: a culpa é nossa.

Com a palavra o imortal Padre Belchior Maia d'Athaide.

Foi época terrível para a história da Grécia. Atenas vira desertar da sua acrópole soberba a ciência, o bom senso, o gênio político, a estrutura segura de suas leis. E o marasmo, a decadência, a corrupção, o desânimo se tinham apoderado dos homens e das instituições. E os velhos senadores, os respeitáveis pais da pátria, maneavam a cabeça, dizendo: – Não há mais jeito. Tudo está perdido! Foi quando um velho senador, dando de mão a um fruto – o gesto é demosteniano – o atirou de encontro ao pavimento. O fruto era um pêssigo. Estava em estado de putrefação e esborrachou-se sem mais ao solo. De dentro, porém, saltou, viçoso e rijo, o caroço, intacto, incorrupto.

Trazia em seu cerne, latente, o segredo da vida, a força criadora, o poder reprodutivo. E a semente era a promessa encantadora de outras árvores e de outros frutos. E o experiente senador, apontando com o dedo o caroço explodindo em vida que ali se achava, exclamou: “Nem tudo está perdido ! A semente está intacta, incorrupta. A pátria está salva. A semente é a mocidade”.

Não é de agora – faz tempo dilatado – que a Igreja vem mostrando ao mundo livre os perigos a que está exposta a Democracia; as encíclicas são apelo e advertência, são marcos históricos. Mas, incompreensão ou má fé, nalguns casos, incompreensão e má fé, noutros casos, as cartas papais têm sido agredidas por gregos e troianos, principalmente por aqueles a quem a Igreja procura salvar. E, com a atitude insólita dos deseducados, chegam por vezes a usar a linguagem fescenina dos banheiros ! Escrevedores de

aluguel são recrutados para deturpar e confundir a letra e o espírito dos documentos santos; com passes de magia, quais malabaristas, apresentam ao público imagens deformadas da verdade. E a quem aproveita essa atitude criminosa senão aos inimigos da Liberdade?!

Prelados que se mostram sensíveis à miséria são atassalhados na sua dignidade, ora apresentados como fascistas, ora como comunistas, nunca como cristãos.

Que há excessos na atitude de alguns padres? Sim, é verdade, mas isto se eleva à conta da revolta que a criatura humana sente ante a miséria injustificada.

Sua Santidade o Papa Paulo VI, em discurso proferido em junho último deplorou o surgimento de uma *teologia da violência*, criação de mentes doentias, Há quem pretenda até que Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico, tenha pregado o derramamento de sangue na Suma Teológica e no opúsculo Da Autoridade dos Chefes, quando, o que ali se contém, se muito, é a aceitação da resistência passiva aos tiranos, aos oligarcas, aos demagogos.

À força de maciça publicidade, em que de roldão entram homens respeitáveis embora *inocentes*, vemos aqueles que procuram identificar o catolicismo com o comunismo, chegando à afirmação de que existe um conluio entre a Igreja e os fidéis. Farsantes, sabem que estão mentindo; inteligentes, sabem que não se une água ao azeite; sabem das diferenças fundamentais dos respectivos alicerces. De um lado está a palavra de Deus: una, indivisiva, vivificante, salutar, eterna; do outro lado está o materialismo absoluto em todas as suas formas e acepções.

O que ocorre efetivamente – e todos sabem, e escamoteiam a verdade propositamente, – o que se passa é que a Igreja tem procurado ardentemente, por todos os meios ao seu alcance, a conquista da Justiça Social e o fato irrita como assombra àqueles que, parasitas impenitentes, temem verem-se despojados dos privilégios sempre espúrios. Luta inglória do mal contra o Bem em que surge o papel gaiato dos escribas sem idéias próprias misturados com a suspicácia de alguns donzelões ! Mas, a despeito disso, continua a ação da Igreja com bravura cristã; Nietzsche está sendo desmentido na sua afirmação de que Deus morrera.

A Igreja condena o comunismo porque é ideologia atéia como condena o mau capitalismo porque é ateisante. Note-se que aquilo que se condena não é o capitalismo sadio – base de todo o sistema democrático – e sim o que é escorchante, mau ganho, impedidor da demaragem econômica; condena o mau rico, e o exemplo temos entre nós, que tem na conta bancária

a expressão maior, na acepção mesma de divindade.

Os maus capitalistas, indígenas e alienígenas, fazem o seu suporte na legião imensa dos venáveis que assim o são não por uma necessidade biológica mas pela força envolvente da corrupção; e se comprazem de fazer tábua rasa de suas pretensas vitórias graças ao volumoso número de imaturos fabricados por uma publicidade quase subliminar. Teúdos e manteúdos, indiferentes ao sofrimento dos semelhantes, primam ainda por se mostrarem bondosos, munificentes, confundindo caridade com esmola.

Nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, este o nosso caso, a sonegação fraudulenta de impostos – crime contra a coletividade por eles promovida – campeia a largos passos, numa expressão tão alta que não deixa margem aos governos para contingenciarem as despesas mais prementes da administração.

É contra este quadro desolador, nada civilizado, nada cristão, que se levanta a Igreja, não aceitando nem a estupidez dos materialistas que tudo destroem, nem a morbidez dos reacionários que nada constroem.

O que o mundo inteiro quer, o brasileiro com certeza, não são as ideologias já postas à prova, já fracassadas; o mundo viu a grande Rússia sair do calcanhar da aristocracia czarista e cair na tirania atéia; viu o nazifascismo impor duras penas aos povos alemão e italiano. O que a humanidade deseja é um regime em que direitos e deveres sejam respeitados, regime que se fundamente no Amor e isso não é utopia.

A imagem não é minha mas é pertinente; não creio que um povo como o brasileiro, cujo primeiro ato histórico foi o fincamento da Cruz de Cristo nas suas praias, não creio que esse povo aceite o materialismo.

Destas observações, sente-se que já não há mais lugar para os acomodaticios, os contemplativos, os neutrais; a atitude de ficar em cima do muro é própria dos emasculados; já passou a época dos que opinavam dizendo: *Não sou contra nem a favor, muito pelo contrário*, que nem mais a gente das montanhas usa. O momento é de definições claras e precisas.

Somemos os esforços de todos os homens de boa vontade – e os há em grande número no mundo inteiro – e juntos, qual São Paulo percorramos a Estrada de Damasco. O que falta – entendimento, boa vontade, renúncia, numa palavra: Amor – não é muito, é apenas uma sombra como aquela que perturbava o Bucéfalo de Alexandre da Macedônia. Mas o esforço terá de ser conjunto porque não há mais como aceitar o nacionalismo exaltado, canhestro; chega de xenofobias inoperantes. Agora só é possível pensar e agir em termos globais, aceitando que todos somos irmãos e nos devemos Amor.

Senhores, nem Marx nem Sartre mas Paulo VI; nem Mao nem Fidel

mas Paulo VI; nem Marcuse nem ninguém mas Paulo VI; que só na Igreja encontramos a saída para a Nova Era. Assim, o século XX não será malsinado pelo século XXI como todos os séculos foram censurados pelos séculos posteriores.

Como nos ensina Franco Montoro, não com os *braços cruzados da indiferença*, nem com os *punhos fechados do ódio* mas com os *braços abertos da fraternidade*, liquidaremos com essa fase anticristã da humanidade e do caos surgirá a Nova Era; quando atingirmos esse estágio, Voltaire, lá no seu túmulo, se pejará de ter dito: *L'histoire nest que le tableau des crimes et des malheurs*.

Senhores Acadêmicos:

Muita razão tem quem disse que a felicidade está mais no dar que no receber; e o que eu tenho para vos dar é um infinitésimo diante de muito que me destes. Marcastes a minha posse para este bonito dia que é o 7 de Setembro e designastes para me receber esta figura que é um troféu de Mato Grosso, o Eminentíssimo Professor Doutor José Jayme Ferreira de Vasconcellos. Embora sejamos ambos catedráticos da mesma escola de Direito, é o Doutor Jayme o meu Mestre, o homem de cultura imensa, a criatura de coração enorme.

Senhores Acadêmicos:

Quando os reis magos visitaram o Menino Deus na mangedoura, depositaram aos pés do Salvador ouro, incenso e mirra; era a gratidão esboçada por toda a humanidade.

Retirando do íntimo de mim mesmo – simbolicamente – deposito à nossa mesa do saber, o ouro, o incenso e a mirra da minha gratidão.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO FRANCISCO DO AMARAL MILITÃO, POR JOSÉ JAYME FERREIRA DE VASCONCELOS

Digníssimas autoridades civis, militares, eclesiásticas. Gentis Senhoritas. Minhas Senhoras e meus Senhores. Nobre Presidente da Academia e meus confrades. Ilustre Acadêmico Francisco do Amaral Militão.

Não sei que estranha obnubilação da autoridade me levou a aceitar o convite deste douto e prestigioso sodalício para o representar nesta hora auspiciosa, em que recebe oficialmente seu novo imortal, o nosso distinto confrade Doutor Francisco do Amaral Militão, quando, nesta Academia, que gênio fulgurante de Dom Francisco de Aquino Corrêa traçou os Estatutos e instalou, recebendo a láurea de ser Presidente de Honra, tantos colegas ilustres melhor se desincumbiram desta honraria. Mas, podia o mais obscuro, um dos mais idosos, dos membros da Academia Mato-Grossense de Letras – que o recebeu em 20 de janeiro de 1.945 –, recusar o convite recebido por intermédio do operoso, infatigável, brilhante, secretário da entidade, o consagrado polígrafo Rubens de Mendonça? E não seria, também, um desprimor negar-se o orador a receber, em nome da Casa, essa mentalidade excepcional que é o novo Acadêmico ?

E, finalmente aqui estou, esquecido das minhas deficiências, mas cômico de que procurarei cumprir o honroso dever.

Dr. Amaral Militão: Se os vossos diferentes e valiosos trabalhos no setor cultural, notadamente em assuntos tributários, não fossem suficientes, o elegante discurso com que acabais de encantar esta numerosa e seleta assistência, plenamente justificaria a consagradora unanimidade dos nossos votos, quando da vossa eleição. Homem de ação, professor de Humanidades e diretor de um Ginásio na fascinante cidade do Recife, autor de diversos trabalhos notadamente no campo do trepidante direito tributário, trazeis ao Cenáculo da cultura mato-grossense o concurso poderoso de uma esclarecida inteligência, que se vem especializando num setor difícil, dia a dia mais impressionante, na vida agitada da nossa época; setor em que, na História do Brasil, um filho de Mato Grosso tanto e tanto se agigantou: Joaquim Murtinho! Dentre os livros do nosso eminente recipiendário, deve-se destacar o volume de cerca de 170 páginas *Assuntos Tributários*, em interessante edição da conhecida *Livraria Ruy Barbosa*, de Campo Grande -MT., no qual são magistralmente estudadas as teses: Cheque sem Fundos, Usura, Novação, Sigilo, Evasão de Impostos, com números, citações.

Pela profissão árdua, de representante do Poder Público, na esfera

administrativa da fiscalização das rendas públicas, o nosso novo confrade deveria ser, dentro da opinião de Ruy, de que *a obra do homem com a personalidade se confunde*, um homem frio, inabalável às emoções, mas isto não ocorre com o Professor Amaral Militão, que é um lídimo beletrista, o que alguns dos seus vários escritos revelam e a linguagem escorregada dos seus livros comprova e documenta.

Confesso-me, meus senhores e gentis senhoritas, passadista convencido, daqueles a quem a vibrante e veemente *jovem-guarda* classifica de *quadrados*. Sou daqueles que conservam das Academias de Letras a velha noção de serem *diretórios intelectuais que mantêm, ou devem manter, na literatura o gosto impecável, a delicadeza, a finura do tom sóbrio, a pureza da forma, o decoroso comedimento, todas as qualidades de distinção, de proporção e de ordem*, isto no dizer de Eça de Queirós. em seu livro *Notas Contemporâneas*. E, a essa concepção, que considero ser o dever das Academias, tenho a apoiá-la estas palavras de Aloizio de Castro, ao tomar posse na presidência da Academia Brasileira de Letras: *Há para as Academias um programa universal: a defesa das leis do bem falar e escrever, da cultura, da língua e da literatura nacional*. E, mais adiante acrescenta: *Considero pernicioso a tolerância graças à qual está medrando entre nós uma literaturazinha que pretende representar a vocação da nossa raça e a verdadeira inspiração do sentimento brasileiro. Quer-se incorporar ao nosso vocabulário um outro de modismos e chatices outorgado por tocatas de violão, O sertanismo entra nisso como salvo conduto para dar cunho nacional a tais produções. Com tais modelos, onde se sente o gosto e o cheiro da África*. E, ainda o mesmo citando Francisco de Castro, em defesa do espírito literário contra essa invasão:

Com o elemento medíocre começa a ação corrosiva da batalha dos vermes no corpo inanimado; o despenhamento profundo sob o martelo das raças decadentes. É o momento das aberrações literárias: os levitas abandonaram o santuário poluído: fecham-se para a arte as perspectivas frementes de luz e de vida.

Nossa concepção das Academias, – incrustada no nosso subconsciente de onde não conseguimos arrancá-la, é de que o precípuo dever de uma Academia de Letras, e isto nos foi ensinado, entre outros pela clarividência e cultura do Príncipe das Letras mato-grossenses, Dom Francisco de Aquino Corrêa, é zelar pela vernaculidade da linguagem, notadamente quanto aos escritos, *a beleza da forma e na beleza da matéria*, ressalvada a condenação proferida contra os excessos do parnasianismo, quando decadente, que pelo gênio de Euclides da Cunha, foi, por esse escritor,

classificado de *idiotice do culto fetichista da forma*.

Dizemos que, **antigamente** era esse, o culto da perfeição da forma, a grande missão das Academias, mas o advérbio de tempo se nos impunha, pois que hoje, e esta constatação é para nós – passadista – constrangedora, o que vemos é coisa bem diferente, é a estarrecedora consagração do *palavrão* de que usam e abusam certos conhecidos escritores, em obras consagradas por Academias, como se em nosso vastíssimo idioma, de vocabulário rico entre os mais ricos, a *última flor do Lácio*, no dizer de Olavo Bilac, não houvesse palavras limpas e corretas, capazes de expressar o mais realista dos pensamentos. Afinal, com estas inovações literárias, não podemos permitir aos nossos filhos, ou netos, a leitura de renomados livros de laureados escritores, para que neles, as crianças, não aprendam palavras que em casa proibimos-lhes pronunciar!

As letras, em cujo nome aqui nos reunimos, qual outrora, ao sopé do Parnaso, aqueles poetas do luminoso quadro de Rafael, não são outras que as belas letras, isto é, aquelas que mais de perto entendem nas manifestações do belo: nem outro é o espírito que nos bafeja, senão aquele mesmo ideal de helênica beleza que anima a tela do grande Urbinate. (Dom Aquino: *Terra Natal* página 22).

São, ainda, desse espírito cintilante, que no Episcopado brasileiro, como na Academia Brasileira de Letras tanto elevou o nome de Mato Grosso, estas palavras sobre os fins do antigo Centro Mato-Grossense de Letras, de que surgiu esta Academia:

Bem inspirado se propõe a fazer uma literatura que não só respeita a moral, mas a edifique, exalte e sublime.

Não queremos essa literatura das pornografias, que desvirginam a pureza dos sentimentos e afrouxam a integridade dos caracteres, desencadeando amiúde, sobre a família e a sociedade, os mais tremendos infortúnios. (Obra cit. p. n.º 35).

Possa, Sr. Amaral Militão, com a sua preclara inteligência cooperar para que esta Academia se mantenha fiel às tradições acadêmicas, zelosa ao seu primordial dever de defensora corajosa do vernáculo, não abrindo as suas portas a essa onda espúria de *sai disant escritores* que se esforçam, solertes, em lisonjear os baixos instintos de inscientes leitores, ávidos de sensualismo, de erotismo, enfim dos excitantes ministrados pela desprezível pornéia, plumitivos que degradam a linguagem vernacular e para os quais foram escritas estas candentes expressões por esse luminar do pensamento nacional, já citado:

Já parece cousa de espanto amar as riquezas de nossa lídima

linguagem, quando hoje ela por aí vai, desbotada, reluxada, desprezada, enquanto prosperam as chulices da gíria e o falar enxacôco. Pois quem mais se atreve à paciência de estudar por muitos anos e ainda a vida inteira? Isso de linguagem – ninharias, cousas de nonada. Se os erros gritam, vem por desculpa o uso, o uso que faz lei. Cômodo e simples. (Discurso na Acad. Brasileira de Letras, na posse do Acadêmico Celso Vieira).

O notável poeta lírico italiano Leopardi, consagrado autor de *Canzoni*, *Odes* e de maravilhosas traduções comentadas da Iliada, Odissea e Eneida, conta num dos seus poemets satíricos que tivera um sonho curioso, no qual, em visita à oficina das Musas, uma delas lhe foi mostrar os principais instrumentos da Arte, explicando-lhe a serventia de cada um no preparo da prosa e do verso. E que ele, no final, indagou: mas não há uma lima, para tirar as arestas e aperfeiçoar a obra realizada? Ah! respondeu a Musa, sim, a lima, esta quebrou-se, já não precisamos dela. E o poeta sugeriu que se poderia consertar, ao que a Musa respondeu: *isso se tivéssemos tempo...*

Triste verdade que se impõe ao estudo numa Academia de Letras. Não há mais tempo para procurar a perfeição. Não mais se quer saber que uma palavra, para um escritor, qualquer que seja o seu gênero literário, é um valor, que só deve ser utilizado com infinitos cuidados.

Sr. Amaral Militão:

A parte do vosso discurso referente à crise externa que a Humanidade está atravessando é modelar e digna de figurar em antologia. Nela se refletem os profundos conhecimentos do novo Acadêmico da moderna Sociologia e das complexas ciências econômicas, em que o recipiendário é mestre. Nas justas críticas aos defraudadores do fisco – que são, os grandes capitalistas e não os pobres funcionários, pois estes são descontados em folha – fala com autoridade o zeloso representante da Fazenda Nacional. E na veemente reprovação dos Zoilos que atacam a Igreja e seu episcopado e deturpam o pensamento cristão das últimas Encíclicas, falam nobremente os sentimentos católicos do Professor Amaral Militão, manifestados já noutros escritos, como no seu formoso discurso em manifestação feita ao virtuoso Bispo de Campo Grande, Dom Antonio Barbosa. Suas referências à juventude, são um hino de confiança em nossa vibrante Mocidade, que é, afinal, o Brasil de amanhã, e sobre a qual, com brilhantismo e acerto, D. Aquino escreveu:

Façamos a literatura da esperança. Confiemos em Deus, na Pátria, no futuro, nas grandes verdades que não passam.

E pois que a mocidade é a mais bela encarnação da esperança, façamos uma literatura que eduque e eleve, propinando-lhe no vaso de ouro filigranado e terso das letras, não o veneno róseo da pornéia nem os perrexis

do erotismo fácil e enervante, mas sim, as ambrósias e os néctares dos entusiasmos puros, das virtudes generosas, das crenças fortes, dos patriotismos sinceros e dos heroísmos que glorificam toda uma raça.

O novo membro deste augusto sodalício, Prof. Francisco do Amaral Militão, que ora recebemos nesta bela solenidade, nasceu no Estado do Ceará, nesse magnificente Ceará dos *verdes mares bravios* onde nasceu também José de Alencar, que foi o primeiro romancista integralmente brasileiro, na consagrada opinião do imortal Machado de Assis, que sobre o genial autor do *Guarany* e de *Iracema*, em seu discurso na inauguração da estátua de Alencar, no Rio de Janeiro, escreveu:

O espírito de Alencar percorreu as diversas partes de nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o sertão, a mata e o pampa, fixando-as em suas figuras, compondo assim as diferenças da vida, das zonas e dos tempos, a unidade nacional da sua obra. Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. A imaginação, que sobrepujava nele o espírito de análise, dava a tudo o calor dos trópicos e as galas viçosas de nossa terra.

Ceará glorioso, de Alencar, de Clóvis Beviláqua, dos Aciolys, do misticismo desse inesquecível Padre Cícero, de Francisco de Sá, de Rachel de Queirós, de Humberto de Alencar Castelo Branco e de Francisco do Amaral Militão. Ceará que tão dignamente representais, e de que sereis, entre nós, embaixador da cultura cearense.

A VIDA PÚBLICA DO NOVO ACADÊMICO

Bem cedo começou Francisco do Amaral Militão a sua fecunda vida pública. Contava apenas 17 anos de idade, quando, em Fortaleza, capital do seu belo Ceará, começou a lecionar matemática em cursos especializados para o ingresso nas Academias Militares. Também começou, por essa época, já bem distante, sua eficiente cooperação na vida jornalística da formosa e adiantada capital do fascinante Ceará. Em 1.946, concluiu o seu curso de Bacharel em Ciências Econômicas, pela Universidade do seu Estado. Em 1.950, fundou e dirigiu, durante alguns anos, em Recife, o conceituado Ginásio Farias Brito, no qual exerceu a cátedra de matemática. Em 1.953 fez concurso para Fiscal do Imposto de Consumo, sendo aprovado e nomeado. Em Recife publicou o seu primeiro livro: *Teste de Direito Comercial*, em 1.952. Em 1.963, publicou o livro *Assuntos Tributários*; em 1.964, deu a lume o livro *Banco e Fisco*. Desde 1.965, é Catedrático de Direito Financeiro, na Faculdade de Direito de Campo Grande.

Na sua fase de jornalismo de 1.940 a 1.949, também publicou versos, mas destes não conseguimos obter cópias, por entender o nosso atual

confrade que não se harmonizava o título de poeta com o de financista...

Na sua operosíssima carreira de funcionário público, – auxiliar prestimoso da arrecadação das rendas da União – a correção da sua conduta, inflexível na exigência ao cumprimento das complicadas leis tributárias, mas bondosamente sempre mais disposto a aconselhar do que a punir, o seu prestígio pessoal e funcional elevou-o até as alturas de Inspetor, e durante a sua trajetória conquistando-lhe a aprovação ministerial para poder aceitar as pesadas atribuições de Presidente do nosso Banco do Estado de Mato Grosso, com que lhe honrara o preclaro Governador Pedro Pedrossian, funções que as extremadas exigências de partidarismo não permitiram exercer por muito tempo, mas que voluntariamente deixou com a reconhecida hombridade com que as aceitou, *sans peur et sans rancune*, retomando às suas atividades na fiscalização das leis da União referentes ao erário.

As coisas do espírito, nesta trepidante segunda metade do século XX, estão sendo afugentadas pelo ruído ensurdecedor das máquinas, dos aviões a jato e supersônicos, dos foguetes teleguiados, das pesquisas estratosféricas e dos aparelhos nucleares.

Como que a famosa desintegração do átomo e as mortíferas irradiações dos neutrons e prótons e elétrons está perturbando a espiritualidade humana, deixando-nos a todos atônitos, ante a complexibilidade dos problemas que as conquistas da técnica e da ciência nos apresentam. As mais estranhas concepções da inteligência humana, fazem a nossa frágil percepção debater-se na ansiedade e na confusão. Não querendo aceitar o confucionismo das teorias de Herbert Marcuse, não podemos nos furtar à perplexidade que elas nos causam, principalmente as expostas no seu recente livro *Idiologia da Sociedade Industrial*, onde o autor de *Eros e a Civilização*, desenvolve a tese alarmante de que a tecnologia e a automatização reduzem cada vez mais o homem à condição de **coisa**, que é, diz Marcuse, *a forma pura da escravidão*.

E é o reconhecimento, ou pelo menos o reflexo dessa verificação, de que no terreno espiritual o homem nada tem obtido com os progressos imensos, estonteantes, da mecanização até a cibernética, que está provocando as assoberbantes crises sociais, num anseio de reformas estruturais e de incontida revolta da mocidade contra as lideranças de um passado imprevidente. O individualismo do século XVIII fracassou; o liberalismo econômico, do século XIX, pelos abusos dos detentores do poder econômico, também se esboroa lentamente, ante a vitória do dirigismo estatal e das coordenações de atividades econômicas, em benefício do povo, que são conquistas do Direito Social, mas contra as quais se erguem os

potentados, assestando contra elas as poderosas armas da propaganda pela imprensa falada ou escrita, que está nas suas mãos.

Como poderão as massas populares, em sua grande maioria pouco alfabetizadas e muito suscetíveis a aceitarem o que lhes diz o artigo do jornal ou o locutor do seu rádio, furtar-se à aceitação das tiradas demagógicas dos poderosos, rebelados contra as autoridades que lhes exigem o pagamento dos tributos, para que o Estado possa atender as crescentes necessidades do Povo?

Só podemos, segundo nosso fraco entendimento, fugir desse materialismo que nos vem asfixiando com um supremo esforço para o renascimento do espiritualismo cristão, o que às elites cumpre pregar e praticar, mormente numa Academia de Letras.

A humanidade, (diz Haroldo Valadão) já está cansada de falsos profetas, o povo já está fatigado de demagogos ignaros. Não quer mais discursos, senão exemplos. Tem os ouvidos cheios de palavras e os olhos vazios de realidades. Quer homens sinceros e corajosos, que saibam proclamar e praticar, na sua vida pública e particular, a verdade, a justiça e a caridade.

Sem essa volta ao espiritualismo, sem uma viva reação contra os manipuladores da escravização intelectual, a que o domínio da máquina está reduzindo o homem, que deixou de ser um valor para ser uma insignificante peça da dominadora automatização, sem o que nos estaremos transformando, passivamente, em mesquinhos autômatos, dirigidos por poucos, mas solertes, beneficiários das descobertas da ciência, que acionam todas as máquinas, inclusive as norteadoras do pensamento. Com essa tremenda situação em que as próprias conquistas da ciência se voltam agressivamente contra o Homem, aumentarão de intensidade e de violência todas as crises dos nossos dias. Crises desoladoras, pois são crises do pensamento universal, angustiadas pela indecisão dos rumos a seguir. Observamos, e mesmo sentimos, as nossas deficiências, os nossos erros, mas o materialismo não nos mostra como os corrigir, levando essa perplexidade a veemente juventude para a revolta da sua justa insatisfação, na incontida ansiedade de reformas, urgentes, universitárias, econômicas e sociais, nas quais se reconheça o drama do que esse iluminado Presidente Kennedy disse, em memorável discurso: *Se a sociedade livre não conseguir ajudar os muitos que são pobres, não poderá salvar os poucos que são ricos.* Porém as reformas ambicionadas, cuja necessidade todos reconhecemos, têm de ser planejadas. E por quem? Pelos líderes desse mesmo poder econômico,

logicamente interessados na conservação dos seus privilégios! E Kennedy foi assassinado.

Ainda há dias, e isto concorda, quanto à degradação das cousas do espírito com o nosso pensamento, o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, cenáculo quase centenário que congrega os melhores valores da intelectualidade paulista, aprovou, por unanimidade, uma expressiva moção de solidariedade ao velho matutino *O Estado de São Paulo*, que lhe foi apresentada pelo consagrado estilista Alfredo Gomes, e da qual constam estas palavras, profligando os abusos de linguagem do chamado *teatro novo*:

Elementos do teatro que atuam na capital paulista decidiram devolver ao jornal O Estado de São Paulo o troféu Saci a eles atribuído pela vivência, desempenho e interesse artístico, porque o grande periódico não pactua, não se compromete nem defende a imoralidade, a obscenidade e a deturpação da linguagem, tipicamente comerciais, sordidamente comerciais, que desfiguram, mutilam e aviltam as manifestações superiores da sensibilidade humana.

No afã de cortejar clientela ou público, sob a camuflagem de popularizar mensagens, estranhamente esotéricas, no cripto sentido que se lhes pode emprestar, o teatro vem-se esvaziando de sua riqueza cultural, de sua missão enobrecedora do homem, de seus altos objetivos psicológicos visando ao mundo melhor. O que há num espetáculo, ou pseudo espetáculo, é o naufrágio no submundo, num mundo enlameado, onde o próprio ouro da inteligência cobre-se da ganga impuríssima de palavras que, mesmo como interjeições explosivas em situações difíceis ou não, são evitadas pelos que se respeitam a si mesmos ou aos outros; onde a inteligência se degrada pela exploração de temas que refletem a desorientação dos que só podem compreender o mundo – o pior mundo – subversivamente desordenado.

A vossa fulgurante passagem pelo setor das belas letras, Sr. Dr. Amaral Militão, comprova que outra não tem sido a vossa orientação mental. Vosso discurso há tempos dirigido ao nosso confrade D. Antonio Barbosa, o confirma plenamente. Daí o vosso ingresso, por honrosa votação unânime, na “Casa Barão de Melgaço”, e nesses vossos pendores intelectuais, repousa a nossa confiança, de que ajudareis a Academia Mato-Grossense de Letras a, dia a dia mais eficiente, cumprir os postulados que lhe traçou a palavra aurifulgente de D. Aquino Corrêa, no discurso inaugural. Sede pois bem vindo, ilustrado e novel confrade.

Cadeira 18

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO
HÉLIO SEREJO, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-
GROSSENSE DE LETRAS, GERVÁSIO LEITE**

19 de outubro de 1973

Abrem-se, festivamente, esta noite, os portais desta solarenga Casa do Barão de Melgaço para que a Academia Mato-Grossense de Letras possa receber com alegria e efusão de alma o ilustre confrade Hélio Serejo, cuja recepção, que queríamos brilhante, de há muito estava preparada.

Creio que para o público pensante de Mato Grosso e para o culto auditório aqui presente seria exagero pretender apresentar o nosso eminente confrade que hoje vem – depois de longa espera – agasalhar-se sob o teto desta Casa de Cultura para trazer a todos nós as luzes da formosa inteligência e os fulgores do seu espírito de escol.

Autor consagrado e escritor festejadíssimo pela obra apurada e fecunda, Hélio Serejo, vem prestigiar o sodalício com a sua presença de artista e de *gentleman*, com a sua insinuante personalidade, com os resultados da sua larga experiência e da sólida cultura que possui.

É a Academia que se sente honrada em recebê-lo em seu seio e todos nós nos sentimos orgulhosos tendo-o em nosso convívio. Infelizmente aquele que era longamente esperado não pôde vir, em luta que se encontra com insidiosa doença já agora quase debelada mas que nos priva de sua presença, que seria o arremate final para as galas desta noite de sua consagração literária.

O Acadêmico João Antônio Neto se encarregará da leitura do primoroso discurso do novel Acadêmico, no qual sentirão todos a pujança do talento e as qualidades peregrinas desse nobre espírito que hoje toma assento, para sempre, entre os membros deste sodalício.

Para saudá-lo o nosso novo confrade escolheu o Acadêmico Rubens de Mendonça, que por certo bem interpretará a alegria fraternal de que estamos possuídos e condignamente recepcionará o companheiro que, ausente fisicamente, se encontra presente no seu discurso, a nossa admiração e estima. Está aberta a sessão.

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO HÉLIO SEREJO (lido por
Rubens de Mendonça na ausência do empossado)**

19 de outubro de 1973

As minhas preces de amor e gratidão ao nosso Deus Onipotente e os meus respeitos infinitos a esta assistência nobre, na hora maior da minha emoção crioula.

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiroço que na infância atribulada recebeu nas faces sangüíneas os açoites desse vento, vadio e aragano que no afirmar da lenda avoenga nasce nas terras incáicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguaio, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebenatar, cortante e gélido, na cidade de Ponta-Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias mato-grossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos *barbaquás*, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-de-sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da *jungle*, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo

Os ventos do destino – maus e bons – levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muitos caminhos.

Fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de crença, fé e esperança, como o fui, também, imagem viva de desesperança, revolta e sofrimento.

Revolta, pela gritante desigualdade existente entre os seres humanos - criação sublime de um mesmo Deus e rebanho sofredor de um mesmo Pastor. Trilhei, no passado distante – vivência que se me encrostou no sensível coração caboclo – muitos ermos e muitas paragens.

Fui surrado da vida e sofrido do destino. Mas os olhos indagadores estiveram sempre voltados para o Alto porque é do Alto, da Casa do Senhor,

que vem a força, a verdade e a luz.

Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvente dos tempos, mas com o conforto grandiloqüente de ter sido guiado por essa luz mirífica que é o farol divino, que indica, neste tormentoso vale de lágrimas, aos bons e aos puros de espírito, o caminho certo da vida.

Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias.

Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme e, o fui, também, envaidecido, tropel de tropilha crioula e índio aragano, trilhador de todos os caminhos.

Amei, imensamente, o vazio aberto. Nele, sempre vi, orgulhoso e confortado, a obra incomensurável do Senhor.

Absorto e contemplativo – no giro sertanejo – quantas vezes não dormi sobre um baixeiro, debaixo da árvore agasalhadora, coberto pelo poncho azul do Céu!

O chão era minha cama, e a mata milenária, a catedral crioula da minha oração xucra.

Sorvi, com os olhos indagadores, essas paisagens campeiras, em seus mínimos detalhes e delas me tornei escravo submisso e voluntário.

Vi, assim, embevecido como um anacoreta, a tapera da estrada, palco sangrento no passado bravio da penetração, de muitos entreveros:

*Uma angústia sem fim meu peito invade
Quando vejo deserta e abandonada
Essa velha tapera iluminada
Pelo clarão da lua da saudade.*

Na caminhada incessante – ao sol, à chuva e aos ventos deparei numa tarde silente, com o preto velho encarquilhado, cismarento e cachimbador .

O verso caboclo saiu neste feitio:

*Velho, cansado, trôpego, tristonho,
Jogando, da vida, a última cartada,
ele, Pai João, o cantador risonho,
cachimba triste ao sopro da nortada...*

*Pai João cisma...no seu olhar vidrado,
Cheio de angústia pela nostalgia,
Há uma nesga de dor do seu passado,
Ou talvez o temor da terra fria...*

*Anda sempre sozinho, resmungando,
Do galo, o clarinar, já nem pressente,
E nem mais ouve o jaguapeva uivando.*

*Nada mais resta do vaqueiro "chada"
Pai João, o guapo, o peleador valente,
É um caco véio que num vale nada...*

Foi na hora de fogo do crepúsculo que eu vi Mãe Preta abichornada num canto – cabeça branca de algodão batido – olhos cismadores pregados no passado distante, cantando, em forma de soluços, a cantiga enternecedora das recordações:

*Tudo está pronto... e o misto povaréu,
Vai conduzir o andor pela senzala;
Um foguete ribomba e vara o céu
e há confusão enorme, pela sala.*

*Seu Vigário, na frente puxa a fila,
todo contrito entoa um coro suave;
um cão ladra, lá em baixo, que horripila
e ouve-se, bem longe, o grito de uma ave.*

*Um pequerrucho, impaciente, chora;
pára o cortejo... vão rezar agora;
velas se acendem, já a luz é escassa.*

*Longe, na serra, nasce bela a lua!
e passo a passo, desce um vulto a rua,
é finda a festa... seu Vigário passa...*

Dentro do meu peito – coração pulsando aflitivamente – sertão fez morada.

Fui criado por Deus para que nele sonhasse, sofresse e corresse.

A festa na roça, ficou assim na imaginação:

*Toca a besta Maneco... e ocê Donata,
sarga e pindura a carne no varal;
e o vendaval, lá em baixo, pela mata,
rebenta e vence o denso taquaral...*

*Pega o sebo Firmino... sova o tento,
arcance o laço grande pru Tião,
enquanto o Pé-de-Cabra... mais o Bento,
sangram o Tigre e tosam o Alazão.*

*Chega o Juquinha, alegre, do potreiro...
Traz a Malhada...e o filho da Cigana,
e ergue-se denso, o pó, lá no terreiro.*

*O Paulino, na rede, dorme e sonha!
e sinhá Marcelina, o arroz abana,
enquanto a Genoveva faz pamonha...*

Reproduzo os versos de cadência matuta, tão estropiados de emoção – seixos autênticos das enxurradas – para poder dizer aos meus valorosos confrades – ouro e diamante desta augusta Casa – que o lugar do índio gaudério, de coração abaqueado e xucro, mas bom e terno como prece de mãe amorosa, é nos galpões das estâncias charruas, ao pé do fogo estralidante, onde, na hora evocadora do mate-amargo, as lendas e as tradições campeiras se tropilham.

Sinto, porém, que a casa é minha. Fui chamado e aqui estou. Para ficar, até o dia do júízo final...

A honraria – para o homem caboclo – é grande demais.

Afogar-me-ei em responsabilidade, mas sei que possuo forças suficientes para no momento psicológico, com mãos firmes e seguras, atirar o laço para o pialo grande da gratidão campeira sem limites.

Senhores Acadêmicos.

Meus queridos e polimáticos irmãos de ideais.

A casa é minha também, não por merecimento, mas pela extrema bondade de muitos.

Serei aqui, caboclo rústico, de gestos desengonçados, homem fronteiro que foi embalado na infância pelo vento aragano vindo de terras distantes, índio cruzador de todos os pagos e enamorado de todas as querências, e minúscula gota d'água formada pelo orvalho da madrugada, e vós, ínclitos Acadêmicos – centelhas aurifulgentes da sabença da terra do genial Cândido Rondon – o mar bravo, revoltado, tempestuoso.

Que a gota d'água, pequenina e insignificante, não envergonhe nunca esta Casa tradicional, de estudo, hospitalidade, amor pátrio e cultura.

Vim, meus irmãos, dos entreveros da fronteira, dos ervais sombrios,

dos caminhos perdidos, do pôr-de-sol que magnetiza, dos galpões das estâncias, do chão poeirento e das encruzilhadas; vim, conduzido pelas mãos bondosas, amigas e piedosas do eternamente lembrado José de Mesquita, o estilista suave, cuidadoso e brilhante, de Rubens de Mendonça, historiador fecundo e poeta de permanente inspiração, e de tantos outros vultos preeminentes das letras de Mato Grosso, que fazem parte deste sodalício.

Vim, meus impolutos e nobres confrades, para ficar ao lado de todos, indistintamente, e de todos receber, diuturnamente as lições de cultura, que forjarão no coração do prosador rude, a compreensão de sabedoria.

Com a ajuda cristã de todos – formadores do mar bravio, revolto e tempestuoso da cultura – a gota de orvalho, pequenina e insignificante, crescerá também.

Que o Onipotente me dê forças para acompanhar-vos na grande caminhada cultural !

Sou tão fraco e tão pequeno, mas desejo crescer amparado, piedosamente, pelos luminares da cultura mato-grossense.

Tudo por Mato Grosso, hoje, amanhã e sempre, mestres de muita sabença e irmãos bondosos de ideais literários.

O PATRONO

Não poderia eu, de forma alguma, deixar de proferir neste momento de grande significação para a minha vida de menestrel sertanejo e de prosador crioulo, algumas palavras a respeito do erudito Patrono da Cadeira nº 18, Francisco Antônio Pimenta Bueno, inteligência viva e brilhante que tão assinalados serviços prestou à sua terra natal.

Nasceu Francisco Antônio Pimenta Bueno em Cuiabá, a 10 de novembro de 1836, bacharel em Ciências físicas pela antiga Academia Militar; Coronel do Corpo de Estado Maior de primeira classe; foi um estudioso do nosso passado, era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Oficial da Ordem da Rosa; Cavaleiro das Ordens de Aviz e do Cruzeiro, e condecorado com a medalha da campanha do Paraguai.

Diz Sacramento Blake, em seu Dicionário Bibliográfico Brasileiro: Acabava de administrar a Província do Amazonas e de ser nomeado para elevado cargo, quando a morte o arrebatou e, como exprimiu em seu discurso o orador do Instituto Histórico ao lhe fazer o elogio: em todos os degraus da nobre e digna carreira militar sustentou com brilho, quer nos recontros da luta

armada, quer nos labores da ciência, o venerando nome que carregava como filho do nunca olvidado estadista Marquês de São Vicente.

Escreveu Pimenta Bueno várias obras sobre a sua província natal, destacando-se *Estrada de Ferro de Mato Grosso à Bolívia e História de Mato Grosso*.

A Província de Mato Grosso muito lhe devia.

A gloriosa "Casa Barão de Melgaço" pagou, em parte, essa dívida sagrada, escolhendo o seu nome ilustre para Patrono da Cadeira nº 18, deste sodalício.

DR. FRANCISCO DO AMARAL MILITÃO

O Antecessor.

Vai aqui a minha singela homenagem ao último ocupante da Cadeira nº 18, sob cuja memória, seguirei, humildemente, a grandeza de seus passos.

Nasceu Francisco do Amaral Militão na gloriosa terra de Iracema, a 27 de março de 1923 e faleceu a 20 de julho de 1969, tragicamente, em acidente rodoviário na estrada Campo Grande-Rondonópolis, justamente no dia em que o primeiro homem pisou na lua.

A propósito do seu falecimento, o nosso confrade Rubens de Mendonça escreveu uma crônica de saudade:

Domingo. 20 de julho. 5 horas. Toca o telefone. Minha Senhora o atende. Era o Dr. Elpídio Gonçalves Preza, Delegado Fiscal do Tesouro Nacional, que desejava falar-me. Perguntou: – Rubens, já está acordado? Desejo falar-lhe.

Pensei em tudo, menos naquele trágico acontecimento. Atendi imediatamente e ele me disse: – Há uma notícia triste. Acabam de chegar e estão expostos aqui na Delegacia os cadáveres de Militão e Paulo Sapucaí, falecidos ontem, em Rondonópolis. Desastre de automóvel. Fiquei como se houvesse levado uma forte pancada na cabeça, somente lhe perguntei: – Mas o Militão, tem certeza? Ele respondeu-me afirmativamente: Estão aqui. Vesti-me às pressas e fui à Delegacia Fiscal. Lá chegando, o Dr. Preza disse-me: Escreva os dizeres para as coroas que nós, seus colegas da Delegacia Fiscal, vamos oferecer. Sentei à minha mesa e não sabia como escrever a palavra saudade.

Sai de automóvel com outro amigo, Nestor Saliba e fomos procurar o zelador da Academia Mato-Grossense de Letras para mandar hastear a

Bandeira pelo luto da Casa, dada a perda de um dos seus mais brilhantes membros.

Ao colocar a Bandeira, lembrei-me da frase de Gervásio Leite sobre a precariedade da imortalidade acadêmica. Revi Militão no dia 7 de setembro do ano passado, quando tomava posse da Cadeira nº 18, naquela Casa. Ele era um homem cheio de vida e de alegria de viver. A sua risada, era uma risada franca, alta e leal; recordei o português João Penha:

Não sei se diz o Evangelho ;

Quem é triste, morre cedo;

Quem muito ri, morre velho.

Os versos não condiziam com o momento, porque se assim fosse, ele viveria 200 anos.

Militão foi professor de matemática no Recife. Era economista, Inspetor Fiscal de Rendas Internas e Professor da Faculdade de Direito de Campo Grande e foi Presidente do Banco do Estado de Mato Grosso. Publicou as seguintes obras: Tese de Direito, Recife, 1952; Assuntos Tributários, 1.a edição, Campo Grande, 1952, 2ª edição, São Paulo, Editora Fulgor, 1963; Banco & Fisco, Campo Grande, 1963. Esparsos: Discurso, Conferências e Crônicas e Discurso de Posse, 1968. Revejo-o lendo o seu discurso de Posse na Cadeira nº 18, na Academia quando ele, falando sobre o seu antecessor Alírio de Figueiredo, dizia: É necessário situar o poeta no tempo e no espaço, saber do que dispunha ele, onde e quando.

O Tempo e o Espaço de Alírio;

Esta venusta e vetusta Cuiabá,

Cuiabá de há meio século, suave e quente, quente também e ainda de calor humano.

Cuiabá do "Tempo da Cadeirinha" (No Tempo da Cadeirinha, contos de José de Mesquita) das serestas de amor;

Cuiabá das festas juninas, do jardim agradilado;

Cuiabá das festas do Divino, de São Benedito, da Senhora do Rosário;

Cuiabá da "lenda" do ouro, aos pés de São Benedito escorrendo nas enxurradas pelo córrego da Prainha;

Cuiabá em que todos se conheciam e o forasteiro era "pau rodado" ;

Cuiabá do lendário Coxipó, manso e coleante;

Cuiabá das pingas do Aricá, do gostoso bolo de arroz.

Cuiabá de alma ingênua, do bonito "Dom Pôr do sol" ("Dom Por do Sol", poema de Rubens de Mendonça) ;

Cuiabá pacata, isolada, que dava ao poeta ensejo de ouvir o canto da cigarra;

Cuiabá do Senhor Bom Jesus, a quem peço a bênção

Foi nessa Cuiabá – como eu te quero Cidade Verde.

Foi nessa Cuiabá – como me sinto bem impregnado na tua terra, da tua gente, do teu passado!

Foi nessa Cuiabá – e como estou feliz por ver-me acolhido no teu mais alto Templo de Cultura !

Foi nessa Cuiabá que nasceu e faleceu, viveu e poetou Alírio de Figueiredo.

Esta página é um hino evocativo com que o filho da terra de Iracema decantou a terra de Dom Aquino Corrêa.

E era assim o meu antecessor.

Militão foi o acadêmico que menor tempo gozou da glória da imortalidade acadêmica. Dez meses apenas esta Casa teve o seu amável convívio.

Dia 7 de setembro de 1968. Festas, luzes e flores. Um acadêmico se empossa. Recebe-o em nome da Academia o saudoso acadêmico José Jaime Ferreira de Vasconcelos, notável e brilhante jornalista, designado para falar em nome da Academia Mato-Grossense de Letras. Jaime de Vasconcelos, sobre o abuso de linguagem de certos escritores atuais, assim se pronunciou: *A vossa fulgurante passagem pelo Setor das belas letras, – Senhor Dr. Amaral Militão, – comprova que outra não tem sido a vossa orientação mental. Vosso discurso há tempos dirigido ao nosso confrade Dom Antônio Barbosa, o confirma plenamente.*

Daí o vosso ingresso, por honrosa votação unânime, na Casa Barão de Melgaço, e nesses vossos pendores intelectuais, repousa a nossa confiança, de que ajudareis a Academia Mato-Grossense de Letras a, dia a dia mais eficiente, cumprir os postulados que lhe traçou a palavra aurifulgente de Dom Aquino Corrêa, no discurso inaugural. Sede pois bem-vindo, ilustrado e novel confrade.

Ocupo, hoje, a Cadeira desse portentoso estilista. Cadeira que ele tanto honrou, elevou e dignificou.

Não sei, em verdade, meus iluminados confrades, como agir e proceder para ser digno da mesma e da soberana “Casa Barão de Melgaço” que me recebe e me abriga – farol grandioso e imensamente belo da cultura mato-grossense.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO HÉLIO SEREJO, POR RUBENS DE MENDONÇA

Nesta noite festiva, a Academia Mato-Grossense de Letras abre as suas portas para receber um novo imortal.

Infelizmente, por motivo de saúde, Hélio Serejo não pôde comparecer nesta solenidade, mas solicitou ao nobre e brilhante confrade de Academia João Antônio Neto a fineza de ler a sua oração de posse, que faz o Acadêmico se tornar um imortal de fato e de direito.

Hélio Serejo é um nome bastante conhecido nos meios intelectuais do país, autor de 16 livros.

Nascido em Nioaque, neste Estado, Hélio, por motivo de saúde passou a residir em Presidente Venceslau, no Estado de São Paulo, mas mesmo assim tem sempre o pensamento voltado para o seu Estado natal. Hélio nasceu em Nioaque, mas passou os melhores dias da sua mocidade na cidade de Ponta Porã, na fronteira com a República do Paraguai.

O acadêmico que ora se empossa pertence a várias sociedades culturais. É membro da Academia de Letras *José de Alencar*, de Curitiba, Paraná; do Centro Cultural *Euclides da Cunha*, de Ponta Grossa, Paraná; da *Casa Humberto de Campos*, de Carolina, Maranhão; da *Sociedade de Intercâmbio Cultural*, de Guiratinga, MT. Instituição esta fundada pelo nosso saudoso confrade Raimundo Maranhão Aires, que pelo grande volume de sua correspondência fez aquela simpática cidade de Leste, grande centro cultural, conhecida no mundo inteiro. Raimundo Maranhão levou o nome de Guiratinga aos confins do mundo, prestando assim um grande serviço ao nosso Estado.

Hélio Serejo pertence também a outras sociedades culturais, Associação Mato-Grossense de Folclore; Instituto de Cultura Americana, do Rio de Janeiro; Associação Paulista de Imprensa e União Brasileira de Escritores, tendo ainda feito reportagens sobre o Brasil no Paraguai e Bolívia e no concurso Poetas Moços do Brasil realizado no Rio de Janeiro, onde se sagrou em primeiro lugar com *A Cacimba*, soneto perfeito muito apreciado pelos entendidos.

A única obra que não conheço de Hélio Serejo é *Tribos Revoltadas*.

Se a Academia Brasileira de Letras é denominada a "Casa de Machado de Assis", certo a Academia Mato-Grossense de Letras deveria ser

também denominada a "Casa de José de Mesquita", porque foi ele o seu legítimo fundador e seu Presidente por 39 anos.

José de Mesquita foi um homem que viveu intensamente a vida cultural de Mato Grosso. Era o estimulador dos jovens e foi poeta, historiador, romancista, *conteur*, cronista, jornalista e jurista.

José de Mesquita foi um homem que viveu a vida cultural de Mato Grosso e um dia há de chegar em que se lhe faça justiça e coloquem em praça pública o seu busto em bronze ao lado de Dom Aquino, marechal Rondon e Estêvão de Mendonça. Pelo muito que fez pelo nosso Estado, José de Mesquita não pode ficar no esquecimento.

Pois bem, José de Mesquita, prefaciando o livro de contos de Hélio Serejo, *Prosa Rude*, assim se expressou: *Seus contos, são pedaços de vida, recordados na carne sangrenta da realidade. Vivem neles, palpantes e frementes – como em músculos sadios, o sangue que jorra mais forte, os tipos e costumes, o fraseado e paisagens da nossa interlândia maravilhosa, sobressaindo de todos, como a animá-los a alma simples e impetuosa do caboclo, avessa à doblez e aos oportunismos, às convenções, e às mentiras da pseudo-civilização de que se jactam os litorâneos.*

O diálogo é vivo e realístico, registrando, a par dos modismos curiosíssimos, aquele falar característico dos caipiras, que não têm papos nem palpos de aranha na língua de que dá mostra mais de um passo, como aquele de *Tragédia Rústica* nos comentários do povo de Brejão ao assassinio de Pedro Clarimundo.

Hélio Serejo é excelente prosador. Não é como ele se proclamou *um homem desajeitado de gestos xucros.*

Vimos o prosador. Agora vejamos o poeta. Além de *conteur*, Hélio Serejo também é um ótimo poeta sertanejo da têmpera e fibra do grande Catulo da Paixão Cearense. Seus versos são espontâneos e simples, mas a beleza está na simplicidade.

Catulo, não se pode negar, no seu gênero foi o maior poeta do Brasil.

Falava das nossas coisas, nossos sertões, nossas matas, das noites enluaradas dos sertões do Nordeste: *quando a lua nasce por detrás da verde mata/ mais parece um sol de prata/ prateando a solidão!*

Hélio também exalta as coisas mato-grossenses e por isso diz nos versos *Velha Senzala:*

*Uma angústia sem fim meu peito invade
Quando vejo deserta e abandonada
Essa velha senzala iluminada
pelo clarão da Lua da Saudade ..*

A sua poesia é pura, não poesia sofisticada, forçada, artificial. O poeta é espontâneo e não como aquele, da cidade de quem nos fala

Catulo :

*Excelso, divino poeta
que levas um mês inteiro
beliscando no tinteiro,
para um soneto compor,
deixa um momento a Avenida
vai lá nos matos sombrios
ouvir esses desafios
de um cabra improvisador.*

Hélio retrata bem, em seus livros, a vida da nossa fronteira meridional.

Alceste de Castro tem um livro muito interessante. Descrevendo os antigos costumes de uma cidadezinha do interior, conta o poeta corumbaense em *Crônicas de um romance*, o seguinte episódio :

Encontrei este convite entre os papéis antigos de um chefe político, diz Alceste: e o transcrevo, ocultando: nome do festeiro e da cidadezinha onde o Senhor Divino é venerado. Convite para os festejos do Senhor Divino em casa do Coronel...

*Quinta-feira: Kermesse
Sexta-feira: Procissão da Bandeira
Sábado: Baile
Domingo: Comunhão na Matriz, Kermesse e baile, grandioso.
Comissão de Festa :
Comissão de revistar os cavaleiros para ninguém entrar armado.
Comissão de revistar as damas.
Comissão de apartadores de briga
Comissão de velórios e enterros.*

Parece que esta cidade foi a primeira no Brasil que usou a incineração de cadáveres. Os mortos eram incinerados no forno de um oleiro, isso quando a morte era estranha e poderia causar sérias suspeitas...

Hélio também descreve um fim de festa, como que para confirmar a crônica de Alceste:

*Agora é madrugada. O galo canta;
seu coronel vai dar por finda a festa
só porque o Juca, irmão do Chico Panta
quebrou do Anselmo a luminosa testa
e a barriga rasgou do Zé Queixada
com a traiçoeira e rápida facada.*

Esses fatos, se é que se deram, foi antes de 1930.

Quem percorrer a bibliografia de Serejo vê que é extensa. Publicou o acadêmico que ora se empossa, nada mais, nada menos de 16 obras. *Tribos*

Revoltadas foi a primeira. Depois vem *Caboclo da Minha Terra* (prêmio Obras Completas de Felipe de Oliveira, sob julgamento do grande poeta modernista Carlos Drummond de Andrade, Augusto Meyer, romancista Graciliano Ramos e Alvaro Moreyra, da Academia Brasileira de Letras); *Homens de Aço* (A luta nos ervais de Mato Grosso); *Prosa Rude* (contos), com prefácio de José de Mesquita; *Canto Caboclo* (poemas sertanejos); *Buenas, Chamingo* (saudação xucra de campeiro mato-grossense ao gaúcho, (Sul-rio-grandense); *Poesia Mato-Grossense* (Antologia e crítica de Poetas mato-grossenses); *Modismo, Sul do Mato Grosso* (Linguajar do povo, Hábitos de pronúncia); *Carreteiro de Minha Terra* (versos em homenagem ao heróico carreteiro desbravador do sertão); *Lobisomem* (estórias do bruxo horripilante metade lobo, metade homem); *Vento Brabo* (contos, lendas e imagens do sertão); *Pialo Bagual* (lendas, imagens do sertão, evocações sertanistas, fagulhas literárias, crioulisto e tradições campeiras); *Rincão dos Xucros* (crioulismo, paisagens das estâncias, tradicional charrua); *3 Contos, 4 Contos e Ronda Sertaneja campereada pelos pagos crioulos*. (A vivência dos xucros).

O poeta que há em Hélio Serejo não destoa do prosador.

A poesia sertaneja não é fácil de se fazer, porque se o poeta não tem talento cai na vulgaridade.

Foi por isso que Catulo era considerado um grande poeta sertanista, o maior do Brasil.

Os versos de Hélio registram profundidade de conhecimento dos costumes da fronteira. Lembrem Vargas Neto. Os costumes das nossas fronteiras são quase idênticos aos do Rio Grande do Sul. Aliás, o Sul do Estado, conforme escreveu o Dr. Demóstenes Martins, foi colonizado por gaúchos e mineiros, quanto o Norte por paulistas e o Leste pelos Nordestinos.

Mato Grosso é um Estado de costumes e cultura mais diversificados. Quem o estudar sociologicamente verificará que o Norte conserva a cultura e costumes tradicionais dos primeiros povoadores; o Sul, a dos mineiros e a zona da fronteira, a influência marcante do Rio Grande do Sul.

A influência do gaúcho na formação de Ponta Porã, por exemplo, uma das cidades mais importantes da fronteira, diz o Sr. Pedro Ângelo da Rosa, no seu bem feito trabalho: *Anais Pontaporenses: Ao terminar a revolução de 1893, teve início a saída das caravanas que se dirigiam para o Sul de Mato Grosso*.

A luta tinha causado devastação de vulto nas fazendas, com matança desordenada do gado, incêndios e saqueio, reduzindo os proprietários à situação de completa miséria. E ainda muitos se achavam comprometidos

perante o partido dominante.

O Marechal Juarez Távora no seu livro de *Memórias* registra um fato bem expressivo de como eram as revoluções no Rio Grande do Sul, contando de uma visita que fez à genitora do seu Comandante de Brigada, uma senhora já octogenária. São palavras do Marechal Juarez :

Ao declinar-lhe o meu nome, fui brindado com a seguinte e veemente declaração: Já conheço a sua fama de protetor dos chimangos (nome dado, no Rio Grande, aos partidários de Borges de Medeiros, por seus adversários políticos, – os maragatos). Perguntei-lhe, meio perplexo, porque me atribuía tal fama. Replicou-me a velhinha, em tom amuado: Porque o senhor acha que os chimangos podem degolar os soldados maragatos, mas os nossos maragatos não podem degolar chimangos.

Só então me lembrei de minha conversa com o General Honório Lemos, após o combate de Saiacã, em que reprovava, veementemente, a degola de vários Provisórios que pude observar no campo do combate. As revoluções lá eram pra valer. (Memórias – Marechal Juarez Távora, p. 170 e 171). .. Daí a razão porque os Rio Grandenses vieram para Mato Grosso.

Continua Pedro Ângelo da Rosa com sua observação. Foi então que esses brasileiros, levados pelas notícias e por cartas recebidas daqueles que já se achavam em Mato Grosso, souberam que aqui havia lugar para todos, e tomaram a resolução de deixar os seus pagos, e buscar outro rincão dentro da nossa Pátria.

A partir do ano de 1895, começaram a aportar às fronteiras de Mato Grosso, as levas de rio-grandenses, que vinham se radicar neste recanto do solo brasileiro. Desde então o Sul começou a crescer e a povoar-se, com a integração desses elementos, que definitivamente se afixaram no solo.

Partiam do Rio Grande do Sul, as levas que se dirigiam a Mato Grosso, qual novas bandeiras, que não mais voltariam aos seus pagos, mas sim ser recolhidas no seio da mesma Pátria, preenchendo os claros que esperavam nas fronteiras despovoadas do extremo Oeste do Brasil, em Mato Grosso. Em quase todos os municípios do Rio Grande do Sul, e principalmente em São Luiz Gonzaga e São Borja, organizavam-se as comitivas, compostas de cinquenta, cem e mais pessoas, onde vinham famílias inteiras, conduzidas por carretas puxadas a bois, e às quais se agregavam cavaleiros e até gente que, desprovida de outros recursos, viajava a pé.

Aqueles que possuíam casas, terras e outros bens, vendiam-nos, invertendo tudo na compra de animais cavalares e formando tropas de mulas, que conduziam através de longa e penosa jornada, atravessando territórios da República Argentina, e Paraguai, para entrar em Mato Grosso.

Os itinerantes atravessavam o rio Uruguai, dizendo o último adeus aos seus *pagos*, e entravam na Argentina, pela província de Corrientes, seguindo pelo território de Misiones, até a Capital Posada. Dali, transpondo o rio Paraná, entravam no Paraguai, em Vila Encarnación. De Vila Encarnación, alguns subiam o rio Paraná e desembarcavam em Porto Adela para entrar em Mato Grosso.

Os Rio-Grandenses faziam essa penosa travessia e vinham se estabelecer dentro da sua própria Pátria.

Daí, a cultura e os costumes que adquiriu a fronteira. As festas populares e a alimentação, sobressaindo o churrasco e o chimarrão, que no dizer de Vargas Neto :

Desculpa boa pra eu apertar os dedos da chinoca quando, horas a fio, ela me alcança esse amargo, que é tão doce!

*Companheiro do rancho e do crioulo,
esquecimento e prazer!
Vício que é remédio do campeiro...
amargo que derrete as amarguras...
meu amigo também...*

A influência também da vizinha República do Paraguai criou o gosto da *polca paraguaia* e da dança de *Santa Fé*.

No norte, os bandeirantes trouxeram os costumes de São Paulo, danças de congos, marujadas, siriri, cururu; na alimentação, o cuiabano adicionou o célebre *guaraná ralado*, que segundo Nunes Pereira, *o guaraná é bom para fazer chover, para proteger a roça, para curar certas moléstias e prevenir outras, para fazer vencer na guerra nos amores, quando dois rivais pretendem a mesma mulher*. Se Nunes Pereira via assim o guaraná, Dom Aquino Corrêa, corno bom cuiabano, via a bebida milagrosa. Por isso ele disse no seu soneto *O Guaraná*:

*O avô amanhecera, aquele dia,
Taciturno e tristonho, entanto, airoso,
A neta vai, à flor de fina grossa,
Ralando o guaraná, com maestria.*

*E feita assim, por suas mãos de rosa
Numa salva de prata luzidia,
Quão pura e perfumada não sorria,
No cristal, a bebida milagrosa!*

Agora vejamos os costumes e maneira da alimentação do Leste.

Suas festas populares são Cosme e Damião e São João. Como alimentação o jabá, a jaca; festas: as danças do Coco.

Pode parecer que os costumes e a alimentação não tenham influenciado na literatura, mas têm. Costumes, alimentação, clima, tudo isso pode influir na formação da literatura de um povo daí a razão de Hélio Serejo retratar festa na fronteira:

*Semana Santa. Dia de festança
no vilarejo dantes sossegado!
Vibra no espaço o som da acordeona,
toda enfeitada, geme uma guitarra!*

*Eis o arrieiro bem chumbado e alegre,
de poncho-pala e lenço no pescoço.*

*Dança arrastado... pisa a dama agora;
cospe, resmunga, bate os pés e grita.*

*De tudo compra e não pergunta o preço;
come sardinha, bebe canha e vinho...*

*Quando retorna para o erval distante,
pesada conta, satisfeito leva!*

*Boêmio doido, não maldiz a sorte;
Foi grande o gasto. ..mas bem linda a farra !*

.....

*Se lhe perguntam: e que tal Dom Bento?
responde logo, orgulhosamente:*

- Pobre, mui pobre. ..pero bien contento! ...

Quando Hélio Serejo me deu para ler os originais do seu livro de poemas sertanejos *Canto Caboclo*, em 1951, eu escrevi esta apreciação: Os poemas de *Canto Caboclo* lembram por sua inspiração o grande poeta do Sertão, Catulo Cearense, porém Hélio Serejo é um cantor do Oeste, e porque não dizer, o Catulo mato-grossense. Seus poemas *Sodade*, *Boi Véio* e tantos outros têm a alma poética da fronteira mato-grossense, o entusiasmo e o regionalismo vivo. Apresentando *Canto Caboclo*, diz Hélio Serejo, versos como estes :

*Oia... é a garça morena
Bunita... sortano pena;
Aquele preto... o chupim,
O cô de terra... o sem-fim...*

*E essa doida choradeira
É o ronco da cachuera;
Como para, seu Antão
Bote a mão no seu coração*

.....
*Agora tire o chapéu,
Tâmo chegano no céu;*

*É ALI MEU MATO GROSSO,
ESSE GIGANTE COLOSSO. ..*

E o poeta tem razão. É mesmo preciso tirar o chapéu para visitar este gigante que já despertou no Oeste da Pátria.

Quem escreve versos assim, não pode ser tão fraco e tão pequeno. Portanto, Senhor Hélio Serejo, não concordamos com a sua modéstia, não é fraco nem pequeno, quem tem 16 livros publicados e é por esse motivo que eu saúdo o poeta e prosador Hélio Serejo, no ensejo do seu ingresso nesta tradicional Academia de Letras.

Cadeira 28

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO
DEMÓSTHENES MARTINS, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA
MATO-GROSSENSE DE LETRAS, GERVÁSIO LEITE**

5 de julho de 1974

Este silogeu da cultura mato-grossense parece hoje mais iluminado, posto que abrimos, esta noite, de par em par, as suas portadas para receber, por entre demonstrações de estima e apreço, uma das mais exponenciais figuras da vida cultural do nosso Estado, essa esplêndida criatura humana que é Demósthene Martins, que aqui vem *ad immortalitatem* participar dos trabalhos desta Academia por toda a extensão de sua vida que ainda há de se alongar no tempo. E dizemos no tempo porque aqui na louçania dos seus oitenta anos, ativo trabalhador intelectual, continuando no estudo histórico a sua longa vida de jornalista e o jornalismo é a mais alta expressão da vida literária.

Aqui chega ativo, jovem, lúcido um homem que ao longo de sua vida pública, exercendo cargos os mais altos na administração do Estado, tem a glória de ter as mãos limpas, a alma pura, a cabeça altiva e os bolsos vazios.

É assim, o triunfo da probidade e da inteligência, da honradez e da cultura, de uma vida materialmente modesta mas enriquecida pelo saber haurido ao correr de uma existência afanosa mas feliz, que permitiu a esta criatura excepcional ascender às culminâncias da vida cultural mato-grossense e ser recebido aqui como o triunfador, não desse triunfo vão, egoístico ou que se traduz pelo vulto da riqueza material mas, aquele outro mais nobre, o triunfo que fica, que permanece, que engrandece, que glorifica a grandeza moral, a solidez cultural e a luminosidade de uma inteligência vigorosa. E, sobretudo, é o triunfo de uma vida limpa que o permite, e que Deus assim o conserve, a olhar de frente, com coragem e sem corar, a vida e os homens do seu tempo.

A Academia consagra, destarte, nesta noite, este homem digno trazendo para o seu seio um confrade que será para nós todos um exemplo a seguir, um abridor de caminhos pelos quais todos nós podemos trilhar, e uma experiência enriquecida ao longo dos seus oitenta anos. É o triunfo a um tempo da honra e da cultura e galardão dessa espécie enobrece o novel Acadêmico e faz honrar a Academia Mato-Grossense de Letras.

Está aberta a sessão.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO DEMÓSTHENES MARTINS

Ao adentrar este templo em que se comunga a eucaristia das letras, o meu primeiro ato é o de confissão. De confissão da minha nihilidade na penitência a que me condeno diante de vossa munificência, acolhendo-me neste sodalício da inteligência e da cultura, que sempre o povoaram e povoam. E se rendo-me ao fascínio de vossa companhia. inscrevendo-me como postulante à mesma, culpa – bem maior – vos cabe, acumpliciando-vos, com o vosso voto, no deferimento do meu pedido.

Tanto maior se revela o meu apoucado valimento quando sucedo a Ulisses Serra, publicista fecundo, cuja estirpe precinta-se àquele notável geógrafo e bravo militar, o Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, que, na defesa de Coimbra, às ribas do Paraguai, que o arguto Capitão General Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres erigira para baluartar a defesa contra a invasão do domínio colonial português, que ali se extremava, escreveu página gloriosa, antecipando àquele *on ne passe pas* do General Nivelles, aposto nas trincheiras de Verdun no barrar a impetuosa e avassaladora ofensiva alemã, na hecatombe mundial de 1914.

É que, na conjuntura que se lhe deparou naquele 17 de Setembro de 1801, não se atemorizou Ricardo Franco à intimativa jactanciosa de D. Lázaro Ribera Espinhosa, governador do Paraguai, que assim se expressou:

A bordo de la Sumaca Nuestra Señora del Carmen, 17 de septiembre de 1801.

Señor Comandante del Fuerte de Coimbra: Ayer la Tarde tube el honor de contestar el fuego que V. S. me hizo, y habiendo reconocido en aquellas circunstancias que las fuerzas con que inmediatamente voy a atacar ese Fuerte son muy superiores à las de V. S. no puedo dejar de hacer ver en esto momento que los vasallos de S. M. Católica saben respetar las leyes de la humanidad, aun em medio de la guerra misma. Portanto yo requero a V. S. se renda prontamente a las armas dei Rey mi amo, pues de le contrario el canon y espada decidirá la suerte de Coimbra, sufriendo sua desgraciada guarnicion todas las extremidades de la guerra, de cuyos estragos se verá libre se V. S. conviene con me propuesta categoricamente en el termino de una hora.

A resposta de Ricardo Franco, que dispunha somente de 109 homens, à intimação, foi imediata e impávida, traçando o perfil de um herói, no debuxo de um lance de bravura, vazada nos seguintes e altivos termos:

Tenho a honra de responder categoricamente a V. Exa. que a

desigualdade de forças sempre foi um estímulo que animou os portugueses, por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e a defendê-los até as duas extremidades: ou repelir o inimigo ou sepultar-se debaixo das ruínas do Forte que lhe confiaram; nesta resolução se acham todos os defensores deste Presídio, que têm a honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Exa., a quem Deus Guarde.

Desfechados os bombardeios da artilharia e a fuzilaria dos 800 homens da flotilha atacante resistiu galhardamente a guarnição agredida, que não esmorecia no revide.

Constatando os invasores a indômita decisão de Ricardo Franco e seus comandados e o número de baixas que sofriam improdutivamente, resolveram suspender o ataque e retornar a Assunção.

Firmou-se, destarte, definitivamente, a linha divisória entre os domínios português e espanhol, fixando-se as suas lindes no Oeste, assegurando, daí em diante, a exata divisa do Brasil nessa região. Configurado o perfil físico do Brasil cuja modificação, nessas raias, se frustra, mesmo pela força das armas, ensejou-se a ocupação dessa fronteira em que se viria assegurar, mais tarde, pelo *uti possidetis*, o princípio de Alexandre de Gusmão, adotado nos dois reinos confrontantes para dirimir as dúvidas ressurgentes de limites.

Proclamada a independência do Brasil, Mato Grosso tornou-se uma das suas Províncias dentro dos limites da antiga Capitania.

Isolado, e, mesmo, esquecido, nestas lonjuras do Oeste, que a ausência de vias de comunicação ainda mais distante o faziam, Mato Grosso padecia todas as agruras de semelhante situação, conservando-se, porém, naquela posição, que lhe atribuía o Conselho Ultramar, na recomendação feita a Rolim de Moura, quando o advertiu de que a sede de sua Capitania devia colocar-se onde pudesse dispor de *situação poderosa que contenha os vizinhos em respeito e sirva de antemural do interior do Brasil*. Essa recomendação é que determinou a sediação do governo da Capitania em Vila Bela da Santíssima Trindade, em 1752.

Quando, em 1847, a Missão Gelly, enviada ao Rio de Janeiro pelo ditador paraguaio, Carlos Antonio Lopes, propôs que a divisa entre o seu país e o Brasil fosse uma linha que, *partindo da barra do Iguaçu, no rio Paraná, e por este até o Salto Grande donde seguiria pelo cume da serra do Amambai e depois pela serra de Maracaju até a vertente do rio Miranda e por este até sua confluência no rio Paraguai*, foi a proposta repelida em virtude de estar essa região ocupada por brasileiros. Por força do *uti possidetis*, esse

trato de terras pertencia ao Brasil. A divisa era, mesmo, a do curso do rio Apa, das cabeceiras à sua foz, no rio Paraguai, como finalmente, se fixou, depois da guerra provocada por Solano Lopez.

Augusto Leverger, um dos mais lúcidos e dedicados governantes de Mato Grosso, percebendo as intenções paraguaias, que não escondiam suas demonstrações de malquerença, refletidas, embora disfarçadas, pelos propósitos belicosos de que se nutriam, sediou o seu governo de 12 de Fevereiro de 1855 a 19 de Outubro de 1856, em Coimbra, a atalaia de defesa da Província e do Brasil, que, convenientemente guarnecida, repetiria, se agredida, o feito de Ricardo Franco. Infelizmente, o governo imperial fez ouvidos moucos à realística advertência do eminente presidente da Província.

Quando, a 27 de Dezembro de 1864, Coimbra foi acometida pelas forças paraguaias do Coronel Vicente Barrios, é que se constatou o erro perpetrado de não se ter preparado Coimbra para a luta, como indicara Augusto Leverger, o que redundou no seu abandono pela escassa e desarmada guarnição ali aquartelada.

As vacilações do comandante da praça de Corumbá, Coronel Carlos Augusto de Oliveira, entre a resistência à invasão e a retirada, deu em resultado que esta, finalmente decidida, diante da superioridade dos atacantes, se realizasse em meio da maior desorganização possível. Salvaram-se, desse amargurado transe, 479 pessoas, graças à brava ação do Tenente João de Oliveira Melo, que as conduziu a Cuiabá, depois de penosa travessia da região desprovida de comunicações, despovoada e em pleno pantanal, na estação de chuvas.

Refugiados válidos e habitantes de Cuiabá se mobilizaram na sua defesa, frente à decisão de Augusto Leverger, conclamado pelo presidente da Província, General Albino de Carvalho, do seu merecido repouso, que o investiu no comando geral da defesa da Capital e de artilhar as margens do rio Cuiabá, na altura de Melgaço. Isso fez retroceder os invasores, até a preparação da retomada de Corumbá, que o então presidente da Província, José Vieira Couto de Magalhães, entregou ao comando do Coronel Antônio Maria Coelho, tudo foi feito pelos mato-grossenses, sem auxílio do governo central.

O sacrifício homérico de Antônio João, imolando-se na defesa do solo pátrio, em Dourados, contra a arremetida das forças de Solano Lopez, teve, na retomada de Corumbá, em 13 de Junho de 1867, a sua apoteose, nas fulgurações dessa vitória mato-grossense.

Forjados no áspero caminho do sofrimento, desde a defesa de suas

lindes, nos tempos da Colônia, e da integridade do seu território, no morticínio da guerra, os mato-grossenses, na evolução da nacionalidade, não desertaram do quinhão de servirem ao Brasil, dando-lhe servidores da estirpe de Rondon, o desbravador dos sertões desconhecidos e em cujas pegadas se afirma a nossa integração territorial; de Murinho, o emérito restaurador das finanças nacionais, na primeira década deste século; de Batista das Neves, dando a sua vida em holocausto à repressão da indisciplina e da desordem, no tombadilho do seu navio. São modelos em que se revela a sua psiquê.

É este o panorama tradicional em que se abeberou a personalidade singular de Caetano de Albuquerque – o patrono da cadeira 28, que venho ocupar – cuja dimensão a que se alçou na universalidade das atividades que exercitou, vai desde os bancos acadêmicos das Escolas Militar e Politécnica à suprema magistratura estadual, que exerceu, depois de perلustrar os escalões da hierarquia militar até o posto de general. Foi deputado federal na primeira constituição republicana e na legislatura de 1912 a 1916. Como escritor deixou-nos as seguintes obras: *Resumo Corográfico do Estado de Mato Grosso*, *Dicionário Técnico Militar*, *Se Eu Relatasse Tarifas*, *Manual do Empregado no Comércio*. Deixou também várias Mensagens dirigidas à Assembléia Estadual. De sua atividade intelectual numerosos foram os seus discursos, nos quais a sua oratória dominante revelava o estilista da palavra, como o era da escrita, nos inúmeros artigos que publicou na imprensa, focalizando assuntos mais variados, *maximé* de atualidade política, mercê dos entreveros em que se engajou, não esquecendo a sua contribuição cultural ao Instituto Histórico de Mato Grosso, de que foi um dos fundadores.

Sopesai, pois, Senhores Acadêmicos, o meu enleio em evocar perante vós, as multifárias facetas que emolduram a individualidade do General Caetano Manuel de Faria e Albuquerque, que se espelham no militar, no político, no parlamentar, no governante, no jornalista, no tribuno e no escritor, numa policromia que me desnorteia na minha admiração, para sumariar-lhe os dotes, na execução da determinação estatutária da Academia, que me prescreve o dever, neste evento, de deduzir.

Nasceu Caetano Manuel de Faria e Albuquerque, nesta Capital, a 11 de Janeiro de 1857. Era filho do Tenente-Coronel Caetano Manuel de Faria e Albuquerque e D. Francelina da Silva Pereira. cujas cepas se encontram em Pernambuco, pelo lado paterno, e aqui, pelo lado materno, no honrado português Francisco Xavier da Silva Pereira, a heráldica de que se exornam os Silva Pereira mato-grossenses.

Concluído o currículo na Escola Militar e na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, retornou à terra natal, já no posto de Capitão e de Ajudante de Ordens do Comandante das Armas.

A sua cultura, que se mostrava na palavra fácil e nos artigos que publicava, sua atraente compleição física, elegante e desenvolta, prestes se impuseram ao apreço e admiração dos seus contemporâneos – testemunham os seus contemporâneos – tornando-se figura de destaque no ambiente cultural e social da época. Sabia cultivar, como poucos, o aprimoramento britânico, de puro estilo vitoriano, dominante na Europa, onde estivera no desempenho de missão militar e a cujo espírito liberal rendia fervoroso culto.

Esses predicados, inerentes ao jovem Capitão, envolveram-no em um episódio, narrado por José de Mesquita da seguinte forma: *Na celebração cívica de 7 de Setembro de 1889, comemorativa da nossa independência, realizada no Teatro São João, presidido pelo Coronel Ernesto Augusto da Cunha Matos, presidente da Província, o Capitão Caetano de Albuquerque, orador oficial da solenidade, proferiu um brilhante discurso de fundo tipicamente republicano, embora expresso na elegância da frase pomposa, na fidalguia das apóstrofes cintilantes e de sutileza irônica que acutilavam com a leveza de um florete em que o sublime e o patético davam-se as mãos para produzir no ânimo da assistência a deslumbradora impressão de uma pirotécnica de palavras, cujo brilho ofuscava as próprias luzes do salão.*

Não passou, entretanto, incólume essa demonstração de republicanismo do ardoroso tribuno. Aplicou-lhe sanção punitiva a autoridade monárquica, que, no dia imediato, enviava-o preso à Capital do Império.

O ronceirismo das comunicações, exclusivamente fluviais, demorou na viagem do punido Capitão ensejando que, ao aportar ele a Montevideú, fosse acolhido com a alvissareira notícia da proclamação da República, a 15 de Novembro.

Autêntico republicano, os seus méritos levaram-no logo à promoção, ao posto imediato de Major .

Eleita a Constituinte republicana, que estruturaria as normas do novo regime, Caetano de Albuquerque dela participou como representante de Mato Grosso.

Concluído esse mandato, voltou ao Exército, tendo exercido, entre outras comissões de sua especialidade de engenheiro, as de Diretor de Obras Militares do Paraná, Pará e Mato Grosso.

Na legislatura de 1912 voltou à Câmara dos Deputados, onde foi encontrá-lo a escolha do seu nome para Presidente do Estado. Eleito pelo

sufrágio popular, empossou-se no cargo a 15 de Agosto de 1915.

Antes, porém, de consumir-se um ano de administração, a que impunha sua marcante personalidade de independência, que não se casava à submissão das imposições da grei partidária a que estava filiado, e de sua extrema probidade, não violando direitos, fossem dos seus próprios adversários, como se exigia, dentro do tacanho partidarismo dominante, entrou em divergência com a direção de seu partido político. Da divergência ao rompimento resultou um movimento armado que teve como cabecilhas Henrique Paes de Barros, no Norte, e, no Sul, o Major Antônio Gomes Ferreira da Silva, Comandante do Regimento de Cavalaria Estadual, forte agrupamento militar sediado em Bela Vista, na fronteira com o Paraguai. Confrontadas as forças mobilizadas, foram os insurgentes batidos em Piavoré e Água Amarela, graças, sobretudo, ao apoio que o Partido Republicano Mato-grossense, chefiado pelo ex-Presidente Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa, oposicionista ao Partido Republicano Conservador, a que pertencera o General Caetano de Albuquerque. Pedro Celestino ofereceu, com os seus correligionários, os contingentes de combatentes e seus comandantes, respectivamente, Drs. Oliveira Melo, José Morbeck e Coronel Lycério Augusto Pereira, no Norte; o Coronel José Alves Ribeiro Filho, no Sul, o qual, pelos seus méritos de liderança, viria ocupar destacada posição na vida pública do Estado na conservação de tradição avoenga e paterna.

Enquanto os encontros das armas adversas derramavam sangue, no pretório máximo da Justiça – o Supremo Tribunal Federal – pelejavam as armas jurídicas, no patrocínio de sucessivos *habeas corpus*, ora impetrados pelo Presidente Caetano de Albuquerque – contra o *empeachment* que a Assembléia Estadual decretara para afastá-lo do governo, ora pelo 2º Vice Presidente (o 1º havia falecido), Manoel Escolástico Virgínio, para investir-se no cargo, em conseqüência daquela decisão. Singularmente, a decisão vinha no aresto, em favor do réu, em virtude da atitude intransigente dos julgadores que, divididos ao meio na apreciação do recurso, obrigava o Presidente a desempatar a decisão em favor do réu, como expressamente dispunha norma legal.

Em face dessas obstinadas decisões jurídicas, o Presidente da República, Wenceslau Braz, buscou uma solução extra legal que, aceita pelos contendores, resultou na renúncia do Presidente Caetano, do Vice Presidente Manoel Escolástico e dos deputados estaduais, procedendo-se novas eleições em que seria sufragado unanimemente, como Presidente, o Bispo D. Aquino Corrêa, eminente figura da Igreja e da cultura nacional, a quem se

acresceria mais um galardão de mérito – o de pacificador da conturbada vida pública da sua terra. E, assim, aconteceu: D. Aquino desobrigou-se imparmente da tarefa que lhe atribuiu o povo mato-grossense.

Com esse desfecho, Caetano de Albuquerque retirou-se da vida partidária da sua terra e, não tendo sido eleito no pleito de 1921, à Câmara dos Deputados, que disputou avulsamente, ou seja, desligado de qualquer organismo partidário, refugiou-se no seu desencanto político, fixando residência no Rio de Janeiro, onde veio a falecer a 10 de Fevereiro de 1925.

Legou-nos, como verba do seu testamento, a sua varonil personalidade de ressaltantes predicados de soldado, de estadista, de erudito homem de cultura, a que este Cenáculo das Letras deferiu o paraninfado de uma das suas Cadeiras, na consagração tributada aos seus méritos.

Na sucessão, para a ocupação desta Cadeira, sufragou esta Academia o Professor Severino Ramos de Oueiroz, filólogo, cinzelador da língua nas cátedras dos educandários a que serviu, esmerando-se obstinadamente para o seu cultivo esmerado pelas gerações que despontam, enobrecendo, destarte, o quadro deste Solar da Literatura.

Ocupou-a, depois, Ulysses Serra, fascinante inteligência, que nos legou, principalmente, páginas descritivas de expressiva policromia, focalizando episódios vividos do seu tempo, ou registrados na memória de contemporâneos, as quais nos lembram, na suavidade do estilo, a sua fidalga pessoa, de trato cativante e sedutor. Era bem um cavalheiro que honrava a estirpe nobre de Ricardo Franco, de quem descendia.

Inventariado o acervo de suas atividades, encontramos-lo Deputado Classista na Assembléia Estadual de 1936; Membro do Conselho Administrativo do Estado, em 1940; Serventuário de Justiça e Tabelião da Comarca de Campo Grande; Vereador da Câmara Municipal de Campo Grande na legislatura de 1947 e 1951. Nessas variadas funções, sempre exercidas com dedicação, lhanura, probidade e alto espírito público – o brasão de sua distinta figura – Ulysses Serra não se omitia do convívio das letras, estando sempre presente através das colunas dos jornais e páginas de revistas, ora versando assuntos de natureza política – político militante que era – ora dando expansão ao seu espírito de catalisador de fatos pretéritos ou do cotidiano, na retorta de sua sensibilidade de *conteur* sutil.

Na convivência que mantivemos por estirados anos, sempre registrei a sua preocupação pelo aprimoramento intelectual da nossa gente subtraídos

alguns às seduções da bovinização que o império do poder econômico impõe numa área tão marcada da sua força, desviando, para sua faina, o bacharel, o médico, o engenheiro e o economista, com a preterição do labor humanista da coleta das forças espirituais para sua eternidade, no imenso *in folio* do mundo, ou seja, da cultura, que André Malraux agnominou de *honra da humanidade*,

Desse seu desideratum, nasceu a Academia de Letras e História de Campo Grande de que foi infatigável fundador. Deixou-a em plena e vitoriosa ascensão na catequese de valores intelectuais da estuante cidade sulina, a cuja sombra vicejam duas universidades, as sementeiras promissoras de um alentado centro cultural, que teve, do *talento onímodo e esfuziante* de Ivan Lins, o vaticínio de *futuro proeminente*, no paraninfado que lhe coube, na sua instalação, por delegação da Academia Brasileira de Letras.

De Ulysses Serra, a sua última produção herdada de sua vocação literária foi o seu livro de crônicas, verdadeiras radiografias de paisagens humanas, telúricas, históricas e sentimentais, a que o seu estilo límpido e ameno deu o título de ***Camalotes e Guavirais***, o qual, como aquelas ilhas flutuantes que majestosamente descem pelas águas remansadas do Paraguai, desliza na fulguração das nossas letras, trescalando a suavidade do perfume dos guavirais, na emanação do seu espírito requintado.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO DEMÓSTHENES MARTINS, POR ANTÔNIO LOPES LINS

Um dia, do Presidente desta Casa, o ínclito professor de Direito, literato e historiador Desembargador Gervásio Leite, recebi uma ordem: seria eu, um dos mais novos e dos mais humildes membros do principal núcleo de cultura de Mato Grosso, o acadêmico encarregado de receber Demóstenes Martins.

Nos primeiros momentos, apenas deslumbrou-me e empolgou-me a incumbência. Era a oportunidade que tanto desejava para mostrar minha admiração, meu apreço, minha estima a esse intrépido e intemerato homem de letras, mistura de Dom Quixote, Catão de Utica e Spinosa, cuja vida vem sendo uma esplêndida lição de humanismo consciente e desprendido.

Lembrei-me, entretanto, que maior poderia ser a consagração de Demóstenes se um João Antônio, um Gervásio, um Rubens, Lenine, Luis-Philippe ou outros tantos mestres da palavra, nesta terra e neste sodalício, - onde a história e a tradição encheram-se do brilho dos Barnabé de Mesquita - estivessem agora e aqui a dar a justa medida dos méritos do recipiendário. Confesso até que pensei em empenhar-me em transferir a um dos companheiros maiores a magna tarefa, mas, ao saber que nascera do homenageado a escolha de meu nome enchi-me de júbilo e dispus-me a enfrentar o brilho desta noite e o prestígio do sodalício, do novo acadêmico e da seleta assistência que nos honra.

Cristo, na parábola da mostarda, citada por São Matheus, ensinou-nos que não há tarefa impossível. Um grão, de ínfimo tamanho, em terreno fértil e sob condições satisfatórias, torna-se uma árvore. Por isso, eis-me aqui, simples grão de mostarda sonhando com a glória de tornar-se árvore, a crescer para a tarefa nobre de introduzir neste templo de cultura, não um iniciado na ciência e na arte da comunicação correta e bela, mas um auto-livre didata que nasceu com o dote da expressão literária e com a mística da sua forma.

Demóstenes Martins é desses carismáticos que têm o condão de atrair as pessoas pela sua simpatia e para sua amizade. E essa amizade incentiva, constrói, engrandece.

Se o progresso de um povo depende da ação construtiva de cada um, é lógico que distinção maior merecem aqueles que mais obraram, que se fizeram sentir através de iniciativas fecundas e felizes em um espaço de tempo mais dilatado.

O *curriculum vitae* do homem que hoje recebemos nesta ilustre Casa do Barão de Melgaço, mostra trabalhos de toda ordem e em toda parte, começando do humilde e anônimo manipulador do alfabeto Morse, na saga de Rondon – que levou a comunicação às selvas ínvias dos Bandeirantes do século XX – até a construção de uma linha energética que hoje serve a Campo Grande. Assim, ao lado do reconhecimento dos dotes intelectuais do novo imortal, esta festa vale também como uma homenagem de reconhecimento e gratidão a um cidadão que, durante mais de meio século, encheu a paisagem de Mato Grosso com a cor e o tono de seus assinalados serviços.

Demóstheneis Martins é um desses raros indivíduos que se sentem recompensados com o sentimento do dever cumprido. É um homem que nunca recebeu posições pelo prazer do prestígio que elas lhe conferissem, nem pelo interesse na remuneração recebida – sempre precária e insuficiente – e muito menos pelo desejo (espúrio) de obter vantagens.

Enquanto milhares de pessoas, muitas delas sem qualquer desonestidade, recebiam terras devolutas do Estado e se enriqueciam, mais tarde, com sua venda ou sua exploração, Demóstheneis, com a fonte da distribuição dessas terras nas mãos, jamais requereu um hectare. Enquanto muitos obtinham, como recompensa de seu esforço e de sua dedicação, empregos bem remunerados, vitalícios, Demóstheneis não os quis, perdeu tempo mais do que suficiente para uma aposentadoria condigna e ainda hoje luta pela causa pública em função não remunerada, da S .C. G. I. – Enquanto inúmeros cidadãos fizeram – às vezes sem qualquer demérito – de funções e posições de mando, trampolim para posições eletivas, conseguindo votos através dos favores prestados no exercício de seus cargos, Demóstheneis foi o Catão sisudo, guardião intransigente, sem condescendências levianas ou promessas hipócritas, da causa pública.

Como Secretário de Estado durante nove anos, não se preocupou em aliciar amigos entre os que lhe dariam sua gratidão e sua recompensa em troca de favores ou posições. Prefeito em Nioaque, Bela Vista e Campo Grande, diretor das Centrais Elétricas de Urubupungá, Coletor Estadual, Presidente das Câmaras Municipais de Campo Grande e Maracaju, Demóstheneis deixou, em todo o tempo e no espaço de permanência nos cargos, a marca indelével de seu elã, de sua inconfundível honestidade e de seu respeito profundo pela causa coletiva. Respeitado sempre, hostilizado não poucas vezes, temido até e não raro odiado, nunca arredou o pé de sua linha de conduta. Sua vida vem sendo uma autêntica quixotada aos ditames do destino, uma luta de Pardaillan contra descrentes, vencidos, incapazes,

proveitadores.

Rapazinho no Pará, ei-lo galvanizado pela luta cívica de Lauro Sodré contra a oligarquia Lemos, que se perpetuava no poder à custa de engodos e fraudes. Desejava que a política fosse a ante-câmara de um salão limpo, onde não proliferassem podridão e mazelas. Das velhas avenidas arborizadas a mangueira da capital paraense parecia surgir o eco de Batista Campos, um padre-poeta-revolucionário, que deu sua vida pela causa da liberdade, a clamar obsessivamente pela verdade, em um verso que se tornou símbolo de uma causa de renovação: */Eu cá de circunlóquios nada sei / Eu conto o caso como o caso foi / Na minha frase de constante lei / O ladrão é ladrão, o boi é boi !*

Sonhando com um Brasil limpo e tranqüilo, empunhou a espada de cavaleiro andante da rebeldia em 1922, em 1924, em 1930 e em 1932, quando chegou a 1º tenente de Sapadores, na epopéia paulista, Sempre o empolgaram os grandes movimentos cívicos nacionais de reforma moral e política e, assim vimo-lo, de novo, já com quase 70 anos de idade, mas ainda forte e viril no garbo de seu idealismo rejuvenescedor, lutando nas trincheiras da democracia que conduziram ao movimento de 31 de março de 1964.

E sua atuação não foi a de um contemplativo que reza baixinho pela sua causa, com medo de externá-la. Ao contrário, assumiu pessoalmente a responsabilidade de impedir, em 13 de março daquele ano, a realização de um comício gigante, ilegal, em Rondonópolis, dos comunistas e elementos insuflados por eles, um comício marcado para ser o início do movimento vermelho, com a invasão das fazendas e a implantação de um estado de revolução permanente, em Mato Grosso.

Para saber-se o quanto de coragem representava um gesto desse, basta recuemos até aqueles dias tumultuosos. Na mesma data, no Rio, um comício semelhante se realizava, o presidente da República à frente da mazorca. Cabos e soldados deblateravam contra seus comandantes e empunhavam o estandarte da insubmissão – considerada legal pelo consentimento.

Grupos paramilitares, como o famigerado Dos Onze, surgiam de dentro dos operários sugestionados e a massa de camponeses iludidos por uma propaganda solerte – financiada do estrangeiro. Toda garantia dos direitos de propriedade ruía ante um povo estarecido e diante de grupos arrogantes, que já se julgavam os donos do destino.

O Governo, frágil, de um Estado, como Mato Grosso, com imensos

espaços vazios, que não podia policiar ou mesmo controlar, uma polícia desarmada, mal paga, exposta a todas as fórmulas de aliciamento, o próprio Governador ausente, em viagem de serviço, sem condições para impor sua autoridade. Agir como Demóstenes agiu, parecia mesmo uma quixotada – pois somente alguém com o espírito de Dom Quixote poderia assumir a responsabilidade e o risco do que se fez.

Milagrosamente, a ordem foi mantida, a lei obedecida. A hidra recebia o primeiro golpe e o revés levou muitos a um recuo, pelo raciocínio de que a cousa não estava tão fácil como parecia e como lhes diziam. Havia reação, havia homens, havia, ainda, barreiras à expansão da mazorca.

O tenente dos Sapadores da Revolução de 1932 era um general civil naqueles dias tumultuosos que antecederam ao 31 de março.

Hoje, Demóstenes é um homem tranqüilo, realizado, mas se recusa a parar. Parar significa morrer, para um lutador de sua têmpera. Contemplando sua existência, ele vê, atrás de si, uma vida cheia de alternativas antagônicas, ora marcada pelo signo das realizações, ora deslizando no anonimato das esperas ou das reações sem eco. Para frente, o tempo, que começa na casa dos setenta e quatro anos, rico de exemplos e recordações, não é um mundo cinza de ancião que se encasula, na espera do fim. Continua a arena de um lutador, o palco de novos desdobramentos, onde se situam mistério de escritor, contradições apaixonadas de jornalista, um ou outro trabalho mais interessante de advocacia, os problemas da S. C. G .I. , as preocupações com seus filhos e netos, a fruição de um lar feliz, onde uma companheira, que já recebeu a crisma das bodas de ouro, reparte com ele tristezas e alegrias, sentindo os mesmos problemas de um outono feliz, de quem tem a consciência tranqüila e o coração lavado de sol.

Seu mundo familiar está hoje constituído por D. Corila Lesonier Martins – esposa amável – uma filha solteira, inteligente e operosa, que nunca se separou do casal e quatro filhos – todos casados e vitoriosos na vida.

Membro fundador da Academia de Letras e História de Campo Grande, nosso homenageado-recipientário é um intelectual de grande sensibilidade, pesquisador arguto e paciente de nossa história e seu intérprete sincero e fiel e um jornalista combativo, sempre em dia com os grandes problemas do povo deste Estado.

Demóstenes Martins – eis um homem realizado. Um homem que, a despeito de seu raro espírito de luta, não guarda mágoas ou rancores, não armazena ódios, não aceita maledicências – e para quem a humanidade

inteira merece estima e respeito. Há muitos anos privo de sua amizade e não vi, nunca, nos seus lábios, o estigma de uma condenação. Seus maiores inimigos – sempre gratuitos – inclusive os que o caluniaram, têm merecido referências favoráveis, até encomiásticas, em suas partes positivas. Seus adversários de ontem são, em muitos casos, seus amigos de hoje – e sempre o respeitaram.

A 8 de novembro passado, pagando uma dívida de honra, a Assembléia Legislativa do Estado, em sessão solene da qual fui o orador, outorgou-lhe a merecida cidadania. Embora tardio, foi um ato de reconhecimento que lhe tocou profundamente o coração. Provou-se ali, diante do alto mundo de nosso Estado, que os méritos reais podem ser ofuscados momentaneamente, sob o entrevero das lutas e das paixões, mas aparecem, refulgentes, como as verdades humanas ou os ditames divinos, na hora da verdade.

Ninguém pede milagre a cada homem que nasce, mas apenas que deixe algo depois de sua vida – diz Edmond About. Uma árvore, um teto, um instrumento, uma arma, uma vestimenta, uma verdade demonstrada, uma descoberta científica, um livro, uma estátua, um quadro. Não há um único homem inteligente que não se sinta ligado, por fios invisíveis, a todos os homens passados, presentes e futuros. Somos herdeiros de todos os homens que morreram, associados dos que vivem, providência dos que virão.

Demóstenes Martins, como homem público e cidadão, vem sendo um exemplo dignificante de capacidade e trabalho. E como intelectual, como homem de letras inato, que trouxe para a vida, do misterioso universo dos cromosomas, o dom da comunicação fácil e perfeita, é um autêntico intérprete da cultura mato-grossense. Sua obra histórica sobre Campo Grande, apenas um ensaio, mas profundamente criterioso e honesto mostra o cronista, o

pesquisador paciente e arguto, o escritor que prende, o memorialista que convence.

Dele, muito tem a esperar esta Casa, quando vier a coligir os elementos da história de Mato Grosso – de nossa infância heróica e desprendida, nossa adolescência de muitas lutas e ingentes sacrifícios, nosso crescimento conseguido à custa de mil trabalhos e muitos sonhos, nossa realidade de hoje, em que há, também, heroísmo, desprendimento, sacrifícios, sonhos, lutas e esforços continuados.

A Cadeira nº 28, de que é patrono Caetano Manoel de Faria e Albuquerque, sucedendo ao professor Severino Ramos de Oueiroz e Ulysses Serra, parece ter sido criada para ele. Com o patrono, liga-se por essa singular corrente de atração pela política, esse prazer de lutar por seus ideais até o fim – de apoiar sua verdade até mesmo no sacrifício. Como Severino Oueiroz – nordestino como ele e como eu – é um atraído pela forma perfeita do vernáculo, pelo apelo da semântica, pela beleza da estética na comunicação. E com Ulysses Serra, o nosso querido e sempre lembrado Ulysses, fundador e patrono da Academia de Campo Grande, ele se irmana por uma longa e sincera amizade, pelo gosto das mesmas cousas, pelo amor de uma paisagem que se tornou comum a ambos, neste último quarto de século.

Vice-presidente, reeleito, da Academia de Campo Grande, entusiasmado pelas causas da cultura, Demósthene será, nesta augusta Casa do Barão de Melgaço, uma alavanca. Poderemos contar com sua cooperação, com seu interesse, com seu elã, com seu trabalho espontâneo, pelo tempo que lhe for possível.

Queira Deus tenhamos-lo, ainda por muitos anos, entre nós. É um exemplo para contemporâneos e porvindouros e seu nome se inscreverá no mesmo plano das grandes figuras desta Casa, tanto como intelectual como na qualidade de cidadão, portador de qualidades excepcionais, como firmeza, honradez, coragem, inteligência, ação, boa vontade, sendo de proporções e de responsabilidade, equilíbrio, sinceridade e amor.

A ilustre Casa Barão de Melgaço, engalanada nas luzes e alegrias desta noite magnífica e na satisfação de todos os seus componentes, recebe a presença de todos vós – convidados que abrilhantam esta sessão – com a unção a uma Ordem Mística à chegada de mais um dos seus iniciados. Agradecida de vossa presença, a Academia pode melhor externar a imensa satisfação de receber em seu seio a figura por todos os títulos exponencial de Demósthene Martins.

Cadeira 32

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO
JOSÉ FERREIRA DE FREITAS, PELO PRESIDENTE DA
ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, GERVÁSIO LEITE
24 de outubro de 1975**

Não é sem uma certa alegria pessoal que venho pronunciar estas palavras inaugurais - praxe consagrada na Academia - ao abrir a Sessão Solene em que hoje é recebido **ad immortalitatem** o Sr. Dr. José Ferreira de Freitas.

Alegria íntima, permanente, que se demora fundamente no meu espírito, pois que o novel Acadêmico vem aqui substituir um dos nossos mais eminentes homens de Letras, meu mestre, meu amigo dileto, meu conselheiro que era o Acadêmico Isác Póvoas, que imorredouramente vive em nossa saudade.

Com ele, aprendi o que sei de humanidades. Ele me encaminhou para a vida literária; ele me deu o melhor do seu espírito, posto que a sua obra maior avulta-se na sua longa vida de professor, que, em verdade, foi toda a sua vida.

Por outro, foi como Professor que, também, conheci o eminente homem de letras, Dr. José Ferreira de Freitas, que hoje recebemos carinhosa e festivamente.

Professor de Direito Civil da nossa Universidade, coube-me, em certo instante decisivo da vida da Universidade Federal de Mato Grosso, coordenar o Centro de Humanidades e de Ciências Humanas, que reunia mais de dois terços das Faculdades que integravam este centro de Estudo Superior.

E, como ali tudo era novo, tudo tinha que ser feito, tínhamos que ferir fundamente na carne para coletar sangue com que nutrir a Universidade nascente, para desempenhar com acerto e dignamente o cargo que me confiou o alto espírito do Magnífico Reitor Gabriel Novis Neves.

Cerquei-me de um pugilo de professores que me deveriam assessorar, e no grupo de homens de alto gabarito, destacou-se cedo a figura do professor José Ferreira de Freitas, professor de Estudos de Problemas Brasileiros, homem de sólida cultura, de largas e profundas leituras, que inúmeras vezes dava o melhor do seu saber e da sua experiência para que pudéssemos trilhar os rudes caminhos de pioneiros que devíamos palmilhar.

Nasceu desse convívio diário, onde não se dispensava a cortesia que os homens se devem no plano superior da convivência espiritual, nem o bom humor com que procurávamos amenizar as nossas longas, rudes e fatigantes jornadas de trabalhos, a minha admiração pelo novo imortal que agora penetra, ungido pela consagradora unanimidade de votos com que foi eleito, os umbrais deste Silogeu.

Professor, homem de sólida cultura, homem de saber é, ainda, dessas raras expressões culturais que sabe dar o melhor de si mesmo e emprestar a cada um e a todos uma colaboração sempre fecunda, leal e decisiva, expressões do seu caráter e dotes do seu espírito que o têm levado a altos postos na vida política, administrativa, cívica e cultural da nossa terra.

Há, por isso, nestas palavras inaugurais da sessão solene de recepção de José Ferreira de Freitas, uma alegria íntima que povôa o meu espírito, pois que, afinal, são três professores que se encontram aqui, sob a imortalidade acadêmica: o nosso querido confrade Isác Póvoas, o novel acadêmico que hoje recebemos e aquele que a Confraria escolheu para seu presidente.

É que a Academia tem recrutado a parte mais considerável de seus membros no magistério, a revelar aquilo que temos dito sempre, que a educação é o primeiro passo em direção à cultura, que o objetivo da primeira, é, sobretudo, preparar homens cultos para os embates da vida.

O professor que daqui partiu para a longa viagem àquele país de cujas fronteiras ninguém jamais voltou da concepção shakespeariana, é substituído por outro mestre das novas gerações, sob a presidência de quem há mais de trinta anos tem dedicado o melhor de si mesmo, ensinando, educando, instruindo.

O sucessor por certo há de honrar ao seu antecessor, posto que ambos realizaram e realizam a favor do Brasil, a obra mais fecunda e que melhores frutos produz: a de instruir os brasileiros para que a Pátria comum possa cumprir o seu glorioso destino.

É com esses altos e nobres propósitos, Senhor José Ferreira de Freitas, que o recebemos por entre provas de apreço e de admiração, sob a luz clara e forte da imortalidade que o iluminará ao longo de sua atividade nesta Casa, que auguramos seja longa e fecunda.

Está aberta a sessão.

**POR ACADÊMICO JOSÉ FERREIRA DE FREITAS ,
PRONUNCIADO PELO ACADÊMICO ANTÔNIO LOPES LINS
ESSE MOÇO CHAMADO FREITAS**

Quis Deus, em seus imprescrutáveis desígnios - não o destino, essa peça estranha, urdida , na terra, pelos homens, em seus passos incertos e nas suas relações uns com os outros - que um dia, sob o guante do livre arbítrio, num Estado cheio de montanhas do interior do Brasil, um homem e uma mulher se encontrassem. E, amando-se , se unissem pelo testemunho de um sacerdote e a palavra de um Juiz, tal como mandam as leis de Deus e as normas dos homens.

O palco desta história tão singela , que se repete milhares de vezes todos os dias, foi Veríssimo, na zona rural da região da Alto Triângulo Mineiro, que se assenta numa esplanada de montanhas, a 700 metros de altitude sobre o nível do mar.

O casal de camponeses humildes, simples, trabalhadores, imbuídos de uma fé muito viva na religião de seus ancestrais, chamava-se Lindolfo e Adelaide. A época: o começo da segunda década do século.

Com instrumentos primitivos de trabalho para enfrentar a vida, sem meios convincentes de subsistência que não fosse a força de seus músculos e de sua fé, esse casal cresceu, e como manda o livro de Deus, multiplicou-se em vinte e um filhos.

Um desses filhos foi o Padre Nelson de Freitas, ordenado com brilhantismo na Universidade Gregoriana de Roma depois de cursar o Seminário Pio Brasileiro. O outro chama-se José Ferreira de Freitas, é Secretário do Estado em Mato Grosso e está sendo recebido, neste momento, pela Academia Mato-grossense de Letras, para preencher a vaga da Cadeira nº 32, de que é patrono Francisco Catarino Teixeira de Brito, sucedendo a Isác Póvoas.

Exmº Sr. Chefe da Casa Civil, representando o Dr. José Garcia Neto, Governador do Estado.

Exmº Sr. Domingos Sávio, Presidente do Tribunal de Justiça.

Senhoras e Senhores.

Mandam as tradições deste Sodalício de Letras, que um acadêmico faça o elogio do colega recipiendário. E uma questão de ética vem determinando que o escolhido seja, quase invariavelmente, aquele que propôs o novo imortal. Por essas simples razões, coube-me a honra de ser escolhido para receber e saudar José Ferreira de Freitas, uma honra que, de certo modo, pode empanar o brilho desta solenidade, eis que sou um dos mais

novos e dos menos experientes e inspirados cultores da palavra falada nesta ilustre Casa de Barão de Melgaço.

Conheci Freitas, pela primeira vez, em 1960, quando eu era Gerente do Banco do Brasil em Campo Grande e ele, funcionário ainda novo, trabalhava, parece-me, no setor de Cadastro da filial de Corumbá. Dois anos depois, em 1962, eu, já Inspetor daquele Banco, o encontrei na Ajudância de Serviço da Carteira Agrícola da mesma agência e o tive sob minha inspeção

Ele era, então, como o é ainda hoje, o funcionário probo, capaz, extremamente trabalhador e com alto senso de responsabilidade. Essas qualidades, aliadas a um grande talento, fazia-o destacar-se entre os funcionários daquela Casa e o apontava junto ao eleitorado sadio e consciente para uma posição de liderança política.

O homem devotado ao bem público, e legislador capacitado e austero, o porta voz dedicado e fiel de todos quantos tinham direitos postergados ou reclamações justas a fazer, despontava, naturalmente, daquele funcionário de escol. O Banco do Brasil não enchia suas aspirações embora lhe acenasse com o futuro tranqüilo e a segurança de uma carreira bem remunerada cujo corolário seriam para ele, como para todos os que portam suas qualidades, postos de alta relevância.

Escolhi Freitas para ajudar-me naquela primeira inspeção. E se bem que eu fosse, como até hoje o sou, um intransigente e ávaro defensor do princípio de que, cada expositor de assunto o faça no seu próprio estilo e com suas palavras, não deixei de admirar e aqui e ali aproveitar aquele seu brilhante e bem arrumado modo de dizer as cousas. Uma redação lógica, natural, apropriada e fluente de narrar, perquirir, expor, deduzir, concatenando fielmente em pensamento, sintetizando a exposição, reduzindo ao essencial os julgamentos finais.

Tornei-me seu amigo, admirador de suas qualidades. Indiquei-o, em meu relatório, para postos de direção em agências, uma indicação que de nada lhe serviu, em virtude de logo se haver afastado do Banco para candidatar-se e eleger. Depois, acompanhando seu desvio de trajetória no rumo da política, fui seu eleitor e cabo eleitoral junto ao pequeno círculo em que era dado atuar.

E José Ferreira de Freitas, mineiro natural de Veríssimo, nascido em 9 de fevereiro de 1928, ex-estudante dos seminários menores de Uberaba e Belo Horizonte, técnico de contabilidade pela Escola Técnica de Corumbá, futuro Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade desta Capital, um rapaz que começara exercendo um posto de primeiro Oficial da Cúria

Diocesana de Uberaba e ingressara no Banco do Brasil, por concurso público, depois de haver servido no Banco de Minas Gerais, afastava-se do nosso comum e nobre padrão bancário para exercer, em 1963, seu primeiro mandato de Deputado Estadual.

Dizer o que foi a atividade parlamentar de Freitas, contar como recebia e atendia todos os que dele precisavam e se acercavam, é repetir algo que todos já sabem. Parlamentar idealista, disposto a servir, seu gabinete esteve sempre aberto, como sua alma. O homem simples e bom, cujo ideal maior era e é ser útil a seus semelhantes, desdobrava-se além de suas possibilidades físicas para atender. Nem seu tremendo senso de organização bastava para dar boa conta da tarefa que lhe era cometida. Desempenhou a presidência de várias comissões técnicas, foi diretor de órgão de seu partido ("O Social Democrata"), e líder de sua bancada na Assembléia. Tudo isso lhe garantiu a reeleição para o período 67/70, quando foi deputado constituinte em 1967 e Pte. da Comissão Especial encarregada da adaptação da Constituição Estadual à emenda nº 1, da Constituição Federal, integrante da União Parlamentar Inter-estadual, em Brasília (1964), na Guanabara (1966) e em Pernambuco (1967) e de Simpósio promovido pelo Ibam, com a colaboração do Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas (Rio). Nessa segunda legislatura foi eleito Vice-Presidente da Casa, e, depois, líder do Governo.

Todas as atividades dessas funções e comissões, desempenhadas com brilho e correção, acarretavam-lhe enorme dispêndio de energia, ao qual se somaram os de Vice-Presidente e coordenador do Diretório Regional da Arena, dos anos de 1969 a 1972. Esforçando-se demasiado pelo seu Partido, pelas causas que abraçava e na defesa do Governador do Estado, então ameaçado de *impeachment* pela maioria dos deputados e cujo mandato salvou através de medidas oportunas e sagazes, Freitas descuidou-se de si mesmo, confiou no dirigente que lhe devia a permanência no cargo e na memória dos eleitores a quem servira. Juntamente com a dura experiência de encontrar-se frente a frente com a ingratidão humana, experimentou, em 1970, uma amarga derrota.

No começo de 1971, ao término de seu mandato, não querendo voltar ao seu posto efetivo no Banco do Brasil (devolvera a Comissão ao licenciar-se), temendo, certamente, confessar-se derrotado na carreira política ou assim julgado pelos seus colegas e correligionários, preferiu Freitas enfrentar um concurso para Consultor Técnico Jurídico da própria Assembléia, onde, aprovado, foi aproveitado, exonerando-se do Banco do Brasil.

Na mesma eleição em que o novo Acadêmico, com tantos serviços

prestados, não se elegeu, eu me elegi. Novamente nos encontramos . Dessa vez eu era deputado e ele era assessor parlamentar, um assessor cuja função principal era escrever discursos para os deputados, bem como moções, votos, indicações, projetos de Lei, exposições de motivo e outras tantas proposições que fazem parte do metiê parlamentar.

Freitas tornara-se assim, um professor de deputado, atento e correto, vivamente interessado em vê-los brilhar para que o Poder Legislativo (que tão humilhado saíra das últimas lutas políticas) voltasse a merecer do povo o crédito e o respeito que lhe devem ser inerentes, imanentes. Sabia ele, que tanto amou e dignificou nossa Casa de Leis, que um poder ridicularizado , objeto de críticas justas e generalizadas, deixa de ser um Poder para tornar-se caricatura, conventículo de inutilidades.

Sou testemunha da luta que José Ferreira de Freitas travou pelo bom nome do nosso Legislativo, visando conseguir uma boa imagem e conservar para uns poucos parlamentares inócuos, pouco capazes, que não procuravam compensar a inexperiência, a incultura ou a pouca inteligência com o esforço , o interesse legítimo, a força de vontade. Era ele, ou seu colega de assessoria, o Secretário Reis Costa, quem fazia quase tudo para nós e praticamente tudo para um grupo. Desde o ABC das normas regimentais até a redação do que seria apresentado no Plenário.

Por blague, colegas nossos, ao ouvir alguma exposição particularmente feliz no Plenário, comentava acerca da "Inspiração do Freitas, na véspera." Como Assessor participou do VI Congresso Brasileiro de Assembléias Legislativas em Fortaleza, do qual era eu um dos representantes de nossa bancada . E como membro da Arena, embora sem mandato parlamentar, era chamado a desempenhar o cargo mais trabalhoso , que é o de Secretário Geral da Secção Estadual . Autêntico "pé-de-boi", foi ele quem deu corpo e alma à precária organização partidária, virtualmente matando-se, com o Presidente, para salvar o Partido da falta de interesse da maioria dos seus membros.

Em 1973, juntamente comigo e outros membros da Executiva Partidária escolhidos em votação, Freitas foi Delegado da Arena à Convenção Nacional, em Brasília, para a escolha de candidatos à Presidência ou à Vice-Presidência da República.

Entre os galardões que pode ostentar, estão o exercício do cargo de 1º Secretário da Liga de Defesa Nacional, em nosso Estado; de membro componente da programação e Execução da IV Semana Estadual Jurídica da Universidade Federal de Mato Grosso, em 1972; de coordenador da Comissão Examinadora do Vestibular na mesma UFMT, naquele ano. Em

1975 foi feito Presidente da Comissão Executiva da Liga de Defesa Nacional, em Mato Grosso e assumiu o honroso cargo, em que ainda se encontra, de Secretário de Estado da Administração, no atual Governo.

Antes de alongar-me no elogio de José Ferreira de Freitas e para uma justificativa de seus atos e de sua maneira de ser e de comportar-se, diremos que sua instrução e cultura se fundamentaram no estudo de humanidades e filosofia nos seminários menores de Uberaba e Belo Horizonte. O moço pobre, ansioso por conquistar um lugar ao sol pelo saber, conseguiu internato, de graça, para os estudos sociais, da mesma maneira que ocorrera ao seu irmão Nelson.

No seminário, uma comunidade de dupla dimensão, lugar de convívio jovial e amistoso e de disciplina e silêncio tão favoráveis à identificação pessoal, José Ferreira de Freitas recebeu os estímulos de ação e ajustamento que lhe faltavam, além da identificação com o estudo de humanidades e Ciências Sociais. Integrou-se em uma atmosfera de recolhimento respeitoso em que a cordialidade institucional ora alimentava a solidão, ora propiciava encontros fraternos. Concebeu, assim em um ambiente diferente, misto de sociedade e de solidão, recebendo a cada uma parcela justa de que necessita um homem de espírito, um pouco dessa “socialização sacral”, de que nos fala José Rafael de Menezes ao referir-se a José Américo de Almeida.

E como José Américo, Freitas guardou, através da vida, uma espécie de compostura sacerdotal que o acompanhou no exercício de suas funções de bancário, foi sua constante nas lides parlamentares e o ajusta à realidade do cotidiano.

Repetindo, quase *ipsis-litteris* José Rafael, diremos que ao desvestir a batina de seminarista, a que a ânsia de aprender e uma certa identificação fisiológica o impeliam, não era Freitas “um descrente no sobrenatural, nem um desertor da causa cristã. Saía revigorado em suas convicções religiosas, culturalmente amparadas; saía regozijado com sua sinceridade, pois não fôra chamado ao sacerdócio. Saía habilitado para um engajamento maior na sociedade civil, interessado, até à audácia, em vencer com dignidade e servir com larguesa”.

Graças a essas armas e a uma cultura humanística sólida, Freitas pôde realizar, além de uma brilhante carreira parlamentar e política, uma trajetória luminosa no mundo da educação e cultura.

Terminou, há menos de um mês, com brilhantismo, o estágio da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra; fez o curso de didática de ensino superior, no Instituto Superior de Pedagogia; participou da Terceira Semana de Estudos Jurídicos, em Cuiabá. Suas atividades no campo

do Magistério escolar dão-lhe um lugar de destaque em Mato Grosso. Professor de Matemática e Português em cursos preparatórios de candidatos a concurso do Banco do Brasil; professor de Contabilidade Geral (por concurso) e de Contabilidade Pública e Direito Usual, na Escola Técnica de Comércio de Corumbá; professor contratado, da Faculdade de Direito, da Universidade Federal, nas Cadeiras de Direito Internacional Privado, Estudos de Problemas Brasileiros e Direito Constitucional, presidente da Comissão Cívica da Universidade Federal encarregada, das comemorações do sesquicentenário da Independência, Freitas vem exercendo intensa atividade intelectual, o que o credenciou à eleição para esta Academia.

São trabalhos literários , técnicos e políticos, publicados pelo neo-acadêmico.

Desse trabalho longo e exaustivo , das diretrizes traçadas e seguidas pelo recipiendário de hoje, advieram-lhe inúmeros galardões materiais, como sejam: Medalha de Honra ao Mérito do Seminário Coração de Jesus, de Belo Horizonte, em 1944; Medalhas de participação nos trabalhos da União Parlamentar Interestadual da Guanabara, de Brasília e de Pernambuco; Troféu Bororo, Cuiabá, de Parlamentar atuante; Título de Cidadania honorária de Corumbá; designação, por decreto do Governador de Mato Grosso , para integrar a comissão encarregada de elaborar ante-projeto da Fundação Bem Estar do Menor; Diploma de Professor do Ano, da Comissão do Sesquicentenário - Promoção Bayma 1972; Diploma da Liga da Defesa Nacional; membro do Conselho da Ordem do Mérito de Mato Grosso; destaque do Ano de 1974 - Troféu Bayma ; Destaque de atividade no trabalho, diploma outorgado em 1975 pelo Presidente da Câmara de Vereadores de Cuiabá; medalha comemorativa do Sesquicentenário da Independência Brasil - 1972 e medalha comemorativa do centenário de José Plácido de Castro, outorgada pelo Ministro da Educação e Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Eis pois, o resumo da vida e da obra do notável cidadão prestante, professor, parlamentar, homem de letras, Secretário do Estado, que é José Ferreira de Freitas . Aos quarenta e sete anos de idade pode orgulhar-se de se haver realizado nos mais diferentes campos. Para ele, como foi para todos nós acadêmicos, o laurel de membros desta Casa representou o corolário justo de uma perfeita escalada. Uma escalada iniciada no seminário, com sólido lingüístico, excelente base histórica e todo um acervo cultural que lhe abriria as portas dos cursos subsequentes, continuou depois, nas suas etapas bancárias e parlamentar, sedimentou-se na cátedra, na leitura e na preparação dos seus trabalhos literários e amadurece, hoje, ao influxo de encargos que têm uma parcela de cultura e muito de administrativo.

Sua vida familiar, perfeitamente ordenada em que reponta a figura marcante de Dona Maria Bárbara de Barros, natural de Corumbá, esposa culta, inteligente, e incentivadora e de seus filhos Maristella, 19 anos, Lúcia, 18 anos, ambas universitárias, João Bosco, 17 anos, pré-universitário e Mirtes, de 12 anos, estudante do primeiro grau, deu-lhe o substrato de tranqüilidade e satisfação tão necessários a seus estudos e trabalhos.

Ei-lo, pois, no vigor da idade madura, em plena faina da colheita. Colhe os frutos que semeou durante sua juventude e sua mocidade. Recebe, como *boomerang*, as armas do bem que lançou no mundo, especialmente nestas glebas de Mato Grosso, que elegeu como terra de sua mais cara adoção.

Continuando a obra pioneira e altamente meritória de outro confrade de nossa Academia, o Dr. Lenine Póvoas, em boa hora guindado à direção da Fundação Cultural Mato-Grossense, Freitas vem servindo, com a fidelidade e a capacidade que lhe são características, a um governo probo, realizador, imbuído de raro espírito público, bem como o seu Estado de eleição numa tarefa de organização e de encontro de extraordinária importância e numa época de relevo singular.

Lembro-me perfeitamente de uma palestra que entretive com o Governador Fragelli nos dias finais de seu governo, quando arrumava a Casa para deixá-la a seu sucessor. Analisando o seu ingente e profícuo labor dos quatro anos de seu governo, eu lhe dizia de minha impressão de que dificilmente suas marcas seriam superadas, no futuro.

Respondeu-me, com aquele seu judicioso modo explosivo, que eu laborava em um clamoroso erro de apreciação, acrescentando:

Assim como pude fazer mais do que o operoso governo que me antecedeu, meu sucessor fará bem mais do que eu. Disso você pode estar certo. O Garcia é honesto, capaz, idealista, cheio de elã pela terra que o acolheu. Constituiu, também, uma boa equipe de auxiliares, disporá de muito mais recurso e terá a boa vontade de um grande Presidente, em cobertura.

As palavras de José Fragelli estão se revelando proféticas. O orçamento do próximo ano será mais do dobro do atual, programam-se grandes obras e presseguem-se todas as da administração anterior.

Dentro de suas atribuições, José Ferreira de Freitas revela-se um grande Secretário, como se revelou um excelente bancário, um ótimo professor e um brilhante deputado, um dos mais atuantes em duas legislaturas.

De sua operosidade, de seu espírito de organização e de método, muito ficará a dever, assim espero, a ilustre Casa de Barão de Melgaço. Nós,

somos não apenas um grupo de intelectuais representando a cultura da terra em nosso tempo, como um núcleo que luta por essa cultura, que deseja projetá-la no tempo e no espaço, que anseia elevar o nome de Mato Grosso no conceito dos intelectuais do país e do mundo.

Nenhum de nós, a começar pelo nosso ilustre presidente, está satisfeito com o ambiente estreito em que nos movemos e nenhum de nós se sente tranqüilo e realizado no atual marasmo desta grande Casa.

Aproveitamos a presença do Governador Garcia Neto para agradecer-lhe pela feliz idéia da criação e instalação da Fundação Cultural, parabenizámo-lo pela escolha do nosso companheiro Lenine para dirigí-la e tomamos a liberdade de solicitar-lhe seu apoio a este sodalício, que vive sem recursos para suas mais elementares necessidades.

Dr. José Ferreira de Freitas: o regozijo de recebê-lo nesta Casa é tão grande quanto a nossa esperança em sua atuação. Esta Academia, que já o tem como um dos seus membros, espera agora contá-lo como uma alavanca propulsora, aguardando que seu interesse por este grêmio de belas letras esteja a par com o elan com que honrou sua comissão no Banco do Brasil, seus mandatos e postos na Assembléia Legislativa, as cátedras que exerceu e a Secretaria de Estado que dirige.

Deus o guarde, acadêmico, com sua família, seus amigos, suas atividades. E pessoalmente lhe desejo também, de todo o coração, com a amizade e admiração de companheiro de tantos anos, cujas caminhadas vêm sendo tão semelhantes, com bivaques pelos mesmos lugares, que o dia de hoje assinale, em sua vida, uma nova etapa, plena de sucesso e profundamente marcada pela influência intelectual e o interesse literário.

À distinta e seleta assistência, composta de amigos e pessoas gradas no cenário político e social de Mato Grosso, o nosso melhor agradecimento por suas presenças, que tanto deram movimento e brilho a esta sessão solene de posse.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ FERREIRA DE FREITAS

CUIABÁ

de ONTEM

e de HOJE

num MATO GROSSO de SEMPRE

A cultura - de que esta Casa é geratriz e a um só tempo guardiã - representa patrimônio imperecível e inestimável que nos cumpre preservar.

E quando nos apercebermos disso em plenitude , compreenderemos, então, a importância de lutar bem MAIS PELA VIRTUDE DO QUE PELO OURO, seguindo o lema em boa hora adotado para o Brasão de Mato Grosso.

Exmº Sr. Chefe da Casa Civil, representando o Exmº Sr. Dr. José Garcia Neto, DD. Governador de Mato Grosso .

Exmº Sr. Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima, DD. Presidente do Tribunal de Justiça do Estado.

Exmº Sr. Dr. Gervásio Leite, DD. Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras.

Exmº Srs. Secretários de Estado, Deputados, Prefeitos , Vereadores, e demais autoridades;

Exmª Srª Drª Luzia Helena de Freitas Cruz, D.D. Chefe de Gabinete , neste ato representando o Sr. Prefeito de Cuiabá.

Exmº Sr. Acadêmico e Deputado Antônio Lopes Lins.

Senhoras e Senhores. Srs. Acadêmicos :

Quando ultrapassei , hoje, o pórtico venerável da Casa de Barão de Melgaço, para adentrar na sua intimidade e tomar posse na Cadeira nº 32, sucedendo o notável mato-grossense Professor Isác Póvoas, experimentei um misto de orgulho e de responsabilidade.

Justo e sadio orgulho, ao vislumbrar a oportunidade de compartilhar do convívio daqueles que perpetuam a cultura - e que por isso, são imortais.

Responsabilidade que vergam meus frágeis ombros, no momento em que passei a assumir a Cadeira nº 32, consciente de que aqui mesmo militaram nas letras , transmitiram cultura e por isso ainda vivem, dentre tantos : Isác Póvoas, cuja Cadeira tinha por Patrono Francisco Catharino

Teixeira de Brito, ao lado de tantos outros capitaneados pelo inolvidável D. Francisco de Aquino Corrêa.

Minha mente, em fração de segundos, se voltou há 23 anos, quando pela primeira vez conheci a então vetusta, quieta e insulada Capital Mato-grossense, bastião da nacionalidade, plantada no centro geodésico da América do Sul ...

E estabeleci contrastes entre aquele e este dia. Ontem, palmilhando suas ruas, o Dr. Wilson Furtado ia me mostrando os lugares históricos: aqui, o lugar da lenda da alavanca de ouro; ali, a velha Catedral; o histórico e vetusto Palácio do Governo; mais adiante, o centro geodésico; aqui e ali, tantas paragens bonitas que falaram à minha mente e encantaram a minha imaginação.

Isso ontem. Hoje, o cenário agitado de suas construções. A cidade se espalha, mas também se ergue ponteguda, mostrando-se aos céus; o ir e vir cada vez mais numeroso de estudantes - inclusive de curso superior; milhares de veículos circulando suas ruas, demandando as estradas, atravessando caudais, e levando progresso para as profundezas sertanejas; asas metálicas, no afã civilizador, cortam os céus em todos os quadrantes, num movimento de integração para o qual Cuiabá é portal natural; e quantas exteriorizações reveladoras de que a terra ultra bicentenária vive ocasião de forte transição, fruto de fecundo trabalho, que sobrepõe óbices materiais, tudo vence, transformando a fisionomia desta terra, que se agiganta, progride, cresce e se projeta, acompanhando a constante prosperidade do querido torrão nacional.

Uma coisa não se modificou, de ontem para hoje: o lema inscrito no Brasão de Mato Grosso: ***Virtude plusquam Auro.***

E concluí rapidamente que aqui se cultivava a espiritualidade, principalmente quando conheci este sodalício! Concluí que por aqui passaram, aqui vivem e aqui viverão tantos que apreciaram e apreciarão a cultura - patrimônio que o tempo não consome.

Retornando minha imaginação ao ontem, lembro-me de que me falaram, com muito orgulho, da figura de D. Aquino Corrêa. E falando no Bispo-Governador, teria que ser mencionada a Academia Mato-grossense de Letras, parte de sua vida. Academia imortal, de idade estanque, que não envelhece, porque, com Casa dos Imortais, não está sujeita à ação do tempo. Academia que sempre cumpriu a finalidade a que foi criada, dela irradiando o amor e a prática às letras, evidenciando-se que Mato Grosso deseja desenvolver-se harmonicamente, jamais se esquecendo do florescimento, também, do espírito.

Aluno que me considero sempre, a folhear o enorme livro da vida, resumiria meu vestibular na Academia, a homenagear a figura do mestre que substituo e a enaltecer o luminoso campo da cultura, a que o homem deve dar de si o máximo, na ascensão contínua com que vai das trevas para a luz. Sim. Ainda mesmo quando focalizamos o progresso material, a cultura se faz presente, impulsionando o homem na estrada da vida. Veja-o em ação. Veja-o neste pequenino planeta a medir, e pesar, a analisar constelações que seus olhos não enxergam; a predizer as vicissitudes da terra, do sol e da luz; a testemunhar o nascimento e morte dos mundos. Veja-o matemático, a traçar novas formas que abrem caminho para cadeias sem fim de invenções multiplicadoras do poder humano.

Aqui, uma ponte; ali, milhares de toneladas de ferro suspensas em cabos de aço. E as cidades verticais que arranham o céu, firmes em sua arrogante emersão, graças à coragem dos nossos cálculos. Os laboratórios biológicos preparam-se para fazer com o mundo vivo o que a física fez com o mundo morto da matéria. Por toda a parte, vemos as criaturas humanas em atividade constante!

Esses homens morrem, muitas vezes antes que as árvores plantadas dêem frutos que a humanidade colhe! Mas nada os detém! Começando por imitar os peixes, fizeram embarcações; hoje imitando as aves, passaram a voar e até pisaram a lua.

Num desenvolvimento abrupto, a América - terra da liberdade e da esperança - é o lugar onde o futuro está presente. E teria sido melhor que tivesse sido descoberta há mais tempo.

Podemos ver e ouvir a América crescer; o ar se impregna de experiências e mudanças. O Brasil, jovem País do Continente, despertou e se movimenta. E como se movimenta o Gigante! Em termos de desenvolvimento integral, impossível mensurar sua grandeza. No campo material e espiritual, lutamos para nós mesmos e para nossos filhos, em quem depositamos a maior vitalidade construtora da raça.

Podemos olhar com firmeza para os olhos de nossos filhos: esses olhos verão o futuro. Esses moços afortunados que verão grandes coisas. A nós, mais maduros, nos compete preparar-lhes o caminho. Sim, para que lutem como lutamos. Para que nos imitem e sigam os passos daquele moço patrono da cadeira que hoje assumimos: FRANCISCO CATHARINO TEIXEIRA DE BRITO.

Francisco Catharino Teixeira de Brito passou. Deixou magníficos exemplos, dignos de serem rememorados e vividos.

Ao lado de muitos, o que fez pela cultura não a deixará perecer.

De fato, 5 anos após sua morte, nascia aquele a quem substituo hoje! PROF. ISÁC PÓVOAS.

Entre seu nascimento e seu derradeiro e eterno sono, teve tempo de manejar a ciência e a arte, alimentando o espírito humano com seus versos e escritos admiráveis.

Passam os homens. Todavia, ficam suas obras a desafiar a ação do tempo. Fica a sua memória, como marco imperecível de sua passagem por este mundo, rumo à eternidade.

Que coisa admirável o homem - escreveu RENAN - que, num instante entre duas eternidades - a que precede o nascimento e que se segue à morte - ainda tem tempo de descobrir a arte e a ciência! Isác Póvoas aprendeu a arte de viver e sentir; de ser governado e de ser membro do Governo; viveu, sentiu e espargiu a ciência. E incentivou a cultura.

Assim fazem os homens retos. Passam, mas deixam os bons exemplos que nos cumpre seguir.

Fui eleito para substituir o Prof. Isác Póvoas.

Minha emoção move a roda do tempo.

Escuto, no silêncio da memória de Isác Póvoas - que reverencio - mas no reboço de suas obras tão grandiosas, seus feitos como homem público, como poeta, como brasileiro autêntico que nele punha o selo da fé e da esperança, num trabalho diuturno e sem descanso; trabalho compensador, daqueles que animam seus agentes e os impulsionam para os outros mais.

No desempenho desse trabalho, devemos demonstrar uma visão nítida da projeção do nosso Estado, em todas as suas dimensões. Na retrospectiva ao passado, na co-participação dos labores daquela época, hoje podemos, com o esforço de todos os Brasileiros, tendo à frente a figura ímpar do Presidente Geisel, conseguir - como estamos conseguindo - uma arrancada de desenvolvimento e segurança, guiados pela paz, impulsionados aos rumos do PROGRESSO dentro do princípio da ORDEM.

Sr. Presidente,

Srs. Acadêmicos :

A homenagem que recebo, - ao me elegerem e empossarem - divido-a com minha esposa, meus filhos, minha mãe e meus irmãos, recordando a memória de meu exemplar e digno progenitor.

Espero ter na Casa de Barão de Melgaço - como sempre - ação e gosto pelo cumprimento do dever, como aprendi de berço, porque aqui também estarei colaborando com a minha pátria.

Assim, todos devemos proceder.

Jamais viver dentro do casulo de egoísmo. Ao contrário,

altruisticamente, pensar em nosso semelhante. Pensar neste País, que tudo deve merecer de nós, mediante trabalho construtivo e duradouro, no presente, para os reflexos frutuosos do futuro.

Meça-se a atividade humana, do berço ao túmulo. Na verdade, o importante não é viver intensamente. Viver, empregando os dotes admiráveis que recebemos de Deus, para iluminar o caminho do futuro, submetendo as coisas criadas em prol da obra prima das criaturas: o homem.

Com a visão nessa meta, seja nosso labor cercado de ação e alegria.

Assim como na roseira, tanto podemos ver rosas ou espinhos, assim também a vida é alegre ou triste, dependendo de como a encaramos. Sim. Desde que a civilização começou, o instinto se fez inadequado e a VIDA teve que pedir socorro à razão.

Dest'arte, se num momento ou noutro - como nas horas da tempestade do mar - a vida nos parece construtiva, mas cheia de sacrifícios, esqueçamo-nos de que exige sacrifícios e prestemos atenção em que é construtiva.

A Academia Mato-grossense de Letras muito ainda poderá fazer, pelo desvelo de que são dotados os seus membros, de quem é abrigo e guardião de seus feitos. Deve, por isto, ser considerada como patrimônio indestrutível e valioso da Terra de D.Aquino e Rondon e haverá de consegui-lo agora. O impulso dado pelo então Presidente do Estado, D. Aquino Corrêa, é agora seguido pelo Governador José Garcia Neto, que tantas vezes tem revelado, em palavras e atos, que estima a cultura; que a Administração Pública e o estímulo ao desenvolvimento da inteligência não se repelem, antes se atraem e se completam, buscando o mesmo fim: o bem comum. E agora há pouco, enviava Mensagem à Augusta Assembléia Legislativa, que aprovando-a lhe permitiu sancionar a Lei que criou a Fundação Cultural e de Promoção Social, ambas relacionadas com a cultura e o bem estar humanos.

Adentro esta Casa conscientizado de que é depositária das letras e da Cultura Mato-grossenses, sentindo na prática que seus componentes cantam em prosa e verso a beleza desta terra e registram a bravura e o labor de sua gente.

Assim vejo este Sodalício. Assim espero nele colaborar.

Sim, na Academia respira-se intelectualidade. Ao registrar os costumes, o folclore, o desenvolvimento, e os feitos humanos, a cultura escreve a história - elo entre passado, presente e futuro, imortalizando-os, em verso e prosa, na diversificação das suas manifestações, dando respostas à civilização, ao homem e à vida, de geração em geração, numa sucessão sem fim.

Assim é, assim tem sido e assim será. Pela cultura, conhecemos o passado, vivemos o cristianismo, os filósofos, os doutrinadores e pensadores, através aqueles que se dedicaram a dar eternidade aos valores intelectuais, a suas palavras e a seus feitos e suas virtudes.

Com tantos conhecimentos à mão, através a cultura, procuraremos a arte de refazer-nos, como havemos feito os continentes.

Nesse sentido, não morre a civilização.

Não morreu a civilização grega. Apenas a terra que aleitou Homero e Alexandre talvez já não tenha fertilidade para produzir gênios; a civilização grega desertou essa terra. Mas, vêmo-la transplantada para outros países. Homero ainda canta a cólera de Aquiles e Alexandre ainda marcha sobre o Ganges; Hesíodo ainda entoia suas homílias e Píndaro ainda corôa de lauréis líricos as fronte atléticas; Sólon legisla e Clístenes modela a democracia; Péricles ouve Anaxágoras e senta-se com Sócrates aos pés de Aspásia. Eurípedes faz os vencedores chorarem, tanto quanto choraram os troianos vencidos; Platão caminha caladamente entre os discípulos da sua Academia; Diógenes continua de lanterna em punho e Aristóteles classifica o universo; Zenó fala com Aurélio; Safo e Anacreonte fazem versos. Euclides estuda os diagramas de Arquimedes. A Grécia não morreu; é a própria vida, a própria alma da Grécia assegurando a perpetuidade.

Existe sempre ao nosso lado alguém de bom caráter e de espírito bem formado. mas se sentirmos dificuldades como Diógenes, de lanterna à mão, para encontrar criaturas bem formadas, cujo contato nos enleve, recorramos aos mortos.

Com boa leitura, teremos a amizade dos grandes gênios que floresceram no passado; sentindo a sabedoria de Sócrates, enlevando-nos com as pinturas de Leonardo, ouvindo a música de Bethoven ou Mozart.

Melhor faremos, se procurarmos o Deus vivo, através a sapiência dos ensinamentos nos Livros Sagrados - que além de seu sentido religioso, representam a maior enciclopédia que o mundo já conheceu. Poderemos ler o Decálogo no Monte Sinai; poderemos ver o Povo Eleito atravessando o Mar Vermelho; com espírito cristão, somos capazes de ouvir o Rabi da Galiléia, pregando o Sermão da Montanha, e até assistí-lo na multiplicação dos pães...

Isso é o que poderemos fazer.

E o que farei aqui na casa dos Imortais?

Tendo aprendido, de berço, a ser reconhecido, permitam-me destacar um agradecimento todo especial ao Acadêmico Dr. Antônio Lopes Lins. Meu antigo Inspetor do Banco do Brasil, depois, meu colega de Magistério Superior, ao ser eleito Deputado Estadual, S. Exa. foi me encontrar como Assessor Jurídico do Parlamento Estadual. Acreditou em mim, como aluno impenitente,

nos livros das ciências e no grande compêndio da vida. Foi buscar-me na humildade em que me encontrava. Com seu cavalheirismo, ampliou minhas modestas possibilidades intelectuais, apresentando-me a este Sodalício.

E me inclino, agradecido, por minha eleição, manifestando a todos os ilustres Acadêmicos o meu reconhecimento, minha admiração e pura homenagem. Manifesto-lhes meu regozijo em poder me privar da sua companhia agradável e proveitosa, sob a Presidência clarividente e dinâmica do Des. Gervásio Leite, operosamente secretariado pelo historiador Professor Rubens de Mendonça: Zelosos, cômnicos e impecáveis no cavalheirismo e no seu posicionamento retilíneo à frente da Academia Mato-grossense de Letras.

Por certo, tudo farei para manter sempre viva a obra - que por ser intelectual é imperecível - de Isác Póvoas e dos demais Imortais da Casa de Barão de Melgaço.

Com aquela dose de prudência tão própria da minha formação e do incipiente avanço dos anos, ouvirei mais do que escreverei ou falarei. Mas serei um bom aprendiz - asseguro-lhes. Estou convicto todavia, de que não só conservarei o magnífico conceito que tem a Academia Mato-grossense de Letras, mas haverei de colaborar - com parcela pequena que seja - para a sua sempre crescente projeção. Estou convencido de que com o correto manuseio dos escritos ou da palavra convincente, exteriorizarei provas de amor e de Paz, aceitação plena e integração eficaz.

Darei, assim, resposta digna à hospitalidade generosa da Casa que hora me acolhe, sob testemunho tão honroso e estimulante - para mim e meus familiares - das digníssimas autoridades e ilustres convidados que aqui compareceram.

A esta altura, resumindo os meus propósitos, repetiria, para finalizar, parte do *"Meu Credo"*, de John Rockefeller:

"CREIO que há um Deus todo amor e todo Poderoso.

"CREIO que, para cumprir sua suprema missão, conseguir sua maior felicidade e tornar-se inteiramente útil, o homem precisa viver em harmonia com a vontade Divina".

Assim, sempre procurarei pautar minha vida.

"CREIO que todo direito implica uma responsabilidade; toda oportunidade, uma obrigação; toda posse, um dever".

É o que tenho afirmado e reafirmo, hoje, ao ser empossado.

"CREIO que prestar serviços úteis é dever comum da humanidade e que somente o fogo purificador do sacrifício, consome a escória do egoísmo e revela a grandeza da alma humana".

Assim o sinto agora ...

Assim o farei sempre !

Cadeira nº 17
DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FREDERICO RONDON
3 de maio de 1975

Sejam minhas primeiras palavras, neste memorável momento em que sou recebido pela egrégia Academia Mato-Grossense de Letras, de enternecimento e saudade, lembrando os nomes venerandos de meus queridos pais, José Mamede da Silva Rondon e D. Anna Izabel das Neves Rondon, e padrinho Antônio Joaquim de Faria Albernaz, a quem devo as alegrias e suavidade de venturosa infância, vivida à sombra de mangueirais cuiabanos, no convívio familiar; entre vibrações cívicas, na comemoração das grandes datas nacionais, com o hasteamento da Bandeira, em nosso “quartel”, ao som da marcha batida de corneta e tambor de brinquedo, com meu irmão Joaquim Vicente e minhas saudosas irmãs menores, Maria Virgínia e Iracema. Nas vibrações de religiosidade dos dias festivos da Igreja Católica – missas de madrugada e procissões, festas do Divino Espírito Santo e São Benedito, festas juninas e presépios do Santo Natal. Nas vibrações políticas precocemente despertadas por uma revolução, na qual tive meu “batismo de fogo” inesperadamente antecipado de dezesseis anos. Recordando ainda os mestres venerandos que me deram educação e ensino convencionais habilitando-me assim ao convívio social da juventude contemporânea e a galgar posições sucessivas de acesso, através dos estudos, rumo à vida profissional que abracei: os venerandos Padres Salesianos do Colégio São Gonçalo, sob a sábia direção de Dom Antônio Maria Malan e Dom Emanuel Gomes de Oliveira; Professores Victorino Miranda, Januário da Silva Rondon, José Magno da Silva Pereira, Fábio Monteiro de Lima, Philogônio de Paula Corrêa, Isac Póvoas, José Estêvão Corrêa, Jayme Joaquim de Carvalho, Aníbal Benício de Toledo, Joaquim Ribeiro Marques, Fernando Leite de Campos, Hormínio Pereira Mendes, do velho e querido Liceu Cuiabano; professores e educadores que tiveram marcante e efetiva participação, na formação de meu caráter e do cabedal de conhecimento das disciplinas ginasiais com que pude enfrentar, com bom êxito, os vestibulares da escola superior a que me destinei – a Escola Militar do Realengo. Lembrando ainda, com enternecimento e saudade, o grande brasileiro, Marechal Rondon – Cândido Mariano, na intimidade familiar de minha infância, como na expressão popular dos mato-grossenses contemporâneos; o vigoroso e jovial Tenente-Coronel Rondon, quando o conheci pessoalmente, em sua entrada triunfal em Cuiabá, em chegando de seus campos natais do Mimoso, na tarde de 13 de agosto de 1911, desfilando,

com sua comitiva, em cavalgada, entre alas do povo que o aclamava como a um vencedor (e realmente o era de ingente campanha, dcsbravador e pacificador dos sertões do Norte). Sertanista, engenheiro militar e geógrafo, generoso parente, amigo e chefe cuja personalidade cedo aprendi a admirar, inspirando-me o desejo de, no futuro, dando objetividade a inata vocação, também perlustrar sertões e fronteiras do Brasil e (quem sabe?) falar em rios e tribos selvagens da Amazônia, em conferências ilustradas com filmes e *slides* da natureza física e humana do Brasil Central, com a ressonância de nomes e expressões indígenas, seguindo enfim, na medida de minhas forças, os padrões rondonianos da carreira militar .

No ensejo de meu ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras, cabe ainda a efusão de meus sentimentos de gratidão aos eminentes matogrossenses, Presidente Pedro Celestino Corrêa da Costa e Desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes, Secretário do Interior de seu Governo, a quem devo homenagem que aqui rendo a sua veneranda memória, pelo estímulo que me deram, em momento decisivo de minha carreira de candidato a curso superior que o Estado não possuía, removendo as dificuldades materiais que eu encontraria, para a longa viagem de então, de Cuiabá ao Rio de Janeiro; e aos saudosos Acadêmicos-Presidentes Dom Francisco de Aquino Corrêa, José de Mesquita e Padre Wanir Delfino César, a quem devo desvanecedoras referências aos meus trabalhos e, por fim, o convite para me candidatar à Cadeira n.º 17.

Ao meu ilustre Paraninfo e querido amigo, Acadêmico Francisco Alexandre Ferreira Mendes, meu sincero reconhecimento pela generosidade das expressões com que sempre alude aos meus trabalhos, nas quais eu sinto, com desvanecimento, antes de tudo, o calor de velha amizade.

A Vossas Excelências, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, dirigem-se, por fim, as expressões de minha gratidão, pela unanimidade, que muito me penhora; unanimidade manifestada pelo voto, na eleição que me trouxe a este sodalício, cõscio das novas responsabilidades que a generosidade de Vossas Excelências me atribui, como partícipe efetivo do momento cultural que ora anima o Estado de Mato Grosso, particularmente, a nossa querida Cuiabá, e também a Pátria Brasileira, como parte integrante da civilização ocidental, no momento universal em que nos é dado viver; momento de decisivo confronto, no qual se embatem culturas e regimes políticos, pelo derruimento de antigos conceitos de democracia; momento em que um novo conceito democrático emerge da Revolução Brasileira e empolga a atenção das Nações, em ambos hemisférios, e que, conciliando pela primeira vez em nossa História, os Objetivos Nacionais de

Desenvolvimento e Segurança, de Ordem e Progresso, de Trabalho e Paz Social, faz jus ao título de *Milagre Brasileiro* que lhe é conferido pelo consenso universal.

Momento nacional em que a Escola Superior de Guerra promove a divulgação de sua Doutrina de Segurança e Desenvolvimento, entre a intelectualidade, visando, especialmente, a esclarecê-la, consoante os postulados da Geopolítica Nacional que concitam os brasileiros à união e cooperação, para o estudo objetivo dos problemas regionais e sua oportuna equação, e traçam rumos à reestruturação do País, pela implantação, nos grandes vazios demográficos, de *Pólos de Desenvolvimento*, distritos agrícolas que, gerando novos Municípios – células republicanas – poderão evoluir, em moldes democráticos e senso econômico, para o *status* superior de Território ou Estado, quando houverem atingido a maioria política e as Micro-Regiões cumprido seu destino de unidades integrantes da economia nacional.

Prolongamento histórico e geográfico de São Paulo; Província de larga folha de serviços, na defesa da integridade territorial do Império do Brasil, em glorioso passado; meta das correntes migratórias espontâneas que, no presente, do Nordeste, Sudeste e Sul, convergem para seus sertões, em busca das glebas ferazes que lhes acenam com um futuro de paz e prosperidade, Mato Grosso é bem um símbolo da unidade brasileira a preservar e fortalecer, em sua integridade geopolítica e sócio-econômica, neste momento histórico de ressurgimento e progresso de confronto econômico, de integração nacional enfim.

Ao chamamento de Vossas Excelências, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos e, agora, prezados confrades, respondo com o meu cordial e decidido Presente!

À memória dos Acadêmicos Carlos Gomes Borralho e Humberto Marcílio Reinaldo, meus ilustres e saudosos antecessores na Cadeira nº 17, devo a homenagem que ora rendo, confortado pela presença subjetiva que a imortalidade acadêmica confere, opondo-se de algum modo a que, pelo olvido, se consume ação inexorável do tempo.

Ao venerando Patrono da Cadeira nº 17 - General Dr. João Severiano da Fonseca – dedicarei *data venia* os momentos seguintes desta hora de deslumbramento pessoal e complacente atenção do seletor auditório da Academia Mato-Grossense de Letras, recordando aquela figura insigne do Império e dos primeiros anos da República; focalizando-a sob um dos aspectos de sua personalidade de cientista – o Geógrafo – em estudo inspirado em sua obra que, interessando a Mato Grosso, tem particular realce

na imensa bibliografia em que deixou perpetuada sua contribuição aos Estudos Brasileiros – a *Viagem ao Redor do Brasil*.

1– *Traços biográficos*

Nasceu na antiga Província de Alagoas, a 27 de maio de 1836, João Severiano da Fonseca, filho do Tenente-Coronel Manoel Mendes da Fonseca e de D. Rosa Paulina da Fonseca, sétimo rebento de uma família que haveria de se notabilizar, nos fastos do Império e da República, na guerra, como na paz, pelos serviços prestados à Pátria Brasileira – a nobre Família Fonseca.

João Severiano destinou-se à Medicina. Tendo cursado a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ingressou, aos 26 anos, no Corpo de Saúde do Exército, cuja culminância alcançaria, ao findar dos 28 anos de profícuos serviços de paz e de guerra. Tenente 2º Cirurgião, em 1862. Capitão Cirurgião, em 1869, por merecimento e serviços prestados em campanha. Major Cirurgião-Mor de Brigada, em 1881, por merecimento. Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, em 1885, por merecimento. Coronel Cirurgião-Mor de 1ª Classe, em 1890 e, no mesmo ano, General de Brigada Médico.

A primeira condecoração chega-lhe, em plena mocidade, como estudante – o hábito de cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, pela relevância dos serviços altruísticos, prestados na epidemia do *cholera morbus* que assolou o Rio de Janeiro, em 1854. No glorioso ciclo de sua vida militar, enche-se sua refulgente fé de ofício de elogiosos assentamentos, nas Campanhas do Uruguai e do Paraguai. Elogia-o, em plena batalha, o imortal Osório, impressionado pela correção daquele silencioso e abnegado Capitão Cirurgião que enfrenta serenamente a morte, para salvar a vida de seus camaradas que tombavam. Outras condecorações viriam constelar o peito predestinado, no decurso dos longos anos de sua vida militar: Oficial da Ordem de São Bento de Aviz, Comendador da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e da Ordem de Cristo e Medalhas das Campanhas Oriental e Geral do Paraguai.

O renome de cientista e escritor abrir-lhe-ia as portas da Academia Imperial de Medicina, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, das Sociedades de Geografia de Lisboa, Lima, Madri e do Instituto Arqueológico Alagoano. O Instituto de França concede-lhe as palmas de Oficial.

Em 1874, o Capitão Dr. João Severiano da Fonseca retorna às águas do Prata e remonta às do Paraguai, como membro da Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, encargo que lhe traria o desejado ensejo de realizar sua *Viagem ao Redor do Brasil*.

Breve digressão pela política afasta-o, com a República, de sua

cátedra de Ciências Naturais, no Colégio Militar, levando-o ao Senado Federal, como constituinte pelo Distrito Federal.

General de Brigada Médico reformado, falece João Severiano da Fonseca, no Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1897. Decreto-Lei de 13 de março de 1962 reconhece e perpetua a auréola de imortalidade do grande Médico-Soldado, nos Quadros do Exército a que servira com tanto brilho e devotamento, elegendo-o Patrono do Serviço de Saúde do Exército.

2 -Apreciação bibliográfica

2.1- Introdução

Médico, soldado, escritor, poeta, geógrafo, professor, político e historiador, os seus livros vivem ainda, como mananciais riquíssimos de conhecimentos e de beleza... Na obra literária e científica de João Severiano, há um traço preponderante que é o denominador comum da sua grande vida de brasileiro e de soldado – o sentido de brasilidade. Águas, terras, céus, raças que se cruzam, na aleluia das primeiras miscegenações, nesta gigantesca cardeioide geográfica que é a nossa Pátria, tiveram de sua observação meticulosa o crivo do estudo e da advertência lúcida e sistemática... Seu estilo, suas afirmações não perderam nunca o espírito de humanismo e aquela suave expressão de beleza literária... Na verdade, o cientista, o sociólogo, o político, o geógrafo e o soldado são faces austeras que mal escondem, nos reflexos prismáticos, o colorido poético da sua inquieta sensibilidade...

Nunca se estudou detidamente *Viagem ao Redor do Brasil*. Ela e *Os Sertões* de Euclides são quase irmãos gêmeos que escarpam, aos olhos atônitos dos brasileiros, as verdades tristes que queimam como fogo mas constróem e purificam, porque nasceram da sinceridade e da bravura e purificam, porque nasceram da sinceridade e da bravura cívica de dois grandes patriotas. Se mostram mazelas, afirmam também, em que pese aos Gobineaux, com a sua teoria de não ser possível uma civilização sob o Trópico, a capacidade criadora desse povo que desponta das suas matrizes eugênicas, revelando-se ao mundo e criando, no panorama social, uma cultura própria, objetivada nas próprias reservas biodinâmicas e na seiva forte do seu idealismo e do seu candente amor à Liberdade... Há em *Viagem ao Redor do Brasil*, observações do médico, do botânico, do geógrafo, do paleontologista e, sobretudo, do pensador equilibrado que, naqueles dias ainda incertos da Nacionalidade, incertos pelo sentido sociológico, traçava rumos e estabelecia equações econômico-sociais, pelas quais anteviu o extraordinário e surpreendente progresso atual do Brasil...

Estas judiciosas considerações de Carlos Sudá de Andrade (Capitão Dr. Carlos Sudá de Andrade. "João Severiano". (*Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil* -1943) levam-nos a aduzir, *data venia*, nossas próprias reflexões, sugeridas pelo cinquentenário de *Rondônia*, a obra excelsa de Edgard Roquette Pinto:

– Como "*Os Sertões*", predestinada à imortalidade, *Rondônia* não foi escrita para satisfazer a preocupações literárias, nem traçada no aconchego de confortável gabinete, entre outros livros, à luz carinhosa duma lâmpada, amortecida à feição das necessidades do trabalho... Foi nascendo pelas quebradas úmidas das serras, pelos caminhos marulhentos dos rios, nos areais desolados...

– São outros, na verdade, os cenários e atores da Epopéia Rondoniana. A agressividade do íncola, gerada pela revolta, ante a injustiça e o atraso social em que lhe é dado viver, é aqui defesa instintiva e, talvez, ressentimento de dolorosa experiência dos primeiros contatos com a civilização, cujas amostras lhe foram levadas pelos primeiros conquistadores, ao alto preço de sua liberdade e do esbulho de suas riquezas naturais.

– É também outra a atitude dos expedicionários que, possuindo a força das armas, preferem mensagens de paz e amor: *Morrer, se preciso for, matar nunca!*

– Assim compreendida a epopéia e assinalados seus traços diferenciais, num e noutro caso, cumpre reconhecer o justo paralelo que se impõe, entre uma e outra obra, entre Euclides da Cunha e Roquette Pinto, ambos irmanados no sentimento de brasilidade e no empenho em que põem a Ciência a serviço da Pátria, elucidando aspectos peculiares da obra de integração nacional; na simpatia e compreensão que lhes inspira o íncola, cerne da Nacionalidade, cujo concurso à obra nacional, como elemento eficiente do progresso, fator e objeto do desenvolvimento regional, é imprescindível e urgente.

– Aquele sentido humano, de compreensão e simpatia, transluz desde as primeiras páginas de *Rondônia*, nas quais se retratam, *além dos recantos naturais da terra, a vida de seus homens primitivos e, mais do que isso, os resultados da obra fecunda dos sertanejos do Brasil, dirigidos pelo ideal feito homem* – Cândido Mariano Rondon.

Se como estudioso (afirma o autor de "Rondônia") as observações científicas que pôde realizar – quase todas de grande alcance, para o conhecimento da Antropologia sul-americana – o enchem de alegria, deu-se por bem pago daqueles dias de privações e de perigos, porque voltou da Rondônia com a alma refeita, confiante na sua gente que alguns acreditam

fraca e incapaz, porque é povo magro e feio...

São feios, efetivamente, aqueles sertanejos, muitos além disso vivem trabalhando, trabalhados pela doença... Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes todavia, foram eles conquistando as terras áspers por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalítico, amarrando os extremos da Pátria...

É preciso lá ir, para retemperar a confiança nos destinos da raça e voltar desmentindo os pregoeiros de sua decadência. Não é nem pode ser nação involuída a que tem meia dúzia de filhos capazes de tais heroísmos. Como são pequeninas estas observações científicas, diante da grandeza da construção daquela gente...

Viagem ao Redor do Brasil, Os Sertões e Rondônia, como trilogia excelsa de nosso sertanismo, merecem conjuntamente, acurado estudo, em seus múltiplos aspectos geográficos, históricos, sociológicos, para melhor compreensão da evolução brasileira, por toda uma centúria, máxime quando a Amazônia e o Nordeste assumem, na Geopolítica Brasileira, posição de justa prioridade.

2.2 -A Província de Mato Grosso

2.2.1- Configuração geográfica

Mato Grosso afigura-se a João Severiano, à luz das cartas geográficas e dos dados estatísticos contemporâneos, a maior das Províncias do Império do Brasil, na magnitude de seus 2 milhões de quilômetros quadrados, admitida, preliminarmente, a seu favor a solução das questões de limites suscitadas pelas Províncias vizinhas:

– o Amazonas, estendendo suas pretensões territoriais à nossa Paricínia, isto é, à mesopotâmia Gi-Paraná - Juruena (mais propriamente, Gi-Paraná - Serra do Norte - Uruguatás - Juruena, tomado este como o alto Tapajós), tanto vale dizer à latitude 12° 16' sul, onde tem origem o Gi-Paraná., tomada como sua cabeceira principal a do Djaruereb ou Pimenta Bueno, galho meridional do grande rio;

– o Pará, pretendendo apossar-se da mesopotâmia Tapajós-Xingu, a Xingutânia de Padre Aires de Casal – 330.100 quilômetros quadrados – tendo como limites o Tapajós (Teles Pires de hoje, Paranatinga, São Manoel ou Três Barras de então), desde a confluência com o Juruema até sua origem principal (tomada como esta a do São Manoel, na latitude 14° 52' sul); o Acarai, contravertente do São Manoel e tributário do Culuene ou alto Xingu; este rio até a foz do Fresco, na latitude 6° 38' sul; este rio, a Serra dos Gradaús e o Iquiqui até sua foz no Araguaia, na latitude 9° 04' sul;

– Goiás, disputando a posse dos 223.000 quilômetros quadrados da nossa Bororônia e parte da nossa Camapuânia, isto é, de todo o sertão que se estende entre o Rio das Mortes ao Norte, e o Rio Pardo, ao Sul vindo a Oeste até ao divisor das águas dos Rios das Mortes de Leste e de Oeste, na longitude aproximada de 55° oeste de Greenwich.

O desconhecimento do interior do grande Norte Mato-grossense, quando se procedia à demarcação da fronteira internacional do Guaporé-Mamoré-Madeira, levava geógrafos e políticos a subestimar os cursos dos rios amazônicos, traçando-os nos mapas em posições mais à feição de idéias preconcebidas, ajustadas a latitudes mais convenientes aos interesses regionais, no sentido de incorporar às Províncias convízinhas maiores áreas, valendo-se os Governos respectivos de princípio jurídico cuja validade seria mais tarde impugnada pelo Brasil, em suas relações internacionais – o *uti possidetis* de direito, em oposição ao *uti possidetis* de fato.

Cumpra lembrar que Cândido Mariano Rondon ainda fazia, então, estudos primários, na Escola de Mestre Cruz, em Cuiabá, enquanto pontificava, na Geografia, Cândido Mendes, em seu famoso *Atlas do Brasil*.

Com o Amazonas, eram supostos limites o Madeira, desde a Cachoeira de Santo Antônio até a foz do Gi-Paraná; este rio até suas nascentes, na Serra do Norte; esta serra até a nascente do Uruguatás; este pequeno rio até sua foz no Juruena (então suposto alto Tapajós); este rio até sua confluência com o São Manoel ou Três Barras (atual Teles Pires, verdadeiro alto Tapajós).

Virgílio Corrêa Filho, em *As Raias de Mato Grosso*, apresenta, em esboço elucidativo, a suposta posição destas linhas divisórias, estendidas, de Oeste a Leste, nas proximidades do paralelo 8° 48' Sul, da Cachoeira de Santo Antônio de Madeira, que seria, finalmente, tomado como divisória, liberando, para Mato Grosso, a vertente leste do Gi-Paraná, toda bacia do Rio Roosevelt, o famoso Rio da Dúvida ou Aripuanã, e a encosta ocidental da Serra do Norte, território que podemos orçar em 172.000 quilômetros quadrados, agora que dispomos de uma das melhores cartas geográficas atuais, a *Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas* a 1:1.000.000, da Comissão Rondon.

São paulistas de Sorocaba Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, pai e filho, Manoel de Campos e seus filhos Antônio Pires e Filipe de Campos; Pedro Lourenço, João Leme, Antônio Borrvalho, João e Filipe Antunes Maciel, Pascoal Moreira Cabral, Antônio Prado de Siqueira, os homens enérgicos e ousados que os cronistas indicam como proto-exploradores do território mato-grossense, fins do século XVII, começos do século XVIII. A Manoel Felix de

Lima credita-se a descoberta da via fluvial do Guaporé-Mamoré-Madeira, em 1742, e a João de Souza Azevedo, quatro anos mais tarde, a do Arinos-Tapajós, ambos sertanistas de Cuiabá, estimulados, senão comissionados pelo Governo de Mato Grosso.

Dois pontos do Rio Madeira ficaram assentes, desde os tempos coloniais, como balizas da linha divisória entre as Capitanias de Mato Grosso e de São José do Rio Negro: a Cachoeira de Santo Antônio e a foz do Gi-Paraná.

Até à Cachoeira da Aroeira ou Aroaia (Santo Antônio) estendia-se, desde 1752, a jurisdição de Mato Grosso e chegaram iniciativas do Governo do Pará. Um posto militar do Pará e um registro de Mato Grosso lá coexistiram por algum tempo.

Para a demarcação de limites entre as Capitanias de Mato Grosso e do Rio Negro, recomendara a Metrópole que se tomasse um ponto médio entre a foz do Guaporé e a do Madeira, ponto que ficou assente, desde 1781, por iniciativa do Governador Luiz de Albuquerque, na foz do Gi-Paraná, latitude 8° 04' Sul.

Em 1758, iniciara Mato Grosso a colonização do Madeira, com o arraial de Nossa Senhora da Boa Viagem, junto ao Salto Teotônio, latitude 8° 52' Sul; tentativa malograda, como a seguinte, de 1768, junto ao Salto do Jirau (como, aliás, a anterior, dos jesuítas, em 1728) .

Tenreiro Aranha, Presidente da Província do Amazonas, abre, em 1852, negociações de limites com Mato Grosso, pleiteando para divisória, a partir do Tapajós (isto é do Juruena, tido, então, como alto Tapajós) para Oeste, o paralelo da Cachoeira de Santo Antônio do Madeira até esta cachoeira, a qual já era divisória entre as duas Províncias. A zona litigiosa assim definida, ao norte do mencionado paralelo, permanece, entretanto, quase de todo despovoada, até as vésperas da República, quando nordestinos iniciam a exploração dos seringais do Madeira.

Em 1891, o Governo de Mato Grosso (Presidente Mallet) ainda cria coletoria em Santo Antônio do Madeira e postos fiscais nas embocaduras do Jamari e do Gi-Paraná, cuja instalação é impedida por autoridades amazonenses.

Em 1899, Acórdão do Supremo Tribunal Federal considera a nascente questão, fixando apenas um ponto da linha de limites entre os dois Estados – a Cachoeira de Santo Antônio do Rio Madeira, tornando assim necessária a Convenção Interestadual de 1904 que estabelece, como fronteira, o Rio Madeira, a partir da foz do Abunã, até a Cachoeira de Santo Antônio; o paralelo desta cachoeira (8° 48' Sul) para Leste até cortar o Gi-Paraná, mas

volta a insistir na linha do Gi-Paraná, em busca de sua nascente, então desconhecida, na Serra do Norte, e por esta serra, em direção ao Norte, até o paralelo da confluência dos formadores do Tapajós, desta vez, com o assentimento expresso, portanto, do Governo de Mato Grosso.

A falta de assessoria, em termos de esclarecimento geográfico, leva os Governos a digressões políticas, felizmente, sem conseqüências práticas. Não obstante haver logrado estender seu território até à região que tomaria o nome de Vilhena, com as explorações do Coronel Rondon, nas proximidades da latitude 12° Sul, não cogitou o Governo amazonense da necessária ratificação do aludido acordo, pelos Poderes Legislativos estadual e federal. Ao invés, lei amazonense de 1904 o declara expressamente nulo. Nova tentativa de acordo, em 1910, é igualmente anulada por lei amazonense de 1917, em termos que levam a crer que o Amazonas se dispunha a nos disputar a bacia amazônica, entre o Gi-Paraná e o Tapajós – a nossa Tapajônia – em que pese aos progressos realizados pela Geografia Regional, à luz dos quais se evidenciaria o absurdo das pretensões amazonenses, em vista dos trabalhos da Comissão Rondon.

O Governo de Dom Aquino Corrêa, em 1918, ainda alcança o litígio com o Amazonas e procura ultimá-lo amigavelmente, pela homologação dos trabalhos técnicos realizados, no Aripuanã e no Tapajós, assinalando o paralelo 8° 48' Sul.

A transferência da capital de Mato Grosso para Cuiabá, em 1820, e o conseqüente abandono, por 55 anos, da via fluvial do Guaporé, põem em dúvida, no espírito de João Severiano, os direitos de Mato Grosso às terras do alto Madeira – a Paricínia – levando-o a sugerir que se adjudicasse aquela opulenta região à Província do Amazonas, se Mato Grosso (dizia) *não administrava nem podia administrar... e quando, para a outra Província, tão fácil, natural e já efetiva é essa administração* (respeitado, entretanto, o marco tradicional da jurisdição mato-grossense – a Cachoeira de Santo Antônio).

Não deixa de valer tal sugestão, como origem remota da idéia de se fazer da nossa Paricínia um Território Federal.

Do Pará, já em 1753, transitava pelo Tapajós Antônio Vilela, *levando de sua exploração alguma quina*, e João Viegas passa por ser o primeiro que o subiu, fins do século XVIII, e desde 1804 que se tratou de explorá-lo, iniciativa cuiabana de Manoel Gomes, demandando o empório de Santarém. Em 1819, cabe ao Tenente Antônio Peixoto de Azevedo, de ordem do Governador Magessi, descer o Paranatinga, até à confluência do Juruena, e subir este rio até ao Salto Augusto.

Não ficou de todo ignorado, nos tempos coloniais, o Rio Xingu

(Paranaíba é seu antigo nome indígena). São de meados do século XVII as primeiras tentativas de penetração de missionários holandeses que freqüentavam seu baixo curso. Mas seu estudo só desperta interesse quando, em 1843, o Príncipe Adalberto da Prússia venceu-lhe as primeiras cachoeiras, levando suas investigações até ao paralelo 4° Sul. Não ultrapassou esta latitude Adriano Pimentel, em 1872. Uma ferrovia, iniciativa paraense, para vencer as cachoeiras do Xingu, entre 4° e 5° de latitude Sul, não passou das cogitações de um anteprojeto.

O Xingu era, assim, um dos rios brasileiros menos conhecidos e sobre cujas origens mais dúvidas existiam. Faziam-no provir desde o paralelo 15° Sul, em contravertente com o Rio Jangadas, cabeceira do São Lourenço, dando-se-lhe assim um curso de mais de 1.500 quilômetros... Melgaço coloca-as perto do paralelo 11° Sul, cortando-lhe, portanto, mais de um terço do suposto curso.

Com base em dados conhecidos da Geografia Histórica do Xingu, entre os quais não encontra informações de caráter científico, em relação à origem e ao curso superior do grande rio, é que o Dr. Karl von den Steinen empreende sua primeira exploração, partindo de Cuiabá, em junho de 1884, em direção às nascentes do Tamitatoala (a que dá o novo nome de Batovi, em homenagem ao Barão Presidente da Província), para descer este formador do Xingu e o grande rio até a sua foz no Amazonas.

Entretanto, o acordo entre o mapa de von den Steinen e o anterior, de Mato Grosso, datado de 1802, teria levado Pimenta Bueno a admitir que, anteriormente, o Xingu havia sido navegado, desde as cabeceiras até à foz no Amazonas. E não teria sido outro, senão o Tenente Peixoto de Azevedo, o explorador do Paranatinga que, saindo de Cuiabá, no ano de 1819, teria navegado pelo Xingu até ao Porto de Moz. E o próprio Príncipe Adalberto teria colhido *in loco* esta informação e parecia convencido de sua veracidade. Von den Steinen não explica, nem parece preocupar-se com aquela coincidência cartográfica. Mais médico e etnólogo que geógrafo, o ilustre explorador acentua seu interesse nos setores científicos de sua preferência, deixando aos futuros exploradores o encargo de deslindar os segredos da hidrografia, na grande bacia planáltina à qual retornaria, em 1887, para rever a confluência dos formadores e explorar o Culisêvu.

A falta de assessoria em assuntos geográficos levaria, mais uma vez, os Governos litigantes de Mato Grosso e do Pará a admitir, como divisória entre os dois Estados, o Tapajós e seu principal formador (São Manoel ou Três Barras de então, Teles Pires de hoje) até suas nascentes, nas vizinhanças de Cuiabá, na latitude 14° 52' Sul (tomada a do São Manoel como cabeceira

principal), passando desta nascente ao Acarai e ao Culuene, como alto Xingu, e por este abaixo até a foz do Fresco.

Contudo, a tempo esclarecidos, chegam ambos os Governos ao acordo de limites de 1900, aprovado por Decreto Federal de 1919, fixando o limite norte de Mato Grosso na linha Sete Quedas, no Tapajós - extremo norte da Ilha do Bananal, nas proximidades da latitude 9° 13' Sul.

Assim passam, pacificamente, a Tapajônia, a Xingutânia e a Tapirâquia a integrar o Norte Mato-grossense, privado Mato Grosso, ulteriormente apenas da Paricínia, convertida em Território de Rondônia.

Grande confusão reina, entre escritores e geógrafos, sobre os rios da região da Caiapônia, observa João Severiano. Não se conforma Goiás com as sugestões mato-grossenses (que levam a linha de limites ao Araguaia e ao Correntes, afluente do Paranaíba), considerando seu todo o território ao norte do Rio Pardo, afluente do Paraná, a leste da Serra das Divisões (longitude aproximada de 55° oeste de Greenwich) e ao sul do Rio das Mortes, baseado num ajuste havido, em 1771, entre os Capitães-Generais Luiz Pinto e Furtado de Mendonça. Luiz de Albuquerque, sucessor de Luiz Pinto, tendo verificado o desacerto e inconveniência dessa divisão, propõe, em 1773, continuar como limite ocidental o Araguaia e estabelece à margem deste rio o presídio de Ínsua (onde existia, em 1875, a colônia militar de Itacaiú). Mas lei goiana de 1849 ainda marca, como limite austral de sua freguesia de Nossa Senhora das Dores, o nosso Rio Pardo.

Já em 1835, por iniciativa de Mato Grosso, surgia a Colônia Pedro II, na região das nascentes do Sucuriú, Taquari e Piquiti, dando origem à vila de Sant'Ana do Paranaíba, baliza da estrada que ligaria Cuiabá a São Paulo, por Uberava, e que permanentes goianos não tardam a interceptar, ocupando temporariamente o Porto Alencastro. Contudo, lei goiana de 1856 já fixava limites entre sua paróquia de Rio Bonito e a mato-grossense de Sant'Ana do Paranaíba e Decreto Imperial do mesmo ano reconhece a jurisdição de Mato Grosso sobre toda a Camapuânia.

Não obstante, em 1864, surge na Assembléia Geral projeto goiano pretendendo fixar limites entre Goiás e Mato Grosso, novamente, pelo Rio das Mortes – cabeceiras do Taquari - Coxim - Camapuã - Rio Pardo (projeto fulminado pelo Deputado Paranhos Júnior, o futuro Barão do Rio Branco, após demorado estudo das comissões).

Prosseguem, entretanto, medidas governamentais desencontradas, em relação à região. Couto de Magalhães, na Presidência de Goiás, havia pleiteado, para sua Província, em 1862, o porto de Coxim que lei provincial de Mato Grosso havia elevado à categoria de freguesia. E lei provincial de Goiás

pretendia, em 1873, elevar Coxim a comarca, sem nenhum efeito.

Em 1896, surge a idéia de um acordo de limites, iniciativa goiana, malgrado pela intransigência do Presidente Antônio Corrêa da Costa, em relação à linha Araguaia-Correntes. Em 1907, volta o Governo goiano a pretender, por lei estadual, trazer os limites a Coxim e ao Rio Pardo, tendo sido embargado pelo Presidente Generoso Ponce.

Na agenda do VI Congresso de Geografia (Rio de Janeiro, 1919) figuraria ainda a questão de limites Goiás-Mato Grosso, entre as vinte e seis questões de limites interestaduais, tendo resultado como progresso dos entendimentos o acordo sobre a linha do Araguaia, do extremo norte da Ilha do Bananal até as cabeceiras. Mas continuava a intransigência goiana em relação ao Sucuriú, pretendendo, como limite, entre este rio e o Aporé, o paralelo 19º Sul.

Laudo arbitral de 1920, que o delegado goiano, Conde de Afonso Celso, assina vencido, fixava, finalmente, os limites pelo Araguaia, até as cabeceiras – Serra do Caiapó-Rio Aporé.

Não obstante, lei goiana de 1922 ainda pretende restaurar, com novo nome – Torres do Rio Bonito – a comarca do Rio Coxim, dando lugar a um mandato de manutenção e posse do Supremo Tribunal Federal, em favor do Estado de Mato Grosso, pondo fim à questão.

Em 1765, preocupações estratégicas levariam o Governo de São Paulo a estender sua jurisdição em terras mato-grossenses, na fronteira com o Paraguai, mandando fundar a povoação de Prazeres do Iguatemi. Iniciou-se deste modo a colonização do Iguatemi, em 1766, com o presídio dos Prazeres, destruído por Pinedo, intitulado *General da Cidade do Paraguai*, que o atacou, à frente de numerosa força, em 1777... E assim fracassou a fundação de Dom Luiz Antônio de Souza, a quem aprovou dilatar a jurisdição de São Paulo a oeste do Rio Paraná...

Estas observações de Virgílio Corrêa Filho (em *As Raias de Mato Grosso*) levam-nos também a assinalar o desinteresse do mais poderoso dos vizinhos de Mato Grosso (e o de menor extensão territorial) pela reivindicação, em qualquer época, de possíveis direitos sobre as terras do Iguatemi, onde exercera efetiva jurisdição, por mais de um decênio, no regime colonial.

2.2 .2 -Fisiografia mato-grossense

– Da imensa área da Província, a parte maior está situada no vasto Planalto Central da América do Sul, talvez, o mais elevado araxá brasileiro... Outra porção, a Oeste e, principalmente, ao Sul, é baixa e alagadiça (o

Pantanal), altitudes de 150 metros acima do nível do mar, chegando a 1.000 metros em alguns pontos da crista onde se situa a divisória das águas dos dois maiores estuários do mundo, o Amazonas e o Prata; crista que atravessa diagonalmente a Província, de Noroeste a Sueste...

Inspira-se João Severiano, para sua visão panorâmica de Mato Grosso, na obra do Barão de Melgaço – *um dos homens a quem o Província mais deve e que mais a têm enriquecido, no que concerne à sua Geografia e Etnografia*.

– Apresentam-se essas planícies, às vezes, como formosas campinas, verdes e ondulantes (no Maracaju e no Amambaí); outras vezes, páramos também ondulados, mas de terrenos secos e arenosos, verdadeiras charnecas, assoalhadas de grés, saibro e piçarra, soltos e fofos, como a areia (nos campos dos Parecis); terras balofas onde os animais se enterram a cada passada, que não lhes dá pasto, tão estéreis que são; onde o arvoredado rareia e os matos são carrascos e cerradões... Outras vezes são terrenos enxutos, cortados de imensos rios, brejais e pauis, ou despenhando-se em cascatas por altos paredões...

– Aqui, imensa e vigorosa mataria, grossos troncos e prodigiosas alturas... Se arenoso – areias bem brancas, às vezes – a floresta assemelha-se a jardins públicos, onde se pode livremente transitar à sombra, por entre renques de árvores... e os cipós enroscam-se pelas árvores, casam-se aos troncos, abraçam-se aos ramos, dependuram-se-lhes das grimpas, cobrem-lhes os galhos, cercam e fecham a floresta. E nem sempre léguas, às vezes passos, separam esse solo de extraordinária uberdade de outro onde a vegetação, raquítica e enfezada, disseminada a largos espaços, toma-se uma antítese contristadora de toda aquela pujança...

– Esse terreno balofo repousa sobre leito de rochas cristalinas que as torrentes perenes ou acidentais vão pondo em relevo... Isolados uns e na maior parte em grupos mais ou menos próximos, enormes penedos de formas caprichosas, semelhando a torres, túmulos, mausoléus e calçadas; ora aos *dolmens* e *men-hirs* dos antigos bárbaros da Europa Setentrional; ora aos *icebergs* dos mares circumpolares... alcantis cortados a prumo, conhecidos pelo nome de *tromba* (beijo de pedra, *itambé* dos índios) ...

A visão daqueles penedos – contrafortes de soterradas cordilheiras - põe, em momentâneo antagonismo, João Severiano e Couto de Magalhães. Para o autor de *O Selvagem, falseiam os mapas figurando montanhas no divisor de águas do Araguaia das do Cuiabá, o qual, excetuando a Serra de São Jerônimo, é vasta planície levemente acidentada, com suaves pendores...* Para João Severiano, não são montanhas somente as grandes elevações do

solo e assiste ao povo, como ao geólogo o direito (e a este mais o dever) de denominar serra, pela formação geológica, essas elevações do terreno, pequenas em altura mas longuíssimas em extensão e que pela maior parte são cristas e lombadas de enormes cordilheiras soterradas...

Como surgiriam, na verdade, nos planaltos arenosos circundantes, aqueles penedos, sem uma base cristalina que lhes desse a necessária estabilidade e solidez?

– A Serra dos Parecis e a do Norte, a dos Apiacás e Bacairis, ramos da Serra Azul; as do Espinhaço e de Tepirapuã e os ramos que vão entroncar-se na Serra das Divisões são os limites do grande araxá mato-grossense. Na maior parte, apresentam o flanco livre, íngreme e alto... Outras vezes vão descendo em fortes declives ou por escalões, mostrando, nessas paredes, principalmente nas regiões de Sudoeste, estrias onduladas e paralelas que parecem o sinal do açoite violento e demorado da grande massa d'água que primitivamente ocupou as baixadas adjacentes, mar cujas marés e tempestades, carcomendo as escarpas e abrindo-lhes, entre os maciços, verdadeiros golfos e baías, deixou-lhes pelos cabos e promontórios de então os espigões e contrafortes de hoje...

– Que, na América Meridional, parte do continente se elevou dos mares, em idades não muito primitivas, é fato inconcusso para a Geologia que, nos mais centrais sertões americanos, como nas cumiadas tempestuosas de suas montanhas, nos terrenos à beira-rio e nas dunas dos planaltos, muitos deles verdadeiros *fallums*, tem sempre encontrado índices certos a testificarem a existência das águas salgadas, em tempos que o estudo não pôde ainda determinar, mas que a geogenia elucidará. O que parece certo é que não foi o oceano que lhe irrompeu os limites e veio submergir seus vastos páramos... Nas escarpas denudadas das serras... nos morrotes e penedos isolados e esparsos pelo araxá, e notadamente na Chapada dos Guimarães, onde afetam as mais bizarras formas, lê-se a passagem das águas, nas cintas paralelas e na corrosão das rochas que seguem um plano uniforme, como se lê nas faldas orientais dos Andes... na estratificação quase horizontal dos penedos... Também escurvadas pelas águas, por um processo análogo ao dos sumidouros atuais, parecem certas grutas ou galerias... Há ainda um índice nos lagos salgados, nos rios e lagos salobros, nas savanas e pampas salitrados, onde o sal marinho reunido ao sulfato magnésiano e ao carbonato de soda surge a flux do solo, não só nas baixadas, mas ainda nos planaltos; não só nos terrenos secos, mas também à beira dos maiores rios, parecendo derivados de enormes depósitos subterrâneos que, quando encharcados, na estação chuvosa, as águas

dissolvem e levam consigo e, ao secarem, depositam no solo, terrenos prenhes de sal... São comuns, em Mato Grosso, os terrenos salitrados dos barreiros e as salinas, tão gerais nos planaltos, como nos plainos alagadiços...

É pois mais que provável que essa enorme bacia, entre os Andes e o araxá mato-grossense seja um vale de denudação, formado pelas águas que aí existiram e que, abrindo vazantes ao Norte e ao Sul, escoaram-se, levando as terras em dissolução... Os calcários e *macignos*, os concretos sílico-argilosos, os seixos rolados, geleiras de Agassis; os foramínios e outros fósseis marítimos, confirmando essa grande comoção terráquea, somente uma dúvida poderiam deixar – se foi ela que trouxe o mar ou se quem o levou – mas que tem, no solevamento dos Andes (de formação mais recente que o resto do continente) a explicação da retirada do mediterrâneo sul-americano...

Não se pode dizer qual seja do Brasil a Província mais rica em produtos naturais, mas com certeza Mato Grosso é das mais avantajadas, se não ocupa o primeiro lugar. Situada no coração do continente sul-americano e dando saída às maiores correntes do mundo, ali foram encontradas as riquezas minerais à flor da terra pelos primeiros exploradores. Inúmeras são as minas que os sertanistas encontraram ou descobriram os garimpeiros – sem outras fadigas que as de suas aventurosas viagens, sem mais esforço que o de catarem o ouro e sem outras máquinas senão os mais rudimentares e primitivos instrumentos de labor. Sendo imensos os depósitos sedimentares desse solo, também imensos devem ser os seus repositórios de riquezas e, se a terra oculta hoje ,seus opimos tesouros, todos sabem o que ela possui de ouro e ferro, de prata, paládio e platina., de cobre, chumbo e outros metais, como sabem todos quão ricas são certas comarcas de seu território em diamantes e outras gemas... Toda a aresta ocidental dos Parecis, donde quer que manasse uma fonte, patenteou tesouros aos olhos fascinados dos aventureiros... Na bifurcação do Parecis com a Cordilheira do Norte há as encantadas minas do Urucumacuã, descobertas e não mais encontradas, quando voltaram a explorá-las... para o mesmo lado exploravam os jesuítas do Madeira as nascentes do Candeias e do Jamari, contando-se que auferiam valiosas riquezas... Das origens do Paraguai, duas têm os simbólicos nomes de Diamantino e Rio do Ouro; e com este nome não menos de seis riachos se contam na Província...

– Mato Grosso é ubérrimo em vegetais de toda classe e proveito. A Medicina, a construção naval e terrestre, a marcenaria, a tinturaria, a peleteria, etc. aí encontram repositórios de riquezas enormes. Aqui desenvolvem-se perfeitamente todos os produtos de exportação do Império, inclusive o café...

o açúcar, desde 1758 que se fabrica na Província... o mate, o *caa-mi* dos guaranis, cobre os distritos fertilíssimos de Miranda e Nioaque, do Taquari ao Apa... Quase só em Mato Grosso a *ipecacuanha* tem pátria... Como a poaia, a baunilha, a quina, a japeacanga, a salsaparrilha e outros são tesouros da matéria médica muito comuns na região... Nas margens dilatadas do Guaporé, Mamoré, Madeira e outros cursos do sistema do Araguaia, Tapajós e Xingu, abundam extraordinariamente as seringueiras e o tocari... À beira do Paraguai, apesar da ignara devastação dos lenhadores, ainda se avista um ou outro jacarandá, guatambu ou vinhático, ipês e peúvas que, na estação das flores, tornam tão belas as matas, esmaltando-lhes o verde-escuro com altivas grimpas transmudadas em ramalhetes enormes e formosíssimos... É já tempo de falar nessas derrubadas.. .

-Desgraçadamente, Província tão opulenta em forças é a mais pobre em indústria... Fora dela, ninguém a conhece por um produto seu que a represente, que lhe seja peculiar... Só Mato Grosso conserva-se estacionário... Os grandes proprietários não conhecem hoje outra fonte de riqueza senão a criação de gado, introduzido em 1739 (criação extensiva que ainda perdura, nas campinas do Sul) .

Os rios mato-grossenses e sua toponímia prendem a atenção de João Severiano, sugerindo-lhe notas preciosas:

– O Cuiabá, isto é, rodar, vir águas abaixo, ou, talvez, nome dos índios habitantes de uma baía donde nasce o Cuiabá-Mirim, ou ainda corruptela de *caioabá* ou mesmo de *caibi*, índios que povoam as cabeceiras do Manso e Paranatinga. Ibitirati era o primitivo nome do Cuiabá, segundo o Padre Lozano.

– O Tapajós (corruptela de Tapaiu-Paraná ou Paraná-Pixuna, rio Negro) com cinco morros isolados e altos que se erguem a meio do rio, espalhados num trecho de 84 léguas...

– O Paranatinga (Rio Branco ou Paraupeba), o verdadeiro alto Tapajós, tantas vezes confundido com seu pequeno afluente São Manoel e denominado modernamente Teles Pires, em homenagem ao seu infeliz explorador, Capitão Antônio Lourenço Teles Pires, que nele pereceu, em 1890.

– O Sumidouro, afluente do Arinos, descoberto por João de Souza Azevedo, em 1746, e que assim o denominou por vê-lo cinco vezes esconder-se sob outros tantos túneis subterrâneos, túneis que bem atestam a natureza cretácea do solo.

– O Juruena, braço do Tapajós que, a poucos passos de sua nascente, corre já com uma profundidade de 4 metros e duas léguas abaixo, após sua primeira cachoeira, corre com ímpeto, pedregoso e semeado de entaipabas...

– O Xingu, um dos rios brasileiros menos conhecidos e sobre cujas origens mais dúvidas existem (em 1875)...

– O Araguaia (Rio Grande ou Berocoã dos carajás), rio majestoso de 1.800 quilômetros de extensão, dos quais 1.200 beirando terras de Mato Grosso...

– O Rio das Mortes – o *Iuaberó* (rio em forma de pé) dos carajás...

– O Tapirapé – o *Manamero* (rio das pedras) dos carajás...

– O Miranda – rio que mais nomes tem: Mbotetê dos indígenas; Guararapé chamavam-no algumas nações; Mondego o denominaram os exploradores de 1770; Miranda crismou-o o ajudante Francisco Rodrigues do Prado que ai foi estabelecer um reduto ou presídio, em 1797; é ainda chamado Mareco, Guachii e Aranhani...

- O Apa-Piraí ou Nigui dos guaicurus...

2.2.3 – Mato - Grosso humano e econômico

– Não pode ascender a mais de 55.000 almas (em 1875) a população civilizada da Província, a qual quase totalmente se concentra nas povoações, sendo mui diminuto o número de habitantes espalhados longe desses centros, nos almargeais das campanhas alagadiças ou no alto do araxá, à beira das estradas de Goiás e do Piquiri... A essa população pode-se adicionar a população semi-selvagem, aldeada ou mais ou menos em contato com a civilização e que orça nuns oito a nove mil índios... O Barão de Melgaço avalia em 25. 000 a população de índios selvagens cujas tribos são conhecidas, em número de dezoito (a essa população acrescentavam-se 35.000 libertos e 6.000 escravos)...

- Muitas dezenas de anos e muitas gerações suceder-se-ão antes que a riqueza das nações e o esforço de seus braços possam abrir estradas – não já para locomotivas a vapor , mas simplesmente de rodagem, duradouras e permanentes. A baixa do terreno é por sua extensão um obstáculo insuperável, nas condições atuais desses países...

– Nenhum país do mundo, tendo menos estradas abertas, tem mais estradas que andam do que Mato Grosso, com sua extraordinária rede potamográfica, uma das mais opulentas do globo: na qual as correntes conhecidas são em número superior a seiscentas e em milhares se podem computar todas as que a formam... Se bem que encachoeirados quase todos os rios que correm no grande araxá, a mor parte deles oferece, no entanto, livre navegação em longos tratos desimpedidos de entraves, ora a meio de seu curso, ora mais geralmente na porção inferior...

– A face noroeste da Província é banhada pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira que lhe oferecem caminho para o Amazonas, com 3.000 quilômetros de vias navegáveis... O Guaporé (Itenez dos castelhanos) é um formoso rio de 1.500 quilômetros de curso de fácil navegação (fundo suficiente, nas águas, para grandes navios; 15 braças de largo e 2 de fundo na Ponte Velha, 110 quilômetros da cidade, no fim do verão) ...

– Talvez não seja de muito acerto que se capitule da malsão e inóspito o clima do Mato Grosso. Composto de duas regiões, o planalto e a baixada, são-lhe bem diversas as condições climáticas, pelo seu hipsometrismo, natureza e influência do solo. O ar seco, a temperatura relativamente baixa mais do que a das baixas regiões e, por conseguinte, mais agradável, e as águas mais puras e sãs constituem já, não salubre, mas salubérrimo clima o do planalto... E, pois, se essa região abrange cerca de duas terças partes do território mato-grossense, não é pelo clima da restante, isto é, das comarcas alagadiças, onde atua uma atmosfera densa, pesada e carregada de princípios miasmáticos, que se deve aferir o clima e salubridade – a constituição médica da Província...

–Não tanto à natureza, como ao homem, seus hábitos, meios em que vive e de que vive e, sobretudo, às forças de que dispõe, cabe a culpa da malária das regiões eleitas... É na evaporação rápida e fácil, aos ardores de um sol violento; é na irradiação noturna do terreno, quando se lhe começa o resfriamento; é pois na condensação dos vapores da atmosfera que se deve procurar a causa eficiente da insalubridade do clima... Mas se é imenso esse estuário dos pântanos, imenso corretivo tem ele nessa mesma amplidão, onde a luz fulgura sem rival, onde o sol putrefaz facilmente, facilmente seca a terra; onde as grandes catadupas do céu lavam periodicamente e levam os produtos morbíficos de cada ano e onde os grandes rios que o atravessam são outros tantos canais de ventilação a modificarem beneficemente, com a corrente das brisas, o ar viciado da atmosfera... Fora absurdo atribuir ao clima enfermidades que o homem provoca e que se manifestam onde quer que leve a existência em completo desequilíbrio com os meios em que vive...

– Corumbá, situada numa altura de 30 a 35 metros, no meio de vastos alagadiços do Rio Paraguai –o lago periódico dos Xaraiés dos antigos – é altamente salubre e soi passar por incólume das febres epidêmicas de mau caráter. Povoam-na (em 1875) 5.000 habitantes. Não tinha mendigos. Mas com a retirada das forças de ocupação da República do Paraguai, centenas de naturais desse país, que delas recebiam o pão, acompanharam-nas a Corumbá. A esses seguiram-se outros foragidos... Corumbá e Ladário recebiam para mais de 4 .000 imigrantes nas mesmas desgraçadas

condições (dando à vila aspecto de povoação insalubre, tanta nas ruas a mendicidade, tanta a miséria, poviléu imenso, a maior parte refugiada no meio das matas que cercam a vila, em miseráveis choupanas...

2.2.4– *Mato Grosso pitoresco*

É na maravilha das descrições inseridas no diário da Comissão de Limites que melhor se revela o escritor-acadêmico, fixando paisagens; descrevendo povos e costumes, numa sucessão de quadros que bem poderiam compor um guia turístico da Província, levando-nos em espírito a refazer aquela viagem ao redor do Brasil; detendo-nos a cada momento ante os cenários de maior encanto natural ou interesse geográfico ou histórico, para as minúcias que o cientista-cicerone nos revela, com amenidade, proficiência e senso didático:

– Pouco depois de passarmos o Apa, avistamos uma canoa que descia, tripulada por selvagens. Eram cadiués, tribo que nos é afeiçoada e que bons serviços nos prestou por vezes, durante a guerra do Paraguai. Vinham saudar-nos, não tanto pelo afeto, como pelo desejo de obter presentes... Ricardo Franco cita sete tribos da mesma origem guaicura: uatadéus, ejués, cadiués, pacaiudéus, cotoiudéus, xaquitéus, oléus. É gente esbelta e bem feita, cor moreno-clara... Contamos na barranca uma centena de homens e crianças. Ao ver-nos formaram em linha, empunhando remos que levaram ao ombro, verticalmente, à guisa de continência militar...

– Fecho dos Morros... montanhas formadas pelo Pão de Açúcar, que é o Cerro Ocidental dos espanhóis, e outras seis mais, à margem direita, o Cerro Oriental, à esquerda, uma ilha alta e morro no meio do rio, onde está a guarda brasileira... À ilha davam os guaicurus o nome de *Huetirá* (pedra comprida)... É notável esse ponto pelo ataque que traiçoeiramente lhe levaram os paraguaios, em 14 de outubro de 1850, forçando a guarnição brasileira a retirar-se para a margem direita... No Chaco, reúne-se Bueno (o Tenente Comandante do posto) às tribos dos caciques Lapagate e Lixagote, cadiués, e toma em represália o forte Bourbon... Tem (o Pão de Açúcar, em 1872) um destacamento do 2º Batalhão de Artilharia a Pé... São encantadoras as paisagens que o rio nos vai desdobrando. O Pão de Açúcar e seus seis irmãos ainda estão no horizonte, à nossa esquerda já aparece outro grupo, o dos Três Irmãos, com o Forte Olimpo no alto de um deles...

– Forte Olimpo... São seis e não três os morros... Forte Olimpo ou Bourbon é uma antiga fortificação quadrangular, construída (pelos espanhóis, em 1792) com intuito de fechar aos portugueses a navegação para Mato Grosso... A direita, o Rio Branco... Já se começa a avistar as montanhas de

Coimbra, sem que o Pão de Açúcar tenha-se sumido de nossas vistas... Baía Negra, antiga Ibiticarai... Forte de Coimbra, fundado em 1775, para obviar às contínuas depredações do gentio paiaguá e, ao mesmo tempo, impedir que os castelhanos se animassem a invadir o território português... O Real Presídio de Nova Coimbra, reformado pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco, resiste aos espanhóis e guaranis de Dom Lázaro Ribera, em 1801, e aos paraguaios de Barrios, em 1864, com o Tenente-Coronel Hermenegildo Porto Carrero. Depois da Guerra do Paraguai, foi reconstruído, em 1875, pelo Tenente-Coronel Joaquim da Gama Lobo d'Eça e Major de Engenheiros Francisco Nunes da Cunha... O rio (Paraguai) cujas margens, principalmente a esquerda, não encontram desde muitas léguas obstáculos a suas transbordações, passa aqui apertado entre duas montanhas que, todavia, não o impedem de, nas grandes enchentes, ladeá-las e envolvê-las, convertendo-as em ilhas...

– Gruta de Coimbra... cerca de 2 quilômetros acima do Forte ficam as celebradas cavernas... Vai a subida do morro por uma boa centena de metros. A entrada da gruta fica-lhe a mais de meia altura. É uma fenda que bem pode passar por portão, com seus dois metros de alto e quase outro tanto de largo... Assombra essa entrada uma enorme gameleira secular, cujas imensas raízes, grossas como troncos de palmeiras, penetram no interior da caverna, até os últimos recessos. Uma escadaria de mais de 30 metros de altura, isolada das paredes laterais da gruta, deixa entrever precipícios, cujo fundo a vista não devassa. Descida essa escada gigante, chega-se a uma esplanada escura... À luz avermelhada das tochas, admiramos a extraordinária magnificência do labor da natureza; aqui eram colunatas de estalactites, torcidas como enormes alfenins que desciam de altura que os olhos não divisavam, parecendo teto invisível sustentar; ali eram estalagmites que no chão semelhavam maravilhosamente rendas, brocados, coxins, sob mil formas surpreendentes. Aos lados, a tênue penumbra deixava entrever caprichosas formações, ora engastando os penedos soltos, ora soerguendo-se dentre eles em fantásticas volutas... Nesta formação geológica de grês calcário com quartzo e argila, molasso ou talvez *macigno*, é que um dia virá, com o *fucus* e os detritos oceânicos, revelar a ciência, como fato inconcusso, a passagem das águas salgadas, a existência dos mares nessas regiões, coração da América do Sul.

– De Coimbra, a margem direita vai mais ou menos ondulada, em morrotes e colinas... Albuquerque Novo, pequena povoação e aldeamento de guanás e quiquináus... A montanha do Rabicho trouxe-nos à idéia o Gigante de Pedra, da entrada do Rio de Janeiro. Tem a aparência de enorme cabeça encoifada... Ladário... foi o primeiro sítio da antiga Albuquerque... é hoje um

vasto e formoso arsenal de marinha ainda incompleto... Arsenal e ao mesmo tempo praça de guerra, é fortificado pela face do rio e fechado por cortinas nas outras...

– A primeira povoação de Albuquerque, também chamada Albuquerque Velho, fundada em 1778, é hoje a Cidade de Corumbá. Em, 1810, era ainda uma fazenda de gado do Governo... Desde 1827 torna-se por alguns anos sede do Comando do 5º Distrito Militar e da Fronteira do Baixo Paraguai. Em 1872, foi ali criada a Colônia Militar da Conceição... Cinco fortins defendem Corumbá pelo lado do rio e uma cortina por terra... Receberam aqueles denominações: São Francisco, Junqueira, Duque de Caxias, Conde d'Eu e Major Gama (o engenheiro que os planejou). Em 1862, tomou a nova vila e freguesia o nome de Santa Cruz de Corumbá... Ocuparam-na as hordas de Lopez por dois anos, até 13 de junho de 1867, em que o Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho, com forças de Cuiabá, a tomou de assalto por surpresa. Em 1877, tinham abertas e povoadas dez ruas largas e bem alinhadas, cortando-se em ângulo reto, e três praças... Fronteira ao rio e com uma só ordem de casas, descortinando esplêndido panorama, a Rua Augusta (assim denominada, em homenagem ao Presidente Augusto Leverger e mais tarde, por ocasião da inauguração do Telégrafo, a 1º de janeiro de 1904, denominada Cândido Mariano e, sucessivamente, rebatizada como *General Rondon* e agora *Marechal Rondon*) ...

– O solo de Corumbá é quase que inteiramente formado de calcário silicoso, cinzento ou negro, raras vezes esbranquiçado... Na escarpa da barranca, onde se abriam as ladeiras que comunicam a cidade com o porto, vêem-se formando assoalho e paredes, no meio das pedras laminiformes, formosas dendrites (árvore fósseis) em que a natureza desenha árvores, flores, estrelas, arabescos e paisagens tão lindas quão caprichosas...

– Desde Corumbá começa o rio a ser mui tortuoso, a ponto de, durante quatro horas, deixar-nos gozar a vista da cidade a qual, desde a primeira volta do rio, mostra-se com um garbo e gentileza que a pobre ainda está longe de possuir. Seus edifícios avultam, como que ganham com a distância; as igrejas, ainda mesmo em ruínas, tomam formosas proporções e os fortins novamente caiados e a modesta casaria dão-lhe um aspecto encantador...

– Acima dos Castelos (dois morrotes fronteiros, numa pequena volta do rio), a Ilha do Paraíso ou Paraguai-Mirim, com 100 quilômetros de extensão sobre mais de 40 de largo. No tempo das águas, fica completamente submergida...

– Lagoa Mandioré ou Men dos antigos, formosa baía de 5 léguas de

comprimento por uma e meia de largo, cercada de risonhas praias e de altas montanhas... No tempo das cheias, qualquer vento assoberba ondas como as do mar, ao passo que, na estação contrária, são colunas de pó o que o vento ergue... A canhoneira *Taquari* corta a água em todas as direções, fundeia bem perto às praias, chega a um formoso prado que parecia o limite das águas, mas foi abrindo passo à proa da canhoneira por algumas centenas de metros, até lugar em que toda a força das máquinas não pôde vencer a resistência das *fulcra* ou falsas raízes desses intricados hidrófitos – o *aguapé* -cobertos então de flores e formando, com o navio esbelto, parado em seu meio, o mais surpreendente e encantador espetáculo...

– Nuvens de grandes patos e marrecos cobrem as águas da lagoa, enquanto centenas, senão milhares de arancuãs, jacus, jacutingas e jaós aparecem às margens... Nos pantanais, passeiam pausadamente o tabujajá, o gigante tuiuiú, o jaburu, o socó-boi, notáveis variedades de palmípedes longirostros... e as formosas garças de plumas e anhumas (tachãs dos guatós)...

-Dourados... altas montanhas de gneiss, em cuja fralda teve o Estado um pequeno arsenal de marinha que os paraguaios destruíram, na invasão de 1865. É a *Mcrapo* dos guatós (palavra que quer dizer montanha).

-Pedras de Amolar... Desde Corumbá que temos à vista estas formosas serranias da margem direita do Paraguai, tornando-se distintos, por sua forma perfeitamente piramidal, os picos dos Xanés...

– Margens bordadas de mangues, ingazeiras e cana-fisítula... Quantidade prodigiosa de acácia angico... Nos troncos e braços das árvores corpulentas, enredam-se aroidéia de folhagem diversamente recortada, quase todas variedades do gênero *imbé*, bromélias selvagens, acméias de variegadas flores... às novas galas que traz do arvoredado esse flóreo revestimento ainda se junta que, nos ramos e galhos extremos, balançam-se compridos ninhos, como os dos xexéus, cujo vozear alegre e variado e os cantares de mil pássaros outros enchem de vida e animação os sítios...

– Se as águas deslizam-se suavemente, encostados às margens vão se amontoando os aguapés... Se o rio espraia num remanso, esses hidrófitos cobrem-lhe a tona, entremeados de outros, principalmente a cana ou mururé... pelos bordos e remansos crescem extensos arrozais silvestres de que se aproveitam os guatós, os poucos e únicos habitantes dessas paragens. Além das margens, torna-se nesta época de enfloração tropical gratíssima à vista essa luxuriosa vegetação, matizada aqui e ali de enormes ramalhetes brancos, vermelhos, róseos, amarelos ou violetas, formados pelas flores das peúvas, das sapucaias, dos paratudos, dos novatos e das carobas,

de todas a flor mais bela, pela formosa cor lilás de seus festões... Raro ainda mas já aparece um ou outro cambará, árvore de porte e corpulência, cujas cimas se cobrem completamente de espigas amarelas... mais raro ainda se avista e mais para o interior das terras o leque de uma palmeira de tucum ou carandá ...

– Acima das Pedras de Amolar, as bocas do São Lourenço (de fato, as do Cuiabá) e mais acima e entrada da Gaíba, com o Morro do Letreiro: numa face cortada a pique, gravados por mão de homem selvagem sem dúvida, sinais conhecidos por aquele nome-letreiro... Parecem ser a representação do Sol, da Lua, estrelas, serpentes, mão e pé de homem, pata de onça e folhas de palmeira, no mesmo gênero de quase todas as encontradas nas itaquatiras do Brasil...

– Lagoa Uberaba (Torequêbaco dos guatós) cujas águas azuladas avistam-se como um círculo de uns dez quilômetros de diâmetro. O canal do Jiquié (que Castelnau denominou Pedro II), tortuoso e fundo, estende-se por mais de vinte quilômetros. Entre ele e o Paraguai, desce uma serra de formação granítica – a Ínsua (Ilha dos Morros de que fala Antônio Pires de Campos). O mais elevado de seus montes – o Morro do Gama – separa as duas Gaíbas...

– A Gaíba é a mais formosa de todas, quase circular, completamente limpa, bem definida no seu perímetro, bordado lado oriental por altas montanhas... ao sopro da brisa, forma ondulações como o mar... com ventos mais frescos, levanta escarcéus e sua navegação torna-se perigosa...

– A Uberaba representa um lago circular de vinte quilômetros de diâmetro, literalmente coberto desse prado de camalotes – longas ciperáceas e ninfeáceas, entremeadas de pontedérias, alismáceas, naiadéias e hidrocoridéias, sobressaindo a todas a ninfeácea rainha dos nelumbos a *Victoria Regia* – a qual nesta ocasião, em plena enfloração, deixa ver entre as imensas folhas redondas, semelhantes a verdes bandejas, de metro e meio e mais de diâmetro, as suas não menos admiráveis flores, enormes bogarins, brancos com o centro rosado ao desabrochar, e olorosas, com cheiro de boninas; róseas no dia seguinte e, acentuada mais a cor, à medida que vão sofrendo a ação do sol; roxo-escuro, quando murçam... Chamam-lhe os guaranis *abati-irupé* (milho-prato d'água). *Iapunáuaupé* (ninho de jaçanã) chamam-lhe os índios do Amazonas. *Jurupari-teanha* (espinho do diabo) as nações tupis do Norte. *Atum-sisac* (a grande flor) a gente quíchua...

– São mui formosas essas paragens da Gaíba... árvores enormes cobrem os albardões da lagoa e o seu terreno ubérrimo convida à fácil agricultura... A mais deliciosa caça ali se cria e em tão grande cópia que

sobeja ao caçador... só falta aí o homem civilizado e a indústria, para haurir as fáceis riquezas... Os guatós são a única tribo que aí vive e já muito resumida... De longe em longe aparece um pequeno alto – os redutos (ou aterrados), lugares sabidos de pouso...

– Do Descalvado à Corixa Grande do Destacamento medem-se 97 quilômetros; desse terreno mais de três quartos são completamente alagadiços, numa estação, e tão secos, na outra, que só escavando-se profundas cacimbas pode-se encontrar água, quase sempre branca, da cor do leite, do elemento calcário que traz em suspensão... Em todos esses campos, é notável uma aglomeração de penedos, cascalhas angulosos e seixos rolados, formando pequenas colinas que já vai se cobrindo de vegetação alta, no caminho do Cambará... Parece mais depósito de pedras preparado pelo homem que uma eversão da natureza (quem sabe se um *steinberg* ou melhor um *parkwerkbauten* dos primitivos habitantes, para resguardarem-se na estação das águas?) ...As formigas e os cupins de diversos gêneros são os donos do terreno... Nas proximidades do Cambará, vê-se o campo coberto de colunas cilíndricas que os índios chamam *tacuru*, altas às vezes de dois metros, assemelhando-se a marcos ou pilastras – *frades de pedra* - a pequenos castelos, com seteiras, portas, terraços e torreões...

– Corixa Grande do Destacamento... o riacho tem origem numa caverna de um monte isolado do sistema da serra da Borborema (gneiss em decomposição) ...Dentro se ouve o rumor das águas que caem, como em cachoeira, e vêm pelo chão dos corredores sair na quebrada onde soterram-se, aparecendo cinco metros adiante e já como um ribeirão...

– A linha limítrofe, continuada do marco norte da Lagoa Uberaba, vai encontrar o extremo sul da Corixa Grande do Destacamento, por esta segue até suas origens, sobe até o Cerro de São Matias e daí pela Serra da Borborema, com o dever de salvar o povo boliviano de São Matias, povoação de 200 almas, índios quase todos chiquitanos e alguns bororos...

– Sítio do Uauaçu... tira seu nome de umas formosas palmeiras que aí abundam – a *attalea spectabilis* de Martius, *xalhaehodi* dos guaicurus...

– Salinas... começam a sete léguas do Registro do Jauru; seguem para oeste e para o sul. De outro lado, estendem-se entre os Rios Paraguai e Cuiabá, entre Vila Maria e Poconé... Tanto os portugueses como os espanhóis as cobiçavam e pretendiam sua posse... Em 1837, na Presidência de Pimenta Bueno, foram considerados terreno neutro, mas seis anos depois (com o fim de evitar conflitos com os bolivianos) passaram a ser considerados, sem contestação, território brasileiro ...

– Santa Rita. No tempo das chuvas, ribeirão de dez metros de largura, passa a rio caudaloso e depois se converte em lago ou antes em mar de água doce, ligando-se a outras inundações da Uberaba e dos Campos do Céu e Mar e de todos esses almargeais para o ocidente que quase vão achar termo nas escarpas andinas...

– Palmas Reais... Vem-lhe o nome da mata de buritizeiros, altas palmeiras, quase tão esbeltas como as chamadas imperiais, porém mais formosas na copa, com a sua coroa de leques arredondados como as da carnaúba...

– Morro da Boa Vista, o mais elevado dos que aí terminam a Serra de Aguapei. Cerca de quatrocentos metros de altura e de não fácil acesso, coberto de seixos e cascalhos de *gneiss* duríssimo, semelhante às pedras de machado dos índios... Entre os terrenos altos que se vão sucedendo, separados pelas corixas, vasta baixada de mais de légua de largura na seca, lagoa na estação chuvosa... Perigosíssimo deve ser este campo, no tempo das águas, pela extensão e natureza do solo argilo-calcáreo, e pior ainda quando começada a seca, por converter-se em pegajoso lamaçal...

– Quatro Irmãos, grupo de cinco morrotes, em cujo principal deve colocar-se, definitivamente, uma das balizas limítrofes... Ronda das Salinas, uma das mais antigas guardas portuguesas... As outras eram a Ronda do Sul, a da Ramada e a da Cacimba...

– Lagoa Grande ou Ponte Ribeiro (*Laguna del Marfil* dos bolivianos) ...É nessas várzeas que têm origem o Barbados e o Paraguai. São elas tão baixas e sujeitas a inundações que, na estação invernos, vêm-se em canoas da cidade de Mato Grosso, em algumas ocasiões, por cima das matas... O posto de Salinas consiste em 3 palhoças habitadas por uma guarda do destacamento de Casalvasco...

– Casalvasco deve ter sido um bonito povoado... Seus campos são magníficos... os mais lindos que tenho visto: imensa planície gramada, semeada de árvores isoladas... aqui e ali *caapoãs* cerrados, orlados de gigantescas florestas indicam a passagem a seu sopé de correntes perenes... Cortam-nos em rumos leste-oeste várias vazantes, aqui conhecidas pelo nome de *peri*, voz típica da qual vazante é a tradução. Casalvasco é hoje apenas um posto militar, à margem direita do Barbado... é uma tapera Casalvasco, mas risonha ao primeiro aspecto, com a sua casaria de taipa acinzentada, coberta de telhas vermelhas, semelhando antes uma povoação nova, em via de construção, cujas casas rebocadas estão só à espera de uma derradeira mão de cal... Mas quanta ruína sob essa louçania feiticeira... Essas ruínas, ainda hoje notáveis, fazem cismar com tristeza no que foi

Casalvasco, no que foi Vila Bela, no que foram tantos outros povoados do coração da América, cem anos atrás, e que sonhos de futuro, de grandeza e de poder não deveriam fazer seus habitantes, no meio de sua prosperidade, para a era em que estamos...

– Em 19 de março de 1752, erigiu Rolim de Moura em vila o antigo Pouso Alegre, com o nome de Vila Bela de Santíssima Trindade... Se não fossem os receios de fundar a nova capital além do grande rio, tirando-lhe assim essa excelente trincheira natural e separando-a demasiadamente do resto da Capitania, é de presumir que Rolim a iria estabelecer nas faldas da alterosa e imponente serra que se eleva na outra margem (a Serra de Ricardo Franco) ...A capital dos antigos Capitães-Generais não é hoje (1875) mais do que uma pobre povoação de uns 700 habitantes... As ruas são largas e bem traçadas, com boa casaria de pedra e cal, cobertas de telha, em número superior a 300... Entre esses edifícios avulta o palácio, habitação sólida e regular, cuja metade somente concluída... Seus salões, primitivamente pintados a óleo, mostram ainda, sobre as portadas e lambrequins, frescos no estilo de Watteau e Laneret, mais ou menos originais, ora alusivos ao país, ora aos governadores... O quartel da guarnição é uma cópia reduzida do quartel da Aclamação da Corte... A matriz (igreja em ruínas) foi mui rica e guarda, ainda os restos de sua prisca opulência, tais como velhos mas ricos paramentos, imagens adornadas de jóias custosas de ouro, prata e pedrarias, imensos resplendores de ouro, coroas imperiais de tamanho natural, riquíssimas e bem cinzeladas custódias, cálices, patenas, navetas de ouro e prata dourada, turíbulos, imensas lâmpadas, tocheiras, varas de palio, candelabros... A Capela de Santo Antônio dos Militares, conquanto também muito danificada, ainda se conserva, graças aos cuidados do Comandante do Distrito... É dos templos da Província, talvez, o que mais riqueza encerra... Foi a sepultura do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra (a Matriz o é do Capitão-General João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres).. Tem a cidade uma escola de meninos (já teve uma aula de latim, nos seus bonitos tempos) ...

– Eis em breves traços o esboço ligeiro da capital dos Capitães-Generais – o empório das minas de ouro do Mato Grosso, país tão considerado da coroa portuguesa que nele via uma de suas mais preciosas gemas... De toda essa grandeza antiga quase que só restam reminiscências nessa pobre tapera ainda decorada com a hierarquia de cidade... Seu distrito militar, eclesiástico e judiciário abrange todo o território ocidental da Província, desde a foz do Gi-Paraná, no Madeira, cortando pela Cordilheira do Norte em direção ao Registro do Jauru... ..

Mas conclui o insigne geógrafo-escritor suas observações de 1877, com um vaticínio otimista que já se traduz em palpável realidade de nossos dias:

– Tempo virá longe, muito longe talvez, quando já não exista senão o renome dessa cidade injustamente desacreditada; quando o homem venha em busca das verdadeiras riquezas do solo, desse solo ubérrimo e de tão fácil conquista, para prosperidade e o desenvolvimento do País; quando se agregue a população e com ela surja o comércio, a agricultura e a indústria; e quando o grande e formosíssimo Guaporé, franco das cabeceiras à região encachoeirada do Mamoré, entronque sua fácil navegação à via férrea do Madeira; e que o povo, vigoroso e cheio de ânimo, dispondo de mais força e a edilidade de melhor aviso, encontre outra facilidade, para remover os óbices ao seu adiantamento; a Cidade de Mato Grosso, o verdadeiro coração da América Meridional – vivificada por essas duas artérias sem rivais no mundo, o Rio-Mar e o Prata, ligados entre si por facilíma estrada de ferro de vinte e poucas léguas, dele ao Jauru – será o centro da vida dessas regiões, tão prenhes de riquezas nos três reinos naturais, quão de misérias, atualmente.

Cadeira 22

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO
PEDRO ROCHA JUCÁ, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-
GROSSENSE DE LETRAS, LENINE DE CAMPOS PÓVOAS
7 de setembro de 1981**

Com emoção assumo, nesta hora, a Presidência desta Augusta Academia, posto a que sou conduzido pela magnanimidade dos meus ilustres confrades.

Ao receber tão alta investidura devo confessar-lhes que tendo passado por elevados postos em minha vida pública, em nenhum deles me senti mais lisonjeado do que neste a que sou guindado pela imerecida escolha dos mais altos expoentes da cultura mato-grossense.

Ao receber a Presidência desta Casa de tantas tradições, justamente no dia em que ela comemora 60 anos de gloriosa existência, meu pensamento volta-se, em primeiro lugar, para a figura ímpar de Dom Francisco de Aquino Corrêa, seu inolvidável fundador, seu incentivador e seu ex-Presidente de Honra.

No célebre discurso proferido a 7 de Setembro de 1921, na solenidade com que se instalava, no Salão Nobre do *Palácio da Instrução*, o Centro Mato-Grossense Letras – que se transformaria, em 1932, na Academia Mato-Grossense de Letras -, saudava o eminente Arcebispo o nascimento desta Entidade com estas palavras:

Nesta suave convicção é que saúdo o seu aparecimento como uma das mais alvissareiras florações da primavera intelectual que agita o espírito da moderna geração mato-grossense.

Fundada com nobres objetivos e embalada pelo ideal do culto às belas letras e às tradições de nossa terra podemos dizer hoje, exatamente 60 anos passados, que, malgrado as limitações do meio viveu ela fiel aos seus altos desígnios e aos augúrios de seus fundadores.

Neste momento meu pensamento volta-se, ainda, para a inolvidável personalidade de José de Mesquita, que foi, enquanto viveu, o seu Presidente, coração e alma desta Academia.

Disse certa vez esse autêntico líder da nossa cultura que *a Academia Mato-Grossenses de Letras é sem dúvida, o esforço conjugado de mais de duas gerações e que já atravessou, também, mais uma geração, conservando-se sempre fiel ao seu programa inicial.*

Meu pensamento volta-se, também, nesta hora, para outros ilustres

confrades que honraram a Presidência desta Casa, os saudosos Padre Wanir Delfino César e o Dr. Antônio Cesário de Figueiredo Neto que já passaram à eternidade, e os eminentes Acadêmicos Antônio de Arruda, Francisco Alexandre Ferreira Mendes, Gervásio Leite, Archimedes Pereira Lima e Rubens de Mendonça.

A todos eles, nesta data magna da Pátria e da nossa Academia, as minhas homenagens, a minha admiração e a gratidão dos que verdadeiramente amam as tradições de cultura da terra mato-grossense.

A evocação dos que me antecederam na Presidência desta Casa dá bem idéia da responsabilidade que cai sobre os meus ombros ao ser nela empossado.

Tenho a certeza plena de que não reúno as condições indispensáveis para conduzi-la com o brilho dos que a dirigiram ao longo destes 60 anos da existência.

Mas posso assegurar-vos, senhores Acadêmicos, que na tarefa que me confiastes porei todo o empenho, toda a dedicação e também toda a humildade que tenho posto no desempenho dos cargos que tenho exercido.

O entusiasmo e o amor que José de Mesquita dedicou a esta Casa não de ser, para mim, inspiração constante.

Estou convicto de que não me faltarão a solidariedade decidida dos nobres confrades assim como o imprescindível apoio dos poderes públicos.

Devo recordar, a propósito, que a Academia nasceu sob o paraninfado do Governo estadual.

No já famoso discurso citado, proferido na sessão inaugural do Centro Mato-Grossense de Letras, revela-nos o ínclito Dom Aquino Corrêa, – então o Presidente do Estado de Mato Grosso –, a dúvida que o assaltara ao receber o convite para proferir aquela oração: ficara indeciso se à solenidade deveria comparecer com a *leve clâmide grega do culto às letras*, ou se também compareceria como Governador, portando a *venerável toga da magistratura suprema do Estado*.

Entre comparecer como simples homem de letras ou como Presidente do Estado, decidiu-se, finalmente, pela última hipótese,

Ao pensar, como penso, – dizia ele – que o Governo Estado não possa quedar-se indiferente ao notável fenômeno luminoso que se vem produzindo na esfera sideral da intelectualidade mato-grossense.

Folgo em registrar que já vai distante a transitória fase de obscurantismo que atravessamos, em que os nossos governantes relegaram ao último plano o interesse pela cultura, como coisa inútil, que não rendia imediatos dividendos eleitorais.

Nos períodos governamentais mais recentes a preocupação pela preservação de nosso patrimônio cultural tem estado bem patente, demonstrando que os governantes entenderam que a cultura é o coroaamento mais brilhante das obras que realizam pelo nosso progresso material.

Na administração do ex-Governador José Fragelli a pronta ação governamental impediu que se acabasse de todo o nosso patrimônio histórico, constante de toda a preciosa documentação confiada ao antigo Arquivo Público do Estado, então em vias de completa e total destruição.

Na administração do ex-Governador José Garcia Neto, tivemos o importantíssimo fato da instituição da *Fundação Cultural de Mato Grosso* e, no âmbito municipal, a criação da *Casa da Cultura*.

Na administração atual, do Dr. Frederico Carlos Soares Campos, temos já a creditar a Sua Excelência a restauração deste solar em que viveu e morreu o Barão de Melgaço, sede de nossas mais venerandas Instituições de cultura, além do decidido apoio que tem dado às iniciativas culturais.

Tudo nos anima e nos faz crer que a nossa tarefa será facilitada pelo apoio que por certo receberemos dos poderes constituídos, pois a cultura é o patrimônio maior e mais duradouro que as gerações herdaram das que as antecederam.

Com tais propósitos e levado por essas esperanças assumo a Presidência da Academia Mato-Grossense de Letras, nesta noite de encantamento espiritual, em que ela retoma, com a posse do Acadêmico Pedro Rocha Jucá e as próximas posses de João Moreira de Barros, de Adauto de Alencar e de Vera Randazzo o ritmo brilhante de suas atividades, manifestando, publicamente, os meus mais sinceros agradecimentos aos que confiaram em nossa disposição de trabalho.

Muito obrigado!

DISCURSO DE POSSE PROFERIDO PELO ACADÊMICO PEDRO ROCHA JUCÁ

Senhores Acadêmicos: Neste momento tão significativo da minha vida, quando ingresso efetivamente na Academia Mato-Grossense de Letras, peço a Deus e a Nossa Senhora de Fátima que me iluminem o suficiente para ser digno dos ilustres pares que compõem esta Casa. E assim o faço sem falsa modéstia, pois reconheço os méritos dos que hoje me recebem e entendo as limitações da minha capacidade. O que mais me encoraja a aqui comparecer, nesta solenidade proporcionada pela bondade dos Senhores Acadêmicos, é saber que faço do jornalismo um culto de fé neste Estado que me acolheu para sempre e que, indo além da minha pessoa, a Academia Mato-Grossense de Letras procura homenagear a todos aqueles jornalistas que labutam nas redações pela glória de Mato Grosso. Longe de mim, portanto, a pretensão de um Carlos de Castro Brasil. Aqui estou, como jornalista, em nome dos meus confrades, e na esperança de não decepcioná-los na expectativa de garantir a continuidade do trabalho iniciado por ilustres nomes do jornalismo mato-grossense.

Procurarei ser breve neste instante, mas saberei me curvar eternamente aos Patronos desta Academia e ser grato aos Senhores Acadêmicos que me acolhem com tanta bondade e compreensão. Pedro Calmon considerava o pior discurso aquele que fosse longo e Antônio Houaiss dizia que *Em momentos assim, é mister ser breve*. Não será necessário usar muitas palavras para dizer que tudo farei para ser fiel à cultura mato-grossense, esforçando-me ao máximo para ser digno dela e da Cadeira nº 22 que passo a ocupar na Academia Mato-Grossense de Letras.

Permitam-me vasculhar um passado que se repete na imaginação e na realidade da vida. Nasci no sopé da Serra do Araripe, ao romper da aurora de uma manhã de maio, em Crato, Estado do Ceará. no fértil Vale do Cariri. Aos 14 anos já escrevia no jornal estudantil *O Ideal* e um ano depois fundava *A Voz da Mocidade*. Desde cedo, como se vê, já estava palpitando em mim o ideal do jornalismo. Encontrei em meu pai o maior estímulo para tanto. Graças a ele li muitos livros. Admito, sem constrangimento e sim com saudade, que isto nem sempre fazia com satisfação. Ele marcava os trechos que deveriam ser lidos por mim e horas depois fazia a sua avaliação. Se verificasse uma falha qualquer me fazia repetir os trechos em voz alta. E foi assim que me evolui dos livros de história para crianças, povoando a minha mente de muitos *Era uma vez...*, até a autores estrangeiros. Um desses livros, *O caminho da felicidade*, de Victor Pouchais, se não me falha a

memória, é útil para mim até hoje. Uma de suas recomendações: Beber um pouco de água antes da primeira refeição serve para evitar úlcera. Ou então: respirar profundamente o ar da manhã para purificar os pulmões e o sangue. De Viriato Corrêa obtive valiosos conhecimentos sobre a História do Brasil, naquele seu linguajar para crianças, inclusive sobre o avanço dos bandeirantes paulistas em direção de Mato Grosso. Através do seu livro *História do Brasil para crianças*, tive o primeiro contato com Mato Grosso, que somente vim a conhecer aos 18 anos de idade. Através da leitura consegui meios que me auxiliaram a escrever e assim ficou mais fácil o meu acesso ao jornalismo. Por tudo isto não posso me esquecer do meu pai neste momento tão importante. Hoje ele está sepultado, mas não esquecido, no Cemitério do Primeiro Distrito de Cuiabá, onde também encerrarei os meus dias.

Em Mato Grosso conheci minha esposa e aqui nasceram os meus filhos. Até parece que se repetiu no convívio da família Póvoas, aquele trecho de José de Alencar, na cena em que Iracema leva Martim Soares Moreno à presença do seu pai: *Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema*. E Araquém completa: *Bem-vindo sejam. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém*. Hoje, sou mato-grossense como os meus filhos. Macaúba virou bocaiúva. Jerimum virou abóbora. Macaxeira virou mandioca. Mas, lembrando uma observação de Rubens de Mendonça, o pardal aprendeu a cantar como o bem-te-vi sem se esquecer das suas origens.

É com o mais profundo respeito que hoje assumo a Cadeira nº 22, até há pouco ocupada pelo inesquecível Carlos de Castro Brasil. A Academia Mato-Grossense de Letras é o templo de uma cultura de quase três séculos. Uma cultura que foi ilhada pela geografia e que rompeu estes séculos com a força magnânima de um povo exemplar. O mato-grossense sempre brilhou, na paz ou na guerra, na História ou na Geografia, nas Ciências ou nas Letras. Aqui, contemplando este cenário de imensa riqueza espiritual, o único gesto válido é a reverência aos Patronos, aos Acadêmicos que partiram para o além da vida e aos Acadêmicos que continuam honrando e dignificando esta Casa .

O meu antecessor na Cadeira n.º 22 era brilhante em todas as suas atividades culturais, com destaque para a oratória, o jornalismo e a poesia. Carlos de Castro Brasil era filho do alferes Joaquim Xavier de Castro Brasil e de dona Alvina de Castro Brasil. Nasceu no dia primeiro de março de 1905, em Corumbá, hoje Mato Grosso do Sul. Depois de períodos de estudos em Campo Grande e Rio de Janeiro, ele voltou a Corumbá e casou-se com dona Lucinda Cristóvão, filha do então cônsul português, Gonçalo Cristóvão. Dessa

união, nasceram os filhos Aldo (já falecido) , Carlos, Hécio, Hena, Marília e Ronaldo. Ele, *O Grande Tribuna de Corumbá*, dedicou-se sempre ao jornalismo, colaborando nos jornais *O Vagalume*, *A Cidade*, *O Gráfico*, foi redator-chefe de *A Tribuna*, fundou e dirigiu *O Momento* e foi um dos responsáveis pelo surgimento do *Diário de Corumbá*. A fundação de *O Momento* não foi tranqüila e exigiu de Carlos de Castro Brasil uma luta que se prolongou até o Rio de Janeiro, onde conseguiu a licença governamental para que o jornal circulasse. Castro Brasil foi ainda um dos fundadores da Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária, foi um dos que restauraram as colunas da Loja Simbólica Estrela do Oriente, foi um dos fundadores da Loja Simbólica Caridade e Silêncio e foi um dos fundadores da Academia Corumbaense de Letras, ocupando a Cadeira que tem como Patrono Generoso Paes. Embora não tenha publicado livros, a sua obra literária é vasta e rica em forma de sonetos, trovas, reportagens, crônicas, artigos, discursos. Teve êxito em todos os seus empreendimentos, seja como advogado, promotor, administrador, jornalista, professor e poeta, conquistando com o seu verbo fluente a todos aqueles que o liam ou o ouviam. Sua voz calou-se no dia 12 de outubro de 1976, no Dia das Crianças, mas a eternidade orgulha-se de divulgar seus mais de 100 sonetos clássicos, trovas e poesias.

Não morrerá jamais um poeta que assim diz:

SONHO ANTIGO

*Com meu pendão marcial, negro e bisonho,
Eu tomei minha lança e meu broquel,
E à conquista do bem que almejo e sonho,
Parti, montado, altivo em meu corcel.*

*E, tercei minha lança em prol do sonho...
E, venci batalhas, em tropel.
Mas senti, com desânimo medonho,
Que a vitória amargava como fel.*

*Eu sei que sou um louco visionário,
Que caminha na Terra, solitário,
Na incessante procura do ideal.*

*Mas ainda a esperança me conforta;
Pois, se a matéria vil pode ser morta,
– A Alma não morrerá, porque é imortal...*

Há poucos dias estive em Corumbá para cumprimentar sua família. Tive a satisfação de rever dona Hena Brasil de Castro, atual presidente da Academia Corumbaense de Letras. As excepcionais qualidades do seu pai estão cristalizadas nas suas trovas onde são reconhecidas e aplaudidas nacionalmente. Ela me proporcionou a rara felicidade de ler vários manuscritos de Carlos de Castro Brasil. Uma autêntica relíquia de cultura e sabedoria. E a eloquência do ideal vigoroso do seu autor em formas de letras.

Em memória do grande jornalista Carlos de Castro Brasil nada melhor do que esta citação de outro jornalista, Rui Barbosa: *Quando me consulto a mim mesmo, no mais recolhido exame, forcejando atinar em que teria eu merecido algum apreço dos meus compatriotas, e porque vos inspirais tais simpatias, não acho a meu crédito senão três modestas verbas. Caso, postos de parte os descontos humanos, houvessem de condensar numa síntese o meu "curriculum vitae", e do meu naufrágio salvassem alguns restos, tudo se teria, talvez, resumido com dizer: "Estremeceu a Pátria, viveu no trabalho e não perdeu o ideal.*

O Patrono da Cadeira n.º 22 da Academia Mato-Grossense de Letras é o Visconde de Taunay, nascido no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843. Antes mesmo dele nascer, o nome de sua família já estava ligado a Mato Grosso. O seu tio Adriano, desenhista da Expedição do Barão Langsdorf, com Hércules Florence e outros nomes conhecidos na época, conseguiu chegar até ao Rio Guaporé, em cujas águas veio a falecer em 1828, nas proximidades de Vila Bela. Em 1871, indicado pelo então Visconde de Rio Branco, ele foi eleito deputado pela também então Província de Goiás. Aqui se faz uma citação curiosa, mencionada pelo próprio Visconde de Taunay em *Trechos de Minha Vida*. Interpretando o pensamento da oposição local, Joaquim Serra dizia, a propósito da sua eleição, no jornal *Reforma: Os povos de Goiás aceitando com entusiasmo o candidato que lhe indicou o governo, pedem, tão somente, que lhes mandem o nome traduzido em português.*

Com a divulgação de *A Retirada da Laguna*, mais ligado ficou o seu nome a Mato Grosso. Tendo participado ativamente do que ele chamava Expedição de Mato Grosso, o Visconde de Taunay, recém promovido a primeiro-tenente, com 24 anos de idade, foi recebido na noite de primeiro de agosto de 1867 por Dom Pedro II, que queria o seu relato pessoal. O imperador o ouviu atentamente e lamentou: *Bem, bem, lerei com todo o cuidado as partes oficiais. Mas como foram abandonar feridos e doentes? Enfim. ..Tudo verei.* Durante uma semana, Mato Grosso dominou o noticiário dos jornais do Rio de Janeiro. Por sua participação na campanha de Mato Grosso, o Visconde de Taunay foi agraciado com a Medalha comemorativa da

Retirada de Laguna, que depois se fez extensiva às forças que retomaram Corumbá, juntamente com os demais membros da sua coluna expedicionária. A medalha era oval, com o busto do Imperador de um lado e do outro as palavras: *Constância e Valor*, rodeadas de folhas de louro, suspensa por uma fita azul e amarela. Em 1868 ocorrem dois fatos em sua vida, sendo um triste e outro alegre. Morre em Humaytá o seu estimado amigo capitão de Artilharia João Baptista Marques da Cruz, que servia em Cuiabá. No mesmo ano apareceu o seu primeiro livro, *Scenas de Viagem*, que começou em Coxim e foi continuando em Miranda (Morros) e Nioaque. Os manuscritos foram em parte prejudicados pelas chuvas, em Nioaque. O pai de Visconde de Taunay exerceu um importante papel em sua vida. Ante a sua demora em escrever *A Retirada da Laguna*, o comendador Félix Emílio Taunay insistia: *Tu perdes, Alfredo, o melhor ensejo de te cobrir de glória. E não ficava nisto: Faltas ao teu dever, meu filho, e ao que deves aos teus companheiros mortos, de quem jamais se falará.* A propósito, depois de citar as dificuldades encontradas para iniciar a obra, o Visconde de Taunay revelou: *Certa noite, acordei a horas mortas, perdi de todo o sono, e, na vigília, todos os fatos da retirada se me reproduziram de modo tão claro e tão terrível, que tive violentos calafrios e tremi de emoção e positivo medo. Não perdi, porém, o momento de súbita inspiração. Acendi a vela, saltei da cama, e durante mais de duas horas seguidas tomei febrilmente notas de toda a minha tétrica historia. E houve trechos em que experimentei os arrepios e o pavor da morte, a rememorar por modo tão vivo e inesperado, as cenas e os horrores que eu presenciara e tão depressa me iam fugindo da lembrança.* Com um pouco mais de 24 anos, o Visconde de Taunay concluiu *A Retirada de Laguna* em menos de um mês. Escreveu ainda: *Recordações de Guerra e de Viagem, Ouro Sobre Azul* (romance), *Viagens de Outrora, Philologia e Crítica, Cartas da Campanha e Trechos de Minha Vida.* O romance *Inocência* teve como palco a região de Santana do Paranaíba, hoje Mato Grosso do Sul.

Aqui, neste mesmo recinto, o confrade Gervásio Leite disse certa vez que Estêvão de Mendonça é o nosso historiador maior e mais insigne. E assim também entendo. No jornal *O Estado de Mato Grosso* publiquei um caderno especial dedicado a este ilustre nome da cultura mato-grossense. Hoje, para felicidade minha, aqui está a me receber seu filho, o continuador da sua obra: o Acadêmico Rubens de Mendonça. Os dois se completam, cada um correspondendo ao seu tempo. Há, contudo, traços que individualizam o pai e o filho. Se Estêvão de Mendonça deixou uma obra completa, insubstituível e para sempre, com as suas *Datas Mato-grossenses*, Rubens de Mendonça tem sido nestes últimos anos uma figura ímpar em

nossa literatura, chegando a publicar 46 livros, marca jamais igualada em todo o Centro-Oeste brasileiro. Desde 1959 recebo de Rubens de Mendonça continuadas demonstrações de apreço, tanto nos momentos difíceis como nos felizes, como agora, neste instante tão valioso da minha vida, quando ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras. Honrado, agradecido e sensibilizado pela grandeza do seu coração, torno-me pequeno diante da sua cultura e insignificante diante de sua vasta obra literária. Como Secretário perpétuo da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Rubens de Mendonça realiza um trabalho incomparável, sendo difícil o surgimento de outro nome que venha reunir as mesmas qualidades, a mesma vivência, a mesma capacidade, o mesmo empenho, a mesma dedicação. Ao invés de me alongar em reverências à sua consagrada obra, permitam-me os presentes externar o carinho e a estima que sempre dediquei a Rubens de Mendonça, a dona Ivone e a Adélia, em cujo lar sempre fui recebido como um membro da família.

Aproveito a oportunidade para algumas mensagens. Como jornalista, reivindico do Governo estadual a microfilmagem de todos os jornais e revistas já editados em Mato Grosso, pois em nosso Estado se encontra um dos mais importantes acervos da imprensa brasileira. Como professor, gostaria de dizer que as minhas pesquisas, ainda não conclusivas, me encorajam a deduzir que a educação deve se adaptar ao ritmo da velocidade de conhecimento do mundo em que vivemos, com um ensino capaz de acompanhar as conquistas tecnológicas e de melhor aproveitar as máquinas que surgem. Como pesquisador da História de Mato Grosso devo dizer das dificuldades existentes no bom desempenho deste mister justamente por faltar um maior apoio, um melhor incentivo. Se a Carta de Pero Vaz de Caminha demorou dois séculos para ser publicada, quem escreve a História de Mato Grosso tem que ser o pesquisador, o autor e o editor, pois os recursos, quando surgem, são escassos.

No dia 27 de agosto passado o jornal *O Estado de Mato Grosso* completou 42 anos de existência. É por isto, uma relíquia do registro histórico, em termos de jornal, da História Mato-Grossense Contemporânea. Mesmo assim, e a despeito da grande atenção que sempre proporcionei à sua coleção nos últimos 22 anos, muito está perdido da sua longa existência. Como se sabe, o jornal *O Estado de Mato Grosso* foi fundado para comemorar o primeiro centenário da circulação do primeiro jornal do nosso Estado, *O Themis Mato Grossense*, no dia 15 de agosto de 1839. Como se vê, o jornalismo em Mato Grosso já conta 142 anos e relativamente pouco existe deste imenso acervo. Com a microfilmagem aqui reivindicada seria possível a conservação, a

exemplo do que já ocorre em algumas Capitais brasileiras, dos títulos de jornais ainda em circulação. Somente quem vive dentro de um jornal, sentindo o seu relacionamento com a comunidade, entende melhor o significado de um trabalho desta natureza. Se a notícia do dia é importante, mais importante ela se torna quando for mais antiga e mais necessária para atender a este ou aquele interesse. O governador Frederico Carlos Soares de Campos, aqui presente, poderia nos proporcionar nesta noite a alegria de uma resposta afirmativa a esta reivindicação, sumamente necessária à preservação do patrimônio histórico de Mato Grosso dos nossos dias.

Ao defender a conveniência de se implantar uma nova metodologia de ensino sei que estou avançando bem além dos dados disponíveis e dos indicadores e variantes possíveis em nossos dias. Contudo, não temo arriscar em previsões que me permitem dizer que dentro de poucos anos haverá uma radical mudança na área da educação. Tentando resumir a minha argumentação, poderíamos acrescentar que o mundo está sofrendo hoje a maior e a mais rápida transformação de toda a história da humanidade. Do Século XV para cá, com a descoberta do tipo móvel, por Gutenberg, esta velocidade vem se acelerando assustadoramente e de uma forma tal que o computador se integra cada vez mais ao nosso dia-a-dia. Dentro de poucos anos, por exemplo, se a informática não chegar às nossas escolas, teremos um novo tipo de alfabeto. Das 450.000 palavras conhecidas no inglês atual, a título de ilustração, William Shakespeare teria condições de entender, se renascesse hoje, apenas cerca de 250.000 delas. Melhor explicando, a língua inglesa seria um semi-analfabeto. E o nosso Camões? E a carta de Pedro Vaz Caminha?

Quando publiquei *Melhor Aproveitamento do Cérebro na Educação* no jornal *O Estado de Mato Grosso*, durante quase um ano, afirmei que já são evidentes os sinais de desajustes observados na área de transmissão de conhecimentos e alertei para o fato disto ser danoso para a evolução sócio-econômica da humanidade. E disse mais: dá-se excessiva importância ao computador e o cérebro humano, uma dádiva divina, fica relegado a um plano inferior. O advento da imprensa acelerou o processo de captação, pesquisa e elaboração de conhecimento. Praticamente tudo que influiu no Século XX vem surgindo a partir de um pouco mais de cem anos E, sem medo de errar, diríamos ainda: o Século XXI se aproxima rapidamente, já estamos em 1981, e nestes 19 anos que restam a revolução tecnológica mudará até mesmo os nossos comportamentos. Antevejo os meios de comunicação influenciando diretamente no homem do amanhã. O avanço tecnológico é tão rápido que nem mesmo as exigências comerciais

conseguem freá-lo. Temos o exemplo recente da televisão com som estereofônico, que somente deveria ser lançada oficialmente neste mês de setembro, na Alemanha Ocidental, mas que teve rompido uma espécie de *acordo de cavalheiros* já no mês de maio passado. Antevejo, ainda, em função dos avanços que ocorrerão nos meios de comunicação, maior número de alunos para um menor número de professores e de escolas, e o conseqüente menor investimento na área do ensino em função da maior rentabilidade obtida.

Mas vivemos ainda de acordo com métodos superados. As nossas crianças são forçadas a elaborar cálculos com a tradicional tabuada, quando a máquina de calcular, cada vez menor e mais barata, ainda sofre resistências. Com os meios de comunicação teremos a futura educação de massa, a baixo custo.

Para o astrônomo norte-americano Harvey Butcher, *não temos provas nem de que estamos sós, nem de que existem outras entidades pensantes*. O universo é ainda um grande desconhecido. É verdade que várias conquistas já foram obtidas. Já foi provado, por exemplo, a existência de *moléculas da vida* na atmosfera de Titan, o maior dos satélites de Saturno, quando da passagem da sonda norte-americana *Voyager I*. O *Voyager II*, por sua vez, atingirá Urano em 1986, três anos depois passará próximo do desconhecido Netuno. Vivemos na galáxia chamada *Via Láctea*, onde o nosso Sol é apenas uma das 400 bilhões de estrelas nela existentes. A galáxia mais próxima da nossa é a de Andrômeda, existindo ainda outras galáxias menores também conhecidas, as chamadas *Nuvens de Magalhães*. Esta imensidão toda, se comparando-se ao infinito do universo, não passa de algo tão insignificante, tão microscópico, que o homem precisa assumir duas formas de comportamentos: de humildade e de fé permanente em Deus, o Grande Arquiteto do Universo. E, se Deus nos fez à sua semelhança, é impossível, inconcebível, que a humanidade tenha um campo de conhecimento tão restrito. Não pretendemos nos comparar à infinita sabedoria divina, mas temos de entender que somos parte deste universo, onde se estima existir de 100 a mais bilhões de galáxias. Deus, com infinita bondade, nos proporcionou um cérebro com imensa capacidade de raciocínio, que deve ser melhor utilizado pelo homem.

O importante agora é saber como utilizá-lo. O cérebro tem apenas 1.500 gramas em média de peso, é formado por uma massa gelatinosa de 14 bilhões de células, compondo o mais perfeito complexo eletrônico que se possa imaginar. É constituído por dois hemisférios cerebrais, o esquerdo e o direito, repletos de sulcos, e que terminam por um pequeno tronco conhecido

como o tronco cerebral, e por uma massa menor, triangular, conhecida por cerebelo. Segundo Camilo Dellio, *sem o córtex nenhuma sensação seria percebida, nenhuma ordem dada, nenhuma palavra pronunciada*. Ai estão as 14 bilhões de células que são especializadas em receber, conduzir ou emitir mensagens. Se o hemisfério esquerdo é criativo o direito é estético, artístico. Está provado que os dois hemisférios *dialogam* entre si e que cada um pode *pensar* por si, de acordo com as suas habilidades. Contudo, este é ainda um mundo desconhecido. Sabemos apenas que todos nós temos um cérebro igual ao de Albert Einstein e que se usássemos 6% da capacidade natural que temos seríamos um gênio. Por isto, continuo pesquisando na área da educação, do ensino, visando o melhor aproveitamento do cérebro. Talvez não atinja, por incapacidade ou outros fatores, o meu objetivo, mas sou como aquele plantador de castanhas, octogenário, das histórias de califa Harum-el-Rachid, que assim explicava o porque de sua vida: *Tenho prazer em plantar esta árvore. Não importa se eu ou outros colherão as castanhas. Eu também comi dos frutos de árvores plantadas por meus pais e avós*.

Na pesquisa histórica, também, se aplica o exemplo do plantador de castanhas. Trata-se de um trabalho muitas vezes anônimo, muitas vezes incompreendido, e geralmente árduo, difícil, com barreiras que surgem desde o momento da pesquisa em si, passando pela sua elaboração, montagem e conclusão, e indo até à edição e à publicação dos resultados obtidos. Os autores mato-grossenses têm contra si a carência de recursos para levar suas obras ao conhecimento do público em geral, que, no fim, é o grande beneficiado, pois já recebe um material literário concluído. O caso de Rubens de Mendonça, com 46 livros já publicados, é inédito em Mato Grosso, e assim mesmo ele ainda tem outros títulos a publicar e se depara com as barreiras de custos. O confrade Luis-Philippe Pereira Leite, outra grande expressão da literatura mato-grossense, chega ao ponto de pagar todas as despesas com a publicação dos seus livros. Qualquer obra literária é uma contribuição valiosa ao presente e ao futuro, trazendo imagens que não podem ser esquecidas, notadamente do passado.

Cícero dizia que a História é a *mestra da vida*. A propósito, lembro um fato ocorrido na Prússia. O rei Frederico, o Grande, queria aumentar os limites do seu parque, denominado *Sans Souci*, e para tanto precisava comprar a propriedade vizinha, de um moleiro. Este se recusou a vender a área. O rei Frederico mandou chamá-lo e insistiu com a compra. O moleiro não concordou, pois ali havia morrido o seu avô e ali tinham nascido os seus filhos. Não venderia por qualquer preço. O poderoso monarca perdeu a paciência diante daquele seu súdito e perguntou : *Você não sabe que eu*

posso tomar suas terras sem pagar? O moleiro, contudo, estava confiante: Poderia, se não tivéssemos juizes em Berlim. Encantado em saber que no seu reino se confiava tanto na justiça, o rei Frederico disse aos cortesãos que os planos de ampliação do parque seriam modificados. E, virando-se para o moleiro, acrescentou: Vizinho, guarde sua terra. Gostei muito de sua resposta. Os anos se passaram e um século depois o fato teve seu desdobramento. Um bisneto do famoso moleiro de Sans Souci estava enfrentando dificuldades financeiras e procurou o rei de então, descendente do rei Frederico, o Grande, e comunicou a sua decisão de vender o moinho. A resposta do rei veio numa carta em que dizia: Meu caro vizinho. Seu moinho não é meu e nem seu. Pertence à História. É para nós, portanto, impossível a você vendê-lo e a mim comprá-lo. Como, entretanto, os vizinhos devem ajudar-se uns aos outros, remeto-lhe uma ordem de pagamento de 10.000 florins, que você poderá receber no Tesouro.

Como fazer justiça aos que trabalham incansavelmente na transmissão da história e na preservação da memória de Mato Grosso? Prestigiando a Academia Mato-Grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, proporcionando aos seus membros os recursos disponíveis para que possam publicar os seus livros. Realizamos hoje a primeira sessão da Academia Mato-Grossense de Letras após a reforma da Casa Barão de Melgaço, cujas obras foram autorizadas pessoalmente pelo governador Frederico Carlos Soares de Campos, aqui presente, e recebendo o título a que tem direito de presidente de honra do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Dele esperamos muito, pois Mato Grosso é um manancial permanente de grandes homens, alguns deles patronos de cadeiras desta Casa, onde ingresso orgulhoso dos meus novos pares e agradecido pela generosidade que me proporcionaram, acolhendo este cuiabano-cearense que ama demais Mato Grosso e admira profundamente o valor e a fibra daqueles que construíram a glória deste Estado.

Com meu *muito obrigado* pela presença de todos, aqui fica um compromisso sagrado: o de sempre ser digno deste instante, desta Academia Mato-Grossense de Letras, e deste Mato Grosso onde de vi florescer o meu amor a Mindinha, onde nasceram os meus filhos Marcelo, Márcia Fátima, Marcos e Mauro, e onde espero viver muito até o dia em que terei cumprido minha missão a Terra.

DISCURSO E RECEPÇÃO AO ACADÊMICO PEDRO ROCHA JUCÁ, POR RUBENS DE MENDONÇA

Senhor Acadêmico Pedro Rocha Jucá

Corria o ano de 1959. Uma bela manhã apareceram em minha residência uns jovens que vieram participar de um Congresso Estudantil em Cuiabá. Um deles representava Corumbá, onde então residia. O jovem representante de Corumbá, chegou, viu, gostou e ficou. Trocou a sua longínqua terra de *Iracema*, pelos encantos da nossa jovem Cidade Verde decantada por Dom Aquino Corrêa. O jovem estudante logo revelou o seu pendor à Imprensa. Nessa época era Presidente da Associação de Imprensa Mato-Grossense, o Dr. José Jayme Ferreira de Vasconcelos, o jornalista de vida mais agitada que teve nosso Estado. Por proposta minha o Dr. Jayme aceitou o jovem estudante para o quadro da nossa Associação e assim Jucá iniciou a sua carreira jornalística. A vida de Imprensa é uma constante luta inglória. Sobretudo na Imprensa Mato-Grossense que é pobre apesar de contar com 152 anos de existência. Ela nasceu com o *Themis Mato-grossense* a 14 de agosto de 1839, jornal de pequeno formato, impresso em duas colunas, em papel almaço, medindo 0,13 x 0,21 centímetros e circulava às quartas-feiras. Folha destinada à publicação de atos oficiais do Governo da Província, cuja assinatura custava 880 réis por trimestre e 80 réis por exemplar avulso.

Mas, como eu disse, a Imprensa, o jornalismo é uma profissão ingrata. Quantos dissabores não passa um jornalista, às vezes por divulgar uma simples notícia?

Às vezes se dá um escândalo social. Ótima notícia. Vai o repórter e divulga o fato. No dia seguinte no mínimo recebe uma descompostura pelo telefone, isso quando o repórter está com muita sorte.

A notícia imparcial é a que interessa ao público. Antigamente os jornais gastavam páginas e páginas com o célebre *Artigo de Fundo*. Hoje o *Artigo de Fundo* caiu em desuso. *Artigo de fundo*, diz Alberto Romero: *era nos jornais do passado, a materialização do pensamento político do Diretor. Caracterizava-se quase sempre por um estalo personalista, oratório e superficial. Nos artigos de fundo o essencial não eram os problemas, mas sim derrubar o governo.* Hoje, jornal é notícia, exclusivamente notícia, seu dever é informar o leitor o que se passa no mundo. O sensacionalismo desvirtua a finalidade da Imprensa.

Houve época em que os jornais políticos publicavam artigos que

constituíam verdadeiras ofensas pessoais. Hoje já não é assim, isso já não interessa a ninguém.

A Imprensa mudou. Quem escreve jornal nesse estilo, não tem leitores. Essa modificação não se operou somente no Brasil, mas no mundo.

Quantos jornalistas não foram espancados, corridos, ou mesmo assassinados?

O jornal é uma arma de dois gumes.

Se não fosse a imprensa mal orientada muitas vidas teriam sido poupadas, como a do caricaturista Roberto Rodrigues, filho do jornalista Mario Rodrigues. Roberto foi assassinado pela escritora Silvia Serafim.

É dever de todos os jornalistas com J maiúsculo, combater a *Imprensa marrom*, das chantagens, essa não foi a imprensa sonhada por Gustavo de Lacerda, o fundador da *Associação Brasileira de Imprensa*, e nem por Herbet Moses, o grande Presidente da *Associação Brasileira de Imprensa*.

O jornal moderno é uma empresa comercial, onde trabalha grande número de pessoas nas suas diversas sessões: Redação, Fotografia, Revisão, Publicidade, Relações Públicas, Arquivo, Estereotipia, Contabilidade, Fundição, Oficinas de Rotativas, de Composições Mecânicas, Distribuição Serviço de Pessoal, Limpeza, Tesouraria, Almoxarifado, Eletricidade, Expedição, Telefonia, Restauração, Serviços Médicos, Portaria, etc.

Isso naturalmente na Imprensa dos grandes centros, Rio e São Paulo. Nós em Mato Grosso lutamos com os maiores sacrifícios para manter um jornal.

Isso, sim, é o que Monteiro Lobato deveria ter chamado de heroísmo dos tempos modernos.

Os nossos jornais, para se manterem, lutam com toda a sorte de dificuldades.

A composição até há bem pouco tempo era manual.

Pouca publicidade e mal paga e ainda sofre a concorrência do rádio (Imprensa falada) e da televisão (Imprensa de transmissão de imagem), a notícia do rádio ou da televisão vive apenas o momento em que é ouvida ou vista, a *IMPRENSA ESCRITA*, essa fica através dos séculos.

Uma nota divulgada pelo rádio ou televisão vive apenas aquele momento e uma nota da Imprensa escrita, esta fica para fazer a História.

O Jornalista nasce jornalista.

Razão teve Ruy Barbosa, o defensor máximo das liberdades públicas no Brasil, para afirmar: *Nos países onde o parlamento representa mal a Nação, a pena do jornalista vale mais que a eloquência do orador. E jornalista é que nasci, jornalista é que sou, de jornalista não me hão de demitir enquanto*

houver imprensa, e a imprensa for livre, e este resto de liberdade nos indicar que a Pátria respira.

Jucá também nasceu jornalista e hoje dirige um dos maiores jornais do Estado: *O Estado de Mato Grosso*. Jucá disse-me certa vez *o meu Amigo Roberto Jacques Brunini, o Papa das Comunicações de Mato Grosso, um moço que se fez por si mesmo, ele idealizou e fundou a JORNAMAT. Deu-lhe vida. Fez na sua gestão como Presidente daquela entidade realizar vários Congressos Regionais de Jornalistas: em Campo Grande, Corumbá, Aquidauana e Dourados.*

No vosso discurso, assinalei e com razão, que os discursos de posses dos Acadêmicos, devem ser breves. Já se foi o tempo em que o Acadêmico que ia se empossar lia um discurso de 3 horas a fio. Isso cansa o auditório, fadiga e perde o interesse, porque depois de decorridos 15 minutos de oração já ninguém lhe presta a atenção devida. Dom Aquino sempre dizia que os discursos deveriam ser curtos para agradar.

E classificava: razoável o discurso de uma hora, ótimo quando o orador falava apenas 30 minutos e bom-bom quando era curto. Também os discursos de posse não podem ser como o daquele Oficial inglês que relatava com orgulho a seguinte passagem: *Eu era o Alto Comissário para a Guiana Inglesa e Barbados e estava em Londres; onde deveria ser o principal orador num jantar da Câmara dos Comuns. Os dois oradores que me antecederam pareciam nunca mais acabar. Finalmente, chegou minha vez, e o mestre de cerimônias, percebendo a disposição da assistência, disse "Implorai a Deus pelo silêncio de Sua Excelência o Alto Comissário. .." e o resto das suas palavras foi abafado pelo riso dos presentes.*

Levantei-me para falar. "Excelências, minhas senhoras e meus senhores", comecei, "as vossas orações foram entendidas". Entre aplausos reconhecidos, sentei-me novamente.

VISCONDE DE TAUNAY

O vosso patrono, Sr. Pedro Rocha Jucá, foi um dos grandes escritores do Brasil. Era romancista mais que historiador. O General Raul Silveira de Melo a respeito do *Visconde de Taunay* escreveu: *Taunay era mais propenso ao gênero de ficção e ao romance do que propriamente à História, senão à história vivida por ele mesmo. A ninguém é dado negar as qualidades de escritor do Visconde de Taunay. Seu romance Inocência é uma obra-prima da literatura brasileira.*

Sobre Mato Grosso, Taunay escreveu várias obras: *A Retirada da Laguna, Inocência, Céu e Terras Brasil, Dias de Guerra e Sertão, A Cidade do*

Ouro e das Ruínas. Neste livro ele se baseou em informação prestada pelo General João de Oliveira Melo, infelizmente quando o bravo militar já estava esclerosado.

CARLOS DE CASTRO BRASIL

O vosso antecessor, eu o conheci pessoalmente, Carlos de Castro Brasil era um homem de luta. Foi sempre jornalista e jornalista de oposição, manejava pena de combate no jornalismo, com a mesma felicidade com que escrevia as suas magníficas poesias.

HÉLIO SEREJO, nosso confrade ilustre, viu na poesia de Castro Brasil, a influência de dois grandes poetas patrícios: Fagundes Varela o imaginista, e AUGUSTO DOS ANJOS, o filósofo inquieto, o tão discutido poeta da Dor .

Seus versos, quando varelianos, nos dão a sensação de uma coisa que parou no espaço, mas que tocou, profundamente, a nossa sensibilidade. Uma espécie de visão em forma de imagem poética que surgiu para nos proporcionar as fagueiras delícias de um encantamento divinal.

Quando augustianas, as produções poéticas do ex-aluno revolucionário do Colégio Militar do Rio de Janeiro nos comprimem o coração porque possuem a sensação esquisita do mistério e vêm impregnadas de profunda e rígida concepção filosófica. Neste caso ele vê a sua vida pelo mesmo prisma místico que a via o sensibilismo versista paraibano, sendo conseqüentemente um conceituado, um imaginista, um dogmático, seguro de si próprio e dos seus aprofundados pensamentos. Mas de qualquer forma, o vate mato-grossense, com o rigor da cadência dos seus variados versos e a sua indiscutida força de criar subtilíssimas e empolgantes imagens, agrada a gente.

Não sendo, como não o é, um desvairado da fantasia, não chega nunca aos meandros do criminoso rebuscamento, deixando que lhe venha dentro de um uma doce e singular espontaneidade, sendo essa a causa primordial de sua poesia viva, agitada, filosófica, intensamente sentida.

Carlos de Castro Brasil, versejador de fino quilate, experimentado sonetista, dono e senhor de uma intensa sensibilidade ampliativa, criou também, como muitos outros, a sua própria poesia; essa poesia filosófica controlada pela força prodigiosa da razão, poesia que viverá sempre porque jamais envelhecerá com o passar dos anos.

Criando um clima poético todo seu, e um ambiente castrobrasiliano de idéias fortes, pensamentos e sensações emocionantes, o vate logo nos primeiros versos, levanta uma atmosfera que envolve e prende o leitor,

forçando-o a se colocar dentro do espírito do ritmo da composição.

Suas imagens, trabalhadas com vivacidade e erudição, o seu estilo poético, a grandeza dos conceitos filosóficos brilham intensamente no corpo da composição, razão por que Carlos de Castro Brasil agrada facilmente desde o primeiro relancear de olhos.

Em cada verso seu se denota, logo à primeira vista, preocupação do vate de levar a composição em um só ritmo, dando-lhe desta forma, uma tal sonoridade que qualquer criança o leria sem tropeços e sem vacilações.

Ouçamo-lo neste soneto:

Velhas Cartas

*Essas cartas de amor, que outrora me escreveste,
Ao tempo em que te amei e em que me amaste, são
Para mim, hoje que de tudo te esqueceste,
Uma reminiscência... uma recordação...*

*Um choro, – quando a saudade sofreste.
Outras, alegres, – quando amamos na ilusão...
Todas sabendo aquele estilo em que verteste
Tua alma de mulher, no fogo da paixão...*

*Tu nem te lembras mais dessas cartas, – quem sabe?
Que te importa, também, que eu as tenha queimado,
Que esta história de amor, para sempre, se acabe?!...*

*Velhas cartas... dirás, absorta, esquecida...
Velhas cartas... Mas são a história do passado
Do mais sincero amor que tiveste na vida!*

JORNALISMO E LITERATURA

André Gide tentou excluir o jornalismo da literatura, mas eu acho que não tinha razão o grande escritor francês. Para mim o jornalismo é uma das mais difíceis concepções literárias, ele exige rápido raciocínio, clareza e simplicidade. Outra coisa a salientar é que o jornalismo exige do profissional cultura generalizada, para que ele, como conta Medeiros e Albuquerque no seu livro memórias *Quando Eu Era Vivo*, a respeito de Alcindo Guanabara e José Carlos Rodrigues: *O redator-chefe do Jornal do Comércio pediu a Alcindo Guanabara que escrevesse um artigo sobre Cristo, porque o jornal costumava publicar às sextas-feiras Santas um longo artigo de José Carlos Rodrigues sobre a vida de Cristo. Nesse ano, porém, estando em viagem, José Carlos mandou um artigo muito menor do que de costume. Era preciso encher o espaço que ficou reservado. O gerente do jornal chamou Alcindo e pediu-lhe*

que escrevesse o artigo. Tratou a extensão e o preço. Alcindo aceitou e saiu. Depois de alguns passos, voltou atrás e perguntou ao gerente: – Você esqueceu de me explicar se o artigo deve ser contra ou a favor?

Outra coisa que me leva a discordar de Gide é que na opinião de José Veríssimo: *Euclides da Cunha, no consenso da crítica, é considerado com justiça um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, e um dos primeiros prosadores da língua portuguesa. A sua obra tem elementos suficientes para resistir a modas e gostos, mercê da perenidade da Arte.* E entretanto *Os Sertões* são reportagens de um jornalista, pois em 1897, Euclides seguiu para Canudos como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, a fim de fazer a cobertura jornalística do movimento sedicioso de *Antônio Conselheiro*.

Assim, também, Sr. Pedro Rocha Jucá, a vossa obra tem sido de jornalista. Preferistes, ao em vez de livros, Cadernos anexos ao vosso jornal. Assim escrevestes um Caderno sobre o *Marechal Rondon*, qual intitulastes a *Epopéia de Rondon*, e vários outros, como sobre o ICM.

JORNAMAT

Eu sempre fui e continuo a ser favorável que Jucá seja o Presidente da JORNAMAT, ou melhor, do *Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Mato Grosso*, embora ache que o nosso *Sindicato* está muito bem dirigido pelo nosso confrade José Eduardo do Espírito Santo.

No *IV Congresso Regional de Jornalistas* realizado em Corumbá, em 1972, no seu encerramento foi concretizado o vosso maior sonho. Nessa data o Delegado Regional do Ministério do Trabalho e Previdência Social, Dr. João Bem Dias de Moura Filho, vos fez a entrega, na qualidade de Presidente da JORNAMAT da *Carta Sindical dos Jornalistas Profissionais de Mato Grosso*. Estava realizado um dos grandes sonhos da vossa vida.

SOLDADO ENTREVISTA O MINISTRO DA GUERRA

Já estava iniciada a campanha para sucessão do Senhor Juscelino Kubitschek na Presidência da República, o candidato do PSD/PTB à sucessão de Kubitschek era a Marechal Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, que ainda não havia se desincompatibilizado para concorrer ao pleito. Estávamos na residência dos Governadores. O então Governador do Estado era Dr. João Ponce de Arruda. Jucá era praça de pré, estava servindo ao Exército Nacional. Era ele o único jornalista que trazia consigo um gravador. O Marechal Lott ia fazer um pronunciamento.

Um oficial do 16º B.C. achou que Jucá, na qualidade de soldado, não podia entrevistar o Ministro da Guerra. Jucá veio e me falou nisso. E eu falei com o meu saudoso amigo General Joaquim Vicente Rondon, que servia no Gabinete do Ministro, fiz notar a qualidade de Jucá ser um simples soldado. O General Joaquim Vicente me respondeu: *Fale você diretamente com o Marechal, a mim ele pode negar, mas a você ele não negará. O Marechal Lott apenas me perguntou: – Onde está o rapaz? Diga-lhe que pode vir me entrevistar.* E assim Jucá foi na História do Brasil o único soldado que entrevistou o Ministro da Guerra.

Senhor Acadêmico Pedro Rocha Jucá, por tudo que fizestes por Cuiabá e Mato Grosso, podeis entrar na nossa Academia dizendo como a Irene da poesia de Manoel Bandeira, quando pediu a *São Pedro licença para entrar no céu* :

Licença, meu branco!

E São Pedro todo bonachão:

– *Entra Irene. Você não precisa pedir licença.*

Cadeira nº 34
DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOÃO MOREIRA DE
BARROS

22 de outubro de 1981

Jamais pensei que pudesse algum dia ocupar esta tribuna que supunha pertencer apenas aos luminares da Literatura, da arte ou da ciência. Daí o meu deslumbramento que certamente dificultará de muito esta tarefa, qual a de pronunciar um discurso de posse na Academia.

Quando os ilustres acadêmicos e amigos Rubens de Mendonça e Luis-Philippe Pereira Leite lembraram o meu nome para concorrer à sucessão do notável beletrista, Desembargador Olegário Moreira de Barros, na cadeira n. 34 deste agosto silogeu, a minha primeira reação foi de dúvida, de um certo temor .

Um cidadão, por gostar de escrever algo sem quaisquer preocupações literárias, sem outro intuito que não aquele de exteriorizar seu pensamento e seus apoucados conhecimentos, não deveria tomar um lugar neste nobre sodalício onde tantos vultos homéricos brilharam intensamente quais astros de primeira grandeza, como D. Aquino Corrêa, José de Mesquita, Amarílio Novis, Olegário de Barros, Nilo Póvoas, Cesário Neto, Sabóia Ribeiro, para citar apenas alguns dos que já deixaram saudades, ou Gervásio Leite, Luis-Philippe, Archimedes Lima, Rubens de Mendonça, Lenine Póvoas, Francisco Mendes, Ernesto Borges, Demóstenes Martins, Benjamin Duarte, João Villasboas, Antônio de Arruda, entre tantos outros, cujas inteligências alicerçam verdadeiros prodígios literários que enobrecem e dignificam esta Casa da Cultura.

Aqui estou, porém, trazido não sei bem se pela benevolência ou se pela deferência dos nobres pares que, de uma ou outra forma, me honraram com sua aprovação, aprovação que implica necessariamente em uma imensa responsabilidade que, embora indo além de minhas forças, paradoxalmente, me proporcionará os elementos bastantes para, mais uma vez, com a Graça de Deus. cumprir minha tarefa, não tão bem como desejo, mas certamente o suficiente para me tornar digno, tanto quanto possível, da por demais honrosa companhia dos nobres Acadêmicos.

Senhores, há quem diga que o atual cultivo das letras decresceu muito. Isso implica dizer que escreve-se menos e lê-se menos ainda. Concordo, em parte. De fato, escreve-se cada vez menos boa literatura; quase nenhuma filosofia; faz-se cada vez menos boa arte. Em conseqüência, lê-se

cada vez menos boa literatura; lê-se quase nenhuma filosofia; assiste-se cada vez menos boa arte. Em compensação negativa lê-se cada vez mais má literatura; assiste-se cada vez mais má arte. Na ciência, em geral, não. Mas na jurídica, infelizmente, estão rareando os bons doutrinadores. O que se tem visto atualmente são os escritores apressados que buscam chegar primeiro para vender mais. O mercantilismo grassa à solta. Quanto mais depressa se escrever, maior a venda. Nós, os advogados e os magistrados, somos os grandes consumidores. O estudante, nem tanto. Precisamos fazer as citações de hoje porque as de ontem já não servem. Não prevalece a qualidade, mas a atualidade.

Não se pode aceitar essa transformação para o pior, no meu modo de ver, como a chamada *literatura de vanguarda*. Esta é uma reação aos moldes explorados anteriormente. Em última análise uma transformação ou uma criação de um molde novo. Mas, pergunto: os moldes anteriores – o romantismo, por exemplo, que foi um movimento de libertação das peias do classicismo por um estilo mais individualista chegando ao lirismo predominando sobre a razão, ou o épico, de que Camões é, senão o maior, um dos seus maiores representantes – foram substituídos por um modelo de literatura digno desse nome? Têm surgido grandes valores na literatura jurídica? Talvez esteja errado, mas minha resposta não é afirmativa.

Não sou passadista, nem puritano e muito menos purista. Também não me intitulo nenhum Catão, mas a verdade é que não consigo aceitar, sem protesto, a moderna literatura hoje imperante no mundo inteiro – a literatura erótica, a arte erótica, a pornoliteratura ou a pornografia. Parece que Eros transformou o orbe numa imensa pornéia. Tudo em nome do Deus do Amor. É o romance, é o cinema, é o teatro, é a música, é certa imprensa que abusa da liberdade reconquistada. Até a televisão está adentrando nossos lares com programas censuráveis dos quais a nossa família não pode fugir. De que forma? Aconselha-se a mudança de estação. Para sintonizar outra com programa talvez mais apimentado? Nem os menores estão fora da onda envolvente, o que é pior. Adianta o cartaz dos cinemas ou teatros dizer: *Proibido até 14 ou 18 anos* – se não há fiscalização rigorosa na entrada? E se houvesse, só os cartazes já não trazem as atrizes – já agora os atores – em atitudes indecorosas? As bancas de jornais não exibem para quem queira ver e para quem não queria ver as revistinhas imoralíssimas? Parece que querem reviver os tempos de Sodoma e Gomorra. Aqui no nosso Brasil o adultério, em breve, não será mais crime pois tramita no Congresso com maciça votação favorável projeto de lei assim determinando. Não sei se isso não será um convite à devassidão. Tomara que não seja porque, do contrário,

seria porta aberta para o divórcio. A infidelidade conjugal tornaria a vida do casal insuportável dando base à dissolução do laço matrimonial.

Quem me dá a honra desta audiência e tenha lido ou ouvido falar de um livrinho que escrevi – *O Lado pitoresco das Eleições* – talvez me ache contraditório. Não caio em contradição, porém. Não escrevi um livro pornográfico ou imoral. Algumas passagens reais apenas, com alguns “palavrões” ditos não por mim. Fiz-me apenas veículo. E o que constatei, com certa tristeza, foi o leitor incentivar-me a escrever outro livro no mesmo estilo. Recebo colaboração espontânea de amigos e até de estranhos e lhes prometo uma 2ª edição “ampliada”. Esse mesmo livro exposto na Universidade de Mato Grosso para venda, não deu para quem quis, como diria o comerciante da esquina. Em contraposição, o outro: *Aspectos da Revolução de 64 Vistos de um Canto do Jornal* teve uma venda reduzidíssima.

É que os assuntos são diametralmente opostos – um é jocoso, leve, meio “apimentado”: o outro é sério, o pesado.

Mas, senhores, não é essa a literatura que vasculhava no passado. Dir-se-á: os Eça de Queiroz, os Camilo Castelo Branco, os Luiz de Camões, os Guerra Junqueiro, ou os Machado de Assis, os Coelho Neto, os José de Alencar, os Érico Veríssimo ou os Alexandre Dumas, os Victor Hugo, os Malraux. os Maurois *já era*. Agora é a vez das Cassandra Rios, dos Jorge Amado, dos Galhardo Guayanaz, dos Henry Miller, este liderando um longo cortejo de escritores americanos.

Não positivamente, não. Essa deve ser uma fase apenas, uma má fase porque passam a literatura e a arte. Se o bom tem momentos fugazes, o mau não poderá perdurar para sempre.

Confesso que às leituras modernas prefiro ainda, nos intervalos que me permitem algum lazer literário, rever os velhos livros outrora tão procurados. Mas, por força do ofício da advocacia – agora retomada após um longo período de afastamento pelo exercício da magistratura administrativa – O Tribunal de Contas de Mato Grosso – voltei aos mestres do Direito, talvez com o mesmo interesse dos outros tempos. O que pode parecer leitura pesada, sem atrativo para muitos. ainda é para alguns poucos um verdadeiro tônico.

Fala-se mal das Faculdades de Direito de “fim de semana”, assim chamadas porque os professores, geralmente, dos grandes centros, só podem comparecer aos estabelecimentos de ensino aos sábados. Daí o amontoado de aulas em um dia só. Os professores ensinam mal, seja pelo longo tempo de aula, seja pelo cansaço. Em conseqüência aprende-se pouco. Notem os senhores que falo da minha carreira que, presumivelmente,

conheço. É claro que não faço um libelo contra os colegas porque eu me incluo entre aqueles que pouco conhecem de Direito. Apenas acentuo que, pertencendo a uma geração que estudou não apenas nos fins de semana, mas durante a semana toda com professores que compareciam pontualmente às aulas, habituei-me a ler com mais freqüência. Justifico, portanto, minha volta, com saudade até, aos livros de Direito cuja finalidade embora não seja tipicamente literária, contém boa e até ótima literatura quando realmente escritos por mestres.

Assim, revejo os velhos mestres e vejo alguns novos. Clóvis Beviláqua. Carvalho Santos, Carvalho de Mendonça, Pontes de Miranda, Carlos Maximiliano, Seabra Fagundes, Helly Lopes Meireles. Themístocles Cavalcanti, Alfredo Russel, Aliomar Baleeiro, Alberto Deodato, Aloysio de Carvalho Filho, Nelson Hungria. Planiol, Colin et Capitan, Carnelutti, Carrara, Otto Mayer, Santi Romano, Bartheleny, Agricola Barbi, Celso Antônio e muitos outros que tanto renome deram às letras jurídicas.

Mas volto também à filosofia, aquela mesma filosofia que Will Durant diz que não é mais amada, como no passado; aquela mesma por quem Sócrates preferiu morrer a viver em luta com seus inimigos; aquela mesma por quem Bruno preferiu deixar-se queimar em uma fogueira para não traí-la; aquela mesma que, graças à ajuda de Alexandre, o Grande, fez de Aristóteles o homem mais culto que o mundo conhece; aquela filosofia que, apesar de tudo, ainda é a rainha das ciências embora não se apresente com a antiga majestade, com todas as ciências a seu serviço.

E aqui vale um conceito filosófico a propósito da literatura que não apreciamos. É de Will Durant. Analisando largamente o *caráter negativo* do homem afirma categoricamente que o portador do caráter negativo é dado a “anormalidades eróticas”. Pergunto: não se incluiria aí o escrever ou ler literatura erótica? o assistir espetáculos de erotismo? Parece que sim. Mas ele mesmo aponta o remédio – é a *reforma do caráter*. Mas, perguntar-se-á: pode-se reformar o caráter? Não se tem como certo que o homem traz em si o seu destino? Iguamente, não se pensa que o que o berço dá, só o túmulo tira? Não. Não é assim. A vontade, como define Durant, que é a *soma, a substância de todos os nossos impulsos e disposições*, ao denominar-se *força de vontade – pode vir a dominar e unificar o complexo*.

Acredito que, como já foi dito, a má fase da literatura e da arte, que é passageira, poderá, mais cedo do que se espera, cair no esquecimento graças à “força de vontade” daqueles que deixaram-se envolver na malha traiçoeira e daqueles outros que souberam resistir à avalanche do erotismo. Os cinemas e teatros já sofrem com a fuga da platéia. Não são poucos os

cinemas fechados para darem lugar a supermercados. E os teatros que teimam na apresentação de peças escabrosas cada vez contam com menos público. É uma reação salutar, não há dúvida.

Certamente se Aristóteles, “o filósofo”, como é cognominado, fosse escrever hoje os seus *diálogos literários* não seguiria o caminho tortuoso de Eros que, talvez algum escritor rico de vender livros imorais gostaria de batizar de ciência, não por certo, a ciência pura que é a espinha dorsal da filosofia.

Mesmo Voltaire, tido como devasso, não trilharia por aquele desvio. Dizia ele: *Minha função é dizer o que penso* e Will Durant acrescenta: *e o que ele pensava era sempre digno de ser dito, e o que dizia era sempre incomparavelmente bem dito*. Está claro que em semelhante homem, como escreveu Victor Hugo: *dizer Voltaire é caracterizar todo o século dezoito* – não caberia um tipo de filosofia que não se coadunasse com o que dele disse Taine: *não seria ele, talvez, a máxima energia intelectual de toda história?*

Não, um homem como Voltaire, de quem Frederico, O Grande, dissera ser *o mais belo gênio produzido pelo mundo* e de quem Will Durant afirma: *no dia em que nos esquecermos de honrar Voltaire não seremos mais dignos da liberdade* – certamente não escreveria literatura erótica para ganhar dinheiro.

Se se pode dizer isso de Voltaire, o que não se dizer de Flaubert, o estilista que maravilhou o mundo no século XIX? Insulado em Croiset dizia ele: *a abençoada literatura tornou-se parte do meu ser* e aconselhava: *ama a arte mais que a ti mesmo*. Se aconselhava a outrem fazia melhor. Escritor de passar dias à procura de um adjetivo mais adequado, dizia: *morra eu como um cão, antes que fixar na frase ainda não madura*. Dele dizia Dumas Filho: *ele é um desses marceneiros que derrubam uma floresta para fazer um guarda-roupa*.

Esse homem amou tanto a literatura, no seu mais profundo sentido, que George Sand, sua mais querida amiga, embora não se conhecessem pessoalmente, o advertiu certa vez: *gostas demais da literatura; isso te matará*. E Flaubert sabia disso, mas não dava ouvidos. *Porque não ser destruído por uma sublime devoção?* – perguntava. E foi destruído.

Quem *deu desde moço toda a sua vida às letras e nunca pediu devolução*, como diz Maupassant, um dos seus discípulos, tinha que pagar um pesado tributo: morrer pelas letras.

Esse homem, quero dizer, jamais escreveria romances hoje no estilo predominante – o erótico.

Creio que estou me definindo em matéria de gosto literário e sem a menor pretensão de reformar o gosto alheio. Cada um, está mais que claro,

gosta do que quiser.

Para mim, modestíssimo cultor mais das letras jurídicas que das belas letras, é subida honra preencher a vaga deixada pelo eminente Desembargador Olegário Moreira de Barros nesta Academia. Preencher apenas fisicamente porque culturalmente isso não será possível.

Quem teve a felicidade de conhecer aquele homem educado, fino, culto, atencioso ao extremo deve guardar do Desembargador Olegário de Barros a mais grata das impressões. Lembro-me dele quando eu era apenas rapazola, estudante talvez primário. Via-o transitar pelas ruas da nossa velha Cuiabá sempre acompanhado por um soldado de polícia. Intrigava-me aquilo. Perguntava a mim mesmo – por que irá preso? É que sempre ouvia dizer que os *presos iam por diante da polícia*. Mas não se tratava de prisão, evidentemente. O então Dr. Olegário de Barros era Chefe de Polícia e o uso era andar acompanhado de sua ordenança. De outra feita, vi-o fazendo uma conferência no Palácio da Instrução. Era ainda estudante e não sei por que ter lá, mas a verdade é que aquele homem me inspirou uma admiração, tal a sua maneira de falar, tais os seus gestos. Evidentemente, não compreendia o significado das palavras, mas só sua presença simpática e respeitosa me bastou.

Perdi-o de vista. Segui o meu caminho. Já formado retornei a Cuiabá para exercer justamente aquele cargo no qual via o Desembargador Olegário *por diante da polícia*. Não o imitei. Naquele tempo parece que não era mais usual andar o Chefe de Polícia acompanhado de ordenanças pelas ruas. Mas o cargo e principalmente meu sobrenome Moreira de Barros – fizeram nossa aproximação. Dizia-me o Desembargador Amarílio Novis: *O Olegário quer conhecer você*.

Fizemo-nos amigos, isto é, conhecidos. Nunca o visitei, mas estivemos muitas vezes juntos no Egrégio Tribunal de Justiça, onde pontificava com sua cultura, sua sobrançeria, seu equilíbrio. Admirava-o discorrendo sobre as questões que lhe vinham a julgamento. Voto sereno, justo, alicerçado no Direito e na jurisprudência.

Em uma das questões mais rumorosas tramitadas pelo Tribunal de Justiça de Mato Grosso – o *impeachment* requerido contra o Governador Mário Corrêa da Costa, em 1937, o Desembargador Olegário Moreira de Barros, como relator do Mandado de Segurança impetrado pelo Governador, votou pela concessão do *Mandamus* e seu corajoso voto foi tão bem alicerçado que o Tribunal inteiro o acompanhou declarando inconstitucionais frente ao Diploma Federal dispositivos da Constituição do Estado, nos quais se baseou o pedido de *impeachment*.

Na literatura propriamente, aí estão estampadas suas produções jornalísticas nas quais demonstra o gosto pelo belo e o apurado trato com o vernáculo. É grande o volume dos seus trabalhos. Sua colaboração se fez presente em vários jornais e revistas da nossa Capital e Corumbá, sua terra natal. *O Republicano, Correio do Estado, O Democrata, O Constitucionalista, O Evolucionista, Diário de Corumbá, A Tribuna, A Cidade de Corumbá*, as revistas *Mato Grosso*, da *Academia Mato-Grossense de Letras* e *A Violeta* publicaram inúmeros trabalhos literários do acadêmico Olegário de Barros.

Galgado às culminâncias do Poder Executivo Estadual, em 1945, outubro, por força da deposição de Getúlio Vargas, Olegário de Barros, na qualidade de Interventor Federal em Mato Grosso, presidiu com absoluta lisura às eleições que se realizaram a 2 de dezembro daquele ano entregando, logo após, o governo a seu substituto pois entendera que sua missão era tão somente presidir, como Magistrado, àquelas eleições.

Como chefe de família foi um exemplo. Sua digníssima viúva, D. Nilza Verlangieri de Barros, que aqui nos honra com sua presença, divide seu tempo com as filhas do casal, dentre elas, D. Maria Izabel de Barros Maciel, esposa do Sr. Pedro d'Abadia Maciel, também presentes, e já com um punhado grande de netos e bisnetos.

E o que dizer do patrono da cadeira nº 34, José Tomaz de Almeida Serra, neto do intrépido Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, aquele engenheiro português que defendeu heroicamente o Forte de Coimbra em 1801, antes tendo perlustrado a então Província de Mato Grosso pelas bandas de Vila Bela? Só essa descendência já seria bastante para recomendá-lo. Entretanto, trata-se de um jornalista e um poeta cuja inteligência e cultura emolduraram nosso então incipiente jornalismo e já nossa apresentável literatura.

Destinava-se inicialmente à carreira eclesiástica. Desistindo dela assentou praça. Parecia que iria seguir a carreira do avô. Nada disso. Acabou seus dias exercendo função burocrática – Escrivão dos Feitos da Fazenda. Dele disse Estêvão de Mendonça: Era um *espírito educado. Colaborou com brilho em diversos jornais desta Capital. As poesias que deixou revelam um talento de primeira grandeza.*

Suceder ao emérito Olegário Moreira de Barros na cadeira patrocinada por José Tomaz de Almeida Serra é, por demais, pesada carga para minhas parcas forças. Não esperem os senhores Acadêmicos que para esta Casa me trouxeram nenhum prodígio, nenhum assombro, nenhuma manifestação mais eloqüente de uma inteligência ou de uma cultura que me faltam. Esperem, sim, todo interesse, todo respeito, todo esforço que,

certamente, atenuarão as falhas.

Asseguro-lhes, nobres pares, que a finalidade da Academia, qual seja promover e intensificar a cultura da língua e da literatura nacionais, finalidade tão esplanada pelo inesquecível Cyro Sodré no seu magnífico discurso de posse, com o meu ingresso nela, não sofrerá solução de continuidade. Se não concorrer com pequena parcela, que seja, para esse desiderato, por certo, não concorrerei também com qualquer contribuição que venha deslustrá-la. Até aqui tenho adotado uma norma de agir: só aceitar uma missão que seja capaz de desempenhá-la. Se não bem, pelo menos, razoavelmente. É o que espero fazer nesta Casa de Aquino, com a ajuda de Deus e com a tolerância dos nobres pares.

Muito Obrigado.

Cadeira 40

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO
SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO, PELO
PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS,
LENINE DE CAMPOS PÓVOAS**

13 de junho de 1985

A Academia Mato-grossense de Letras reúne-se festivamente nesta noite para dar posse ao terceiro ocupante da Cadeira nº 40, o Dr. Sebastião Carlos Gomes de Carvalho.

Tendo como Patrono o Padre Armindo Maria de Oliveira, cuja biografia Dom Aquino Corrêa traçou na sua obra intitulada *Uma Flor do Clero Cuiabano*, foi seu primeiro ocupante o poeta, prosador, advogado e homem público Rosário Congro, cujo centenário de nascimento comemoramos no ano passado, a 11 de Setembro.

Sucedeu-o neste sodalício o poeta, médico e escritor Hugo Pereira do Vale, de tão curta permanência entre nós, eis que a morte o colheu, inesperadamente, na flor dos anos .

Vem hoje tomar assento nessa mesma Cadeira o advogado, político, poeta, escritor e ecologista Sebastião Carlos Gomes de Carvalho .

Entre os muitos equívocos que por aí correm, a respeito das Academias, está o de que elas devam ser integradas apenas por velhos, arcados ao peso dos anos já vividos e das muitas obras que tenham escrito .

Se assim fosse, por certo não existiriam Academias .

O importante é que os membros dessas Instituições, considerando-se realizados pelo que já fizeram, não se entreguem ao imobilismo, vivendo apenas das glórias anteriormente conquistadas .

O importante é que reúnam as credenciais necessárias para prosseguirem na luta iniciada e que não se isolem na Torre de Marfim de que nos falava Rosário Congro, na contemplação búdica do que já produziram.

O ingresso de Sebastião Carlos prova que esta, como as demais Academias, também está aberta aos jovens que tenham revelado real talento, capacidade e disposição para a labuta na seara das letras.

O que ele tem produzido dá-nos a garantia de que virá para somar, para ajudar-nos a espantar o desânimo gerado pela falta de incentivo e de apoio de uma sociedade marcada pelo desinteresse das cousas do espírito.

Muito se tem dito da necessidade da defesa e da preservação do nosso patrimônio cultural. Mas os que cobram esse procedimento são os

que mais primam pela ausência em momentos como este em que se enaltecem as grandes expressões do nosso mundo intelectual.

Neste século do imediatismo, em que a ganância pelos bens materiais leva ao desprezo dos valores espirituais, por certo constitui um conforto encontrar-se um jovem que se compraz no enlevo da poesia, pois o poeta, como diz Sebastião Carlos: é antes de tudo um *construtor de esperanças*.

Está aberta a sessão.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO

O Congresso das Raças Um Manifesto por uma Estética-Ecológica

Senhores Acadêmicos

Quão insondáveis e vários são os caminhos da existência.

O curso imprevisível do destino conduz-nos a portos inesperados. E hoje aqui estou .

Exclusivamente por vossa generosidade, chego à Casa Superior da Cultura de minha terra. Nenhum mérito trago a não ser o desejo crescente de aprender e saber cada vez mais .

Outros que aqui chegaram melhores títulos trouxeram. Vós quisestes, talvez, em mim, homenagear a inquietude e a esperança, a rebeldia e o sonho. Nada vos trago, efetivamente, a não ser a modesta contribuição para a grande tarefa que todos haveremos de realizar nesta terra quente e hospitaleira de Rondon. Trago-vos aquilo que no percurso de minha juventude me tem marcado como ferro em brasa:

Um pedazo de azul en la consciência

y un rayito de sol dentro del alma, na expressão de Amado Nervo.

Honra-me ser recebido na Casa de Augusto João Manoel de Leverger, o Barão de Melgaço. Historiador e geógrafo, político, cientista e brilhante estrategista militar, nascido embora em Saint Malô, torna-se desde 1830, pelo acendrado amor à terra, em brasileiro e cuiabano .

Esse bretão cuiabanizado, como foi com propriedade cognominado, bem simboliza o entrelaçamento simbiótico entre os que chegam à nossa terra e dela se tornam filhos adotivos e queridos. A hospitalidade e a generosidade vem sendo assim a marca basilar desta terra e desta Casa, bem representada na figura do anfitrião-mor, esse francês que em cuiabano se tornou .

Honra-me pois chegar aqui, neste silogeu aonde estiveram os mais conspícuos luminares de nossa cultura, e não apenas mato-grossense, do porte de um D. Aquino Corrêa, de um José Barnabé de Mesquita, de um Virgílio Corrêa Filho e de um Nilo Póvoas, de um Cesário Neto e de um Estevão de Mendonça .

Historiadores, cronistas, oradores e filólogos, poetas e prosadores, eméritos todos na faina do exercício diuturno da cultura na província, onde o reconhecimento quando raramente vem, vem dos pósteros apenas. Chegar

aqui aonde ainda reluzem figuras exponenciais da cultura regional, nossos contemporâneos, me é muito honroso, Senhores. Permito-me assim repetir, aqui e agora, a mesma expressão de alegria manifestada por um dos maiores, mais criativos e inconformados escritores de nosso continente. Quando recebeu de Machado de Assis a comunicação da sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, Euclides da Cunha disse: *não sei de nenhum posto mais elevado neste país.*

Honra-me, sobremaneira, adentrar nesta Academia de Letras no exato dia que assinala uma das mais heróicas epopéias da história deste país, sustentada basicamente por nossa gente mato-grossense. Corria o ano de 1867 e, há dois anos já, os invasores paraguaios pisoteavam o solo pátrio mantendo sob o seu domínio larga faixa do território. A ignomínia se dava ao altíssimo custo de inenarráveis sofrimentos e vidas de compatriotas, entre os quais, pela bravura indômita na resistência desigual havia se sobressaído imorredoramente o poconeano Antônio João Ribeiro. E foi no dia 13 de junho, à frente do 1º Corpo Expedicionário, aqui formado pelo Presidente da Província José Vieira Couto de Magalhães, que o cuiabano Tenente Cel. Antônio Maria Coelho, numa façanha digna de Esparta, toma de assalto a Vila de Corumbá e, expulsando os invasores, escreve uma das mais belas páginas de nossa história .

Três dias depois teria início, sob o comando do Cel. Camisão, a dramática Retirada da Laguna, posteriormente celebrizada pelo Visconde de Taunay. Alegro-me pois poder aqui, entre vós, marcando a minha entrada na Academia Mato-Grossense de Letras, comemorar feitos tão inesquecíveis.

– Os Caminhos do Destino –

Senhores Acadêmicos.

São tão vários e inesperados os caminhos do destino a nos conduzirem a imprevistos portos . E aqui, sendo generosamente recebido por vós, e, dentre vós, por essa figura exponencial de jurista e Poeta, filósofo e professor, que é João Antônio Neto, está um mato-grossense das margens do Araguaia e do Garças. A criança que fui está fundamente marcada pela força telúrica do berço natal, por suas águas e por suas matas. Esse menino não podia prever, porém, fosse ele o primeiro filho da região a adentrar neste recinto maior da cultura de sua terra.

Descendente de nordestinos que sou, essa gente sofrida, desgarrada em nossos bravios sertões à cata das grupiaras dos garimpos, cuja resultante quase sempre foi a ilusão, mantive sempre, tal qual esses ascendentes, a mesma busca de um sonho . Não passava ele porém por esta Academia. Não. O meu sonho de filho de Barra do Garças que, em menino brincava nas

barrancas onde os dois grandes rios se encontram e se beijam, não caminhava nesta direção. O adolescente inquieto que fui, igualmente não pretendia aqui estar algum dia. Quando menino, porque supunha impossível a um homem desse interior afastado e distante de então e filho de um modesto trabalhador, poder ombrear-se com aqueles que tiveram o privilégio da cultura nos grandes centros. Os caminhos porém me conduziram, ainda que ao peso de esforços e sacrifícios de meus progenitores, em direção à cultura dos grandes centros. Mas já então, o adolescente se rebelara contra instituições, todas lhe parecendo o símbolo do estabelecido e do inamovível, do *status quo*, a fortaleza do conservadorismo. E, se se dedicava com afincos e amor à literatura desde cedo, não era porém para fazê-lo em direção a uma Academia. Não. Isso não. É que as Academias lhe pareciam como sentinelas do convencional, como a força do arcaísmo, algo *démodé*, centros do reacionarismo hibernado, como subordinadas aos totalitários da ocasião, enfim, que se constituíam no repouso de nefastas velharias. A Academia, portanto, como sinonímia do conformismo, causava náuseas àquela juventude inquieta e rebelde dos anos 60, a que pertenci. Sim. Senhores, sou dessa geração atormentada pelas dúvidas existenciais e marcada pelas inquietações intelectuais e políticas. Uma geração que, convivendo com o vulcão das convulsões sociais e com uma sociedade, ainda hoje, em crise de valores, viveu uma época em que a violência do Estado se impôs de maneira indiscutível e quase absoluta. A minha geração se viu assim tão prematuramente engolfada na luta fratricida, seccionada, não apenas pelas vocações rompidas como nas generosas vidas, roubadas à Pátria e aos pais, daqueles que tombaram no holocausto de um ideal. O arbítrio gerou uma época de incompreensões, de triunfo das mediocridades e de vitória das prepotências. A rebeldia e a resistência da mocidade foi a natural contrapartida.

Abeberávamo-nos então em fontes cristalinas de mestres como JOSÉ INGENIEROS:

Louvados os que aspiram mais Justiça, os que por ela trabalham, os que por ela lutam, os que por ela morrem, são plasmadores do porvir, encarnam ideais que tendem a se realizar na humanidade. (1)

Ou de poetas, como o exilado BERTOLD BRECHT:

*Não aceiteis o que é de hábito
Como coisa natural.
Pois em tempo de desordem sangrenta,
De confusão organizada,
De arbitrariedade consciente,
De humanidade desumanizada,*

Nada deve parecer natural

Nada deve parecer impossível de mudar. (2)

Assim, nos rebelamos, quando muitos preferiram o silêncio. Continuo a crer, ainda, agora e sempre, nessas mesmas idéias e a admirar esses mesmos poetas. Honra-me, e procurarei transmitir isso aos meus filhos, o ter pertencido a uma geração que lutou e resistiu, ainda que ao peso de privações, de sofrimentos, de dores e lágrimas, de exílios, prisões e mortes. Senhores, era nesse quadro de idéias e de lutas, e portanto bastante compreensível, que se manifestava a ojeriza e o repúdio que tínhamos às instituições de um modo geral, entre estas às Academias de Letras .

– **O Papel da Academia** –

O tempo porém, pai e mestre da vida, levou-me, no entretanto, a compreender melhor o papel exercido pelas Academias e a ver que, no que possa existir de convencionalismo há igualmente, demonstrado no decurso histórico, o esforço do espírito na salvaguarda dos valores do idioma luso, tão rico e tão desprezado, tão forte e tão machucado. E se elas nem sempre têm uma posição de vanguarda, não se recusam contudo a renovarem-se sempre. E se alguns dos mais ilustres literatos deste país recusaram-se a ela pertencerem, como Monteiro Lobato e Carlos Drummond de Andrade, ou com ela posteriormente romperam como Graça Aranha, em 1924, não obstante dela fizeram parte alguns dos maiores renovadores da literatura e do idioma nacionais, como um Euclides da Cunha, um Manoel Bandeira ou um João Guimarães Rosa, além de pensadores eminentes como um Ivan Lins ou um Alceu de Amoroso Lima. Pude observar assim, Senhores, que, como no que se refere a todas as instituições, sacras ou profanas, existem os diversos ângulos de miragem. Sem desconhecer o que possa haver de negativo, comecei a ver na Academia o que de sobejo lhe realça como positivo. Já Machado de Assis, na oração inaugural da Academia Brasileira de Letras, em 7 de dezembro de 1897, traçava-lhe uma de suas funções precípua na tarefa da cultura nacional: Caber-lhe-á então defendê-la daquilo que não venha das fontes legítimas – o povo e os escritores – não confundindo a moda, que perece, com o moderno, que vivifica.

E este é um papel nada desprezível a ser exercido pela Academia, *máxime* num tempo em que a leitura, o estudo e o culto ao idioma – liame fundamental da nacionalidade – encontram-se tão desprezados e vilipendiados. Mas, Senhores Acadêmicos, um dos que, a meu ver, melhor definiram a Academia e o seu papel na sociedade, foi mesmo um dos mais insignes e cultos membros desta Casa de Leverger, o estudioso Gervásio Leite. Escreveu ele que, a Academia:

Não é apenas um cenáculo de beletristas mas um centro de estudos, onde os homens de pensamento vão construindo uma obra duradoura e fecunda, suporte espiritual das grandes massas nacionais que buscam hoje a sua incorporação dinâmica e eficiente no seio da nacionalidade .

Somos, por isso mesmo, uma corporação não de literatos entregues às atividades puramente beletrísticas, mas uma associação que procura elevar o nível de cultura de nossa gente pela participação efetiva e permanente dos seus membros na vida cultural do país (3) .

Efetivamente, a Academia Mato-Grossense de Letras teve, durante os longos anos de sua existência, uma grande participação na vida cultural do Estado. Legítima sucessora do Gabinete de Leitura, de 1874, da Associação Literária Cuiabana, de 1884, da original Sociedade Internacional de Estudos Científicos, criada em 1899, e naturalmente do Centro de Letras Mato-Grossenses que sobreviveu até a sua transformação nesta Academia, em 15 de agosto de 1932, esta instituição pôde cumprir um relevante papel cultural. É bem verdade que, nas últimas décadas, dinamismo social e a constituição de outros centros de cultura, retiraram da Academia a preeminência hegemônica que possuiu . Nem por isso, é mister que se o diga, ela perdeu a sua importância e validade. Vejo agora que a Academia poderá, e deverá mesmo, vir a ser uma casa viva, um centro de experiência cultural a influir na vida do Estado. E ainda para responder aos que insistem em negar, ao absoluto, o papel e a validade das Academias e a considerar que nelas se encontram todos os erros do conservadorismo, replico com a percuciente ponderação do filósofo marxista Adolfo Sanchez Vasquez:

Não basta negar para escapar ao academicismo. Quando se faz da negação uma finalidade em si e do anticonformismo uma meta absoluta, pode ocorrer (. ...) o que alguém chamou de conformismo do anticonformismo, isto é, uma nova e sutil forma de academicismo(4), e aduzo eu, este é o pior e mais grave de todos os academicismos.

E foi em assim observando e em assim pensando que aos poucos, e estimulado por esse dublê de historiador e político que é o insigne presidente Lenine de Campos Póvoas, que me quedei ante o pórtico deste sodalício de Leverger. E aqui estou, Senhores Acadêmicos, para trazer a minha modesta e despretensiosa contribuição ao estudo e ao trabalho já há tanto tempo proficuamente desenvolvidos por vós. E, se argumentos outros não vingassem em defesa de nossa Academia, posso em derradeiro ajuntar o que, a respeito da Academia Francesa, escreveu Pierre Mille:

Ela faz algum bem, e mal nenhum. É conhecida, pelo menos de nome, do último dos camponeses e dos operários. É a prova antiga, e sempre

viva aos olhos deles, de que existem em nosso país outros poderes além do dinheiro e da política. E isso não é pouco.(5)

Por isso, Senhores, aqui estou .

– O Patrono –

Senhores Acadêmicos,

Tenho a grave responsabilidade de suceder a poetas. Esta é uma Cadeira de poetas, como aqui no passado já se disse .

Quisera, porém, ter o dom, para fazer o panegírico do patrono da Cadeira 40 com a mesma beleza e a mesma fluência de estilo, com o mesmo brilhantismo e o mesmo ardor, que o teve D. Francisco de Aquino Corrêa, ao traçar-lhe o perfil em uma biografia cujo título tornou-se em cognome: *Uma Flor do Clero Cuiabano*.

Armindo Libanio Capistrano de Oliveira, nasceu nesta cidade de Cuiabá, aos seis de setembro de 1882. Filho do alferes João Capistrano de Oliveira e de Umbelina Pereira Mendes, pertencia ao escol da sociedade da época.

Estudou, no Colégio Salesiano de Cuiabá, até o primeiro ano ginasial, transferindo-se em seguida para o Liceu Cuiabano para concluir o secundário, onde foi colega do futuro Presidente da República Eurico Gaspar Dutra .

Desde muito cedo, porém, não obstante a férrea oposição familiar, mostrou-se vocacionado para a vida religiosa. D. Aquino Corrêa, seu colega de juventude e amigo até o final da vida, afirmando que a melhor fonte de que dispunha para escrever a sua biografia era o coração, bem descreve as condições em que afluou essa vocação, num quadro que igualmente retrata a Cuiabá de então:

O ambiente, em que dentro e fora da família, cresceu o jovem Armindo, não era absolutamente propício ao desabrochar da vocação eclesiástica.

O regalismo do Império adulterara, entre nós, os mais santos ideais do presbiterado. A profissão clerical atraía menos pelo seu espírito de sacrifício e renúncia ao mundo, do que pelo destaque social e prestígio político, de que gozava. A preocupação mundana invadia facilmente os santuários. Daqui não sei que atmosfera de escândalo, pervertendo, insensivelmente, até nas consciências mais sadias, a noção divina do sacerdócio. A Igreja clamava pela voz dos seus legítimos órgãos; sentia-se, porém, tolhida em sua liberdade pelos poderes temporais, a cuja sombra vivem os ministros do culto.

Veio a República, e varreu, em boa hora, essas ambições seculares. Alargou-se então, em torno ao clero, um profundo desprezo, que oscilava entre a indiferença e o sarcasmo. Desapareceram as ervas daninhas das vocações falsas e falhas mas sobreveio a secura e a esterilidade. Fez-se o

deserto.

Uma verdadeira vocação sacerdotal, que aí desabotoasse nessas condições, lembrar-nos-ia aquelas "flores de fogo", de que fala o poeta, aqueles cactos gloriosos, que à orla da cratera extinta e calcinada, brotam através das rochas decompostas, para de repente, na pulverização de ouro do pólem, que salta, fazer rebentar, como um trovão no silêncio, a sua flor de brasa: Tal foi a vocação do Armindo. (6) - conclui D. Aquino.

E Armindo de Oliveira manteve-se tenaz em seu desiderato. Com a determinação de quem *soube colocar a razão e a fé acima de todas as recalitrações dos instintos alarmados* (D. Aquino), por três vezes fugiu da casa paterna para o seminário. A forçada aceitação pela família dessa determinada vocação, dá ao sacerdócio um homem de rara e profunda fé. É um de seus superiores no seminário que, posteriormente, diria: *dentre todos os jovens, destacava-se pela suavidade ascética da modéstia, um moço de vinte anos.*

É no noviciado que adota o nome com que viria a se tornar conhecido: Armindo Maria de Oliveira.

Muito embora fosse um homem marcado por profunda vocação, Armindo não teve uma ascensão na hierarquia clerical. Colega de noviciado de D. Aquino é este, num caso singular da vida religiosa, depois de haver-se sagrado bispo, que, em 31 de dezembro de 1916, irá ordená-lo. E é o seu biógrafo mesmo, quem assevera: *nenhum de nós, entretanto, tinha tido vocação tão decidida, tão dramática e tão edificante como a sua, nem correspondera melhor aos encargos da vida religiosa.*

Toda a produção poética do Patrono da Cadeira 40 é religiosa. Às margens desse histórico Coxipó, aonde outrora se ouvia o mavioso cantar dos pássaros e as riquezas auríferas explodiam à flor da terra, é que o Pe. Armindo Maria de Oliveira, contemplando o céu anil e movido por uma profunda ascese, elegia os santos de sua predileção num cântico modesto mas arrebatado.

Efetivamente, não se preocupava ele em criar uma obra literária; seus trabalhos foram muito esparsos, publicados aqui e acolá. D. Aquino mesmo, homem afeito à literatura e exímio manejador do idioma que era, diz-nos que, em balde, chamou-lhe a atenção para melhor trabalhar seus sonetos. O amigo, com raras exceções, deu-lhe ouvidos; certamente achava que valia o que a inspiração tinha produzido no momento, não tendo sentido alterá-la posteriormente. Apesar disso havia elegido uma divisa que deveria norteá-lo na vida cotidiana: *Quod aeternum nom est, nihil est.* O eterno não é, nada é.

D. Aquino Corrêa, inclui em seu trabalho biográfico, apenas algumas

poesias do Pe. Armindo, mas diz-nos, esclarecedoramente, sobre elas:

É-nos lícito, pois, asseverar que o amor à santíssima foi o seu primeiro e o seu último cântico, o seu hino de matinas e o seu hino de completas, o seu canto de cotovia nas manhãs em flor da juventude, e o seu canto de cisne, ao lhe caírem, céleres e intempestivas, as sombras da grande noite .

Em 1918, era D. Aquino Corrêa Presidente do Estado quando convocou o Pe. Armindo de Oliveira para ser seu Secretário particular. Nada afeito contudo às atividades políticas e pouco à vontade na vida palaciana, logo desligar-se-ia do Governo, recolhendo-se ao Colégio Salesiano. Nesse ano porém tinha início, em Cuiabá, um surto da chamada *epidemia espanhola* e Pe. Armindo, tendo se dedicado a cuidar de alguns doentes, logo veio a contrair a peste. Não resistindo ao seu ataque, até mesmo por já ter o físico combalido por um início de tuberculose, veio a falecer no dia 23 de dezembro de 1918. Tinha então 36 anos e partiu como um patrimônio da bondade .

Esse jovem cura teve, na amorosa conclusão de D. Aquino Corrêa, uma *vida breve, mas cheia de muito tempo.*

– Os Antecessores –

Também poeta, e não só poeta, político ainda, foi o primeiro ocupante desta Cadeira.

Rosário Congro, nasceu em São Paulo, em 11 de setembro de 1884. Em Mato Grosso chegou em 1906 e logo provisionou-se como advogado. Exerceu esse mister com brilho e, como era de se prever, engolfou-se na atividade política. Foi vereador em Corumbá, onde ajudou a fundar a Biblioteca Pública e o Gabinete de Leitura; intendente-interventor de Campo Grande, nomeado que foi em 1918, pelo Presidente D. Aquino Corrêa, e posteriormente Prefeito de Três Lagoas, aonde finalmente passou a residir em definitivo. Foi Deputado Estadual, em 1935 e 1950, tendo ocupado a Presidência daquele Poder, Secretário de Estado e por fim ministro do Tribunal de Contas do Estado .

Congro cantou as belezas da terra e fez a defesa dos indígenas. Tornou-se bastante conhecido, nas tertúlias literárias de então e nos grupos escolares da região, com o poema *As Garças*:

*Morre a tarde de rosas na planura,
No pantanal desce a tristeza agora,
Branças, tão brancas como a neve pura,
Ao pouso as garças voltam, céu em fora.*

Já no poema *Índia* celebra, na mesma linha de Gonçalves Dias, a beleza índia.

*Tostada pelo sol do novo mundo
Flor animada das brasilias selvas,
Mais bela que moema é inaiá,
Arde-lhe o sangue em lava,
De esquisito sabor os labios tem*

- *Mais doce que o polpudo sapoti*
- *E os olhos negros, quais profundos lagos,
Mostram, boiando, o lótus do pecado.*

Rosário Congro faleceu em Três Lagoas no dia 11 de outubro de 1963, tendo publicado: *Inaiá, Sombras do Ocaso, Colunas Partidas, Outras Ruínas e Últimos Caminhos*, todos de poesias.

Senhores,

É a uma personalidade polimorfa, rica de sentimentos e de existência, que se situava num ponto em que, simultaneamente, era preso ao atavismo dos avoengos e em que buscava mirar o futuro. A um Poeta, ensaísta e conferencista, a um homem de pensamento e ação é que tenho a honra e a responsabilidade de suceder na Cadeira 40.

Hugo Pereira do Vale, nasceu em Campo Grande em 11 de janeiro de 1918, filho de Saturnino Silvério Pereira e Maria do Vale Pereira .

Após fazer os estudos primários e secundários em sua terra natal, concluindo-os no Colégio Osvaldo Cruz, em 1935, com o título de Bacharel em Ciências e Letras, dirigiu-se à antiga Capital da República para cursar as Ciências Médicas. Entra para a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, interrompendo os estudos no 2º ano, para apresentar-se, como voluntário, à Força Expedicionária Brasileira. É enviado então aos campos conflagrados da Europa e de lá, com a patente de 1º Tenente, volta com medalhas que testemunham o bravo combatente que foi. Recebeu a *Medalha de Campanha da FEB* e a *Medalha de Guerra*. Posteriormente, receberia ainda, entre outras, a *Medalha da Sovrani Georgi Ex Corinthia*, da Áustria, e a *Medalha de Medicina da Aeronáutica*. Em 1951, Hugo do Vale conclui o curso de Medicina e de imediato, volta ao Estado natal onde se tornaria renomado profissional, vindo a ser inclusive Professor titular na Faculdade de Medicina da Universidade de Mato Grosso. Anos mais tarde, não satisfeito com os conhecimentos específicos já adquiridos, e sentindo a forte vocação de humanista que desde cedo se manifestara, desejando alargar e aprofundar sua visão dos problemas sociais e humanos, meu antecessor entra na Faculdade de Direito de Campo Grande, concluindo o curso em 1970.

Médico e Advogado, Professor e Militar, é, no entanto, como poeta e ensaísta que Hugo Pereira do Vale deixa uma herança a ser lembrada. Esta, aliás, venha a ser talvez a única e maior glória daqueles que se sentem vocacionados para as letras, para o pensamento. Bem ou mal, algo sempre

permanecerá para a recordação dos pósteros.

E Hugo Pereira do Vale como poeta ou como ensaísta mostrou-se fundamente vocacionado para o Homem. Sua poética e seu conhecido ensaio *Atrás das Muralhas da Razão* bem demonstram a preocupação voltada para o aprimoramento do ser humano, mostrando a sua grande destinação sobre a face da terra. Diz ele num oportuno esclarecimento:

A nossa meta "Atrás das Muralhas da Razão" é tão somente o Homem. Não temos seita religiosa para o estudo que estamos fazendo neste livro, não pertencemos à grei política e nem tampouco pretendemos ser os portadores exclusivos da verdade. Estamos colaborando, contribuindo para uma orientação mais sadia para o nosso companheiro de jornada.

Não temos pressa, também, de um imediato resultado, pois o que semeia terá de esperar o tempo oportuno para a colheita (6) .

A preocupação com a sementeira mostra a grandeza d'alma de Hugo do Vale. O filósofo e membro da Academia Brasileira de Letras, Ivan Lins, embora dele discordasse em suas idéias basilares, positivista que era, não se negou a dizer, na apresentação do citado ensaio, que aqueles escritos eram inspirados pelo mais puro idealismo, revelando a um tempo, enorme generosidade de sentimento e notável lastro de cultura. Com efeito, Senhores, cultura e humanismo, saber e sentimento eram, afinal, irmãos gêmeos na personalidade multifacetada desse médico e advogado, um poliglota que versejava com igual facilidade em espanhol, italiano, inglês e francês. Aliás, sobre essas características, que lhe eram intrínsecas e marcantes, bem o expressou o acadêmico Gervásio Leite ao saudá-lo nesta Casa:

*Estas meditações – dizia, referindo-se a *Atrás das Muralhas da Razão* - revelam a poderosa estrutura mental do pensador que sois; manifestam a imensidão da vossa cultura; a pureza da vossa filosofia e, sobretudo, a certeza de que sois um eleito para uma missão por certo árdua, pesada, fatigante, mas que estais cumprindo com desembaraço e superioridade.(8)*

O homem sensível que era Hugo do Vale deixaria transparecer, na sua poesia, a funda tristeza do ideal não alcançado. Expressando com sensibilidade e beleza:

*O destino galopou
O dia todo no seu cavalo
De crina de ouro,
E a noite veio bater.
À porta da minha tenda
Armada na quietude do deserto
A alegria era a minha companheira
Ao vir da aurora
Ela havia desaparecido...*

Porque a alegria

Não mora com o destino. (destino e alegria)

Em sua poesia, que segundo o historiador da literatura sul-matogrossense José Vieira Pontes(9), sofria a influência daquele que é, talvez, o primeiro e mais marcante poeta social de Mato Grosso, Lobivar de Matos, eu a vejo, ao contrário, isto sim, como uma poesia que se dirige mais ao transcendente que ao social, mais ao que existe de subjetivo e espiritual que à face terrena do homem; no meu modesto entender, a poesia de Hugo do Vale contém mais de metafísica que de materialidade, porquanto que fala mais ao homem enquanto perspectiva de Deus que ao homem produto do homem. E, nesse sentido, a sua ensaística encontra e justifica os seus versos. Senão vejamos:

Preocupado com o estado do homem, em erro e em pecado, segundo a sua visão idealista, indagava amargamente no já citado ensaio:

Por que mais se erra do que se acerta?

Para desoladamente responder:

Tão somente pelo estado em que se encontra a grande massa da humanidade .

Todas as conquistas do gênero humano são diminutas, por sua própria culpa. O Homem procura vencer todas as batalhas e se esquece de seu maior inimigo – o seu orgulho. Derrotado interiormente, vai caminhando sem entranhas como um fantoche movido por longos fios do capricho dos semelhantes.

O homem é o criador obstinado do seu grande infortúnio. E no silêncio das suas indagações inferiores ele vai tecendo a viscosa teia da vingança.

– O autor mostrava-se então cético quanto à saída para o homem; e escrevia ele:

É muito difícil ao habitante da terra fugir à regra geral, uma vez que ele está mergulhado ao máximo no lodaçal do vício, perdido na mesquinhez do seu caráter primitivo. Há exceções, é bem verdade, disto sabemos; mas são poucas.(10)

Moralista à maneira Schopenhauer, o poeta transmitia também à sua imagística, o pessimismo, o sentimento de desencanto e desilusão, a melancólica tristeza, indagando perplexamente:

Recolho-me

Na insignificância do meu "ser"

Sou ser ou coisa ?

Eis a questão,

A amarga questão

Então por que viver?

Se tudo é nada

Se a vida é leve brisa

No calendário

Das tormentas infindáveis?

A placidez de uma cova rasa

É o melhor lugar
E o tudo.
O deserto é o grão de areia
Em átomo.
A morte no poema .
É o sagrado lugar do poeta .
A vida
É a folha morta,
Caída
No vendaval .
Eis
A amarga questão

(*Eis a Amarga Questão*)(11)

O poeta e o ensaísta parecia ser um eterno cético, um homem amargo por natureza, um constante ofendido e desiludido da vida, perplexo e profundamente pessimista. Este o retrato que fica para quem apenas o lê. Procurou ele mesmo porém retirar essa impressão:

*Muitos a lerem estas linhas – escrevia ele em *Atrás das Muralhas da Razão – julgarão o autor um enveredado pelas trilhas da traição, desiludido pela derrota, abandonado na incompreensão .**

Mas, não se trata disto.... (12) e procurou justificar-se no soneto *Prudência*:

*Porque esta vida inglória é sempre assim
– Desde que Sócrates bebeu cicuta .
– Desde que Abel foi morto por Caim*

No entanto, essa imagem de amargura e de permanente perplexidade que bem se mostra em seus escritos, era desmentida, segundo aqueles que com ele conviveram, no dia a dia do profissional da medicina, no cotidiano do pai e do amigo. A sua generosidade e grandeza d'alma foi bem retrada por um seu velho amigo. No necrológio que publicou, com o título *Há um sol do outro lado* (13), dias após a sua morte, assim escreveu Otávio Gonçalves Gomes, seu confrade na Academia Sul-mato-grossense de Letras:

Hugo era capaz de se atirar contra uma arma engatilhada para defender um amigo ou um injustiçado; e igualmente, capaz de se comover até às lágrimas quando falava à Bandeira da Pátria ou acariciava uma criança.

A compreensão dessa aparente ambivalência de comportamento, o do poeta desolado e do ensaísta amargo e desesperançado com o cotidiano do homem e o do ser humano generoso e lhano, o do médico atencioso e, do amigo correto que foi, procura dá-la o mesmo necrológio:

*Hugo realmente era um temperamento contraditório. Um temperamental, e, justificando-o, completa: *Mas os poetas, os artistas, os sábios**

não são temperamentais?

Hugo Pereira do Vale publicou, em 1975, uma coletânea de poesias, a que deu o título de *Areias do Deserto*. Um ano antes havia saído o ensaio *Atrás das Muralhas da Razão* e, em 1973, a biografia de Santos Dumont, *Glória dos Cem Anos*. Deixou inéditos, os livros de poemas *Sapo Lua* e *Serenata*.

Meu antecessor figura igualmente na coletânea de Hélio Serejo, publicada em 1960, *Poesia Mato-Grossense*; na *História da Literatura Mato Grossense*, de Rubens de Mendonça (1970); na *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, de José do Couto Vieira Pontes (1981) e na *A Poesia de Mato Grosso do Sul*, de Otávio Gonçalves Gomes.

É naquele que, possivelmente tenha sido o seu poema derradeiro, seu canto de cisne por assim dizer, que HUGO PEREIRA DO VALE, quase que como num testamento, realiza a sua autobiografia, define o destino enquanto poeta, desenvolve a sua funda crença religiosa e traça a elipse da esperança norteadora de sua vida terrena. Eis a expressão poética de seu epitáfio:

Os longos caminhos da morte

*Andei pelos caminhos da morte
Interessante
Lá disseram-me
Que não eram caminhos da morte
Mas sim caminhos da vida.
Era uma longa estrada,
Envolta tranqüilamente,*

*Em neblina da manhã
Os campos estavam cobertos de flores
A primavera
Orquestrava as horas
No canto dos pássaros.*

*Tudo era paz
Os que ali encontrei
Trabalhavam na seara imensa
Da grande colheita.
Os grãos eram de ouro
E a prata das águas
Brilhava no fundo dos regatos
Correndo sobre os seixos.*

*Informaram-me
Que os homens não morrem
Que a vida
É um eterno renascer*

Para todos os mundos.

*Não existem caminhos da morte
São caminhos da vida
Que terminam jamais,
Os caminhos que encontrei
Conduziram-me para a eternidade
Ha! esta sim
Tem todos os caminhos
Que seguimos
Onde quer que estejamos*

*Lá no fim da estrada
A vida e a eternidade
Se encontram
E se confundem
Na imensidão
Do infinito azul.*

Dois anos de sofrimento atroz, a doença venceu seu corpo, no dizer do amigo Otavio Gomes, e Hugo Pereira do Vale partia em 20 de janeiro de 1982.

Senhores, procurei cumprir, ainda que claudicante, a tarefa das homenagens aos que, antes de mim, vieram ter com louvor e honra a este sodalício.

– O Compromisso do Escritor –

Senhoras, Senhores,

Ao ingressar nesta Academia de Letras, consagrada no respeito e na admiração de nossos co-estaduanos mais ilustres nestas seis décadas de sua existência, não quero, nem posso, desertar de minha inflexível posição a favor dos valores culturais e de minha profunda crença no triunfo final da Justiça Social, da Democracia e da Liberdade.

E aqui chego, como sempre estive, acicatado pelas idéias. Julgo-me um homem alimentado pelas idéias, idéias no sentido poeticamente utilizado por Paul Valery: *o diabólico chicote de víboras das idéias – víboras de lampejos que se excitam umas às outras e exigem violentamente viver cada uma delas e sem demora.*

Creio e confio que esta Academia lhes dará guarida. Não trago porém um sistema de idéias pronto e acabado, não venho com fórmulas feitas, nem trago soluções perfeitas, sequer se pretendem originais. Nada tenho a não ser idéias para serem debatidas, contestadas, criticadas e modificadas. Mas idéias no campo da literatura, da filosofia e da ciência política eu as trago. E, o que é essencial, antes que respostas, trago perguntas. Penso, como André Malraux, homem de ação e de pensamento, tão vivido no

debate das idéias deste século, que:

É possível que, no domínio do destino, o homem valha mais pelo aprofundamento de suas perguntas do que por suas respostas, e não é isso também o que nos ensina, num belo soneto, síntese de maiêutica, o nosso pensador João Antônio Neto?

E a verdade, o que é?

– para, em seguida, responder:

Que a Verdade é a pergunta – e a Mentira é a resposta.

Então, Senhores, vamos perguntar e questionar o papel da cultura, e do saber, o nosso papel como escritores, artistas, pensadores, poetas, jornalistas, intelectuais enfim, no contexto sócio-geográfico em que nos situamos e no quadro de uma Nação em rápido processo de transformações sociais, políticas e culturais e no qual emergem para o palco da História decisivas forças sociais antes submetidas ao domínio das elites. Discutir, como trabalhadores do espírito que somos, seja aqui na instituição acadêmica ou na imprensa, seja na cátedra universitária ou nos diversos debates públicos, cabe-nos discutir, neste momento de reordenamento institucional do país, a dimensão essencial da cultura, isto é, o projeto de homem que almejamos, nas condições de nosso tempo e de nosso país .

Esta questão vital, da forma como colocada conduz-nos necessariamente, a um questionamento, em primeira instância, sobre o papel do conhecimento, da cultura, do saber e da escola, de um modo geral, na sociedade em que se vive. A cultura, o processo cultural em si, passa a ser visto como parte integrante de uma perspectiva global na mecânica da transformação da sociedade. E aqui se insere outra pergunta, desdobrada da primeira. Qual a função então do intelectual, do escritor, do artista, nesse contexto? O que pode ele?

As nossas reflexões devem estar, sem dúvidas, direcionadas para esse horizonte. Pensar diferente, agir de um outro modo, será estiolar-se na esterilidade, será frustrar o ofício de escritor, trair um compromisso imanente, negar a essência mesma da obra de arte.

Se já houve um tempo de enclausuramento em *torres de marfim*, ele só existiu para os medíocres. Na verdade, os grandes e autênticos criadores, de Dante a Zola, de Camões e Cervantes a Shakespeare e Balzac, de Victor Hugo a Dostoiévski, e entre nós, um Euclides da Cunha, um Lima Barreto ou um Graciliano Ramos, para só ficar em alguns epígonos, foram homens que buscaram captar artisticamente a essência da realidade, vendo com força e em profundidade, um dado modo de conceber a vida e o mundo. Não raro, envolveram-se na dinâmica mesma das transformações sociais de seu

tempo, vivendo o dilaceramento da política e o redemoinho das revoluções. Padeceram quase sempre, sofrimentos, privações, prisões, exílios. A participação, como escritores e como cidadãos, na realidade política e social de sua época, não lhes impediu, ao contrário, de construir uma obra literariamente bela e profundamente comprometida com o seu tempo e com a história de seu povo. Tornaram-se assim imortais. Porque, para uma obra de arte, como nos ensina Gramsci:

A beleza não basta: requerer-se um determinado conteúdo intelectual e moral que seja a expressão elaborada e completa das aspirações mais profundas de um determinado público, isto é, da nação - povo numa certa fase de seu desenvolvimento histórico. A literatura deve ser, ao mesmo tempo, elemento atual de civilização e obra de arte.(15)

Está aqui, talvez, a indicação do caminho a percorrer. O fazer uma literatura e uma arte inteiramente imersas no fenômeno social, voltadas para a existência do coletivo e para a plasmação de uma força social, que pelo sentimento, pela emoção e pelas idéias venha a sacudir o conformismo, o temor, a inércia e o medo, a miséria e o sofrimento, a alienação e a opressão existentes como feros grilhões que aprisionam e escravizam. Isto é possível? Sim, isto é possível. Pois, *Ninguém continua a ser como era, depois de ter sido abalado por uma verdadeira obra de arte.* (16) .

E agora vemos um terceiro ângulo das reflexões desenvolvidas até aqui. Surge então a necessidade do intelectual, do escritor, do homem de pensamento em viabilizar esse projeto libertador, torná-lo factível, fazê-lo possível.

E como fazê-lo senão participando, e participando ativamente, das angústias e inquietações de sua gente, da vida política e social de seu tempo, das transformações de uma sociedade em crise? A visão dialética e a praxes transformadora tornam-se assim vitais para o intelectual, para o homem de letras, para o pensador. Aí estão as lições da História .

Os longos anos de arbítrio, com todas as suas seqüelas, que sufocaram esta Nação, tentaram impedir a natural caminhada rumo à liberdade. Conseguiram somente obstaculizar a expressão do povo e de seus artistas, apenas interrompê-la por duas penosas décadas. Agora, retomamo-la, pois, por definição, a Arte é um movimento constante em direção à Liberdade. A Liberdade, a Democracia, é fundamental condição para a extensão do saber; daquele saber que surge como uma tocha na noite escura. Poucos foram tão felizes e tiveram tanta sensibilidade para descreverem essa realidade, como o fez, com terrível realismo, Henry Miller, no belo ensaio biográfico que escreveu sobre Rimbaud:

Quando se sufoca a voz do poeta a história perde o sentido e a ameaça escatológica irrompe como nova e terrível aurora nas consciências humanas. somente agora, à beira do abismo, é possível compreender que tudo o que nos ensinaram é falso'. a prova dessa afirmação devastadora está aí, visível, todo dia, em toda parte: no campo de batalha, no laboratório, na fábrica, na imprensa, na escola, na igreja. Vivemos inteiramente no passado, alimentados por pensamentos estéreis, crenças obsoletas, ciências mortas. E é o passado que nos devora, não o futuro, o futuro sempre foi e sempre será do poeta.(17) .

SENHORES ACADÊMICOS

Tendo traçado, a-vôo de pássaro, as linhas gerais de minhas idéias sobre estética e a política, permitam-me, na etapa final desta oração que já se alonga, abordar, também rapidamente, alguns aspectos do fazer literário em nossa terra e o compromisso que com ela, e seu povo, temos.

Antes porém gostaria ainda de acentuar a importância e a responsabilidade do poeta, do romancista, do literato de uma maneira geral, no contexto social e histórico, com a oportuna lembrança do estudioso das idéias, K. Kautsky:

As obras poéticas são com freqüência muito mais importantes, para o estudo de suas épocas, do que as mais fiéis narrações históricas. As últimas nos dão somente os elementos pessoais extraordinários e importantes, que são o menos permanente em seu efeito histórico; as primeiras, por outro lado, nos oferecem um panorama da vida diária das massas que é constante e permanente em seus efeitos, com duradoura influência sobre a sociedade. O historiador não relata estas cousas porque as supõe conhecidas e evidentes. É, por esta razão, que as novelas de Balzac são uma das fontes mais importantes para o estudo da vida social da França nas primeiras décadas do século XIX (18)

-UMA PROPOSTA ESTÉTICO-ECOLÓGICA -

Desde as últimas décadas vem existindo uma acentuada preocupação nos grandes centros brasileiros para com esta parte do Brasil. Preocupação esta caracterizada com ênfase desde os anos 60, mas já a partir de fins da década de 40, começos da de 50, essencialmente com o processo de ocupação territorial e com o conseqüente alargamento de uma nova fronteira econômica. O esgotamento das terras sulistas, o seu alto preço, o aumento populacional, enfim, a necessidade de se dar vazão ao fluxo do crescimento industrial do incipiente capitalismo brasileiro e de se ocupar o imenso vazio geográfico, fez com que, autoridades e particulares, voltassem suas atenções para a Amazônia, para Mato Grosso. E o surto migratório

prossegue, até de forma anárquica, com as suas inevitáveis conseqüências sociais. Dezenas de novos municípios e outro tanto de núcleos populacionais, qual cogumelos, estão surgindo nos últimos anos, matizando a paisagem então desértica. A questão da terra, com as disputas por sua posse, os litígios lindeiros, o sangue posseiro tisanando o chão, vem sendo, repetidas vezes, notícias nos grandes jornais do centro sul e do estrangeiro. A perspectiva industrial que se abre ante um promissor mercado de consumo, são dados que igualmente se antecolocam (ou se deveriam colocar) presentes nas mesas governamentais. Eis aqui, senhores, um rapidíssimo painel do complexo mosaico sócio- econômico, de conseqüências não de todo previsíveis, desta nossa Amazônia, deste nosso Mato Grosso.

Neste contexto, como há de se dar a inserção dos nossos homens de cultura (professores e jornalistas), dos nossos artistas, dos nossos ensaístas e historiadores, dos nossos ficcionistas e poetas? Evidentemente, que a postura filosófica que esposo leva-me a encarar o fazer cultural, considerado num dado momento histórico de um dado meio geográfico, dentro de uma perspectiva globalizante, em que não se permitem compartimentos estanques ou autônomos. Mestre Georg Lukacs, em seus *Ensaaios Sobre Literatura*, coloca bem a questão:

Nem a ciência, nem os seus diversos ramos, nem a arte, possuem uma história autônoma, imanente, que resulta exclusivamente da sua dialética interior. A evolução em todos esses campos é determinada pelo curso de toda a história da produção social, no seu conjunto: e só com base nesse curso é que podem ser esclarecidos de maneira verdadeiramente científica os desenvolvimentos e as transformações que ocorrem em cada campo singularmente considerado .(19) .

SENHORES.

Esse indissolúvel entrelaçamento entre a produção do espírito e as relações de produção sociais subjacentes, é indiscutível condição para o resultado de uma obra intelectual válida. A captação artística da realidade, não a sua mera cópia, é o que determina a perenidade de uma obra de arte, de um romance, de um poema.

E como é que nos situamos, nós mato-grossenses-amazônides, nesse quadro de expectativas transformadoras?

Se fôssemos comparar a *presença mato-grossense e amazônide* com um corpo humano – o social, o econômico, o cultural partes desse corpo, certamente teríamos, na parte que correspondesse ao cultural, um ser disforme, de repugnante aleijume, já que a *presença* cultural de Mato Grosso,

em particular, tem sido caracterizadamente aleatória, nula.

É evidente que toda uma circunstância exógena contribuiu decisivamente para essa situação. No passado, o avanço arrasador do litoral sobre o sertão, voltado exclusivamente para extrair riquezas e estabelecer o colonialismo interno. Mais recentemente tal situação foi enfatizada, graças ao negro manto da censura e do terror cultural que a nação foi forçada a vestir e que dificultou a emergência de uma criatividade coletiva, sobretudo no campo cultural.

O país começa a se entreabrir para a vida democrática, vale dizer, para a participação plena. Surge agora um tempo em que o povo voltará, apesar das incertezas provocadas pela brutal crise econômica, a ser inovador e criativo. A nossa gente mato-grossense, entre este. E em que as instituições culturais, oxalá, se tornem em centros propulsores de uma criatividade endógena, integrada ao seu povo e própria do contexto amazônida; que sejam instituições geradoras de um pensamento ecológico inovador e construtivamente rebelde, e ao invés de serem tão só, e fugazmente, *transmissoras*, que se tornem em *criadoras* do saber.

Inegavelmente, a perenidade da raça, a característica marcante de sua identidade coeva e póstera, está em seu traço cultural, aí compreendido o idioma, a expressão folclórica e literária, a tradição histórica. A sedimentação na mudança – poderia ser até a frase - síntese deste nosso pensamento estético-ecológico. A interpretação artística ou científica da realidade circundante é, na verdade, o grande objetivo a que nós, mato-grossenses-amazônides, devemos nos propor. Pois no campo especificamente artístico e literário não há como o escritor, o pintor, o poeta, reconhecer fora de si, da terra onde pisa seus pés, do ar que respira ou das tradições de sua raça, as forças norteadoras de seu espírito e sensibilidade. Tolstoy já nos ensinou que para ser universal é preciso falar de nossa aldeia. A preocupação está assim em realizar o processo criativo de uma cultura, de um fazer literário e poético de ambiência e validade Nacional. É necessário porém que, numa sistematização Durkheimiana, apreendamos o sentido dessa cultura tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro. E é nessa amplitude do olhar, nessa visão ambiciosa, sem dúvida, que deverá ancorar daqui para frente o construir de uma perspectiva efetivamente amazônida, telúrica, envolvida com o realizar criativo de nossa gente, com o existir de nossa terra, e que seja ecologicamente comprometida com a nossa realidade e estabelecida e fundada a partir DE e PARA o SER MATO-GROSSENSE, o ser AMAZÔNIDA. Tal perspectiva estabelece-se numa vontade palpável do nosso SER HISTÓRICO e fundamenta-se numa abordagem negavelmente ambiciosa já que procura

embasar-se, e justificar-se, em dados não apenas puramente literários, senão que sociais, econômicos, antropológicos, históricos; étnicos, até .

Numa conferência, proferida em 1942 e publicada posteriormente (1.943), Uma Interpretação da Literatura Brasileira, Viana Moog, o conhecido autor do ensaio comparativo *Bandeirantes e Pioneiros*, descarta o relato cronológico como o melhor método de estudo da literatura brasileira, para situá-lo numa ordem que leva em conta a *análise dos núcleos culturais cuja soma forma o complexo heterogêneo de nossa literatura*. Desenvolve o ensaísta a idéia de que a análise desses núcleos brasileiros deva ser feita agrupando-se as regiões onde predominam o mesmo clima, a mesma geografia, as mesmas forças de produção e, sob esse ângulo conclui que, *não constituímos um continente; somos antes um arquipélago cultural. Com muitas ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas* .

É importante esposar essa análise porque ela nos dá a tranqüilidade para advogarmos uma posição de identidade própria no contexto cultural brasileiro, em que a idéia de subalternidade ante os grandes centros – a província se quedando embasbacada e mimética ante a metrópole – é varrida para debaixo do tapete. Não como a avestruz a ignorar o que ao seu derredor se passa, ou como o fogo-fátuo a brilhar ante as louvaminhas passageiras (estas sim provincianas). Não. Mas, na verdade, para se constituir num fazer literário, num existir cultural que, retirando da força da terra, da presença telúrica, da cosmogonia envolvente, surja no contexto nacional como uma expressão própria e palpitante, emergentemente autóctone, ainda que integrado no universo maior do SER NACIONAL.

E por que não?

Na história da literatura brasileira há toda uma nobre linhagem de ficcionistas que souberam, com arte e grande competência, inserir o seu meio-ambiente e as tradições de sua terra no universo ficcional, marcando dest'arte fortemente a presença de seu povo. Ainda que possa cometer alguma injustiça, quero lembrar um Afonso Arinos e a sua Minas Gerais, um Simões Lopes Neto e o seu Rio Grande do Sul, Waldomiro Silveira e Monteiro Lobato com São Paulo, José Lins do Rego e José Américo introduzindo o tórrido Nordeste, o goiano Hugo de Carvalho Ramos com o seu *Tropas e Boiadas*, e, além desses, mais contemporaneamente, o também goiano Bernardo Élis (com *Ermos e Gerais*, de 1944), os mineiros Guimarães Rosa (com *Sagarana*, de 1946) e Mário Palmério (com *Vila dos Confins*, de 1956) e ainda o goiano José J. Veiga (com *Os Cavalinhos do Platiplanto*, de 1956), isto para só situar os mais influentes. Caminharam eles no sentido de valorizar esteticamente a sua terra e sua gente e deixaram, e estão deixando, uma obra perene.

Reúne-se aqui na Amazônia, e particularmente em Mato Grosso, o *Congresso das Raças*. O processo migratório iniciado no século passado com as levas nordestinas, continuado com a marcha para o Oeste nas décadas de 40 e 50 com o deslocamento da gente do centro-sul e, já agora, nos últimos três lustros, com os colonos sulistas (gaúchos, paranaenses, catarinenses, etc.), estão constituindo, nestas paragens, o verdadeiro sentido do SER NACIONAL. Uma situação talvez única, e certamente com poucos precedentes no mundo, está a ocorrer aqui, com repercussões múltiplas e polivalentes e ainda não de toda dimensionada. Exige-se pois que seja inteiramente dialetizado este Pathos.

Enquanto que, na consideração de Viana Moog, cada uma daquelas regiões se desenvolveram culturalmente de maneira estanque, formando, por isso mesmo, arquipélagos, aqui, o encontro simbiótico das gentes de cada um daqueles arquipélagos está se constituindo num Continente. Nossa experiência direta e cotidiana nos faz detectar elementos culturais tipicamente nordestinos se mesclando, se fundindo, se introjetando com elementos caracterizadamente sulinos, e a contrapartida é igualmente verdadeira. Usos e costumes, o folclore e a história, a culinária e os falares, e já agora a etnia, está forçosamente criando um processo novo e estimulante: a verdadeira, legítima e autêntica civilização cultural brasileira, a civilização do próximo século e milênio. Aqui está surgindo, creio, a face do Brasil autêntico, moderno, não dicotomizado, isto é, um universo culturalmente integrado, sem ser uniforme. Não mais o desenvolvimento estanque e circunscrito, porém a integração cultural mais formidável que pode ocorrer numa Nação, porque natural e espontânea, ampla e aberta, não dirigida e democratizante. A nossa cultura, a cultura mato-grossense e amazônica, que nesse processo está sendo partejada, talvez possa vir a cumprir, na dinâmica desse contexto, o mesmo papel fundamental já desempenhado pela literatura brasileira, num período decisivo da consolidação da história pátria. Antônio Soares Amora mostrou bem que:

De 1822 a 1870 todas as nossas forças morais e materiais convergiram para estes objetivos: manter a unidade interna do país; formar-lhe a consciência nacional e integrá-lo no concerto das Nações livres e civilizadas. A unidade interna e a participação na vida internacional foram obras da política administrativa, militar e diplomática; a consciência nacional foi obra em grande parte dos nossos escritores românticos. Para nós, criar a consciência nacional era criar a consciência de uma nova realidade cultural. E não foi o que objetivaram e conseguiram (não importa que com certos erros

de nacionalismo extremo) historiadores, jornalistas, oradores, romancistas, teatrólogos e poetas românticos? (20) .

Eis aí a tarefa, eis aí o caminho. A tarefa é árdua, o caminho penoso. Poderemos contudo haurir forças nos exemplos permanentes desta terra rondonina. Pois, não foi aqui mesmo que, em fins do século XVIII, agindo no plano interno, e num empreendimento homérico, que Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, político e diplomata, tendo com extraordinária tenacidade pontilhado o território mato-grossense, de Corumbá a Cáceres, do Forte do Príncipe a Vila Bela, e levando ao extremo os marcos do domínio português, derrubou, na prática, o Tratado de Tordesilhas? E não foi também aqui, na segunda metade do século XIX, que o Ten. Antônio João Ribeiro, agindo no plano externo, barrou, no gesto dramático da epopéia, as forças invasoras?

Oxalá, possamos, Senhores, no campo menos dramático da luta cultural, mas de indisputável importância enquanto força cimentadora da nacionalidade, mirar-nos com respeito estimulantes nos exemplos avoengos.

Creio que será na decantação, até num sentido darwiniano, dos aspectos culturais e sociais que apontamos, que se irá estabelecer um verdadeiro tipo de cultura, simultaneamente autóctone e universal, de uma emergente cosmogonia, uma nova visão de mundo, quiçá até o surgimento de um novo *HOMO BRASILENSIS*. Talvez se possa mesmo constituir aqui a cultura mais autêntica deste país, uma base do saber que irá corresponder a antevisão do próximo século e milênio. Por conseguinte, o tipo de literatura que, juntando as particularidades mais expressivas de cada um dos arquipélagos culturais aqui existentes, venha a corresponder ao Brasil democrático e à literatura popular e nacional que pretendemos todos construir para o futuro. Retomando Viana Moog, no já citado ensaio:

...uma literatura que há de ser telúrica, como a amazônica; social, como a do Nordeste; erudita, como a da Bahia; humanística, como a de Minas, bandeirante, como a de São Paulo; a um tempo regional e universal, como a do Rio Grande; tudo isso temperado pela ironia do núcleo cultural da metrópole, para que seja acima de tudo, profundamente humana e brasileira .

A proposta para a nova cultura mato-grossense-amazônide é, sem dúvida, ambiciosa, Sem essa ambição, todavia, não haveremos de construir nada . E, além dela, há que se ter ainda coragem, fôlego e a santa e sagrada rebeldia criadora. Oxalá o passamos, neste Mato Grosso e nesta Amazônia telúricos – onde se realiza o encontro das raças, onde a imaginação se incandesce e onde os corações se unem na encruzilhada de um novo tempo.

SENHORES ACADÊMICOS,

Estamos chegando ao fim do começo. Começo de um novo degrau em minha modesta existência, limiar para novas realizações, marco da caminhada, estímulo para prosseguir-la. Trago para cá a mesma chama incandescente do ideal que me tem norteado a vida e aqui procurarei haurir de vossas sabedorias e experiências. Serei nesta Casa o mais humilde dentre vós, na certeza de que a mim não me cabe a afirmativa generosa que Gervásio Leite generalizou ao saudar meu antecessor, segundo o qual a *cadeira número 40, constitui propriedade de poetas e daí porque, sendo a última na seqüência numérica, é das primeiras pelo brilho dos seus ocupantes.*

Honra-me pertencer à Casa de Barão de Melgaço. Orgulho-me de estar entre vós, de ser um de vós.

Honra, orgulho e alegria que vós, na vossa generosidade e grandeza, causais à alma simples e esperançosa de minha gente e que cala tão profunda no coração radiante de meus pais e de minha esposa.

Mas, Senhores Acadêmicos.

Minhas Senhoras e Meus Senhores, esta festa não teria sentido, o engalanamento desta noite seria vácuo, a grandeza da homenagem esmaeceria como um poente se não pudesse dedicar esta homenagem e transmitir a honra, o orgulho e a alegria àqueles que haverão de manter o encantamento e o sonho. Portanto, eu oferto a Carlos-Thiago Sidarta, a Carlos-Rafael Demian e a Penélope – *aprendizes da esperança* – pela serena certeza de que haverão de estar sempre aonde sopram os ventos da História e entoando as mesmas canções dos que, semeando auroras, lutam por Justiça, por Dignidade e por Liberdade.

A Missão é cumprida.

Obrigado.

Notas

1. JOSÉ INGENIEROS – As Forças Morais, Ed. Melso, RJ., s/d.
2. BERTOLD BRECHT – *Nada é Impossível de Mudar*, Antologia Poética - Ed. Leitura, 1977
3. GERVÁSIO LEITE – *Saudação a Hugo Pereira do Vale* – no opúsculo, Gratidão e Humildade, p. 28, Ed. do autor, 1976.
4. ADOLFO SANCHEZ VASQUEZ – *As Idéias Estéticas de Marx* – p. 118, Ed. Paz e Terra, 1968.
5. PAULO RONAI – *Dicionário Universal de Citações*, Ed. Nova Fronteira, 1984
6. D. AQUINO CORRÊA – *Uma Flor do Clero Cuiabano*, Ed. do autor, 1933, RJ. (Todas as citações sobre o Pe. Armindo de Oliveira são retiradas desta biografia)
7. HUGO PEREIRA DO VALE – *Atrás das Muralhas da Razão* – p. 128, Ed. do autor.
8. idem, ibidem
9. GERVÁSIO LEITE, op. cit.
10. JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES – *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, Ed. do Escritor, 1981.
11. HUGO PEREIRA DO VALE – op. cit., p. 100/101.
12. OTÁVIO GONÇALVES GOMES – *Correio do Estado*, (Campo Grande) – in: *Suplemento Literário*, 22/23 de janeiro, 1983.
13. HUGO PEREIRA DO VALE – op. cit., p. 101.
14. OTÁVIO GONÇALVES GOMES – per. cit. - 13. 14 de fevereiro de 1982
15. Idem, ibidem -22/23 de janeiro, 1983.
16. A. GRAMSCI – *Literatura e Vida Nacional* – p. 90 ,Ed. Civilização Brasileira, 1968.
17. ADOLFO SANCHEZ VASQUEZ – op. cit. . p.22
18. HENRI MILLER – *A Hora dos Assassinos* – L&PM Editores, 1983.
19. EDMUNDO MUNIZ – *O Espírito das Épocas* – p. 132, 2a Ed. Melso.
20. GEORG LUKACS – *Ensaio sobre Literatura* – p. 12, Ed. Civ. Brasileira.
21. A. SOARES AMORA – in: Prefácio de *Grandes Poetas Românticos do Brasil*, de Frederico José da Silva Ramos.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO, POR JOÃO ANTÔNIO NETO

Segundo a tradição, quem inventou a Academia foi PLATÃO, só que a sua se reunia nos jardins de ACADEMO, herói mítico da Ática, e se destinava unicamente a tertúlias dos filósofos e matemáticos. ...

Nos tempos modernos, quem a reinventou foi o Cardeal de Richelieu, em 1635 – e a Academia Francesa é que serviu de modelo para a implantação da Brasileira de Letras, em que, aliás, teve merecido assento o nosso querido Arcebispo, Dom Aquino Corrêa.

A Academia Brasileira de Letras, além de ser muito rica, pois possui substancioso patrimônio imobiliário no Rio de Janeiro – é uma casa de requintes e rituais muito severos, como o chá das quartas-feiras, fardões e espadins, e a coroa de louros do seu lema cativante: *ad immortalitatem* – rumo à imortalidade !

Nossa Sociedade Oficial de Letras é muito mais modesta.

Não possui rígidos cerimoniais, nem nunca se fechou ao ingresso das mulheres. Temos apenas esta Casa, espécie de pardieiro arrumado, sem lustres nem florões, sem marfim nem cristais. Em vez do louro, que remonta aos olímpicos helenos de Péricles – talvez quando muito, pudéssemos usar uma penca sangüínea do vital e estimulante guaraná amazônico.

Nosso fardão é o vulgar e prosaico paletó, sem festões e alamares de ouro e lã. E como singelos guardiães das letras matutas, não possuímos espada, nem outros instrumentos de nobreza, galhardia, ou beligerância festiva da inteligência galante. ...

Até mesmo – e paradoxalmente – nossa *imortalidade* é transitória, como a dos míseros e ordinários mortais, sem nenhuma veleidade à sobrevivência dos eleitos dos deuses. Somos efêmeros como as rosas, embora nem sempre encantadores quanto elas. ...

Eis aí a que se reduz o nosso esplendor – pequenos pontos de luz ou moléculas de esporádicas nebulosas perdidas no vazio cósmico.

Senhor Carlos Gomes de Carvalho,

É para este tugúrio, para essa condição e para esta convivência que o senhor está sendo convidado e é recebido esta noite.

Nada temos – como vê – de pomposo e aristocrático para outorgar-lhe - a não ser a concha acolhedora da nossa simpatia e a efusão jubilosa das nossas almas .

Mas, veja bem: toda esta humildade e pobreza exterior, pode ser a

maneira mais simples e mais honesta de fazer fulgirem os méritos autênticos e os valores egrégios, e, pelo menos, como diria FERRE MILLE, a prova de que existe em nossa terra outros poderes, além do dinheiro e da política.

Também aqui, não constituímos uma vanguarda da glória, nem a perseguimos, porque ela não é simplesmente de quem a quer, mas unicamente de quem a merece. Quando muito, procuramos realizar, nas Ciências, nas Letras e nas Artes, um pouco do necessário para oferecer aos que ainda crêm na força do espírito e na fascinação da inteligência .

Somos, pois, senhor Acadêmico, um pequeno agregado de romeiros, decididos a levar, até os últimos limites, aquela fúlgida centelha das meditações intelectuais, que têm dado continuidade moral e emocional à consciência da vida e do destino .

E, conscientes das nossas limitações, é que procuramos trazer para nosso convívio companheiros que possuam atributos capazes de nos dar mais forças, e reacender nossas energias, dispostos a emprestar seu vigor operante a essa árdua labutação de ver, refletir e escrever .

Por vários motivos, sua convocação para a Academia Mato-Grossense de Letras vem trazer uma considerável contribuição ao prestígio desta Casa, enriquecendo-a e fazendo patente o seu propósito de abrir este átrio das Letras, às legítimas vocações para os grandes ofícios da inteligência e da atividade viva do engenho criador.

Além do mais, meus senhores, o novo Acadêmico, não é apenas o professor, o jornalista, o pensador político, o conferencista e o poeta – é também apóstolo militante da Natureza, como ecologista insigne, vinculado às hostes sacrossantas de defesa do meio-ambiente que, a cada dia se desintegra e se degrada, levando a vida à beira do caos e do aniquilamento.

Razões de sobra, pois, teve este sodalício em chamar para suas fileiras o jovem companheiro que, num dia providencial, transpôs as barrancas goianas do magnífico Araguaia para vir integrar-se a Mato Grosso, a que tem dado o melhor do seu lúcido pensamento e da sua atividade multiforme.

Carlos Gomes de Carvalho é formado em Direito pela Universidade de Uberlândia e em História pela Universidade Federal de Goiás, tendo igualmente cursado dois anos de Economia. Fez cursos de especialização na Espanha, participando ainda de inúmeros Seminários, Simpósios e Ciclos de Estudos, em Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Brasília, e Rio de Janeiro. Como divulgador e conferencista, seu temário é substancial e vasto, cobrindo os domínios do Direito, da História, da Literatura e da Ecologia, Economia e Filosofia .

Além de estudos sobre História, Poesia Moderna e Ciência Política,

ressalto duas obras capitais da sua bibliografia, que são: *A Arquitetura do Homem e A Natureza Pede Socorro*. A primeira, uma seleção de poemas, com 129 páginas, publicada em Cuiabá, em 1980, pela Edições Mato-Grossenses Ltda; a segunda, um vigoroso ensaio de 196 páginas, editado em 1976, pela Editora Oriente, de Goiânia – livro este, por sinal, premiado em concurso, promovido pelo Banco do Estado de Goiás, sobre as *Causas da Extinção da Fauna e da Flora e Motivos para sua Preservação*.

A publicar, o novel Acadêmico promete: *Estudo de Direito Ecológico, Dicionário de Direito Ecológico e Introdução ao Direito Ecológico*, além de ensaio sobre *Os Sertões do Oeste*, e mais um livro de poesias, os *Cantares da Terra*.

Como se percebe, a bagagem científico-litéria de CARLOS GOMES DE CARVALHO está marcada por multiforme inquietação intelectual e, como veremos, essa polivalência nada perde em profundidade, dentro da extensão em que se exprime .

Em qualquer dos departamentos do seu trabalho múltiplo, há uma tônica invariável: a densidade de pensamento. Não está aí, somente um autor que produz abundantemente – mas, ainda, um escritor que, além de escrever cristalinamente bem, vai ao cerne dos temas, suscitando indagações finalísticas .

A propósito deve-se realçar bem esta característica dos escritos de Carlos Gomes de Carvalho – porque já andamos cansados de escritores epidérmicos, os superficiais palavrosos, vazios de substância e interesses analíticos, como se, escrever, fosse apenas uma operação artesanal de juntar palavras, sem a preocupação de formar ideais. Neste ponto a obra do novo Acadêmico demonstra uma grande maturidade – pois, toda ela tem o timbre da seriedade mais completa, jamais perdendo a busca de conteúdo raciocinado e discutido.

Mas, façamos um exame – embora ligeiro, como o momento exige – dos dois principais livros de Carlos Gomes Carvalho.

Em *A NATUREZA PEDE SOCORRO* estamos diante de uma obra pioneira no Centro-Oeste, ponto em que, aliás, as urgências por um aproveitamento racional e não predatório da Natureza, está a exigir a atenção redobrada de todos os homens previdentes deste País .

A devastação indiscriminada de nossos ecossistemas, está levando rapidamente nosso meio físico e biológico à ruína iminente. Os rios são poluídos, as matas são arrasadas, as queimadas devoram a terra nutriz, e as espécies animais são dizimadas impiedosamente – tudo em nome do progresso técnico, da necessidade de produção ou de simples vandalismo

esportivo. Destruir a Flora e a Fauna parece ser o objetivo final dos novos incautos pioneiros do iminente Terceiro Milênio .

Temos bem aqui, à nossa frente, o drama do Pantanal, entregue à fúria dos demolidores da Natureza, para os quais a vida hodierna se resume em estender sobre a terra o domínio do homem produtivo, olvidando-se o fato de que a esterilização do espaço ambiental é também o começo do fim da espécie humana.

Os senhores sabem que o problema não é somente nosso – é universal, requerendo, por isto mesmo, os cuidados da humanidade, como um todo. O que está em risco não é esse ou aquele setor do planeta – é a Terra inteira – e o pior é que os focos de contaminação, em vez de serem detidos e extintos, são alimentados e fomentados – como se, diante da catástrofe próxima, nada realizássemos para conjurá-la e tudo fizéssemos para seu sucesso destrutivo .

Pois bem, é para esses problemas gravíssimos que Carlos Gomes de Carvalho volve seu instrumental de análise e advertências, procurando, como diz o *Jornal do Brasil*: *sair dos limites meramente científicos de análise, para conquistar a própria preocupação do povo* .

Carlos Gomes de Carvalho entende mesmo que a questão ecológica deve inserir-se dentro de uma política global de Governo, isto é, ao lado de outras preocupações governamentais, como os impostos e a greve, os direitos humanos e a educação, dever figurar, em pé de igualdade, a preservação do meio-ambiente. E não há dificuldade alguma em aceitar esta tese, porque ela se explica por si mesma: De que valeriam todas as garantias de direitos fundamentais sobre a vida, a liberdade, a segurança e a propriedade, numa terra comburida, envenenada, desertificada, inteiramente imprestável para a sobrevivência do homem?

E o escritor conclui, na página 143: Estamos firmemente convencidos de que a Ecologia tornar-se-á, num futuro não muito distante, a ideologia nacional por excelência. A formulação política que deverá congrega, como único objetivo, os esforços de todos e que será o elemento polarizador das esperanças de desenvolvimento integrado na nação brasileira .

O trabalho se encerra com *PRIMAVERA*, de Carlos Drummond:

*É forçoso que algum celebre,
O ímpeto juvenil da Terra
mesmo poluída, desossada,
a terra assim mesmo, seiva nossa.
E te ofereço, Primavera,
a arvorezinha de brinquedo*

*em páteo escolar plantada.
enquanto lá fora se ensina
como secar fontes de vida,
como derrubar, como queimar,
para erigir a nova ordem
do Homem Artificial.*

Aliás o fecho de um livro de Ecologia, não devia ser outro: Poesia. A Ecologia – a epopéia da angústia humana diante da agressão brutal ao ambiente – esse grande útero redondo onde se insere a placenta da vida.

O ecologista é substancialmente um poeta – o profeta denunciador, no canto agônico, da destruição da vida – que é também a destruição da harmonia e da beleza .

- Que é lamentar uma árvore morta, pelo fogo ou pelo machado, senão defender o ambiente físico, como ainda externar um estado de alma – Daí não terem razão aqueles que julgam impossível o cientista conviver com o poeta. Citando ao acaso, dois dos maiores poetas modernos do Brasil, Luís Carlos e Joaquim Cardoso, eram, um engenheiro e o outro matemático.

Fica bem, assim, ser o exímio ecólogo também eminente poeta – ou *construtor de esperanças*, como ensina o próprio Carlos Gomes de Carvalho.

Além de trabalhos esparsos e inéditos, temos às vistas o seu livro, de 1980 – o já referido *ARQUITETURA DO HOMEM* .

Trata-se aqui, realmente, de um arquiteto, de um construtor , – ou se quiserem – de um carpinteiro das formas e das essências. A escolha que faz, das palavras – já realçado por um crítico – é feita sob medida exata, para exprimir o que há de rígido ou elástico na idéia concebida. Não há termos inúteis – apenas o suficiente para oferecer completamente ou sugerir de leve:

*Se me calo
trago em mim
a semente do tempo
Se falo
transponho em mim
as fronteiras da vida.*

Na arquitetura de Carlos Gomes de Carvalho, o homem, aqui, está à procura do sentido da vida, dentro da luta contínua e sob a luz da esperança. É uma poesia também compacta – atravessada de sínteses que, às vezes, inserem poemas dentro dos poemas:

*Tão breve o amor
tão longo
e difícil
o esquecimento. (p. 47)*

Em vários momentos, muito felizes, o poeta, maliciosamente, procura escamotear a própria angústia, despistando o leitor, como em *EXÍLIO*, onde todo o sentido do poema está nos curtos estribilhos e não propriamente no corpo maior da composição:

*Fugi do tempo
perdi o tempo
eu exilado em mim
Fugi de mim
perdi a mim
eu exilado do tempo
Eu exilado de mim
fugi do tempo
perdi a mim .*

A poesia textualmente lírica, intimista, atravessa todo o livro – porém procurando esconder-se por trás dos temas filosóficos, do tempo e da condição humana; mas, mesmo assim, aqui e ali, aflora a pura poesia sentimental, em linguagem acessível, de água límpida. Vejam:

*Que me perdoes
os instantes não vividos
na interrogação do teu amor
Os momentos que esqueci
em tão longas e fúteis
divagações retóricas
amada, que me perdoes*

*Pelas horas que passei
amando-te tão de repente
e por não me ter quedado
às sombras dos teus seios
silvestres morangos
e por não me ter consumido
sôfrego e lânguido
sob o fogo dos teus lábios
Que me perdoes*

*Quero que me perdoes, amada
os sonhos que agonizaram
ao amanhecer,
e ao crepúsculo
negacearam renascer
cumprindo o itinerário
onde perluziam sóis no teu sangue
– estuário rompido de vida e de dor*

arcabouço de sonhos e angústias –

e

*ainda, amada,
pelas lágrimas errantes
que navegando no suspiro mais profundo
do luar
feneceram em cada madrugada
por tudo isso,
e, por muito mais ainda,
amor
peço-te que me perdoes. (pág.68)*

Outro exemplo do mesmo lirismo, está em

DESPEÇO- ME

*E quero que partas
Com o suor do meu rosto
impregnada*

*E quero que partas
marcada pela estrela da manhã
e rompas a distância
como rompi teu corpo*

*Quero que partas
ao meio
a saudade*

e

*ao irromper o crepúsculo
hás de saber
por inteiro
que de permanente
ficará o termos amado
o transitório*

*Quero que partas
só então hei de saber
se partes grande:
eis que contigo me vou
ou se pequena partes:
eis que aqui me abandonas.*

A escassez do tempo nos impede de explorar com mais detimento o esplêndido universo poético, que aí apenas entreabri.

Mas creio que a amostra foi suficientemente expressiva para revelar

que o cientista nada perde em merecimento para o poeta – antes os dois se interfundem até na temática do plano físico com os relevos subjetivos da poesia lírica.

Que, aqui – onde de agora em diante terá o seu sólio especial de representante dos sistemas de integração entre os seres vivos e o meio – também se assente o poeta – completando o quadro raro de dois extremos que, ao se tocarem, fundem experimentação e sentimento; razão e emoção; análise e sensibilidade – formando a grande síntese operacional do pensamento omnicriador .

Unam-se cérebros e mãos, para se verificar o mundo em construção –mas junte-se a isto ao menos um pouco de poesia, para se ter o mundo que sobreviverá – porque a Poesia é o sopro vital da conspiração do eterno. O Poeta será *O Rouxinol da Eternidade* (Vargas Vila) .

Inútil querer apenas esse concreto, geométrico e matemático, porém imóvel e frio – porque o homem só revelará sua dimensão transcendente, pelo ideal que fecunda a esperança, e pela imaginação – fio que liga o espírito a seu módulo divino.

Senhor Carlos Gomes de Carvalho, receba nossa boa-vinda, que é também compromisso nosso de colaborar na obra de socorrer a Natureza – e de reconstrução do homem com os remédios milagrosos da santidade da Poesia e da sabedoria do amor!

Cadeiras 23 e 35
DISCURSO DE RECEPÇÃO AOS ACADÊMICOS TERTULIANO
AMARILHA E NEWTON ALFREDO DE AGUIAR, PELO
PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS,
LENINE DE CAMPOS PÓVOAS
18 de abril de 1986

A Academia Mato-Grossense de Letras revive hoje as suas noites de gala ao receber em seu seio dois expoentes da nossa cultura: Tertuliano Amarilha e Newton Alfredo de Aguiar.

Dois poetas que vêm suceder a dois outros poetas que se foram para a eternidade: Agenor Ferreira Leão e João Villasboas.

É esta, assim, uma noite de poetas e de poesia.

Ao penetrardes os umbrais desta Casa histórica, senhores recipiendários, é preciso que tenhais consciência plena do ônus que assumis e que cabe, também, a nós outros que os antecederam nesta Instituição.

A onda migratória que invade Mato Grosso, trazendo tipos humanos de várias origens étnicas e de culturas diversas, ao mesmo tempo que acelera o nosso progresso material, ameaça, também, sepultar as nossas mais caras tradições e derrubar os marcos da nossa cultura, que temos o dever de preservar, a todo custo.

Esta entidade é, dentre esses marcos, um dos mais gloriosos.

Compete-nos o encargo de prosseguir na obra implantada por D. Aquino Corrêa e por José de Mesquita, assegurando a perenidade desta instituição que é o cenáculo mais alto em que se congregam os expoentes da nossa intelectualidade, comprometidos com a preservação do nosso passado e a elevação do nosso nível cultural.

Essa a vossa, a nossa responsabilidade.

Novéis Acadêmicos.

Por uma deferência especial, que muito me sensibilizou, escolheram-me ambos para recepcioná-los no pórtico desta Casa senhorial do Barão de Melgaço.

Curioso que me tenham manifestado o mesmo temor: o de terem de pronunciar um discurso, como o exigem os Estatutos do órgão, focalizando as figuras de seus patronos e antecessores. Isso porque, – justificaram –, são poetas e os poetas não estão afeitos ao manejo da oratória.

De fato, segundo Quintiliano, citado por Corsíndio Monteiro, nasce-se poeta, chega-se a orador, no sentido de que aquele que é poeta já nasce feito (poeta nascitur) e quem pretende ser orador carece de aprendizado especial (orator fit).

A poesia é inspiração que vem do berço; a oratória é treino, é intimidade com a tribuna.

Entretanto, estreantes ambos na arte do discurso, as orações que proferistes confirmam o acerto com que se houveram os nossos Confrades ao elegê-los para a Academia.

Naquela sua terrível e mordaz irreverência, que tanto nos divertia e que tanto apreciávamos, o saudoso Rubens de Mendonça costumava dizer que havia membros da Academia que aqui haviam entrado, em épocas passadas, *a crédito*.

Referia-se ele a alguns integrantes deste Colegiado que, tendo capacidade e talento suficientes para produzir, não escreveram, todavia, nem mesmo o elogio dos seus patronos.

Os que aqui têm ingressado, como vós, já credenciaram previamente com uma vasta bagagem cultural para fazerem jus à imortalidade acadêmica.

Num sincero desabafo devo confessar-lhes que me sinto decepcionado e desestimulado quando, vez por outra, surge alguém que me pergunta: *Mas por que o fulano na Academia? Que já escreveu ele?*

Isso prova, tão somente, que a nossa gente lê muito pouco e que vive alheia ao movimento cultural do Estado.

Devemos, entretanto, receber tal fato com tolerância e espírito de compreensão, pois, não há nada mais certo do que o aforismo popular que diz que *ninguém é profeta em sua terra*.

Senhores:

Conheço a formosa região fronteira do Brasil com a República do Paraguai, em Mato Grosso do Sul.

Ali estão os escarpados planaltos que coroam a serra de Maracaju, onde outrora a nativa erva-mate e hoje a soja constituem a sua riqueza; ali estão os campos onde se cria o gado e onde o vento sul sibila, nas noites geladas de julho, enquanto aquela gente acolhedora e simples, numa confraternização admirável, baila ao som saltitante das polcas, entre goles de chimarrão e de tereré.

Ali se encontra um dos mais perfeitos *melting pot* de que falam os sociólogos norte-americanos. Brasileiros e paraguaios; sangue português, sangue espanhol e sangue guarani ali se cruzam, produzindo um tipo étnico

ainda indefinido, mas de traços psicológicos e culturais já perfeitamente definidos.

Surge naquelas paragens paradisíacas um tipo mestiço cujos hábitos, costumes e folclore estão fidelissimamente retratados na vasta e maravilhosa obra do nosso Confrade Acadêmico Hélio Serejo, que infelizmente o Brasil tão pouco conhece.

Lá vive o **campeiro** que o gênio de Hélio Serejo assim descreve:

*Guapo sempre.. e vaidoso,
Olha a distância perdida...
E vê a china querida,
ajeitando a negra trança
para os requebros da dança
e, sem querer, solta um grito,
apunhalando o infinito!...*

.....
*E a sua ternura cresce
enquanto a tarde esmaece...
E nesse instante supremo,
alongando o terno olhar,
você se põe a pensar:
no quero-quero gritante,
ciumento... vigilante,
no ronco do arcadeão
china enjeitada... chorão...
No clarão da lua cheia,
que a saudade maneia...
Na carreta com seu chio
vencendo o ermo vazio...
Na cruz que ficou na estrada,
silenciosa, abandonada...
No galpão esburacado,
eternamente assombrado...
No berrar da boiada,
chifrando pela estrada...
Na chuva que cai com afinco
no rancho velho de zinco...*

Neste ambiente, em que todos nascem poetas, é que o novel Confrade Tertuliano Amarilha veio à luz do mundo, em 26 de abril de 1924.

Se o meio já o destinou a ser um apaixonado da natureza, o tronco de onde proveio, filho de *humildes campesinos paraguaios*, como diz ele em sua oração, o fez um romântico e um lírico por excelência.

Povo forjado nas provas do sofrimento, o paraguaio tornou-se sentimental e triste. As letras de suas músicas, de fina e belíssima inspiração,

cantando desenganos, desditas, amores frustrados e paixões impossíveis, casam-se admiravelmente ao ritmo dolente de suas guarânias.

É lastimável que se traduza e se leia no Brasil tanta literatura norte-americana de qualidade duvidosa e que nada se saiba da cultura dos países vizinhos.

O estudo das literaturas latino-americanas em nossas escolas pode ser uma tese a ser levantada pela nossa Academia, plantada no centro geodésico da América do Sul, cuja Universidade é freqüentada por jovens de nações limítrofes e irmãs.

O Paraguai é terra de grandes poetas e é pena que sejam eles inteiramente desconhecidos entre nós.

Como amostra posso apresentar-lhes um Lino Villachá, filho de paraguaios que, colhido na infância pela lepra, vive hoje com membros amputados, com as faces deformadas, numa cadeira de rodas, internado no Sanatório São Julião, em Campo Grande.

Não seria a preocupação da premência do tempo que me levaria a privá-los de conhecer alguma cousa desse poeta, através da citação de seu poema intitulado:

Quem sou eu?

Quem sou eu?

*Um menino que aos doze anos ficou doente
e foi internado em um leprosário
em estado avançado.*

*Não sabia da gravidade do seu mal:
foi então uma felicidade poder brincar
com outros meninos, caçando, pescando,
brincando de Tarzan no córrego Botas*

*Vinte e cinco anos depois,
em sucessivas cirurgias,
perdera os pés;
as mãos se paralisaram,
uma perna amputada...*

*A impossibilidade de usar perna mecânica
lhe trouxe uma cadeira de rodas,
que passou a ser suas pernas.*

*Mas como sempre encontrou uma maneira
de sentir-se útil aos outros,
e, sobretudo, porque ama e é amado,
é imensa e entusiasticamente feliz!*

Quem sou eu, então?

*— Um galho decepado pela tempestade,
que rebrotou ao pé do tronco*

para estar presente na primavera...

*Quem seria eu?
Quem seria eu se tivesse as pernas,
se tivesse as mãos,
se fosse perfeito,
se não precisasse arrastar-me pelo chão?*

*Eu seria um outro
precisando desesperadamente saber
que um galho arrancado pode brotar,
ao pé do tronco,
outra vez, ainda a tempo de viver...*

*Quem sou eu?
Um galho ou todos os galhos arrancados
que renasceram ao pé do tronco
ainda a tempo de primavera...*

*Eis aqui minha flor...
Por isso é preciso
que a semente desse entusiasmo voe,
que a semente desta fé em Deus
(que colhi com minhas mãos em garra)
seja levada pelo vento, pelos pássaros,
pelo vento voando como semente de capim,
e brote em todos os campos,
para dar vida a novas vidas...*

*É preciso
que o sorriso que agora sorrio
vá adiante, sorrindo...
E que a dor e a tristeza
sejam como folhas mortas
prostradas a meus pés...
como minhas lágrimas.*

O meio social e, mais do que isso, a família em cujo seio nasceu, explicam, de modo perfeito e completo o Amarilha romântico, o sonhador, o poeta da natureza e do amor.

Ainda jovem começou ele a escrever os seus primeiros versos.

Aos 24 anos de idade, em 1948, lançava seu livro de estréia, intitulado *Cânticos do Boêmio*. A esse seguiram-se *Lira mato-grossense*, em 1955; *Alma Sonora*, em 1957; *Pássaro Ferreiro*, também em 1957; *Rumores da selva*, em 1965; *Flores dos prados mato-grossenses*, em 1973; *Pepitas cuiabanas*, ainda em 1973; *Vinde conhecer Mato Grosso*, em 1974; *Um ramalhete de flores agrestes*, em 1975; *Vitrais do poente*, em 1980; *Pedras*

coloridas, em 1981.

Amarilha tem, prontos para publicação, mais 24 trabalhos. Entre eles um livro de poesias em espanhol e um Dicionário Português-Guarani, a primeira iniciativa, no gênero, na América Latina.

Não foi por acaso que o poeta sul-mato-grossense, hoje cuiabano adotivo, recebeu, em 1973, o *Troféu Diário de Cuiabá*, por um primeiro lugar em concurso de poesias e no mesmo ano uma placa de ouro em um concurso de trovas.

A poesia de Amarilha é toda ela feita de pedaços da natureza e de íntima tristeza. Ouçamo-lo em duas estrofes de seu poema *As Japuiras*:

*Cantam alegres as japuiras
Na manhã rósea que nos fascina;
Mas tu, minh'alma, triste suspiras,
Sentindo a mágoa que te domina.*

.....
*Enquanto as águas serenas, correm,
e as japuiras cantando estão,
nas minhas cismas os sonhos morrem
e brotam versos no coração.*

Em outros poemas essa constante se faz sentir:

*Houve momentos de desventuras
E de descrenças em minha vida;
Agora aspiro essas brisas puras
Que vêm da mata verde e florida.*

.....
*Felicidade, botão de rosa,
Beijos febris da mulher amada,
Luz dum estrela muito formosa
Que além fulgura, na madrugada...*

O amor à família é outra faceta que emerge, bem nítida de sua poesia. Não são poucas as passagens em que ele evoca a esposa querida ou a ela oferece seus versos:

*A flor amada foi escolhida
Por ser das musas a predileta.
És companheira de minha vida,
Sou teu esposo, sou teu poeta!*

As quadras constituem outro gênero de sua preferência:

*Em ti não quero pensar,
Mulher perjura, infiel,
Mas ainda quero beijar
Esses teus lábios de mel.*

Amarilha vai maridar agora para o prelo um livro de versos em espanhol. Intitula-se *Plenilunio de Plata*. Nesta obra o poeta volta às suas origens, numa evocação sentimental da infância e da adolescência, que nos é transmitida na língua materna em que balbuciou as primeiras palavras:

...sueño es siempre sueño,
y en la triste lejanía
solo quedan los recuerdos
de los días que ya se fueron
quando el sol iluminaba
tu presencia em mi camino...

Senhor Acadêmico Newton Alfredo:

O seu ingresso em nossa Academia atende a um reclamo dos nossos homens de cultura e do nosso povo.

Em verdade, o ilustre poeta já deveria estar há muito em nossa companhia, o que não ocorreu antes porque sua inata modéstia não lhe permitiu que se inscrevesse nas eleições anteriores realizadas para o preenchimento de vagas neste sodalício.

Vem agora o novel Acadêmico suceder, na Cadeira nº 35, a João Villasboas, uma das maiores glórias da intelectualidade de nossa terra e uma das mais brilhantes inteligências que já conheci.

Villasboas projetou-se nacionalmente como político, como jurista, como jornalista e como poeta, já o dissestes na vossa oração de posse.

Como político tornou-se figura de grande projeção, representando o Brasil em várias reuniões da União Internacional Interparlamentar; como jurista sua fama adveio de seus profundos conhecimentos jurídicos e das suas vitórias em intrincadas causas que correram pelos Tribunais da República; como jornalista notabilizou-se pelo seu espírito combativo e polêmico; como poeta suas produções fascinaram pela sua espontaneidade, pela beleza de sua inspiração, pelo seu lirismo.

Villasboas nunca havia publicado um livro de versos. Suas poesias viviam esparsas pela imprensa do Estado e do país. Quando exercia a Presidência da Fundação Cultural empenhei-me com ele para que me desse, para editar, uma coletânea das mesmas. Foi assim que veio a lume a sua obra intitulada *A canção da minha dor*.

Por certo, senhores, se vasculharmos os arquivos da literatura nacional, desde que o modernismo dominou avassaladoramente a poesia, não encontraremos muitos poemas como *Silêncio*, de João Villasboas. Ouçamo-lo:

*Silêncio, Amor!
Não digas nada
Agora...
Repara que esta hora
É religiosa, é mística, é sagrada
A noite vai em meio
E o Universo é cheio
De gala e de esplendor...*

*As estrelas palpitam nas alturas
Com vibrações humanas,
Nervosas,
E a lua cobre a terra de brancuras
Majestosas e de pompas soberanas...
Há um anseio de vida em cada galho,
Um desejo de amor em cada vida...*

.....
*Silêncio, querida!
As flores vão abrindo, neste instante,
O cálice mimoso
À umidade do orvalho
E à carícia do pólem fecundante.
Neste momento misterioso
O jardim está deserto
E de humanos, aqui, só tu e eu.*

*Só nós presenciamos bem de perto
A cândida doçura
Das flores se entregarem com ternura
À santa liturgia do himeneu...
Fiquemos assim,
Bem unidos, calados e juntinhos,
Nesta penumbra do jardim,
Sopitando o pulsar do coração.*

*Põe tua mão na minha mão.
Espalha no meu rosto a fulva cabeleira.
E vamos nos beijando
De mansinho...
Mas que esse beijo dure a noite inteira
E seja casto, puro, espiritual,
Para que o nosso amor humano,
Vibrátil e profano,
Não macule a pureza angelical,
Com que se estão amando,
Nest'hora religiosa
A violeta, o lírio, a anêmona e a rosa.*

A responsabilidade do novel Acadêmico Newton Alfredo é, assim, muito grande, por vir suceder, na Cadeira nº 35, uma das figuras mais brilhantes

da cultura brasileira.

Qualidades não faltam ao recipiendário, que, nascido em Cuiabá, a 18 de junho de 1923, foi Professor do tradicional Liceu Cuiabano e funcionário da antiga SPVEA, hoje SUDAM, consagrando-se no terreno intelectual como jornalista, poeta, escritor e radialista.

Nos saudosos tempos das novelas de rádio, Newton Alfredo se comprazia em escrever peças para rádio-teatro. Daí resultou a publicação da sua primeira obra, intitulada *Sonata ao luar*. A rádio *A Voz do Oeste*, a pioneira, em Cuiabá, levou ao ar várias de suas peças.

Poeta acima de tudo, o novo Confrade publicou, depois, *Miosótis*, volume de trovas e *Rua do Tempo*, editado pela Fundação Cultural de Mato Grosso, coletânea de poemas modernos.

Como Presidente de secção de Cuiabá da União Brasileira de Trovadores, Newton Alfredo foi a mola mestra que acionou a realização, em nossa Capital, dos *I Jogos Florais de Cuiabá*, parte integrante do programa oficial das comemorações dos 250 anos de fundação da Cidade Verde, encontro de âmbito nacional que se revestiu do mais absoluto sucesso, tendo a ele acorrido 22 poetas do Rio de Janeiro, Minas Gerais, de Sergipe, do nosso próprio Estado e da República de Portugal.

Para registrar tão importante acontecimento Newton Alfredo publicou *Rosas e ternura para o berço de Rondon*, volume que reúne produções de todos os participantes do concurso de trovas então realizado.

O novel Confrade tem um livro que se encontra no prelo, intitulado *Baú de retalhos*, coletânea de pensamentos.

Escritor também de contos, suas atividades literárias já lhe valeram muitas láureas. É detentor do Diploma e Medalha da Ordem do Mérito Legislativo, outorgado pela Câmara Municipal de Cuiabá; do diploma de Honra do Mérito, conferido por um dos órgãos da imprensa de Cuiabá; de um Diploma de Consagração Pública, outorgado pelo *Jornal dos Municípios*, de Campo Grande, como um dos destaques do ano de 1975; um Cartão de Prata, conferido pela União Brasileira dos Trovadores, com sede no Rio de Janeiro; um Diploma de Honra ao Mérito e Medalha Paschoal Moreira Cabral, conquistados pela sua participação nas comemorações dos 250 anos de Cuiabá; uma medalha conferida pelo Rotary Clube Cuiabá-Porto, em comemoração ao Dia da Imprensa.

Seu nome já transpôs os limites do nosso Estado, projetando-se no cenário da cultura nacional.

O conhecido *Anuário dos Poetas do Brasil*, organizado por Aparício Fernandes, que corre todo este imenso país, promovendo um entrelaçamento

de poetas e escritores, num proveitoso intercâmbio, tem trazido, sempre, as produções de Newton Alfredo, que mercê desse meio de divulgação, está se tornando um dos poetas mato-grossenses mais conhecidos lá fora. Igualmente tem ele figurado no anuário dos *Escritores do Brasil*, do mesmo organizador.

Premiado em diversos concursos literários, pertence como Membro Correspondente, a 8 Academias e Associações Culturais do Brasil.

Seu nome já ultrapassou as fronteiras do próprio país e já se projetou no exterior, pois nada menos de cinco instituições estrangeiras já o têm como membro correspondente, sendo uma delas a famosa *The International Academy of Letters of England*, de Londres.

Sua biografia já figura no *Directory of International Writers*, editado pela Universidade do Colorado, nos Estados Unidos, que recentemente o distinguiu com o Certificado de Excelente escritor.

Seus poemas deverão ser publicados proximamente no *Internacional Poetry Yearbook*, da terra de Tio Sam.

Lírico por excelência, o amor é a inspiração maior e mais constante de suas poesias.

Duas estrofes de seu poema *Exaltação* comprovam o que afirmamos:

*Dizem que o amor é coisa passageira...
E eu bem quisera ter, a vida inteira,
Tempo bastante para viver e amar!
Fazer desses teus olhos o meu sol!
Beijar esse teu corpo de arrebol,
Como a lua, em seus sonhos, beija o mar!...*

*Que eu me esqueço de tudo que me falam,
Quando meus lábios, a tremer, se calam,
Na apoteose febril dos beijos teus!...
Que as nossas mãos ansiosas, bem unidas,
Retratam o esplendor de nossas vidas,
Quando, a pensar em ti, me julgo um Deus!*

A trova é, todavia, o gênero da predileção de Newton Alfredo.

Como amostra podemos nos deliciar com algumas delas:

*Uma casa todos tem,
Com janelas, muito ar...
O raro é ter, como nós,
Um amor dentro do lar.*

*Saudade – coisa que a gente,
Embora tente esconder,
Quanto mais tenta mais sente
Que não a pode esquecer!*

*Recordar não é viver!
(Tirei a prova comigo)
Quem recorda sempre tem
A saudade por castigo...*

*O pranto que às vezes nasce
desse teu rosto bonito
É a prova de que me adoras
Com grandeza de infinito...*

A sátira é outra faceta saliente e brilhante do espírito de Newton Alfredo. Quem o vê, na sua sisudez habitual, jamais o julgará capaz de escrever trovas como estas:

*Mulher feia é qualidade
Neste mundo corrompido...
É paz para a humanidade...
Sossego para o marido...*

*Solteirona, com barriga,
De fato, é coisa estranha!
Ou é honra que periga,
Ou é excesso de banha!*

Já se vê, pelo que foi dito, a respeito dos Acadêmicos que hoje se empossam, que nenhum deles está aqui entrando *a crédito*, como o diria a fina verve de Rubens de Mendonça.

Enquanto Amarilha é o poeta da natureza e do amor, Newton Alfredo é o poeta do amor e da sátira.

A Academia de Dom Aquino Corrêa, de José de Mesquita, de Virgílio Corrêa Filho, de Francisco Mendes, de Nilo e Isác Póvoas, de Filogônio Corrêa, do Pe. Wanir Delfino César, de D. Ana Luiza Prado Bastos, abre suas portas para recebê-los com justificado júbilo

Sede benvindos.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO TERTULIANO AMARILHA

Chego com muita humildade a este sodalício, onde resplandeceram, e ainda resplandecem, inteligências privilegiadas de notáveis pensadores.

Devo ressaltar, de início, que jamais alimentei sonho de um dia adentrar, desta maneira, com as pompas da glória, este recinto maravilhoso, onde o homenageado sempre é alvo de carinho e atenção por parte dos preclaros acadêmicos e da culta assistência.

Na minha infância, na outrora florescente Campanário, antiga sede da Companhia Mate Laranjeira, no Grupo Escolar onde tomei contacto, pela primeira vez, com as letras do alfabeto, nas festas cívicas cantava-se com entusiasmo o *Hino a Mato Grosso*, do imortal poeta Dom Aquino Corrêa.

Eu me empolgava com os versos que exaltavam a beleza da terra mato-grossense daqueles tempos, porque constituíam retrato perfeito dum quadro que nossos olhos podiam contemplar extasiados.

A poesia de Dom Aquino, já na longínqua infância, exercia forte influência sobre a minha sensibilidade, e a minha admiração, dia a dia, mais se acentuava em relação à sua ilustre pessoa e à veia poética que o elevava ao auge da fama.

Imaginava eu, naquela época, que só um ser ungido por Deus poderia falar tão bem das coisas da natureza.

Esse foi o meu primeiro contacto com os versos de lavra de um grande e verdadeiro poeta. E anos afora, em todos os lugares que percorri, sempre soavam aos meus ouvidos as estrofes imortais do inigualável vate:

*LIMITANDO QUAL NOVO COLOSSO
O OCIDENTE DO IMENSO BRASIL,
EIS AQUI, SEMPRE EM FLOR, MATO GROSSO,
NOSSO BERÇO GLORIOSO E GENTIL.*

*O DIAMANTE SORRI NAS GRUPIARAS
DOS TEUS RIOS QUE JORRAM A FLUX,
A HULHA BRANCA DAS ÁGUAS TÃO CLARAS
EM CASCATAS DE FORÇA E DE LUZ.*

*NO TEU VERDE PLANALTO ESCAMPADO,
E NOS TEUS VERDES PANTANAIS COMO O MAR,
VIVE SOLTO, AOS MILHÕES, O TEU GADO,
EM MIMOSAS PASTAGENS SEM PAR!*

É quase inacreditável que nesta noite memorável eu, aqui esteja, no

mesmo lugar que o grande Dom Aquino Corrêa iluminou com sua brilhante inteligência, para gáudio dos seus felizes conterrâneos. Pena que quando aqui aportei, o gênio de há muito deixara de existir fisicamente. Só encontrei as flores do seu talento, que espalhou pelas sendas do mundo, cada vez mais viçosas e que não murcharão jamais.

Devo a minha vinda a Cuiabá, a encantadora Capital mato-grossense, ao insigne estadista Dr. JOSÉ MANOEL FONTANILLAS FRAGELLI, ex-Governador do Estado de Mato Grosso e atual Presidente do Senado Federal. Não fosse a oportunidade que ele me proporcionou, creio que seria impossível a minha vinda para cá.

Fala-se em determinismo; posso até acreditar nisso, e é bem provável que esse fenômeno tenha contribuído para que houvesse inesperada mudança no meu destino. Embora a fama de Cuiabá, de Capital da cultura, exercesse sobre mim forte atração, as dificuldades eram muitas para a realização de meu intento, nas condições em que me encontrava no sul de Mato Grosso de outrora, praticamente insuperáveis. Por outro lado, tinha receio em expor minha modesta arte aos cultos homens de letras da famosa e lendária Cuiabá. Todavia, a gente pensa dum jeito e Deus decide a seu modo.

Embora ignorasse, o tempo comprovou que eu estava fadado a permanecer num limitado círculo cultural; teria de expandir o raio de ação, e isso, inevitavelmente, ocorreu.

Cuiabá me recebeu de braços abertos!

Logo, devido à função que exercia no Palácio Alencastro, fácil me foi entrar em contacto com esta aprazível Capital, onde conheci pessoas que primam pela decência e lhaneza de trato. Fiquei fascinado pela simplicidade e espírito hospitaleiro da gente cuiabana.

O aspecto colonial das casas de Cuiabá, a história ligada à garimpagem do ouro, a fartura do peixe, a cultura do povo, o folclore, o respeito às tradições, constituíram atrativos para mim, pois eram coisas inexistentes nos lugares onde anteriormente residi.

Orgulhei-me do fato de viver na Meca das grandes inteligências do Estado, o que indubitavelmente, haveria de contribuir para guiar-me com mais firmeza pelos difíceis caminhos da arte de manejar a pena.

E assim decorreram 14 anos, desde o dia em que aportei a esta incomparável terra.

Cuiabá tem sido, para mim, cenário de grandes inspirações. Fazendo um retrospecto ao seu passado, usufruindo as alegrias do seu presente ou antevendo o seu futuro aureolado de glórias, sinto a emoção apossar-se do

meu coração, dando-me a certeza de que Deus me concedeu a graça de morar no paraíso, após fracassadas tentativas de alcançar a felicidade em outros Estados, por onde o destino me levou.

Apesar de sentir vocação para as letras desde os meus primeiros tempos de escola, não poderia empreender vôos maiores; os meus estudos estavam limitados apenas ao 4º ano primário, sem qualquer possibilidade aparente de ampliar o campo de conhecimento e do saber.

Meus pais, humildes cidadãos paraguaios, *campesinos* como os chamam na sua terra, premidos pela pobreza, não tinham condições financeiras satisfatórias para me proporcionar estudos em colégio fora de minha cidade natal, onde me fosse possível dar prosseguimento aos estudos.

Nessa ocasião, surgiu a mão providencial de um progressista homem de empresa e de grande coração, chamado RAUL MENDES GONÇALVES, na época, sócio proprietário da pujante Companhia Mate Laranjeira que, entusiasmado com o meu progresso na escola local, decidiu manter-me às suas expensas, num colégio em Campo Grande pelo espaço de seis anos, contribuindo sobremaneira para a minha melhor formação cultural, pois, nesse período, não me faltaram excelentes professores, dentre os quais destaco AMARO FALCÃO, que lecionava no Ginásio Osvaldo Cruz, um cuiabano por adoção e muito ligado ao Parnaso. Com ele obtive as primeiras orientações na arte poética.

As circunstâncias da vida não me permitiram cursar uma Universidade. Daí para a frente os conhecimentos me advieram da leitura, do esforço auto-didático e das lições da vida.

Essa é a razão, Senhores Confrades, pela qual não vos trago citações eruditas, como é hábito fazerem os novos acadêmicos por ocasião de sua posse.

Raul Mendes Gonçalves, o popular "Dom Raul", que foi, na realidade, o meu grande benfeitor, era argentino e residia em Buenos Aires. Faleceu há muitos anos, mas ao evocar o seu nome, rendo-lhe comovido preito de gratidão.

Meus pais e irmãos também terão sempre o meu reconhecimento. Os conselhos e apoio dados infundiram em mim os princípios básicos de honradez e desmedido amor ao trabalho, fatores que contribuíram de forma decisiva para poder suportar sem esmorecimento os duros embates da vida.

Senhoras e Senhores!

Por deferência muito honrosa dos integrantes da Academia Mato-

Grossense de Letras que, num gesto sincero e generoso me obsequiaram com os seus votos, dando-me assim oportunidade de agasalhar-me sob o teto desta Casa que zela pela cultura de Mato Grosso, aqui me encontro para ocupar a Cadeira nº 23, que tem como Patrono Antônio Gonçalves de Carvalho, como primeiro ocupante Raimundo Maranhão Ayres, e como meu antecessor Agenor Ferreira Leão.

UM GRANDE PATRONO ANTÔNIO GONÇALVES DE CARVALHO

O Patrono da Cadeira, nascido no Rio de Janeiro e diplomado pela Faculdade de Direito de São Paulo, veio ser juiz em Cuiabá.

Jurista de méritos, foi auditor de Guerra na Província durante a Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai.

Tornando-se político mais tarde, elegeu-se Deputado em 1881, para concluir sua vida pública novamente como jurista, brilhando como membro do Supremo Tribunal Federal.

Foi consagrado poeta e jornalista;

Usava os pseudônimos de A. Bueno e Americano.

Deu divulgação em 1877 ao trabalho *Cartas a Sir William A.* que, posteriormente foram reunidas em volume sob o título *A Estrada de Ferro para Mato Grosso e Bolívia.*

Dotado e muita inspiração, tinha grande facilidade de expressão para transmitir os seus sentimentos.

Adepto do romantismo, como os poetas de sua época, e talvez empolgado com os deliciosos versos de Casimiro de Abreu e de Fagundes Varela, enveredou-se pelo reino encantado dos sonhos e amenos devaneios, fazendo brotar de dentro do seu peito a fonte do seu adocicado lirismo.

Seus versos, suaves e espontâneos, fazem-nos lembrar os regatos que serpenteiam no coração da mata milenar, arrastando consigo o festivo gorjeio das aves e a policromia das flores ribeirinhas.

Gonçalves de Carvalho notabilizou-se em Mato Grosso através de uma composição poética intitulada *Flor de Neve* que, por certo, dedicara à sua amada, ou àquela que fazia vibrar o seu coração de menestrel apaixonado.

Ficou conhecido, por isso, como *o poeta da Flor de Neve.*

A poesia que o imortalizou foi a seguinte:

FLOR DE NEVE

*Se a neve fosse planta e flor tivesse
tu serias da neve a flor, gerada
da fria viração ao ténue sopro
à luz da lua, aos beijos duma fada.*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse
tu serias da neve a flor mais bela
que brilhando na etérea imensidade
fanal de amor - , adamantina estrela.*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse,
tu serias da neve a flor tão pura!
Ah! teriam em ti achado os homens
o símbolo da mais cândida ventura!*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse,
tu serias da neve a flor bendita ...
causarias ciúme aos próprios lírios
que dos jardins do céu a brisa agita.*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse,
tu serias da neve a flor querida,
no meio dos invernos – primavera,
sobre o gelado chão – ardor da vida!*

*Melhor que a flor da neve, és tu, formosa
alvo anjinho do céu baixado ao mundo
para servir de tipo de beleza
e os preitos receber de amor profundo.*

Observa-se que o estro do poeta era fecundo e que a sua imaginação, rica de idéias e imagens, levava-o a regiões que, para outros, seriam inacessíveis.

Suas emoções artísticas eram exteriorizadas através de versos que refletiam temperamento delicado e espontaneidade de linguagem.

Graças ao seu sacerdócio poético e à sua acendrada dedicação ao jornalismo, conseguiu polarizar as atenções dos homens ilustrados do seu tempo, inscrevendo o seu nome entre os daqueles que contribuíram para enriquecimento do acervo cultural de Mato Grosso.

RAIMUNDO MARANHÃO AYRES

Conforme registros anteriormente feitos nesta Academia, Raimundo Maranhão Ayres, por ocasião de sua posse como sócio efetivo, foi saudado pelo eminente Acadêmico Ulysses Cuiabano.

O então empossado, naquela época vinha se destacando na imprensa do Estado como jornalista de elevados méritos; mantinha atividade constante nessa área que o popularizava sobremaneira. A essa faceta notável associava o timbre de produtivo escritor, pois seus trabalhos literários vinham se avolumando, e o seu nome aureolava-se de fama e de brilho.

Jornalismo e literatura, dualidade que conservava em ebulição o seu abençoado ideal de produzi-lo!

Aplaudido pelos homens cultos do seu tempo e merecidamente distinguido pela crítica, o seu caminho sempre foi assinalado pelo sucesso.

Levado pelos bafejos favoráveis da sorte e do destino, e graças à sua privilegiada inteligência e espírito empreendedor, engrandeceu e enriqueceu a cultura mato-grossense, se bem que era originário de outro Estado.

A seu respeito, assim se expressou no brilhante discurso de saudação ao novo acadêmico e imortal Ulysses Cuiabano: *Maranhão não dedilhava a lira e nem percorre o Parnaso em busca de sublimidades poéticas, mas sabe interpretar com justeza, maestria e elegância as estrofes sentimentais e humanas dos aedos que lhe são familiares. Sem ser poeta, não deixa, contudo, de possuir esse precioso sentimento de penetrabilidade que se requer, para bem poder se compreender a alma dos que se entendem com as filhas de Mneumôsina, em linguagem simbólica hierática.*

Raimundo Maranhão Ayres estreou no mundo literário com a obra *Ronaldo de Carvalho*, cujo perfil de poeta foi descrito em linguagem rica e exuberante tendo merecido por isso apoteóticos aplausos dos apreciadores das belas letras tanto do Brasil quanto de outros países sul-americanos.

Ele nasceu em Carolina, Estado do Maranhão. Na sua terra natal, antes de fixar residência em Guiratinga, neste Estado, fundou um grêmio literário com a denominação *Casa Humberto de Campos* que existe até hoje; uma sociedade literária nos moldes das Academias estaduais, com agitada movimentação cultural na decantada terra maranhense.

Em Guiratinga, onde passou a residir no ano de 1945, criou o jornal *Novo Mundo*, moderno veículo da imprensa mato-grossense, que logo se transformou em *órgão de intercâmbio cultural em todas as Américas* no dizer

contundente de Ulysses Cuiabano. *A nova folha se propôs a promover a aproximação das Américas, num intenso mutualismo de idéias entre os que pensam e escrevem.*

Sua bagagem literária, numa definição correta, pode-se dizer, destaca-se pela qualidade e não pela quantidade. Provém daí o aproveitamento melhor dos frutos imarcescíveis do seu talento sempre colocado em realce pelos que apreciam criação dessa natureza.

A maior parte dos seus trabalhos literários permanece inédita. É bem provável que algum dia cheguem até nós, para deleite de nossa mente e espírito, enfeixadas em livros, as páginas imperecíveis e bem buriladas do escritor que viveu momentos de glória na sua efêmera passagem pela esfera terrena.

Quando isso ocorrer, estarão diante de nossos ávidos olhares os trabalhos de sua autoria ainda não perlustrados pelas gerações de hoje: *Centelhas de Alvorada, Poesia do Caminho, Figuras Contemporâneas, O parnasianismo de Alberto de Oliveira, A poesia moderna de Jorge de Lima, Zweig – Escritor da Atualidade*, certamente seguidos de outros ainda inéditos, aguardando oportunidade para virem a lume. Então poderá avaliar-se melhor quanto ao que representa o nome de Raimundo Maranhão Ayres diante da monumental cultura do Estado de Mato Grosso, da qual ele, comprovadamente, é partícipe.

O grande escritor faleceu em julho de 1972. Partiu, deixando atrás de si, os fulgores de fecunda sabedoria, fontes de perene luz, para que neles possam abeberar-se aqueles que buscam refúgio no manancial das imorredouras criações literárias.

AGENOR FERREIRA LEÃO

A Cadeira nº 23 parece ter tido o seu destino ligado a Guiratinga. Raimundo Maranhão Ayres, como já foi mencionado, lá desenvolveu memoráveis lides jornalísticas, e Agenor Ferreira Leão, poeta e jornalista nascido na Bahia, também lá residiu, chegando mesmo a contrair núpcias naquela cidade.

Com o correr dos anos, Agenor, o meu ilustre antecessor, transferiu residência para Cuiabá, onde se diplomou em Ciências Jurídicas e Sociais, na 1ª turma da antiga Faculdade de Direito, precursora da atual Universidade.

Desde adolescente revelou ele as suas tendências para a poesia.

Sua produção intelectual, como se pode notar, foi polimorfa, pois a mesma abrangia variados nossa Capital.

Na qualidade de membro da Ordem dos Advogados do Brasil representou essa instituição em diversos Congressos realizados no país.

Embora tenha colaborado constantemente nos jornais e revistas de nossa Capital, sua produção, tão do agrado dos leitores, não chegou a ser enfeitada em livros. Creio que isso ocorreu por desinteresse do próprio poeta, cuja alma era lira ambulante que a todos embevecia com os seus sonoros acordes. Mas tal fato não deslustra o seu admirável talento.

Mesmo que esparsa, sua obra será imorredoura.

Agenor tinha coração sensível de artista e sabia se fazer compreendido, porque seus poemas eram mensagens de otimismo e de esperança.

Tive o privilégio de conhecê-lo, pessoalmente. Fomos bons amigos. O mesmo ideal de culto às musas que nutríamos proporcionava-nos aquele clima fraterno de cordialidade que reinou entre nós até os últimos dias de sua existência.

Agenor Leão viveu intensamente uma vida agitada e dramática, e em plena floração de sua atividade intelectual foi subitamente colhido pela morte, vítima de um enfarte, a 22 de fevereiro de 1983.

Seus companheiros de ideais evocam com saudade a figura exponencial do íntegro advogado, que soube notabilizar-se através de renhidas lutas na área jurídica e do aedo de alma serena, estuante de felicidade diante das belezas do universo.

A solidão é o melhor refúgio para quem vive ensimesmado, alheio ao mundo exterior.

A poesia nasce nos calmos remansos onde os anjos se debruçam para esparzirem os doces aromas da paz celestial.

E num recanto silencioso, alma em contrição, ele, Agenor, o verzejador sentimental, passava suas horas de lazer, escrevendo maravilhosas estrofes como estas:

Solidão

*É minha filosofia...
é coisa que não oculto...
amo a paz da noite fria,
detesto a vida em tumulto.*

*Quero pensar como Cristo
no Jardim das Oliveiras,
solitário, sem ser visto,*

sem algemas e fronteiras.

*Prefiro ficar comigo
com minha filosofia,
na solidão, sem amigo,
amando a minha poesia.*

*O barulho me perturba,
busco harmonia, o tranqüilo,
troco a algazarra da turba
por um remanso do Nilo.*

Tudo na vida é transitório; num abrir e fechar de olhos o quadro pode mudar, e o que era promessa de amor e felicidade, sem que se espere, pode transformar-se em nuvens a toldarem os horizontes antes azulados.

Agenor Leão amava a natureza. Daí o seu inconformismo quando, no mês de agosto, via o fogo devastar com fúria incontrolável, matas e campinas, deixando na sua passagem a marca terrível da destruição. Aquela verde vegetação que abrigava o mundo encantado de pássaros, flores e borboletas, não resistindo à violência das sinistras labaredas, aos olhos do poeta, exibia o aspecto desolador provocado pela insensatez do homem, impassível diante do efeito de suas criminosas ações.

E assim, ele se manifesta:

*Mês de agosto ... campo seco,
alguém, talvez por maldade,
ateia fogo à canícula.*

*Ó fogo horrendo, sinistro,
que o campo seco incendeia,
eu maldigo a tua fome
que devora, em combustão,
toda a vida que sonhava
a glória da floração.*

*A macega toda estala,
o fumo escurece os ares
e o céu nivoso da cinza
cobre o cadáver da vida
estendido sobre o chão.*

*Fumaça de fogo rubro
que tanta vida ceifou...
agosto, setembro, outubro,
em cinzas tudo ficou.*

*Fumaça, fim da esperança
que não viu gota de orvalho,
triste destino que alcança
a vida de cada galho.*

Em O boêmio, talvez voltado a uma reminiscência subjetiva, porque todo poeta possui tendência nômade, na sua vida de sonhos e aventuras, ele retrata com maestria o anejo que provavelmente morava dentro de sua própria alma:

*Era pobre de matéria...
Era rico de moral
- não conhecia tabus...
tinha espírito bondoso,*

*sorrisos para os amigos,
um bate-papo agradável,
e carregava nas costas
o fardo cheiro e bojudo
de sonhos, flores e espinhos
colhidos em muitos lustros
sobre o chão dos seus caminhos.
A vida, fora-lhe mestra.
Aprendera muita coisa...
Podia ser professor...
Ao nascer trouxe consigo
o destino já traçado:
- ser boêmio... e nada mais!*

BOEMIA! BOEMIA!
- a sua filosofia.

Todas as cidades têm seus tipos populares. São pessoas, quase sempre desajustadas que não tiveram os bafejos da sorte.

Criaturas assim tornam-se notórias e passam a integrar o folclore da cidade.

Cuiabá não poderia constituir exceção, e também teve a sua célebre *Maria Taquara*, muito bem caracterizada nestes versos magistrais de Agenor Leão:

*Nascera mulher! Seu berço? - que importa?
- perdeu-se no tempo! Seu nome? - Se o teve,
se foi batizada, ninguém dá notícia!
Infância? - meu Deus, que louca pergunta!
Será que foi bela no tempo de moça?*

*Tivera paixões ardentes, de amor?
Quem pode saber? – Ninguém o responde!*

*Um zero na vida – eis quanto valia!
Morava sozinha à margem da estrada
barrenta, no mato, em choça de flandre,
além do quartel.*

*Em noite de lua, fumando cigarro
comprido, de palha, sem ter companhia,
ficava tranqüila sentada no chão,
momentos sem conta, ao lado de fora
de sua choupana.*

*Mas era mulher!...
Sentia nas carnes
surradas de tempo,
feridas de espinhos
da senda maldosa
da vida sem glória,
volúpias de amor.*

*Por isto, sem dúvida,
na sua cabana
fincada no morro,
à borda da estrada,
metida no mato,
de modo discreto,
no bojo da noite,
soldado, estudante,
talvez gente-bem,
em cortes de amor,
matavam a fome
do instinto rebelde
que dentro de si
bradava por carne de fêmea lasciva,
matando, igualmente, os grandes desejos
do corpo faminto da dona da choça
que tudo lhes dava.*

*Um dia, na rua, alguém, galhofando,
chamou-a sorrindo: "Maria Taquara".
Mas ela, de chofre, que não aceitava
de forma nenhuma aquele apelido,
bastante humorada, volvendo à pessoa
que assim a chama, lhe disse o seguinte:*

*"- agora, de dia,
Maria Taquara...
Depois, quando é noite,
Maria, meu bem..."*

*A sorte avarenta nem mesmo de chofre
a flor dum sorriso jogou a seus pés*

*Até a esperança que longe, distante,
ostenta a coroa de glória, de luz,
no vasto horizonte do céu do porvir,
nem mesmo brincando, um gesto de mão
lhe quis dirigir.*

*A morte invencível rondava-lhe os passos,
faminta, qual ave de garras aduncas
que exerce a rapina.*

*Um dia... tristeza!
Ninguém mais falou:
- Maria Taquara!*

A ACADEMIA

A cultura de um povo marca a sua posição na escala do universo. Já houve quem dissesse que é feliz a nação que tem homens cultos e sábios.

A humanidade, sem a literatura, desceria ao nada. Mas, alicerçada na inteligência e no saber, projeta-se para o alto, afastando-se das trevas, para sorver os eflúvios da eterna bem-aventurança.

No meu entender, o objetivo das Academias de Letras é congregar homens que se destaquem através de sua produção intelectual de múltipla natureza, resultante de profundas pesquisas e da criatividade de espírito.

Cientistas, escritores ou poetas, todos buscam o aprimoramento cultural. Dessa forma, aperfeiçoam o espírito, munindo-se de conhecimentos científicos ou filosóficos que lhes permitam gloriosa ascensão no cenário das forças do pensamento.

Os homens pensam e agem de forma diversa, mas os intelectuais vivem num mundo à parte, não podem ser comparados aos demais mortais.

Neles os pensamentos fervilham e as frases jorram fluentemente formando inesgotável correnteza de manifestações espontâneas diante das perspectivas que o cotidiano oferece.

A Academia Mato-Grossense de Letras é um firmamento constelado onde fulguram estrelas que são seus Patronos e Sócios, imortalizados pela herança de sua inteligência e cultura.

SENHORES ACADÊMICOS!

A caminhada do acadêmico está sujeita a inevitáveis percalços. Inúmeros são os obstáculos que se antepõem aos nossos passos, aos nossos ideais de criatividade. E nós, que cultivamos as letras, devemos enfrentar com firmeza esses impasses, sem nos afastarmos de nossos nobres propósitos.

A perseverança deve ser o escudo a nos proteger contra as farpas das críticas malévolas.

Cada minuto de nossas vidas deve ser vivido com intensidade.

Jamais devemos deixar-nos dominar pelo desalento ou pela dúvida, que conduzem às derrotas. Nosso pensamento deve estar sempre voltado para a causa que nos anima, de transformar em ações concretas os impulsos de nossa alma e de nosso coração.

Sabemos que Deus está acima de tudo. Seja pois, Ele, o nosso guia nas árduas caminhadas, o farol que há de guiar-nos, afastando-nos dos abismos da indecisão e do desânimo.

A luta é a essência da vida do homem!

SENHORAS E SENHORES!

Antes de concluir, desejo prestar duas homenagens:

A primeira ao Ex-Senador da República Vicente Emílio Vuolo que, demonstrando coração sensível às manifestações artísticas, interessou-se, ao máximo, para que o meu livro *Vitrais do Poente* fosse editado através da Gráfica do Senado Federal, em Brasília. Graças a essa publicação, o General Ramalho Eanes, quando no exercício da Presidência da República, colocou à minha disposição as Embaixadas de Portugal, para divulgação dos meus trabalhos literários nos países da África onde se fala a língua portuguesa. Essa luz no meu caminho devo-a ao grande político mato-grossense e meu preclaro amigo Vicente Emílio Vuolo.

A outra homenagem é para minha idolatrada esposa GUIOMAR, a companheira fiel e dedicada. Sem o seu apoio, sem o seu estímulo, sem a sua compreensão, eu jamais chegaria a esta culminância. Em reconhecimento a esse gesto de ilimitado amor e espírito de renúncia, transfiro para ela todas as honrarias que me são concedidas nesta noite.

Muito obrigado!

Cadeira 35
DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO NEWTON ALFREDO DE
AGUIAR
18 de abril de 1986

Não esperais, por certo, a altissonância das frases lapidares, os arroubos de estilo, nem a elegância do verbo, à moda de um Boussuet, de um Dom Aquino Corrêa, privilegiados Mestres da Palavra! Bem ao contrário, aqui, neste momento, vos fala um novato na oratória acadêmica, um eterno namorado das Musas, que desatento às coisas da terra, mergulha-se no doce convívio das estrelas, tentando, por vezes, ouvi-las, como Bilac, convergindo de esforços para captar-lhes as mensagens não entendíveis para os não iniciados nesses requintes da sensibilidade!

Posso garantir-vos, porém, que nesta noite de lembranças imperecíveis, sentireis o reflorir de uma alma calorosamente agradecida, quiçá emocionada, repetindo, com a vossa permissão, a expressão de Rui, na Academia Brasileira de Letras, felizmente em condições diferentes, quase não sei dizer mais! Alma e coração ainda tocados pela encantadora magia daquele Domingo em que meu lar recebeu as visitas dos confrades Lenine de Campos Póvoas e Pedro Rocha Jucá.

Os ilustres companheiros citados vinham trazendo uma incumbência séria para um despreparado nas lides acadêmicas. E a intimação obedecia às normas estatutárias deste Sodalício: daquela hora em diante, eu me havia transformado em ocupante da cadeira n.º 35! Os preparativos para a Imortalidade assustam! Não vou negar que um arrepio percorreu-me a espinha! Arrepio no bom sentido do vocábulo, *tocando-nos os muros do convento interior*, no dizer de Amiel. Teria eu merecimento para me nivelar aos ilustres e doutos componentes de tal confraria? Seria eu, como analisou Ezra Pound, pertencente a uma classe de escritores, *classe suplementar que permanece por algumas décadas, depois desaparece, deixando as coisas como eram antes?* Confortou-me, no entanto, a confiança em mim depositada. Consultando o travesseiro, na calada da noite, pois o silêncio é o fiel amigo dos que pensam, segui o conselho de Jean Rostand: *être adulte, c'est être seul!* Ser adulto é estar só! E acordei, no dia seguinte, com o coração embalado por pífaros, com aquele *desvairismo poético* que Martins Napoleão descobriu em Murilo Araújo!

Deveras, aquele Domingo me havia transformado radicalmente, me havia tirado *essa apagada e vil tristeza que geralmente se apodera de nós*,

aos domingos, como assim sentia o saudoso Érico Veríssimo, ficcionista amoroso da verdade e que teve a glória de ser veríssimo como os pintores do Renascimento que ganhavam nomes pela virtude de seus pincéis, como bem acentuou Guilherme de Figueiredo em a Pluma e o Vento.

O Colegiado da Casa Barão de Melgaço, no convívio deste verdadeiro Templo das Letras e do Saber, acenava-me, num gratificante e glorioso convite. Iria eu permanecer no misterioso firmamento da eterna e legítima Poesia, entre estrelas de primeira grandeza!

E aqui me encontro entre vós.

Figuras exponenciais da História Mato-grossense me antecederam. Escritores, cronistas, poetas, romancistas, e, nesse entremeio, autênticos e profundos conhecedores da História política e social da gente de nosso Estado! O Patrono da cadeira que ora passo a ocupar é o Desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes, de quem, naturalmente, desejais conhecer a biografia.

Joaquim Pereira Ferreira Mendes nasceu em Diamantino, a 30 de dezembro de 1869. Diplomado em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Exerceu a Promotoria Pública em Comarcas do interior do Estado de São Paulo. Integrou a magistratura mato-grossense como Juiz de Direito e depois como Desembargador. Foi, por vários anos, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado. Jornalista, colaborou em vários jornais e revistas do Estado. Exerceu a Secretaria de Justiça no Governo Costa Marques. Faleceu em 25 de setembro de 1933. Deixou numerosos descendentes, entre eles dois membros da Academia Mato-grossense de Letras: o poeta Lamartine Ferreira Mendes e o Prof. Francisco Alexandre Ferreira Mendes. Infelizmente, este último já não está mais entre nós!

Foram meus antecessores, na cadeira n.º 35, Dr. José Jaime Ferreira de Vasconcellos e o Senhor João Villasboas.

Nobres Confrades.

Repito-vos: aqui me encontro para aprender. Para receber novas luzes. Assim, aprendi a maneira de ter sempre de recomeçar. Esta é, para mim, uma noite altamente histórica. Em cada reunião destas, fixa-se, no tempo e no espaço, a memória cultural de um povo como o cuiabano, tão rico de tradições! Tradições que não devem ficar esquecidas! Facilmente se entrevê, através de páginas literárias de escritores, poetas cuiabanos, nos trabalhos artísticos de outras áreas do conhecimento humano, um nítido e sadio regionalismo, uma incansável preocupação de manter vivas, palpitantes, as nossas raízes. Sabido é, que do regional parte-se para o Universal. Quase todos os heróis, os artistas, que o são para todos os homens,

nasceram com traje regional, falando um dialeto e com uma carteira de identidade de localização exata, já nos lembrava Gregório Marañon.

Em alguns autores, a crítica contundente; em outros a sátira, no nível do nosso Gregório de Mattos. É o *Genus irritabile vatum*, dos latinos. A raça irritável dos poetas. *Multa fero ut placen genus irritabile vatum*, já proclamava Horácio em seus versos. Produto do gênio que se arrebatava, que se revolta com a dor de seus semelhantes, com as injustiças humanas! Não se poderá negar, porém, a existência dos líricos, dos contemplativos, cantando os lírios a florescer, as rosas ao luar, os beijos que poderiam, mas não foram dados!

Confesso-me orgulhoso. E, como um mero lidador de palavras, na expressão do grande Rui, como ele também respeito e creio na consciência, na verdade e nos direitos dos cidadãos, desprezando a força, a violência e maldizendo a desordem

Simbolicamente, me visto, neste instante, qual um guerreiro, partindo para o campo de batalha, munido de uma das armas mais poderosas: — a palavra! Esta Casa, como todas as suas congêneres, nasceu da necessidade de se trabalhar a palavra, colocá-la no lugar exato dentro da expressão, lapidá-la como um ourives e dar-lhe uma roupagem sempre nova, honrando-a como pertencente ao idioma de Camões!

A idéia é imortal! Sem a sua força transcendental o Homem se equipara à transitoriedade do pó! A Grécia, a Pátria do Pensamento e das Artes é um vasto coração pulsando para o mundo até os dias presentes! A Grécia de Demóstenes, de Platão, de Homero, dos Oráculos de Delfos! Jamais sucumbirá a Roma de Virgílio, de Horácio; de Sêneca e Marco Aurélio! Ficará eterna a Roma dos jurisconsultos que da *Lex duodecid* tabularam ao **Corpus Juris Civilis**, criaram o Direito escrito e codificado! A Inglaterra é Shakespeare; a Alemanha, Goethe. Portugal é Camões, a Itália é Dante; a Pérsia, Omar Kayan. A França é Victor Hugo, a América é Whitman e Maiakowsky é a Rússia! O Brasil ainda é Rui e Castro Alves!

Caros Irmãos de Imortalidade!

Concedestes a este operário das letras o altíssimo privilégio de comungar com os vossos ideais. Talvez, diante da eloquência do vosso Verbo, sejam estas pálidas palavras meros monossílabos ditos a medo. Estejais convictos, porém, que, em nenhum momento, vos decepcionarei, nesta minha condição de novato adentrando os Jardins de Academus, que Cimon, herói de Salamina e filho do ateniense Milcíades aformoseara! Meus olhos serão os olhos deslumbrados, extasiando-se diante do *monumento mais duradouro*

do que o bronze e mais alto do que a sede real das Pirâmides, segundo Horácio ao definir a Imortalidade Acadêmica!

Longa é a literatura sobre o surgimento das Academias! Depois de Conrart ter fundado a Academia de França, Richelieu oficializou-a, com as cartas régias de Luiz XIII. Concomitantemente o mesmo Richelieu oficializou a célebre divisa, na exaltada expressão *A l'immortalité*. Conforme a famosa Ode de Horácio, passaram a ser as Academias *Exige Monumentum*. Altamente cobiçadas por todos aqueles que sonhavam ser imortais! Mas certo é, que todas as árvores que dão frutos são apedrejadas! Apareceram os primeiros antagonistas: Flaubert, em 1852; Anatole France, Voltaire, Georges Bernanos! Para Fontenelle as poltronas da Academia Francesa eram leitos de repouso onde o espírito ilustre dorme!

O despeito dos invejosos, entre eles muitos que depois passaram a namorar as Academias, jamais conseguiu apagar a luz brilhante e fosforescente da Fênix que renasce em todos os peitos e os acompanha até o túmulo, em lapidar conceito de Araújo Porto Alegre!

Ilustres Pares!

Foi-me reservada a Cadeira n.º 35, que pertencia ao Senador João Villasboas. Nas letras, fora João Villasboas um dos nossos melhores satíricos, ao lado de Amarílio Novis e Aprígio dos Anjos!

A sátira, às vezes a fazemos e, vezes há, em que ela se volta contra nós mesmos! Como no caso desta trova de minha autoria, quando nem imaginava merecer a Imortalidade Acadêmica:

Discurso na Academia:

"terror" de todo imortal!

Se é grande, logo entedia...

Se é pequeno, "pega mal"...

Tranqüilizai-vos, porém. Não vos molestarei os ouvidos!

Substituir João Villasboas é um prêmio para quem, como eu, cultiva as letras com acendrado amor, pela vocação ditada pelo destino! O meu ilustre antecessor foi o intelectual na verdadeira acepção do termo. Foi o Poeta, o tribuno, o político. E em tudo se saiu bem. Formou-se no Colégio Salesiano, ao lado de Vespasiano Martins, Leônidas de Mattos, Olegário de Barros, Fenelon Müller, Virgílio Corrêa Filho, Nicolau Fragelli, Clóvis Corrêa da Costa, José de Mesquita e muitos outros nomes igualmente ilustres.

Na exata acepção do vocábulo, o meu antecessor foi um polígrafo. Sempre brilhante, sempre se destacando com o brilho do seu talento invulgar.

Ao lado da combatividade das pugnas políticas, na Imprensa e nas tribunas da Câmara Federal e do Senado da República, João Villasbôas, naquele silêncio mediúnico e translúcido de todo grande Poeta, produziu versos assim:

ÚLTIMA PÁGINA

*Vai... Não te quero mais... Prossegue avante
no teu caminho feito de traições.
Foge de mim... Vai para bem distante,
despedaçar estranhos corações...*

*Meu ódio seguirá teu passo errante,
mesmo através das frias solidões.
Quero que a dor dentro em teu peito cante,
que vivas em tormentos e aflições!...*

*Eu te desejo todo o mal que encerra
o máximo suplício das mulheres:
— o desprezo dos homens sobre a terra.*

*Pois ciúmes terei de quem te amar...
Ciúmes dos prazeres que tiveres
e dos beijos de amor que possas dar.*

A eterna dualidade sempre existiu nos verdadeiros artistas: mesmo odiando, dispostos à repetição do amor, tendentes ao perdão que enobrece, tendo ciúmes daquela que antes fora a sua deusa, a criança de seus perpétuos cuidados! É o tormento do amor. Amor e tormento que valem mais do que mil prazeres, segundo Petrarca, em seu livro *Canzoniere*.

João Villasbôas nasceu em Cáceres, a 21 de abril de 1890. Bacharel em Direito. Ex-Senador da República. Membro da Academia Mato-grossense de Letras. Trabalhos publicados: *Embargos Áureo Peixoto versus Banco Nacional do Comércio* em colaboração com o Dr. Antônio Adjuto — Cuiabá, 1927; *Curtindo a pele de um rato de usina* — Impressor Miguel Boabaid, Cuiabá, 1923; *Hipoteca Naval* — Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro — 1937; *Discursos Parlamentares*. Em poesia, publicou *A Canção de minha dor*, em 1979, edição da Fundação Cultural de Mato Grosso.

O Villas, como era conhecido na intimidade dos amigos, sonhou e amou na vida, como somente os poetas sabem sonhar e amar! E não faltavam o galanteio e o convite, em seus lábios, como em *Confissão*:

*Responda porque
morena*

*você não tem pena
do meu sofrer...*

*Meu coração
está cansado
de ser como o chão
pisado
e não quer mais padecer...
se tem medo,
se tem pejo
de eu não guardar o segredo
de você me dar um beijo,
esqueça o seu preconceito,
tenha pena,
e me dê morena
o cravo que traz no peito.*

Contemplativo e essencialmente romântico, João Villasbôas fazia com que seus poemas mudassem de tom e de carga poética, segundo as circunstâncias por ele vividas, como em *Noturno*:

*O meu olhar,
debalde te procura
na brancura
do luar...*

Todo poeta é um visionário e o nosso aedo prossegue, na mesma cadência:

*As vezes, eu te julgo ver surgir
risonha e bela,
na ampla tela
diáfana do espaço,
e, rápida, se esvair,
traço a traço,
a imagem tua
a confundir-se com a lua.*

Villasboas conhecia os meandros sutis do espanhol. Dominando bem o idioma de Cervantes, fez publicar pelo jornal *O Estado de Mato Grosso*, de 24 de outubro de 1935, o seu soneto *El Huevo Empollado* — atribuído ao Dr. Miranda Horta que — tinha a mania de grandeza e se dizia descendente dos La Huertas, nobres da Espanha. À época, o jornal *O Estado de Mato Grosso* era órgão do Partido Liberal, contra o Partido Evolucionista.

Povo melhor do que o cuiabano para colocar epítetos, não existe. O Dr. Miranda Horta, segundo nos contam os historiadores, era de pequena estatura, agitado e nervoso. Por isso, logo ao chegar a Cuiabá recebeu o apelido de *Piolho de Couve*. Em hipótese nenhuma, poderia o doutorzinho

recém-chegado, escapar à vigorosa pena de João Villasboas. No afluir da contenda política, sentia-se plenamente à vontade para disferir as suas cuteladas contra os seus adversários.

Conheci, pessoalmente, João Villasboas. O homem sempre cordial, amigo, que a todos cumprimentava, na rua. Uma personificação do *gentleman*, do lord inglês. Com aquele seu fleugmatismo, a postura ereta e elegante, sempre bem trajado, jamais dispensou o clássico e inseparável monóculo. Ninguém que o visse, julgaria ser ele o mesmo das sátiras venenosas, pelos jornais, castigando os políticos adversários. E essas sátiras, reunidas, foram uma verdadeira e preciosa antologia que, infelizmente, se perdeu na poeira do tempo! Quem o conheceu mais amiudadamente, na convivência do cotidiano, pôde muito divisar o evidente contraste: a voz mansa, pausada, como que buscando o equilíbrio na tonalidade, escondia um gênio irrequieto, combativo, vibrante e independente nas pugnas do Parlamento ou na trincheira em que se transformava a Imprensa, sob o calor de suas idéias!

Quando haveria eu de pensar que, um dia, o substituiria nesta Casa!

Villasboas amou a tudo o que fez! E o fez bem feito, com o fulgor de sua inteligência incomparável, com a pertinácia e a teimosia dos que vencem, na vida, pelo grande poder da vontade e da obstinação! Cantou, vibrantemente, o amor, a grande motivação de sua vida!

*Lá fora
o dia nasce engrinaldado em rosas...
Há música de luz na palidez da aurora,
carícias de mulher na brisa perfumosa,
arruidos de beijos
no rugir do mar,
estuo de desejos
no alarido infernal das aves a cantar.*

Venturosos, verdadeiramente venturosos, os que trazem, permanentemente acesas, no espírito e no coração, as ardentes chamas do amor, vivificadoras do alento e do entusiasmo pela existência. E as reparte com outras vidas, ressuscitando-as do inferno do desespero, das amarguras que, pouco a pouco, corroem o ser humano, qual um veneno letal e prolongado!

Villasboas era poeta e suas mãos prodigalizavam eflúvios de paixão à bem-amada! E, como vate, profetizou que chegaria o momento final:

*Chegastes tarde à minha vida triste,
como o sol que aparece ao fim do dia,
rasgando negra nuvem fugidia,
depois que a chuva torrencial passou...*

*E desde aquele instante em que surgiste,
na pompa da beleza e no esplendor
dessa radiosa e ardente mocidade,
senti fugir de mim todo o amargor,
toda a angústia fatal da minha idade,
e o anseio de viver ressuscitou.*

*É rápida, bem sei, a fantasia
gerada no teu cérebro criança...
Teus olhos, hoje cegos de confiança,
amanhã se abrirão à realidade.*

*Verás, surpresa, a pérfida ironia
deste contraste trágico e alarmante:
— pulsar feliz, em vibrações de amor,
um coração cansado, agonizante,
que palpita nos últimos arrancos;
um riso álaçre de jovialidade,
olhos febris chispantes de fulgor,
sob a geleira dos cabelos brancos!...*

Senhoras e Senhores
Caríssimos Confrades.

A precariedade das palavras torna-se evidente diante dos fatos humanos aqui lembrados. Figuras brilhantes que antes de mim iniciaram esta caminhada, terão perpetuadas as suas memórias, por séculos afora. Não só em cada sala, em cada recanto desta Academia de Letras, mas no reconhecimento da gloriosa gente cuiabana.

A vida é um ato de amor! E não poderia deixar esta tribuna, sem trazer até vós, a ORAÇÃO DO POETA, de Aparício Fernandes:

Obrigado, Senhor, pela música — mensageira da harmonia — que nos entenece a alma; pela água cristalina, pela esperança que anima os corações e pelo amor que dá sentido à vida. São dádivas vossas: a solidariedade, o riso das crianças, a ternura das Mães, a sabedoria da Natureza, a justiça, o perdão, o remorso que regenera os maus e o próprio erro, quando induz à verdade. Temos o mar, o céu, a terra dadivosa, os animais que tanto nos servem. As flores — que são estrelas da terra — e as estrelas que são as flores do céu. Destes ao homem o milagre da mente, a sublimidade do coração e a mediunidade da inspiração, através da qual transportamo-nos ao infinito. Pusestes ao nosso lado milhões de homens que enobreceram a vida com o exemplo de suas ações. Obrigado pelos mestres da pintura, da música, da escultura. E pelas geniais criações literárias que nos enriquecem o espírito. Mas, sobretudo, obrigado, Senhor, pela poesia que é o conjunto de todas essas maravilhas e a revelação suprema do vosso Amor. Obrigado, por ter-me feito sensível à face resplandecente da vossa beleza. Que chegue até vós a nossa gratidão, porque vos dignastes ser o maior de todos os poetas!